



# DIÁRIO DA VIAGEM FILOSÓFICA PELA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO

COM A INFORMAÇÃO DO ESTADO PRESENTE

*D*os estabelecimentos portugueses na sobredita capitania, desde a vila capital de Barcelos até à fortaleza fronteira de São José de Marabitanas, ordenado em ofício de 13 de agosto de 1785, pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor João Pereira Caldas, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, seu governador e capitão-general nomeado para as capitanias de Mato Grosso e Cuiabá, e nos distritos dos governos delas e do estado do Grão-Pará, encarregado da execução do tratado preliminar de limites e demarcação dos reais domínios, etc., etc., cumprido em sete participações de diferentes datas, pelo

Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira,  
Naturalista, empregado na expedição filosófica do Estado.



## OFÍCIO EXPEDIDO AO SOBREDITO NATURALISTA

ela real ordem, por que a Rainha Nossa Senhora me mandou instruir sobre o objeto da expedição filosófica a Vossa Mercê cometida, é Sua Majestade servida determinar-me que, a Vossa Mercê e aos dous desenhadores e jardineiro botânico, que o acompanham e trabalham debaixo da sua inspeção, os empregue no exame do Rio Negro, e dos outros que nele deságuam, para que das produções e das observações que se continuarem a adquirir e fazer, se efetuem as correspondentes remessas, na forma pela mesma Senhora disposta e ordenada.

Assim, pois, o executará Vossa Mercê, com o mesmo zelo e desempenho que até agora lhe tem merecido o real serviço; ficando na inteligência que, além do Rio Negro, são os mais importantes que se devem examinar, o Branco e seus principais confluente, conforme o *Diário* do ano de 1781, que a Vossa Mercê tenho confiado; o Aracá, pouco superior a esta vila, da parte setentrional; o Paduari e o Cauaburis, da mesma parte; e o Uaupés, Içana e Ixié, da parte meridional, e dela os dous últimos já vizinhos à nossa fronteira e fortaleza de Marabitanas, que é até onde, por ali, se deve estender o exame.

Nem o rio Solimões, ou parte do Amazonas assim chamado, e nem os outros nele confluente, e o Japurá, me são para o mesmo exame indicados na sobredita ordem real; e por isso Vossa Mercê se regulará, quanto àquela parte do distrito, pelas que recebesse imediatamente do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo Castro, e pelas que também lhe tiver distribuído o Excelentíssimo Senhor general deste Estado.

A portaria do dito Senhor general, de que Vossa Mercê se acha munido, devendo ter em todo o Estado a mais exata observância, me dispensa atenta e obsequiosamente de nenhuma outra expedir, para os auxílios e assistências que nas viagens desta capitania se fizerem a Vossa Mercê urgentes; porém de mais do que tenho mandado fazer aqui pronto a Vossa Mercê, não faltarei em prevenir particularmente aos comandantes dos respectivos distritos, para a Vossa Mercê contribuírem com os socorros e auxílios, que lhes requerer, e que compatíveis se fizerem com a possibilidade e circunstâncias do país.

De tudo o que Vossa Mercê obrar e alcançar, me dará uma resumida conta por escrito, para que, além das mencionadas remessas de produções e observações, que se houverem de dirigir à corte por via do referido Senhor general deste Estado, eu possa também em consequência informar a Sua Majestade, pela parte que me compete, segundo o que foi servida de incumbir-me; e na dita conta compreenderá Vossa Mercê a relação do que de produções desta capitania houver já expedido por primeira remessa.

E porque Sua dita Majestade foi igualmente servida encarregar-me de promover, e animar nesta capitania a cultura e fabrico do anil, e sabe e tem Vossa Mercê presenciado muitas das minhas praticadas diligências, para assim se conseguir; semelhantemente me informará Vossa Mercê do que observar e lhe parecer sobre este artigo, e ainda sobre a agricultura, comércio e povoações de toda a capitania para do mesmo modo o fazer eu constante na real presença, com mais essa prova do seu reconhecido préstimo e merecimento.

Direi por fim a Vossa Mercê que, da mesma parte meridional deste rio, para baixo do Uaupés, além de outros, há também os rios Mariuá, Xinará, Inuixi e Unibaxi, os quais, formando algumas das comunicações com o Japurá, serão menos importantes para a qualidade dos exames de Vossa Mercê, no caso de que, havendo de passar àquele, não resolva e ache mais cômodo de o executar, por qualquer das ditas comunicações, que de maior facilidade se reconhecer; sobre o que contudo se regulará Vossa Mercê na forma acima declarada.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, 13 de agosto de 1785.

João Pereira Caldas.

Senhor Doutor Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.

PORTARIA EXPEDIDA PELO ILMO. E EXMO. SR. MARTINHO DE SOUZA DE ALBUQUERQUE,  
GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL DO ESTADO

O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira parte desta cidade com as pessoas que leva a seu cargo, empregadas nas diligências da História Filosófica e Natural, para cujo fim se transportaram a este Estado, de ordem de Sua Majestade; os diretores e comandantes de todas as fortalezas e povoações, por onde transitar, ou aonde mandar, lhe prestarão todo o auxílio e ajuda, que pelo sobredito lhes for requerido, aprontando-lhe todo o mantimento que precisar e índios necessários para as equipações das canoas do seu transporte; praticando o mesmo todos os oficiais auxiliares, juizes ordinários, câmaras, auxiliando-o com a gente que requerer, e com as notícias e informações que pedir, deixando penetrar todos os rios, serras, matos, e abrir minas, aonde o julgar preciso, em ordem ao bom fim das diligências, de que vai encarregado por ordem de Sua Majestade; ficando-me seriamente responsáveis os que faltarem em todo, ou em parte à execução desta minha ordem, e contra eles procederei ao merecido castigo. E para que haja de constar a todo o tempo, mando que esta seja registrada nos livros dos registros das câmaras, comandâncias e diretorias por onde passar e necessário lhe for usar desta minha ordem.

Pará, 15 de setembro de 1784.

(Com a rubrica de Sua Excelência).





# DIÁRIO DA VIAGEM FILOSÓFICA PELA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO

COM A INFORMAÇÃO DO ESTADO PRESENTE

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA  
Naturalista Empregado na Expedição Filosófica do Estado

PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA<sup>1</sup>  
de Barcelos a Moreira

Este é o princípio de uma expedição científica: admirar todas as coisas, inclusive as que são muito tristes, sobre as quais não convém falar... Na verdade, é a partir destas que tudo foi criado para seus respectivos fins. O seu método consistirá em reunir por escrito o que for perceptível e útil: a Geografia, a Física, a Litologia, a Botânica, a Zoologia, a Economia, a Política, os costumes, as antiguidades... O objetivo será conhecer melhor a natureza, ajustando o conhecimento natural das plantas, dos animais e das pedras ao influxo do sistema mundano e aos usos da humanidade.<sup>2</sup> (Lineu. Phyl. Bot.)

(LINEU. *Philosoph. Botani.*)

PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA

*Loca nocte silentia late...*

Ordenou-me Vossa Excelência, no § 6 do ofício, que me dirigiu nesta vila, datado de 13 de agosto do ano próximo passado, que do estado presente da agricultura e do comércio, população e manufaturas das povoações que eu visitasse, informasse a Vossa Excelência segundo o que eu visse e entendesse, que devia participar, para também Vossa Excelência o participar ao ministério. O trabalho em grande, do papel que tem por título: *Estado presente da agricultura do Pará*, já vossa Excelência sabe que há dous anos que eu ousei empreendê-lo, dignando-se Vossa Excelência nesta vila, não só de honrar com a sua atenção a repetição que fiz dos seus primeiros traços, mas também de instruí-lo e documentá-lo com as precisas cópias das ordens compreendidas nos bandos, editais, portarias, avisos, cartas circulares e particulares que deve este Estado ao seu iluminado governo.

<sup>1</sup> Primeira Parte: Alto Rio Negro.

<sup>2</sup> Peregrinationis principium hoc est, mirari omnia etiam tristissima, de quibus nom licet dicere... quorum haec omnia enim in fines suos creata sunt. (Syrach). Medium erit calamo committere visa, et utilia; Geographiam, Physicem, Lithologiam, Botanicem, Zoologiam, Oeconomiam, Politicem, mores, antiquitates... Finis, naturam adcuratius cognoscere; plantarum, animalium, lapidum que cognitionem naturalem systematis mundani influxui et humani generis usibus accomodare.

Deverei, portanto, nesta e nas outras participações que se seguem, coangustar-me somente a uma breve, se bem que circunstanciada informação do estado presente de cada vila ou lugar, esperando que seja fruto de mais maduros exames o meu juízo geral sobre a capitania. Eis aqui o que tanto mais fácil me ficou sendo de executar, quanto mais terminantes foram as ordens que a este respeito expediu Vossa Excelência aos comandantes e diretores das povoações. O que delas pretendo informar é o que já dá a entender a participação que se segue.

Seguindo viagem pelas 7 horas da manhã de 20 de agosto, costeei a margem meridional deste rio. Satisfiz-me de ir vendo situadas por toda ela, além da chamada Aldeinha, diversas roças dos moradores desta vila.

Tais foram pela sua ordem, a de Antônio Vilela do Amaral, a de Francisco Torres, a de Gabriel Ribeiro, a de Manoel Rodrigues Calado, a de Bartolomeu Fernandes e a de Constantino Dutra. Não entrei no igarapé de Maxibiá, onde ficam situadas as de Joaquim José de Campelos e a de Pedro José Pereira, porque tratei somente de observar, costa acima, a de Valentim da Silva de Senna, a de Francisco Coelho, a de João Gomes de Andrade, a de Antônio Nunes, a de Manoel José Machado e a de José Pereira de Faria.

Eram duas horas da tarde, quando passei pela boca do rio Baruri, aonde os moradores desta vila cultivam particularmente o café. Nela se acabam as duas léguas de terra para cima da vila, as quais foram pedidas para logradouros dela, em representação de 30 de setembro de 1777, e por Vossa Excelência foram concedidas em a carta de data de 16 de março de 1779.

Seguiram-se, costa acima, as roças de João Nobre, na foz do outro rio Guinni, a de Antônio Rodrigues Primeiro, que também é a primeira do território de Moreira, dentro do igarapé de Macabaú, as de Custódio Máximo e seu filho Manoel do Nascimento da Silva, no princípio das barreiras, pelas quais continuam a de José Gomes da Silva, a de José Afonso, a de André da Cruz, as de João do Rosário e de seu filho José do Rosário, a de Matias da Rosa, a de Francisco Machado, a de Francisco José Vaz, a de Rodrigo Xavier, a de Francisco dos Santos e a de José Estevão de Brito. A maníba e o café são os dous gêneros que principalmente constituem o fundo das suas lavouras; o lavrador que mais se distingue nelas é o que menos preguiça tem e o que maior número de braços emprega. Aos que têm plantado e cultivado o cacau, não tem até agora correspondido a colheita. As terras não são as mais próprias para a sua cultura, e menos próprias as faz o lagartão, que logo sobrevém, e de uma só vez desengana as esperanças de alguns anos.

Não há, desde esta vila de Barcelos até o lugar de Moreira, pela costa meridional, outros rios mais do que o Baruri e o Guinni e os riachos Arataí e Quermeucuvi. Tendo nesta viagem consumido os dias 20, 21 e 22 por ter sido feita em uma canoa grande e ronqueira, com as demoras que da minha obrigação exigiam os exames das produções naturais e os reconhecimentos das margens deste rio, pelas seis horas da manhã de 23 cheguei ao lugar de Moreira, em outro tempo aldeia do Camará e, por outro nome Caboquena (dezesseis léguas e um terço).

Este era o nome que tinha o principal seu fundador, o qual pela muita afeição com que olhava para os brancos e para os seus costumes, não merecia ter um fim tão desgraçado como o que lhe deram os índios das aldeias vizinhas na sublevação de 24 de setembro de 1757. É e será sempre odiosa a memória deste sucesso, que sumariamente se reduz aos artigos seguintes:

1º) Escandalizou-se o índio Domingos, do lugar de Lamalonga, de ter o seu missionário feito separar da sua companhia uma concubina que tinha, e premeditando a vingança de assassiná-lo, ilaqueou na mesma conjuração os principais João Damasceno, Ambrósio e Manoel e, no primeiro de junho do referido ano acometeram a casa do missionário, que não acharam nela, arrombaram-lhe as portas e saquearam os seus móveis, investiram depois a igreja, aonde cometeram o desacato de derramar por terra os santos óleos, pisaram os vasos sagrados, arruinaram a capela-mor e lançaram fogo à povoação.

2º) Em vez de darem sinais de terem os corações rotos de dor na consideração do enormíssimo delito que acabavam de perpetrar, e em vez de, por um sério arrependimento dele, desarmarem o braço de Deus e dos homens, muito pelo contrário, exasperando-se cada vez mais no curto espaço de 54 dias, reforçaram o seu corpo com a aliança dos principais Manacaçari e Mabé, acrescentando ao primeiro o segundo delito de recaírem de mão armada sobre o lugar de Moreira, no dia 24 de setembro, que foi quando assassinaram o missionário Frei Raimundo Barbosa, religioso carmelita, o principal Caboquena e muitas outras pessoas, e roubaram e queimaram a igreja.

3º) Informados que foram, de que com estas suas animosidades tinham conseguido fazer cair o ânimo ao capitão de granadeiros João Teles de Menezes Melo, que então comandava um destacamento de vinte homens, empregados na guarnição da aldeia de Bararoá, hoje vila de Thomar, assim que a sentiram desguarnecida, se lançaram sobre ela no dia 26 do referido mês, roubaram os móveis preciosos da igreja, degolaram a imagem de Santa Rosa; aplicaram a cabeça da santa para figura de proa das suas canoas, queimaram-lhe o corpo sobre o altar, atravessaram o rio para a margem fronteira e nela mataram dous soldados somente, porque tanto os outros soldados, como alguns paisanos, que ali se achavam, se haviam refugiado na ilha de Timoni.

4º) E ultimamente no façanhoso projeto de surpreenderem esta capital, porque a supunham enfraquecida com a deserção dos soldados que, pouco antes, se haviam sublevado contra o sargento-mor, seu comandante, Gabriel de Souza Filgueiras, engrossaram o seu partido com os dos outros gentios das cachoeiras deste rio, maquinando uns e outros a última ruína, não só desta capital, mas a de todas as colônias portuguesas estabelecidas nesta capitania.

Este projeto, sabe V. Excia. que indisputavelmente se teria verificado, se em consequência da parte que dele deu o sobredito sargento-mor, não expedisse logo o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao capitão Miguel de Siqueira para atacar e desbaratar os rebeldes, como atacou e desbaratou a todos, sem mais perda da nossa parte, que a do sargento Agostinho José Franco e a do soldado Lourenço de Oliveira Pantoja. Os rebeldes das cachoeiras foram perseguidos e destruídos; a vitória, que pela nossa parte alcançamos contra uns e outros, abriu a porta ao processo legal que, no ano seguinte de 1758, fez o doutor ouvidor-geral o Desembargador Pascoal de Abranches Madeira, o qual veio para este fim na companhia do Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando pela segunda e última vez subiu a este rio. Os corpos de delito foram formalizados nos mesmos lugares aonde o cometeram. A junta, considerando piedosamente a rusticidade dos agressores, relevou-os das maiores penas que mereciam pela enormidade das suas culpas; por acórdão dela se levantou uma força no lugar de Moreira, aonde foram justicados os três índios Luís, Miguel e João. Ainda está em pé um dos postes que se levantaram. Seguiu-se do castigo de uns, o exemplo de outros, cessando em todos de então para cá a animosidade de inquietarem, por semelhante modo, o sossego da capitania.

Escreveu circunstanciadamente a história deste sucesso o doutor ouvidor e intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no seu *Diário da viagem e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro*. Manuscrito dos anos de 1774 e 1775.

Pouco abaixo do lugar, tornam a elevar-se as terras da costa meridional. Destas elevações, as que são escalvadas para a parte do rio tomam o nome de barreiras; constam do chamado tijuco, que é a argila vitriolácea de Lineu, mais e menos entremeada do chamado tauá, que é a ocre de ferro amarela; a outra porção de argila avermelhada toma o nome de curi. Em sendo queimada a ocre que a tingem, muda de amarela para avermelhada, donde procede que, nesta parte a diversidade da cor não argúi diversidade de substância. Aos bancos da sobredito argila, ora são superiores, ora inferiores, outros bancos de cor, que vêm a ser esta pedra areenta que, por ter sido recentemente coagumentada, com tanta facilidade se esboroa e se esfarela à menor impressão. Assim continua uma barreira seguida até à situação do lugar, onde ela tinha de altura três braças, quando a medi, em agosto.

Corre ao longo da costa um bom tabuleiro de terra, sobre o qual está situada a povoação em uma paragem, que é a mais desembaraçada de pequenas ilhas e, por isso, deixa gozar boa parte da largueza do rio. O seu porto é desabrigado por ser, como já disse, uma barreira continuada, sem furo ou enseada alguma onde se abriguem as canoas, que estão surtas nele; tanto na praia do porto, quando espraia muito o rio, como nas da costa fronteira, há bastante areia de ferro.

Constituem o corpo do lugar duas ruas: a da frente pertence aos índios e a do fundo aos brancos; mas entre as casas destes estão inseridas mais três daqueles. No cimo da rua do fundo está situada a matriz, com frente para o rio. É uma igreja tão comprida como esta de Barcelos, porém mais alta e mais larga e, por conseguinte, suficiente para o número de fregueses que tem. Está coberta de telha ainda nova, e com o peso dela deram de si as linhas que cravam no frexal, e foi preciso especar uma das paredes laterais. Tem dentro um só altar, que é o da capela-mor, onde está colocada a imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que é o orago. Do seu inventário consta que possui um cálice com o copo somente de prata, uma patena do mesmo, dous véus branco e roxo e duas palas bastantemente usadas, uma píxide de prata, uma caixa de madeira, em que estão três vasos de estanho e dentro deles os santos óleos, oito castiçais maiores e quatro menores de estanho, já usados. Há mais seis castiçais pequenos, também de estanho, porém estes pertencem à confraria do Espírito Santo e deu-os o morador, que então era do lugar, Antônio Francisco; um vaso de comunhão e um par de galhetas também de estanho, uma lâmpada de latão, bem arruinada, duas campainhas quebradas e sino ainda o não tinha, quando subi para São Gabriel, porque o havia trazido o doutor ouvidor geral Ribeiro de Sampaio, para o fazer consertar, agora porém, quando descí da fortaleza, vi que já tinha uma pequena garrida, que desta capital enviou o Reverendo vigário geral. Toalhas de Bretanha para o altar são três, e tanto estas como as outras três de comunhão, são dádivas dos moradores brancos. José Estêvão de Brito deu a única sobrepeliz que há; das duas alvas pertencentes à fazenda real, uma de pano de linho ainda serve; a outra de bretanha está muito velha, e a melhor das três que vi foi de pano-rei, que deram os moradores. Os frontais não passam de dous, branco e roxo, ambos já usados, porém o branco mais do que o roxo. A planeta roxa tem servido menos do que as duas brancas; há pouco, recebeu o vigário outra nova, que é branca com sebastos encarnados.

Tanto os dous pluviais branco e roxo, como o véu de ombros branco, acham-se bem acondicionados. A umbela de chamalote encarnado é nova.

No primeiro de setembro próximo passado solenizaram os moradores a colocação do sacrário e, tanto as cortinas interiores como o manto da píxide, fita da chave e gorro interno do tabernáculo, foram esmolas adquiridas pelo zelo do Reverendo vigário. Agora acabam os moradores de subscrever aos apontamentos do compromisso apresentado ao Reverendo vigário geral, para se-lhes aprovarem as cláusulas que estabelecem para a criação da irmandade do Santíssimo. Merece esta devoção, que Vossa Excelência a proteja, e que de Sua Excelência Reverendíssima lhe impetre o Reverendo vigário geral a aprovação de que necessita; são cláusulas que em nada encontram o serviço de Deus e de Sua majestade, acomodando-se muito à possibilidade do lugar; porque querem todos os anos 25 missas pelos irmãos vivos e defuntos, com a esmola de 200 réis. A jóia a que fica obrigado o juiz não passa de 2\$500 réis; as dos mordomos, tesoureiro, procurador e escrivão também não passa[m] de 1\$250 réis, que é a que cabe a cada um; querem que a irmandade concorra com outro cubo de hóstias, além do que Sua Majestade costuma dar; pedem que ela dê sepultura aos irmãos; e todas as mais cláusulas o que deixam ver é um fundo de piedade, tanto mais louvável quanto mais rara neste país. Ficava a fazer-se uma boa manga de cruz de cetim branco, agalado de ouro; o morador João do Rosário tinha dado 35 côvados de durante escarlate, para as opas dos irmãos; outro tanto nem ainda fizeram, nem sequer com o exemplo se resolvem a fazê-lo os moradores desta vila.

A casa da residência do Reverendo vigário está sita ao lado da frontaria da igreja, é térrea, como as da maior parte das povoações; tem cobertura de palha e consta de duas salas com seus dous camarins; as portas e as janelas são de madeira, mas não têm fechaduras. Assim tivesse havido mais cuidado em extirpar das paredes o cupim que as repassa. Do mesmo modo que ela, está repartida e conservada a da residência do diretor.

Do estrago que nas madeiras faz e cupim, resultou o abater-se em uma noite o teto do armazém contíguo à residência do Reverendo vigário. Do seu inventário constava que tinha sete machados, incluídos cinco já incapazes, seis ferros de canoas, incluídos também dous quebrados, três ixós<sup>3</sup> velhas, duas serras, quatro verrumas arruinadas, um martelo, quatorze fouces, incluídas três quebradas, quatro ferros de cova, dous já quebrados, duas armas de fogo consumidas da ferrugem, uma balança de madeira com seu braço de ferro e os pesos desde um quintal até meia libra, um facão, dous pares de grilhões, e dous de algemas com suas chaves, uma barra de ferro, uma arroba de pregaria velha, cinco arpões de peixe-boi, um formão, uma goíva, uma enxada, uma ferragem de sino e três medidas de quarta até meio alqueire.

As casas dos índios eram vinte, caíram quatro e restaram dezesseis; estão na frente onze, na segunda rua do fundo três, entre as casas dos moradores brancos, e no fundo da povoação, duas. De todas elas, as mais bem conservadas são somente duas. Os índios empregados no serviço de Sua Majestade e dos particulares não podem acudir às ruínas das suas casas; quase todas elas, a não serem prontamente cobertas de novo e entijucadas as paredes, por si mesmo se demolirão de todo; não há parede que não esteja alquebrada, nem, ordinariamente, casa que tenha portas de madeira.

As dos moradores brancos não passam de seis, porque a sétima se demoliu. Estão mais bem conservadas, se bem que os donos quase nenhuma assistência fazem nelas. O sino e a caixa de guerra os embrenha nas suas roças; ali a vontade de cada um é a lei dos seus trabalhos e dos seus costumes; assim se fazem bisonhos e inimigos da polícia,<sup>4</sup> que tanto concorre para civilizar os índios, quando é praticada como deve ser. A povoação em geral, pode-se assim dizer, que está capinada, porque o capim ainda não impede a passagem; mas as 200 braças em quadro necessitam de força de gente para se roçarem e capinarem. Nem há casa de canoa, nem canoa de negócio.

Antes desta povoação ser restabelecida no lugar em que está, esteve no seu princípio unida à vila que é hoje de Moura, depois que também ela se mudou do primeiro lugar da sua fundação, na distância de meio dia de viagem pela margem oriental do rio Uarirá, para o segundo sítio que tomou na margem austral deste rio, pouco superior ao lugar em que depois se fundou a povoação de Caboquena.

Pela sobredita união não esteve o citado principal José de Menezes Caboquena, que assim se chamou depois de batizado, e separando-se dos outros, desceu com os índios do seu partido a fundar a aldeia de Camará, que é propriamente este, que chamamos lugar de Moreira. Foi erigida em lugar pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758.

Conta onze diretores, desde Marçal José Cordeiro até Francisco dos Santos, que é homem dos seus 60 anos de idade, não de maior inteligência, ao que alcanço dele, porém de probidade e zelo de servir no que entende. Vigários encomendados são nove, desde Frei Raimundo Barbosa até Frei Antônio de Santa Catarina, ambos religiosos carmelitas, conta 24 anos de idade, mostra-se ativo no seu ministério, vive com o diretor em perfeita harmonia, ajuda-o no que pode e sabe, e ao seu zelo deve a igreja matriz as esmolas que atrai para com mais esplendor e dignidade se fazer o culto divino. Pratica a caridade de ensinar a ler aos meninos, porque nem há escola, nem mestre para ela. O Reverendo vigário ainda agora tem oito e o diretor nove meses de povoação.

Quanto à população, pelo mapa deste título, verá Vossa Excelência a soma total dos moradores brancos, índios aldeados e pretos escravos. Moradores brancos são neste lugar bastantes, tem índios de diversas nações, entre os poucos que o povoam; são manaos, barés, carajaís, japiúas, baniúas, jaruna etc. Falecidos neste ano são 18, até ao mês de agosto andavam ausentes 15, e esta, com a outra falta dos índios empregados nos serviços, influem quanto podem no atrasamento da agricultura.

<sup>3</sup> Trata-se de “enxós” (do latim *asciola*), instrumentos de cabo curto e com chapa de aço cortante, usados por carpinteiros e tanoeiros para desbastar madeira. A palavra “ixó” ou “ichó” (do latim *ostioculu*) designa uma armadilha com o feio de alçapão, com que se apanham coelhos e perdizes.

<sup>4</sup> “Polícia” (do grego *politía*, pelo latim *politia*) é a boa ordem, a disciplina.

A agricultura dos índios consiste em maniba e algum café; assim esta gente não é tão falta, como se pensa, das idéias de interesse; o ponto está em da nossa parte sabermos fomentá-las. Vêem que o café é gênero lucrativo para os brancos e eles, que já hoje estimam a camisa de bretanha com seus punhos, o calção de tafetá encarnado, o chapéu à nossa moda, sob pena de não irem à missa nos dias do preceito, quando se envergonham de não terem a tal farça,<sup>5</sup> eles, digo eu, não deixam de trabalhar o que podem e o que se-lhes permite, para a adquirirem. Falo dos índios aldeados nas povoações aonde nasceram e observaram desde pequenos a polícia portuguesa. Os moradores brancos avançam a algum cacau, arroz, algodão, milho, feijão etc.; o consumo, porém, de suas lavouras consiste igualmente na maniba e no café.

Nas terras da costa fronteira é que cultivam o cacau, porque nelas também é que se dá melhor.

Contudo, passados dous anos, sobrevém o lagartão, que o mata. A maniba, o arroz e o milho dão-se bem; o café nasce, cresce e frutifica, mas não tanto como em outras partes; esta qualidade de terra é de sua natureza alagadiça; as águas das chuvas ficam nela estagnadas e, conservando-se ali, tanto pela natureza da argila como pela posição do terreno, vão apodrecer as raízes da planta. Donde se seguiu que não só o café, mas também a maniba do ano passado, foram colheitas menos vantajosas; porque João do Rosário, que no outro ano havia colhido 52 arrobas de café, no ano que findou apenas colheu 10, José Estevão de Brito, que havia colhido 20, então colheu 10, Custódio Máximo, que tinha colhido 16, então colheu 9.

Ora, ainda que a chuva demasiada e intempestiva não obrasse imediatamente sobre as raízes das plantas, como deve obrar nas terras alagadiças e, como provam que obrara as poucas raízes de maniba, de outros modos diminui a frutificação; apodrecendo os rudimentos dos frutos germinados, quebrando os pedúnculos das flores e lavando o pólen que vivifica o fruto. A mesma terra, que no inverno é alagadiça, com o sol do verão se esgreta e se atorroa, e só à força de braços ou de instrumentos, que não há, se esboroa e se mobiliza. Para evitarem o demasiado calor, costumam abrigar os cafezeiros à sombra dos ingazeiros. O arroz, por outra parte, padece o inconveniente de ser devorado pelas aráguas, que são certos pássaros como os melros do reino. O expediente que lá tomam os lavradores, nem se pratica nesta colônia, nem há forças, nem autoridade prudencial bastante para obrigar aos brancos misturados com os índios, a que obrem como brancos, e não como índios. Ocasões têm havido, em que as mesmas roças de maniba têm sido destruídas a final<sup>6</sup> por uma inumerável multidão de porcos, que ali chamam taiaguçs.

A soma total da colheita do ano passado consta do segundo mapa junto. Nem há homens nem animais para as lavouras; pela primeira vez que estive na povoação, haviam<sup>7</sup> apenas duas vacas, um garrote e um carneiro, que bem perseguidos eram das onças; o mato está tão longe da povoação, e as onças tão pouco atrevidas, que não há muito tempo que os rapazes deram fé de uma que estava de noite à porta do diretor. Já agora em janeiro, ficavam recolhidas onze cabeças, que eram dos moradores, e estavam na vila de Thomar.

O meu juízo a respeito da agricultura do lugar é que o que a terra pode produzir de maniba, arroz, feijão e milho, e ainda de algodão e café, é sem conto,<sup>8</sup> mas que o que de fato produz é muito pouco, porque o trabalho a fazer é muito, e a preguiça muito mais; porque os esforços dos que não são preguiçosos encontram a falta de braços de que necessitam; porque dos pretos que entram no Estado, não se fiam alguns aos lavradores capazes de os pagar, como Vossa Excelência fez fiar, para esta capitania, durante o seu governo, no intuito de promover a cultura e manufatura do anil; porque os poucos índios que há são incessantemente distraídos para o serviço das expedições régias; porque os que nelas andam empregados e nelas desertam ou morrem não são substituídos por outros novamente descidos.

<sup>5</sup> Ou a palavra “farça” está usada por “farda”, como erro caligráfico, ou tem um significado especial que não encontrei dicionarizado.

<sup>6</sup> Parece-me que a locução “a final” não corresponde semanticamente ao advérbio “afinal”. Aqui significa “até o fim”.

<sup>7</sup> Verbo “haver” usado pessoalmente no sentido de “existir”.

<sup>8</sup> A expressão “sem conto” é provavelmente usada no sentido ‘sem mentira’.

Quanto ao comércio das drogas do sertão, nenhum se fez este ano, porque não houve gente e, ainda que a houvesse, nas circunstâncias presentes não seria prudência arriscar gente e despesas que se deveriam empregar com lucro certo na cultura das terras adjacentes.

Quanto às manufaturas, povoação é esta que nem tem olaria, nem os índios fazem redes, cuias, pacarás, ou em cousa alguma exercitam a sua indústria; o pior<sup>9</sup> é que, pelo mesmo gosto estão os brancos, só o morador Antônio Rodrigues Primeiro tinha feito dez canadas de mel. De anil, a 700 réis até 1\$100 réis, diziam até agora que absolutamente nada, não temos gente (eram as suas escusas) e ainda que a tivéssemos, enquanto ganhamos de uma libra de anil, feito ao modo que se quer, 700 réis somente, muito mais podemos lucrar da cultura do arroz, do café, do algodão etc. Começou Vossa Excelência a pagar da sua bolsa as libras que se-lhes apresentaram, à razão de 2\$000 réis a libra, começou a conceder-lhes índios, e a renovar em todo o sentido as providências que já deu no tempo do seu governo; começam eles também a mudar de parecer.

Esta é a informação que deste lugar posso dar a Vossa Excelência; tal e qual a escrevo, é fruto do trabalho que fiz nos dous dias de 23 e 24, se bem que empregados também no cumprimento de outras obrigações.

Passo a participação que se segue na ordem de minha viagem.

Barcelos, 17 de janeiro de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira.*



<sup>9</sup> Forma arcaica da palavra “pior” proveniente do latim peiorem.

OFÍCIO DO GOVERNADOR

*D*a circunstanciada e bem explicada informação que Vossa Mercê me dirigiu em data de 30 de próximo passado mês de agosto, fico cabalmente instruído de tudo o que Vossa Mercê me participou por princípio de sua viagem e subida para este fronteiro distrito; e daqueles bem arranjados papéis, tenho já mandado extrair duplicadas cópias para as comunicar ao real ministério e ao Excelentíssimo Senhor general deste Estado, concorrendo assim com muito gosto para que na presença de Suas Excelências se faça tanto mais certa e constante a grande aptidão de Vossa Mercê, para quanto é do serviço da nossa Augusta Soberana.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, em 13 de setembro de 1785.

*João Pereira Caldas.*

Senhor Alexandre Rodrigues Ferreira.



1°

Segue-se o mapa da população dos moradores brancos, índios aldeados e dos pretos escravos existentes na freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo do lugar de Moreira. Do 1° de janeiro de 1886.

Dos índios, dos moradores adjuntos e escravos	276
Dos índios	184
Dos moradores adjuntos	63
Dos escravos	29
Dos fogos	25

2°

Segue-se uma relação nominal de 55 indivíduos e, além destes

Índios	Homens	11	50
	Mulheres	39	

Pretos	Homens	16	29
	Mulheres	13	

Havendo produzido:

Farinha	2359 alqueires.
Café	56 arrobas e 7 libras.
Cacau	49 arrobas e 15 libras.
Arroz	26 alqueires.
Milho	60 alqueires.

[3°]

Segue-se um mapa das cabeças de gado vacum, existentes no lugar de Moreira. Do 1° de janeiro de 1786.

Vitelos	1
Garrotes	1
Touros	1
Novilhas	2
Vacas	6
Soma	11

## PARTICIPAÇÃO SEGUNDA: DE MOREIRA A THOMAR

Pelas três horas da madrugada de 25 do referido mês de agosto, prossegui em costear a margem meridional. Eram seis da manhã quando cheguei ao sítio da Tapera, pouco superior ao lugar que havia deixado. Vi que por ela continuavam as roças dos moradores José Cristóvão, Antônio Rodrigues Colombro, Pedro José de Oliveira, Gregório Rodrigues e José Pereira dos Santos. Em nenhuma achei novidade, ou de gênero, ou de aumento de lavoura. Conjetura o último morador, que no tal sítio da Tapera, é que foi algum dia fundada a vila, que é hoje de Moura, quando com os índios dela estavam incorporados os de Moreira. Não insiste contudo em que fosse a vila de Moura, mas sempre sustenta que ou foi ela ou outra povoação.

O certo é que, visitando eu o seu cacocal, nele me mostrou um lugar onde me disse que suspeitava ter sido fundada a igreja, ou pelo menos o cemitério da povoação, por ter achado nele não poucos ossos de esqueleto humano.

Eram duas horas da tarde, quando entrei pelo Paraná Mirim e, pelas seis horas da mesma atravessei a boca do rio Uarirá: quatro léguas. Até a dita boca exclusive se estendeu o termo da vila capital de Barcelos na carta que aos oficiais do senado dirigiu o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 28 de novembro de 1758.

Seguiu-se um furo deste nome, do qual parti pelas três da madrugada de 26, e pelas sete da manhã abordou à minha canoa o soldado Antônio José Pedro, e nela me entregou a carta com que Vossa Excelência foi servido honrar-me. Cumpri, como pude, com a obrigação que tinha de significar a Vossa Excelência o meu reconhecimento e, tendo contado de viagem os dias de 25, 26 e 27, pelas oito horas da manhã de 28 cheguei à vila de Thomar, antigamente aldeia de Bararoá, 12 léguas.

Nem vi, nem sei que haja pela margem meridional desde Moreira até Thomar, outro rio mais do que o mencionado Uarirá. O que acho escrito a respeito dele e o que se mostra pelo mapa da capitania, é que tem as suas fontes muito próximas ao Japurá; que se compõe de muitos e extensos lagos; que foi algum dia habitado dos índios manaos, que ocupavam uma e outra margem do Rio Negro e dos rios seus colaterais até a ponta inferior da ilha Timoni.

Desce pela retaguarda da vila e na distância de quatro léguas acima do lugar de Moreira, deságua no Rio Negro. Na outra margem do norte e pouco abaixo da vila, deságua o rio Uererê, em outro tempo habitado dos gentios Carajá e Uarinas e defronte da mesma vila o rio Padauri, em cuja margem ocidental deságua o rio Ixié Mirim.

Também esta vila padeceu, quando aldeia de Bararoá, os enormíssimos estragos que abortou a conjuração dos índios sublevados em 26 de setembro de 1757. Escuso repetir o que a este respeito escrevi em um dos quatro artigos, a que na participação primeira fica reduzida a história desta sublevação; refiro-me portanto ao que nela disse.

Acrescento somente que, com a mudança da fortuna não mudou de lugar; dizem que a reedificara Manoel Pires, congregando de uma e outra parte os índios que ou não quiseram entrar no levante ou escaparam das mãos dos levantados.

Representou-se-me, quando a divisei de longe, que via casas de sobrado e que as paredes eram avermelhadas, porque esta é a cor da barreira que lhe fica inferior. Ao entrar para ela, vi primeiro que tudo, uma vargem pelo nascente. Toda ela se alaga com a enchente do rio. Ali principia a vila e, prolongando-se pela costa, vai, pouco a pouco, elevando-se, à proporção que também pouco a pouco se eleva a barreira. É formada de argila, misturada com areia, uma e outra substância carregada de tintura de ocre avermelhada, e tinha na sua maior altura duas braças.

A vila, dentro em si, está dividida em dous bairros ao longo da povoação. O de Santa Apolônia principia na vargem e acaba no lugar em que está sita a matriz; segue-se o outro, a que não ouvi dar nome; continua da igreja para cima, tem sua praça de pelourinho e acaba no lugar em que está a casa da olaria. Há em cada bairro duas ruas somente, a da frente e a do fundo; ambas pertencem aos índios, mas nas suas travessas e, particularmente

na que sai à praça do pelourinho, estão situadas as casas dos moradores brancos, à exceção de um ou de outro. A rua da frente do sobredito bairro de Santa Apolônia fica de todo arruinada; as casas já se não podem ter em pé, e o rio continua a solapar cada vez mais uma pequena rressaca que ali faz a barreira. No estado em que para, bem se pode considerar como o princípio de uma vala que, sendo bem aproveitada, servirá de abrigo para as canoas que necessitarem dele.

Do mesmo ânimo estava o diretor, que, como não tinha casa para a canoa da povoação, pretendia primeiramente demolir de todo as sete casas, que por si estavam demolidas; em segundo lugar fazer recuar a rua da frente e, isto feito, romper a vala para dentro e abri-la por modo de casa de canoas e, debaixo dela, abrigar as da sua inspeção.

Tanto ao longo da vila, costa acima, como pela retaguarda dela, continuam outras vargens, mais ou menos extensas; a que lhe fica pela retaguarda não pede mais tempo para andar-se do que de quatro horas, que tanto se gasta para se chegar ao rio Uarirá, que lhe serve de limite. A outra segue costa acima até ao igarapé imediato. Nenhuma delas é vargem rasa, mas tem seus claros interrompidos por capoeiras de mato e, suposto que se alagam com as águas do inverno, nunca deixam de sobressair alguns lombos de terra. O porto, enfim, pouco mais abrigado é que o de Moreira.

No fim do primeiro bairro fica situada a igreja, que é do tamanho desta de Barcelos, mas como foi situada em uma cova, escorrem para dentro dela as águas da chuva, sem que sirva para as extravasar a sapata que tem, porque lhe fica superior; com efeito, não parece decente uma igreja com o chão retalhado de regueiras, para dar escoante às águas que entram para ela.

É logo preciso refazê-la de alicerces de pedra e cal; as paredes necessitam de ser rebocadas por dentro e por fora; as portas e as janelas estão repassadas do cupim, assim como a maior parte do madeiramento. O altar-mor é o único que existe; tem seu retábulo feito dos pés das frondes da palmeira muriti; ainda que já se acha<sup>10</sup> muito arruinado, está colocada nele a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Possui um só cálice de prata com as suas pertenças, uma píxide do mesmo, dourada por dentro, uma caixa de madeira, em que estão os vasos dos santos óleos, que não são de prata, dous pares de galhetas, um de estanho, outro de vidro, um turíbulo de latão, doze castiçais de estanho, entre grandes e pequenos, uma lâmpada de latão já arruinada, um vaso de lavatório, uma campainha e um sino.

De paramentos para o altar, existem cinco toalhas de pano de linho, incluída uma que já não deve servir; a de bretanha rendada foi dada pelos moradores; também das duas toalhas de lavatório uma é a que pode servir; alvas de pano de linho são duas, ambas sem renda e ambas em meio uso; do mesmo pano e do mesmo uso é a única sobrepeliz que há. A capa de asperges branca com sebetos encarnados, a casula e o frontal da mesma cor são vestimentas que contam seus anos de serviço efetivo. A casula e o frontal roxo têm servido menos, o véu de ombros, branco, está em meio uso; e o melhor de tudo é o pálio de damasco encarnado, forrado de tafetá. Os fregueses desta são mais túbios que os da igreja de Moreira.

A residência do Reverendo vigário consta de uma casa de espera, uma sala com seu camarim e outra casa de dispensa; é térrea e coberta de palha, com seu forro de ripas de juçara; as portas e as janelas são pintadas de ocre e de tabatinga, mas não têm fechaduras; necessitava de ser coberta de novo, quando a vi pela primeira vez, e o diretor, a instâncias do vigário, fazia tenção de a mandar cobrir; como ainda o não tinha ordenado até ao tempo em que foi removido, aproveitou-se o vigário do encargo de diretor interino,<sup>11</sup> porque a mandou cobrir e reparar em todo o sentido.

<sup>10</sup> O presente do indicativo usado pelo presente do subjuntivo.

<sup>11</sup> Assim como o bispo era o substituto natural do governador, o vigário era o substituto natural do diretor, visto que a igreja estava vinculada ao Estado português. Por isto, os vigários e missionários eram funcionários públicos e os dízimos cobrados pela igreja eram repassados ao governo civil.

A da residência do diretor é grande, bem repartida e conservada, também é térrea e coberta de palha; mas com fechaduras nas portas; tem uma casa de fora a que corresponde de cada lado sua sala com seu camarim; uma delas serve de armazém e, para este uso tem a segurança que basta. O que tinha então (sobre a palavra do diretor) eram paramentos, armas e ferragens pertencentes à povoação. O armazém desta carece de total reparo; tanto o madeiramento superior como a cobertura de palha estão arruinadas; servia, no tempo em que a visitei, para nele se guardarem os potes da olaria.

Nem há casa de câmara, nem tampouco de cadeia; serve de cadeia a do calabouço da povoação; o pelourinho que existe apenas mostra que algum dia o foi; a câmara não tem dinheiro para o restabelecer; existia no cofre a quantia de 800 réis, na última função real que ela teve de solenizar; comprou-se com eles um pote de manteiga para as luminárias e acabou-se o dinheiro. Tão humilde e sincera é a confissão que os camaristas fazem da sua pobreza! Os provimentos de juiz, vereadores, procurador, escrivão e alcaide estavam cheios.

A casa de escola, que está contígua à da residência do diretor, carece de reparo na cumeeira e em uma das paredes, que está quase no chão. O mestre era o morador Francisco Coelho, de quem dizia o diretor, que percebia o ordenado, mas não cumpria com a sua obrigação; que nem escrevia bem, nem certo; que tudo eram escusas de que não tinha papel para as matérias; que se alguma coisa fazia raras vezes, era ensinar a doutrina.

A casa da olaria ainda é a mesma que mandou fazer o Dr. ouvidor Ribeiro de Sampaio.

Que importa ser ela grande, se já se não pode ter em pé; o madeiramento da que propriamente é casa da olaria com dificuldade sustenta o peso da cobertura de palha; as paredes da casa do forno, para sustentarem o peso da telha, há muito que estão especadas; no lugar em que a mandou fazer aquele douto ministro, deixou às índias a comodidade de terem o tijuco à mão, porque o tiram do porto adjacente; ele não minguava tanto como o desta vila.

Também não há casa de canoas, nem a canoa que existe dispensa o conserto das obras superiores; a igarité que vi tinha seus anos e achaques. Da outra banda da vila, me assegurou o diretor que tinha o casco para o bote das ordens e mais outros para o serviço da povoação.

A maior parte das casas dos índios se alguma coisa conserva é o nome de casas. Um não estão cobertas; outras têm as paredes demolidas. O diretor tinha feito reparar sete; fazia tenção de acabar de demolir as outras sete, que ficavam no bairro de Santa Apolônia, pelas razões que deixo ponderadas. De todas as outras, somente quatro são as melhores, no princípio da rua da frente e a penúltima, que é do índio sargento-mor, Joaquim de Oliveira. Outras há menos más na rua do fundo. Eram por todas 57, incluídas as dos moradores brancos, residência do vigário, diretor etc.

As dos moradores brancos são nove, e a mais bem repartida e asseada é a do capitão Paulino da Silva Rego, na travessa fronteira à praça do pelourinho. Segue-se pouco adiante, e defronte dela, a do outro morador Mateus Nogueira.

No fim da outra travessa está a única que é coberta de telha e pertence a Francisco das Chagas.

Foi esta povoação fundada pela primeira vez na margem austral deste rio, imediatamente inferior à barra do rio Xiuará, donde se mudou para o lugar que ocupa.

Elevou-a à dignidade de vila o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, no ano de 1758. O Dr. ouvidor [Francisco Xavier] Ribeiro de Sampaio escreveu, no seu *Diário*, que bem se podia chamar a esta vila a corte dos manaos. Conta quinze diretores, desde Manoel Pires de Souza, que, suposto não foi<sup>12</sup> o primeiro por carta deste emprego, foi realmente no serviço que fez à povoação, antes de a entregar ao diretor nomeado; no número dos quinze vão incluídos o capitão Paulino da Silva Rego e Antônio Rodrigues Primeiro, cada um dos quais

<sup>12</sup> Perfeito do indicativo pelo perfeito do subjuntivo: “foi” por “tenha sido”.

a dirigiu duas vezes. João Gomes de Andrade era o diretor atual.<sup>13</sup> Pareceu-me homem ativo, cumpridor das suas obrigações e suficientemente versado no que lhe era preciso para as cumprir. Este conceito, porém, em bem pouco tempo me desmereceu, degenerando por tal modo, não só do bom comportamento que tinha tido na diretoria desta vila, mas do com que principiou na daquela que muito alto favor lhe faz Vossa Exelência em o mandar render, ajustadas as contas do tempo da sua direção. Tem tido nove vigários desde Frei Antônio de Oliveira, religioso carmelita, até Frei Joaquim José Barreto, também carmelita; há pouco tempo ainda que tomou posse da vigararia. Tem trinta para trinta e um anos de idade; deve-me o conceito de religioso no nome e nas obras; os seus costumes correspondem ao seu hábito; percebe as côngruas das duas vigararias da vila de Thomar e do lugar de Lamalonga, que lhe fica imediato; por isso, todos os domingos e dias de preceito celebra duas vezes; tem mais a obrigação onerosa de administrar os sacramentos aos moradores da povoação de Santa Isabel.

Se a população de algum dia foi realmente tal qual me dizem que então fora, fica sendo notável a diferença de um para outro tempo.

Há quem diga que contava 1200 e quem diga que 1500 arcas;<sup>14</sup> qualquer dos dous números que se verifique, confrontado com o que consta do mapa junto da população atual, provoca a discorrer seriamente sobre as causas de tão acelerada diminuição.

Tem-se já discorrido o que basta para se empreender o remédio. O tempo vai-se em arbítrios e palavras, porém nada de obras. Direi tão de balde como os mais têm dito:

Que os descimentos cessaram, à proporção que se multiplicaram as expedições.

Que, sendo por si sós bastantes as expedições do estado para darem cabo de muitas vidas, como têm dado todas quantas se fizeram desde o Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado até agora, mais acertado teria sido repartir entre esta e a capitania de São Paulo o socorro de Mato Grosso, do que para socorrer a este despovoar tão somente a capitania do Pará.

Que, antes de um índio chegar à idade de poder servir de remeiro, é preciso que passem 14 anos de vida, enquanto se cria e fortifica; que, para morrer a maior parte de umas poucas de esquipações<sup>15</sup> inteiras, basta, muitas vezes, uma viagem destas; que os que ficam nas povoações, se estão bons para trabalharem, trabalham mais do que comem, porque ordinariamente jejuam a pão e água, não do nosso pão de farinha de trigo, mas da farinha de mandioca em água, a que aqui chamam ticoara, ou beiju desfeito nela, a que chamam, no Rio Negro, caribé.

Sim; eles não morrem à míngua de repente; porém o trabalho e o jejum cotidiano insensivelmente lhes propícia a morte em diversos tragos; chega a doença, que há muito está forjada e, neste caso, os diretores não os tratam como os tratavam os seus padres, porque não há botica na povoação, provida ao menos dos remédios os mais domésticos, nem ainda que a houvesse, sairia sempre bem sucedida uma aplicação vaga e arbitrária.

Digo o que sempre disse, que os índios, depois de livres, ficaram, nesta parte, de pior condição que a que tinham quando escravos. O senhor na vida do escravo zelava o seu dinheiro; o diretor na vida do índio não zela interesse algum que seja privativo mais desta do que daquela vida; se acaba, quem a perde é ele mesmo, são sua mulher e seus filhos, é Sua Majestade, é o público etc.

Que as bexigas têm sido fatais ao Estado, exuberantemente o prova a memória que a este respeito escreveu o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont debaixo do título de *Memória dos mais terríveis contágios de*

<sup>13</sup> “Era o diretor atual” só se torna compreensível como “da época em que lá estive”, entendendo-se que este texto é cinco meses posterior à passagem do cientista por aquela vila.

<sup>14</sup> Metonimicamente, o número de arcas equivale ao número de casas e, por extensão, ao número de famílias que as habitavam.

<sup>15</sup> Equipes de remeiros ou... tripulação.

bexigas e sarampo deste Estado desde o ano de 1720 por diante, posteriores às que manifestam os **Anais Históricos do Maranhão**, pelo Exmo. Sr. Bernardo Pereira de Berredo, nos anos de 1621 (§ 487) e de 1663 (§ 1109). E escreveu-a a instâncias que lhe fiz da parte do bem público, a quem são consagrados os trabalhos desta expedição. Não posso, portanto, dispensar-me de a transcrever. E diz assim:

No dito ano de 1724 (diz ele), tendo chegado o primeiro bispo do Pará, o Sr. Dom Bartolomeu do Pilar, e tendo tomado o Maranhão por escala, nele lamentou o fatal estrago das bexigas, e de se ver talvez na necessidade de comunicá-lo ao seu bispado, quando a ele chegasse.

Viu, em as duas capitais, arder o contágio e dele resultar tanta quantidade de mortos, que apenas havia quem surprende para sepultá-los; a pobreza os lançava de noite nos adros das igrejas e, diz-se que, só na cidade do Pará e suas vizinhanças, se pudera averiguar o número de para cima de 15.000 mortos.

Em 1740 repetiu o mesmo contágio e, ainda que menos mortífero, sempre fez grande estrago, principalmente no sertão, onde Frei José da Madalena,<sup>16</sup> religioso carmelita, superior das missões da sua ordem no Rio Negro, fez inocular, pela primeira vez no Estado, por cujo motivo salvou grande número de pessoas. Manoel Estácio Galvão (hoje morador na cidade do Pará), sendo testemunha do maravilhoso efeito, quando desceu para [a] cidade, participou aos seus moradores o prodígio; foi praticado por algumas pessoas com igual felicidade, do que fizeram caso de consciência os jesuítas, mostrando invejosa argüição contra o dito padre.

Em 1749, governando o Estado o Exmo. Sr. Francisco Pedro Gurjão, mandou visitar as fortalezas dele pelo capitão-mor José Miguel Pires. Quando baixou desta diligência do gentio extraído do Rio Branco, teve princípio o contágio do sarampo, que se comunicou ao Estado. Por ocasião da extração do dito gentio, foram vistos lugares naquele rio que, sendo antes habitado de inumerável gentio, então não mostravam outros sinais mais do que os ossos dos corpos que haviam perecido. Os que escaparam do contágio não escaparam do cativo. Na cidade e em todo o Estado, fez tal estrago que, por isso, mereceu o distintivo de ser chamado o sarampo grande. Ele não era mortífero por si, mas da disenteria acessória nenhum escapou. A penúria foi tão grande na cidade, que não havia com que sustentar os sãos, e que faria<sup>17</sup> os doentes! Para estes, era grande felicidade achar uma galinha pelo peso de uma oitava de ouro.

Pelos anos de 1750 até 1758, governando o Estado o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, experimentou, durante o seu governo, dous contágios de bexigas e sarampo. Fez-se muito sensível o seu estrago, por achar já muito diminuto o número dos servos, sobre cuja classe caiu o maior rigor da epidemia. Estas notícias são garantidas por pessoas verdadeiras, dignas de crédito e como tais não duvido escrevê-las, abonando as que vou referir, como testemunha ocular.

Em 1762, governando o Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, foi tal o contágio, que não bastavam quatro hospitais para receber o número do índios doentes que resultavam do serviço régio, ocupados na factura<sup>18</sup> da nau Belém e corte das madeiras para a carga das charruas. A mortandade foi tanta que raras vezes se abria sepultura para um só cadáver.

Pelos anos de 1763 até 1772, governando o Ilmo. [e] Exmo. Sr. Fernando da Costa de Ataíde [e] Teive, foi o Estado, por diferentes vezes, acometido dos sobreditos contágios de bexigas e sarampo. A capital, contudo, não sofreu em proporções do estrago que experimentou a vila de São José do Macapá, porque, sendo menor o número dos habitantes da vila, foi sem comparação maior o número dos mortos. Então se viu obrigado o coronel Nuno da Cunha Ataíde Verona, comandante interino daquela praça, a prover os doentes do que lhes era necessário.

<sup>16</sup> Teria sido ele o introdutor no Brasil da vacina contra a “bexiga”?

<sup>17</sup> A expressão “que faria” é equivalente a “que dirá” ou “muito menos”, correlacionando um sintagma anterior com o seu correspondente seguinte, neste caso, os complementos de “sustentar”: “os sãos” e “os doentes”.

<sup>18</sup> Apesar de assim ter passado do latim para o português, evoluiu regularmente dentro da língua para a forma atual “feitura”.

Em 1776, governando o Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, por duas vezes repetiu o contágio e, ainda que as bexigas de então foram<sup>19</sup> mais benignas, não deixaram de fazer dano grande, porque, sem contar com os índios e escravos, com os quais a devastação foi tanto mais excedente, sentiu o seu dano principalmente a mocidade da tropa, sendo vítimas dos seus estragos dous alferes e oitenta soldados.

Até aqui a memória do tenente-coronel, donde vê Vossa Excelência, que [de]pende de uma prevenção tão fácil, como é a inoculação, o adiantamento de muitas vidas. Fica dito que a experiência já se fez no Estado, e foi tão bem sucedida, como as que se estão fazendo na Europa culta.

Os índios que povoam a vila são de diversas nações. Na repartição de Santa Apolônia estão os uajuanás e guirinas e, na outra, os manaos, barés e passés. Falecidos desde janeiro passado, contam-se dous no mapa; retiraram-se oito.

A agricultura dos índios não passa além da maniba,<sup>20</sup> nem eles também tem vagar para mais; contudo, o índio sargento-mor Joaquim de Oliveira, colhe suas arrobas de algodão; todos os mais não fazem pouco, se plantam maniba. Os moradores brancos cultivam igualmente o café, pouco cacau, pouco milho e pouco feijão; apenas o que basta para o provimento das suas casas. O cacau padece o defeito comum às outras povoações deste rio; os moradores Mateus Nogueira e Luís Pires Chaves, que haviam disposto bons cacoais,<sup>21</sup> viram sim crescer cada cacoeiro até à altura de seis palmos, mas logo depois passaram pelo desgosto de os verem arruinados do lagartão.<sup>22</sup> O café produz bem, quando a estação lhe é mais favorável do que foi no ano passado. O arroz, não o colhem porque não o plantam. As roças dos brancos estão situadas nas terras das costas fronteiras; na margem ocidental do rio Padauri existem as que constam do segundo mapa da colheita, onde verá Vossa Excelência as situações das outras.

Das vilas às roças de alguns moradores, gasta-se um dia de viagem a navegar-se bem; e este é outro reparo que faço em que os fundadores das povoações o menos em que reparam é na propriedade das terras adjacentes para a maniba, devendo, aliás, ser este o reparo mais essencial. De o não terem feito, tem-se seguido mudarem-se as povoações que já estavam estabelecidas, como dizem que se mudara a de Santa Isabel, para escapar à voracidade da formiga. Se as povoações andam nesta muda, tarde ou nunca se endireitam; se se conservam no primeiro sítio, é preciso ao morador branco e ao índio atravessar o rio para ir achar terras próprias que lhe produzam o sustento cotidiano. Ora, esta precisam, além dos muitos obstáculos que põe diante do lavrador, e obstáculos que ele não pode remover sem ajuda ou de pretos ou de índios necessários para as esquipações das canoas de transporte, por outra parte, abre uma porta franca para muitos descaminhos, dos quais não pode conhecer o diretor, a não andar sempre de viagem.

Passe, que isto assim suceda naqueles sítios em que é preciso fundar algum presídio,<sup>23</sup> mas na maior parte das povoações por via de tarifa, defeito é este que se deve emendar para adiante. O que comumente se responde, que as terras agora já estão cansadas e que por isso a necessidade as obriga a retirarem-se para mais longe, só tem lugar nas povoações onde tal sucedeu e,<sup>24</sup> por nenhum modo, nas que desde a sua fundação reduziram os seus habitantes à necessidade de mendigarem o pão pelas terras remotas dos seus estabelecimentos.

Quanto ao anil, agora mais do que nunca se vão dispondo a cultivá-lo. Alguns têm feito roçado para eles. O capitão Paulino da Silva Rego, a quem V. Excia. fez fiar dous escravos para com eles se interessar na sua cul-

<sup>19</sup> “Foram” por “tenham sido”, indicativo pelo subjuntivo perfeito.

<sup>20</sup> O editor deve ter errado na interpretação caligráfica do texto, transcrevendo “marinha” por “maniba”.

<sup>21</sup> Na edição impressa consta cocoais, em lugar de cacoais. Mas como logo abaixo está cacoeiro, resolvi não corrigir a palavra aqui no texto por desconfiar que o erro foi do editor.

<sup>22</sup> A regência do agente da passiva pela preposição “de” era muito mais comum do que nos dias de hoje.

<sup>23</sup> Presídio = hospital ou posto de saúde.

<sup>24</sup> Aqui, a conjunção “e” é adversativa.

tura e manufatura, não só os não tinha empregado no exercício que os abonou, mas até hoje ainda não tem pago à companhia. Recebeu agora as recomendações positivas que V. Excia. me ordenou de viva voz, que fosse fazendo da sua parte pelas povoações, e elas não têm deixado de aproveitar. O morador Francisco das Chagas, se alguma coisa fazia até agosto passado, era aproveitar o inculito para as insignificantes amostras que apresentava. O que mais se tem distinguido em cultivá-lo é Agostinho de Chaves.

Visitei, de propósito e por ordem de V. Excia., os roçados que ele tinha feito para este fim, na sua roça do rio Padauri. Do que nela vi e observei, darei a V. Excia. a mais exata informação na participação que se segue do lugar de Lamalonga, donde saí para visitar os referidos roçados. De todos os que o têm fabricado nesta vila, ele era o que tinha apresentado maior quantidade, porque fabricou desde janeiro 26 libras ao todo até agosto passado; a saber; cinco libras que vendeu para fora, mais seis libras que V. Excia. lhe pagou pela primeira vez e mais dez e meia, que também V. Excia. lhe pagou pela segunda, e tinha mais cinco libras quando estive com ele, as quais me disse que fazia tenção de apresentar a V. Excia.

O morador Francisco Muniz Braga tinha fabricado duas libras, Francisco das Chagas outras duas libras, José do Rego uma. De todo o aumento de então para cá constará a V. Excia. pela participação do rio Padauri. Mas o que há de fazer um lavrador destes em se-lhe cobrindo de anil todo o roçado que fizer? É sem dúvida que, para o aproveitar, se-lhe faz preciso trabalhá-lo em grande. Para isto não bastam quatro ou cinco panelas, que constituem o trem da fábrica de cada um. Eu, a nenhum sinto meios ou posses para a estabelecer como convém e tirar-se por uma vez da insignificância das amostras. Que por aqui já se faz bom anil, não o duvida V. Excia., mas que com brevidade se possa fazer muito e bom (a não mudarem de face os interesses dos lavradores), sinto-lhe sua dificuldade.

No estado em que param as cousas, o que se quiser distinguir em anil há de largar por mão toda outra cultura que sirva de distrair os seus poucos braços. Para o lavrador resolver-se a isto, necessita que se-lhe faça certa a paga do gênero que manufatura. Com toda a casta de gente se deve praticar a boa fé; porém muito mais particularmente com o pobre lavrador que deixará, talvez, de plantar a maniba do seu sustento, fiado no dinheiro que tirar no anil para o comprar. Bem certa fez a companhia no princípio a sua paga e com efeito bastantes amostras pagou; mas já para o fim não quis pagar as amostras que se-lhe ofereceram. Era preciso que tivesse uma cabeça de ferro quem se não escarmentasse disto.

A fazenda real, que no princípio é que devia reputar melhor as amostras manufaturadas, muito pelo contrário, rebaixando os preços, desanimou os progressos de um gênero que tanto custa a fabricar e tão pouco rende.

Concluo o artigo da agricultura de Thomar com outra pequena reflexão sobre o nenhum apreço que, na dita vila, se faz da piaçaba, que tem perto, nas terras da costa fronteira e dentro no rio Padauri, donde a pode tirar e propagar pela capitania. É este um artigo tão recomendável por si mesmo, para o bom êxito da navegação pelas cachoeiras deste rio, que até eu, que ainda agora a empreendi, conheço e afirmo que, ou se não deve dispensar, ou a dispensá-lo, o governo interino não se queixe depois dos naufrágios das canoas régias e, muito menos, as sobrecarregue aos cabos.

Este não é propriamente o lugar de eu insistir sobre a sua necessidade, porque sendo as cachoeiras muito superiores a esta vila, para então devo reservar o resultado das minhas observações; bastará por agora, que uma só cousa advirta, e é que, fiados no uambé e no timbó-titica, têm deixado os índios das povoações superiores, não digo já perder, mas internar-se pelo mato a piaçaba.

Em se internando igualmente o timbó, nem ele, nem piaçaba haverá, sem se internarem pelos rios dentro na distância de muitas léguas.

Ofereço a V. Excia. ultimamente o terceiro mapa que contém a relação das cabeças de gado vacum que até ao mês de agosto existiam na vila. Digo até ao mês de agosto, porque já na data desta fica transtornada a dita relação.

Quanto ao comércio, foram duas igarités grandes ao sertão, onde andaram quinze índios por espaço de cinco meses.

Antes lá não fossem, porque mais lucro teria havido da cultura do arroz e maniba; da reedificação das casas da povoação, da factura das canoas precisas, do trabalho da olaria e do serviço dos particulares; do que foi o de 14 arrobas de cacau e 12 arrobas e 2 arráteis<sup>25</sup> de salsa que trouxeram.

Tirem-se as despesas, sextas, quintas, comissão de trabalho e ver-se-á se há erro no que digo.

Quanto às manufaturas e além da olaria, ali não há tear, nem de pano nem de redes de algodão. A olaria é a única amostra de alguma indústria; trabalhavam nela bem poucas índias; faziam potes, bilhas, telhas e tijolos. Ficavam feitos para cima de 3.000 tijolos para a obra de Santa Ana desta vila. Havia feito o importe de 19.920.

Tenho impacientado a V. Excia. em dar-lhe a ler cousas que V. Excia. as<sup>26</sup> sabe. V. Excia. pode deixar de as ler, porque bem as sabe, eu não posso deixar de as escrever porque V. Excia me ordena que as escreva.

Passo à participação do lugar de Lamalonga.

Barcelos, 30 de janeiro de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira*



<sup>25</sup> “Arrátel” (Do árabe ar-ratl). Antiga unidade de peso correspondente a 429 gramas ou 16 onças.

<sup>26</sup> O pronome acusativo e pleonástico é absolutamente dispensável.

## OFÍCIO DO GOVERNADOR

*A*cabo de receber a segunda e sucessiva informação que com a data de 18 do mês próximo precedente, me continua Vossa Mercê da sua viagem e das individuais e circunstanciadas averiguações que fez na vila de Thomar; a qual sendo na verdade uma das maiores povoações, que em outro tempo se reconhecia neste rio, vejo da mesma informação, a que miserável estado se acha reduzida; mas que não sendo isto para mim novo, nem a consternação que se observa das outras semelhantes povoações de índios do Estado, não sei que se possa remediar nem esperar-se progresso algum nas referidas povoações, enquanto dos seus miseráveis habitantes se quiser mais do que eles podem de trabalho e do que, apesar da sua última ruína, não pode também o Estado, sem abundantemente ser fornecido da outra qualidade de operários escravos, que só fazem opulentos e felizes os moradores das mais capitánias do Brasil.

Isto, porém, está dito e muitas vezes representado ao ministério, a quem compete deliberar e facilitar os meios requeridos, se é que se quer contar com esta importante colônia. Eu conheço o zelo e judicioso modo por que Vossa Mercê discorre em tudo que possa ser vantajoso ao aumento da população, da agricultura e do comércio do Estado; e nesta certeza, com tanto maior gosto encaminharei as cópias destes acrescidos papéis à presença soberana de Sua Majestade para que eles ajudem os desejos que sempre teve de concorrer para a prosperidade destes vassalos e melhoramento das rendas reais.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, em 2 de outubro de 1785.

*João Pereira Caldas.*

Sr. Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.



Mapa

Da população dos moradores brancos, índios aldeados e dos pretos escravos da vila de Thomar. Do 1º de janeiro de 1786.

Extrato

Dos índios, dos moradores adjuntos e dos escravos	591
Dos índios	524
Dos moradores	63
Dos escravos	7
Dos fogos	54

Mapa

Da quantidade e qualidade dos gêneros cultivados e colhidos pelos moradores brancos e índios aldeados da vila de Thomar. Do 1º de setembro de 1785.

Extrato

Contém a relação nominal de 64 indivíduos e além destes:

Índios	Homens	23	68
	Mulheres	45	

Pretos	Homens	3	4
	Mulheres	1	

Havendo produzido:

Gêneros cultivados	Farinha	1811 alqueires.
	Café	40 libras.
	Anil	31 1/2 libras.

Gêneros do sertão	Cacau	14 arrobas.
	Salsa	14 a. e 2 lib.
	Puxiri	89 arrobas.



## Relação

Das cabeças de gado vacum existentes na vila de Thomar. Do 1º de setembro de 1785.

### Extratos

Vitelos	1
Garrotes	3
Touros	1
Vitelas	4
Vacas	38
Soma	47



## PARTICIPAÇÃO TERCEIRA: DE THOMAR A LAMALONGA

Deixei o porto da vila pelas oito horas da manhã do primeiro de setembro e, pelas onze arribei para o igarapé que termina a sua vargem, costa acima, para me abrigar da trovoada<sup>27</sup> que sobreveio. Ainda não eram duas horas da tarde quando surgi no porto do lugar. Chamou-se algum dia aldeia de Dari, porque assim se chamava o principal que a fundou. Deu motivo à nova fundação a desavença que teve com o seu irmão o principal Cabacabari. Desmembrou-se, por isso, da que então era aldeia de Bararoá, onde vivia incorporado com seu irmão e seguido dos índios do seu partido, subiu a fundar a sobredita aldeia de Dari, hoje lugar de Lamalonga. Nela teve princípio a sublevação dos índios que consta do citado *Diário* do Dr. ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, cuja repetição também consta das participações primeira e segunda da história desta viagem.

Entre a vila e o lugar não desemboca rio ou riacho algum notável pela margem austral. De uma se pode ir por terra à outra povoação, sem incômodo sensível no seu trânsito.

Está situado o lugar na latitude de 18° Sul, sobre uma barreira que conta duas braças de altura na sua maior elevação. Consta de areia e argila bastantemente coradas da ocre de ferro; predomina contudo a areia, com vantagem conhecida sobre a argila no porto da povoação. A areia de ferro, mais ou menos presente por esta costa, indica igualmente a presença deste metal, ainda que na sua forma metálica se deixe perceber nas pedras, além da crosta ocrácea que todas elas apresentam, contudo, não se percebem fragmentos visivelmente metalizados, sem que a ocre, ou amarela ou já ustulada, deixe de dominar na maior parte. Pouco acima do lugar, e por baixo dos estratos das sobreditas substâncias, aparecem outros de tabatinga, também com veios avermelhados. No cimo da barreira assenta um tabuleiro de terra: corre ao longo da costa e sobre ela estão situadas as casas da povoação. Só tem a rua da frente, porque, na que havia no fundo, apenas existem três casas, contadas as residências do Reverendo vigário e do diretor. São dezesseis as da frente. Também vão incluídas as duas únicas que pertencem aos dous moradores brancos. Na retaguarda da povoação estava sua campina interceptada por capoeiras de mato: constava de infinitas goiabeiras que ali nascem espontaneamente e, sem mais cultura ou amanho, vegetam e frutificam. Para a sobredita campina se não pode passar, desde o princípio até quase ao meio da povoação, sem se atravessar uma vala que o diretor atual fez abrir para facilitar a escoante das águas estagnadas.

Da situação do lugar, tanto se enamorou o Dr. ouvidor Ribeiro de Sampaio, pela extensão da sua planície para todos os lados, pelo pouco sensível da sua elevação e pela qualidade do terreno areento, que dela escreveu que “em todo o Rio Negro não a havia mais própria para o estabelecimento de uma grande povoação”. Com efeito, a terra é fértil quanto se pode desejar, porque, além de que o seu fundo consta das duas qualidades de terras, areenta e argilosa, as quais estão misturadas por um modo o mais favorável à vegetação, por outra parte, ainda mais a ajuda a outra mistura de terra humosa que é essa terra preta, por outro nome, terra de jardins, na qual se resolvem os vegetais mediante a putrefação, que procede das vicissitudes do calor e da umidade. Assim ela serve de entreter a fecundidade dos terrenos, enquanto não chega a depauperar-se dos óleos e dos sais fecundantes. Com ter tão belas qualidades para um vantajoso estabelecimento, carece de comodidade de um porto mais abrigado do que o que tem.

Quase no meio da rua da frente está situada a matriz, entre as residências do Reverendo vigário e do diretor. Algum tanto mais pequena é do que a de Thomar, porém mais bem conservada. Não é coberta de telha, porque, suposto que as paredes estão<sup>28</sup> rebocadas por dentro e por fora, alguns esteios, contudo, já se acham arruinados à superfície da terra; por esta razão, não podem sustentar o peso da telha.

<sup>27</sup> Trovoada = chuva forte.

<sup>28</sup> Indicativo pelo subjuntivo.

A não ser este o motivo de estar coberta de palha, parece-me que muito mais seguro, durável e até airoso ficava sendo o estar coberta de telha; não sendo para disfarçar-se por pretexto algum que esteja trabalhando a olaria da contígua vila de Thomar em potes e telhas para o serviço dos particulares e não para a cobertura de uma igreja matriz. Está pintada por dentro em forma de azulejo, sem tinta alguma de mais custo do que a do curi e tauá, o anil e a tabatinga.

Não tem mais que o altar-mor; o seu retábulo também é de muriti pintado; nele vi colocada a imagem de São José, que é o orago; aos lados do arco da capela-mor, em vez de altares laterais, estão pintadas duas tarjas, de cada lado a sua; cada uma delas tinha seu painel, enquanto não foi removido o diretor Francisco Xavier de Morais. Levou-os, porque eram seus, contente de deixar de esmola para a matriz a sobredita imagem de São José, que também era sua.

A porta da igreja não tinha fechadura. Consta do seu inventário que possui um cálice de prata, um par de galletas de estanho em bastante uso, doze castiçais do mesmo, entre grandes e pequenos, incluindo um quebrado, uma caixa de madeira, em que estão os vasos dos santos óleos, um turíbulo de latão, um vaso de estanho para o lavatório, uma lâmpada de latão bastante usada, duas campainhas boas e um sino. Alvas de bretanha eram duas, ambas sem renda, e ambas já definhadas; a de pano-rei era a mais nova e arrendada, e não havia mais que uma só sobrepeliz; toalhas para o altar e para a mesa da comunhão, contei dez, umas de pano de linho e outras de bretanha. O frontal de damasco branco com sebastos encarnados estava mais que usado, o encarnado pouco tinha servido, qualquer das três casulas, branca, encarnada e roxa, ficava bem conservada; igualmente a capa de asperges branca com sebastos encarnados, o véu de ombros branco, a umbela de damasco carmezim e a manga de cruz de damasco encarnado.

A casa da residência do Reverendo vigário consta de uma sala grande com dous camarins e uma dispensa; a sala também é pintada pelo mesmo gosto que a igreja, e não tem fechaduras nas portas; necessitava muito, quando residi nela, de ser coberta de novo, porque a cobertura de palha deixava passar livremente a chuva. Residência é esta que sempre está devoluta, porque o vigário de Thomar, que é o que percebe a cômputa e exercita o ofício pastoral, reside atualmente na vila e, se alguma vez pernoita no lugar, recolhe-se à residência do diretor. Esta difere da outra em ter três casas iguais, que é a sala do meio e mais duas casas laterais. Serve de armazém, porque não há outro na povoação; tudo o que nele vi não passava de seis espingardas velhas, quatro ferros de canoa já bem gastos do trabalho e três ixós.<sup>29</sup>

De todas as casas dos índios, sete somente são as que assim se podem chamar, tudo o mais está quase demolido; ainda de entre as sete, a melhor é a do índio Luís de Azevedo, oficial de ferreiro, sita na rua do fundo: eram quinze por todas. Das outras duas pertencentes aos dous únicos moradores brancos, a melhor é a de Silvestre José Cordovil, que bem pouca ou nenhuma assistência faz na povoação, a do outro morador Domingos Paes Nogueira já tem espeques. Nem há casa de canoas, nem mais do que uma igarité velha.

Antes de ser fundada a povoação pelo principal José João Dari, tanto ele como os índios do seu partido viviam aldeados na aldeia de Bararoá, enquanto não se separaram do principal Alexandre de Souza Cabacabari. A desavença que houve entre os dous irmãos deu motivo à separação que se seguiu. Fundada a nova aldeia de Dari, agregaram-se-lhe os índios da outra aldeia de Ananidá, situada então na margem austral deste rio, pouco superior à sobredita aldeia de Dari. Erigiu-a em lugar de Lamalonga o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando elevou as outras povoações.

Desta para cima, não consta que estendesse a sua visita algum dos três ouvidores que tem tido a capitania, desde o bacharel Lourenço Pereira da Costa, criado primeiro ouvidor dela por carta régia de 30 de junho de 1760,

<sup>29</sup> Acredito tratar-se de “enxós” e não de “ichós”, de ferramentas e não de armadilhas para pegar coelhos.

até ao doutor ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que o foi por decreto de 19 de setembro de 1772, com carta de 24 de março de 1773 para servir de intendente da agricultura, comércio, manufaturas etc. E ele assim o escreveu no seu *Diário*:

Este é o termo, onde têm chegado os meus antecessores em correição, do qual eu voluntariamente transgrediria, passando a visitar os estabelecimentos superiores, se a enchente do rio me não embaraçasse inteiramente.

Entendia bem este ministro a necessidade que havia de serem visitadas as povoações e corrigidos os seus diretores; por isso sentia a dificuldade que lhe objetava a enchente.

Protesto que o que vou a dizer é dito em geral. A minha intenção não é ferir alguém em particular. O diretor que é bom nos costumes, talvez não é o melhor na inteligência e no manejo dos interesses da povoação. O que tem a esperteza de os manejar com vantagem, talvez não é o mais sisudo e composto nos costumes. Os poucos que há, nos quais concorrem ambas as circunstâncias de inteligência e probidade, sim sabem o como e o quando os devem promover; porém, toda a sua sabedoria não passa além de alguns bons desejos que, comumente, expiram garrotados às mãos do receio e da desconfiança. Eu sim plantara (é o que diz cada um) um bom cafezal para a povoação; eu disporia o cacoad, o arrozal e os mais gêneros recomendados. Mas de que me serve trabalhar com preferência, se, na ocasião de receber o fruto do meu trabalho, que são as sextas partes consignadas no *Diretório*,<sup>30</sup> hei de ser rendido pelo bem informado, que vem desfrutar o meu trabalho?

E toma, com efeito, posse o bem informado. Talvez nunca ele viu a maniba, o café e o cacau; enquanto aprende, à custa da povoação, o que são estes gêneros, quando se plantam e como se cultivam, passam-se três e quatro anos. Ei-lo que estava nos termos de a dirigir, pela demora dos quatro anos que gastou em aprender a servi-la bem à custa dela, ei-lo rendido por outro, tão ignorante como ele era no princípio. Assim caem as povoações e recaem de infância em infância dos diretores, quando para seu maior mal não mudam de umas para outras mãos absolutas, e tão absolutas que nas suas vilas e lugares, ou antes ducados, marquesados e condados livres dos diretores, os índios sofrem atados à fiel coluna do seu sofrimento.

E, voltando à povoação de que trato, ao que posso alcançar dos seus livros dos registros, não dou fé de mais do que sete diretores, desde Custódio Máximo, que a dirigiu duas vezes, até Antônio Rodrigues Colombo,<sup>31</sup> que é o diretor atual. Conta, sobre a sua palavra, 51 anos de idade; parece-me que se contenta com a mediocridade das cousas; ama o seu sossego ou, pelo menos, eu não sei informar de mais do que vi, que foi a tal vala, que abriu na retaguarda da povoação. Também não sei que passem de cinco os vigários que, privativamente, o têm sido do lugar. Conto este número desde Frei Francisco de Nazaré até Frei Domingos do Rosário, ambos religiosos carmelitas.

A população desta vila, verá Vossa Excelência, pelo mapa respectivo, que está tão diminuta como a das outras povoações. Moradores brancos, já escrevi que são dous; de janeiro a janeiro faleceu um só índio; retirados são oito. A respeito deles, sempre advirto em geral que, na sua classe, costumam alguns diretores incluir muitos índios, que eles mesmos intretêm furtivamente nas suas negociações secretas.

Quanto à agricultura, nenhuma novidade há que participar; se a há, consiste em que tanto mais se deve sentir a sua decadência quanto mais próprias são as terras para as produções do país. O morador Domingos Paes Nogueira tinha um sofrível cafezal; o outro morador Silvestre José Cordovil diz que é negociante. Os índios que podem

<sup>30</sup> Trata-se do *Diretório dos Índios*, documento com o qual o Marquês de Pombal regulamentou a administração da população indígena brasileira através de seus diretores. Esse documento tem sido bastante estudado ultimamente, inclusive em teses de doutoramento.

<sup>31</sup> Na cópia editada está Calombro, e não Colombo. Qual é o correto?

cultivam a maniba e alguns pés de café; o milho, o feijão e outros legumes, se os há, são meras curiosidades dos moradores. Isto é o que constará do mapa da sua colheita. Torno a insistir sobre o desprezo da piaçaba, e a Vossa Excelência recomendo a propagação desta palmeira.

Tanto não houve comércio algum neste ano que mandou o diretor fazer uma igarité de trinta palmos, a qual vendeu por 3\$200 réis, para com este importe comprar um cubo de hóstias e um frasco de vinho para o guisamento do altar e mais duas libras de cera. Deste diretor nada sei a tal respeito; sei, porém, em geral, que quanto mais perdem as povoações nos anos críticos, ou pela falta de gente, ou pela vicissitude da estação, tanto mais ganham os diretores delas. Sei que não poucas vezes sucede não ter feito a povoação uma arroba de salsa, ou de peixe seco, e pararem não poucas arrobas de um e outro gênero nas mãos dos tais diretores. Sei que em muitas partes se vendem botes, igarités etc., por conta deles, e que, perguntados por que não têm prontos os botes de ordens e mais canoas de serviço, respondem que por não terem gente para as fazerem.

Quanto às manufaturas, não passam de algumas panelas feitas à mão, porque não há olaria; alguns balaios ou cestos de palhinha e alguma índia mais curiosa faz a sua rede. Segue-se informar dos roçados, que já tinha feito Agostinho de Chaves, morador da vila de Thomar, situado no rio Padauri, onde tratava de plantar e cultivar o anil, na conformidade das recomendações que Vossa Excelência lhe fez por obras e por palavras.

Executando à risca o que Vossa Excelência me recomendou de viva voz, que os visitasse, saí do porto de Lamalonga em montaria equipada, pelas sete horas da manhã de 2 de setembro e, feitas oito travessias de ilha em ilha, pelas onze da mesma entrei na boca do sobredito Padauri. Demorar-me-ia cousa de hora e meia, enquanto jantavam os índios e, seguindo viagem a toda a força de remos, consegui aportar na referida roça pelas quatro horas da tarde. Vi, desde a entrada dela, pequenos tabuleiros de terra cobertos de pés de anil bem viçoso e que já então montavam a altura de quatro palmos. No mesmo sítio, e defronte da palhoça que lhe servia de casa, estava disposto outro grande tabuleiro do comprimento de 37 braças sobre a largura de 30. Disse-me que o tinha roçado e preparado para nele dispor a semente, em refrescando mais o tempo. O maior roçado que ele tinha feito e plantado em outro lugar pouco superior ao primeiro, tinha quase as 100 braças de comprido sobre 94 de largo. Por todo ele sim estava nascido o anil e subia à altura de três para quatro palmos, mas, vendo-o raro, perguntei-lhe a razão disso. Respondeu-me a propósito, que tinha deposto a semente sobre a terra, acabada simplesmente de roçar, sem ter sido movida quanto precisava para com ela se incorporar com igualdade a cinza da queimada, e por debaixo dela ficar ligeiramente abrigada a semente.

A vista do exposto, discorri que fazia muito ao caso o louvá-lo eu da parte de Vossa Excelência, para lhe servir este louvor de uma honra, como disposição preparatória para a recepção das advertências e instruções que julguei necessário deixar-lhe. Adverti-lhe primeiramente que o que Vossa Excelência queria não eram amostras de anil, mas tanta quantidade dele quanta fosse capaz de fazer artigo de comércio, em benefício da pobreza dele e da dos outros lavradores. Que todavia não ficasse entendendo que só devia aplicar os seus esforços em amontoar umas sobre outras quantidades, com absoluto abandono da qualidade, porque muito pelo contrário, era da intenção de Vossa Excelência preferir sempre o mais bem fabricado, ainda que fosse menos, ao mal fabricado, ainda que fosse mais.

Que, visto que na sua roça se conservavam bastantes pés de anil inculto, não os banisse por ora, enquanto lhe não nascesse e se propagasse todo quanto havia plantado; porque, ainda que necessariamente fabricaria dele pouco boas amostras, como elas poderiam ter uso nas borraduras, fossem ou não reputadas pelo mais baixo preço, sempre era regra aceitável na economia rústica aproveitar o possível. Passei depois a recomendar-lhe:

1º) Que no desígnio de cultivar boa planta para o diante e dela manufaturar o melhor anil que lhe fosse possível, cuidasse de recolher as sementes do que havia plantado, quando estivessem maduras, não perdendo tempo em destinar desde já um dos canteiros plantados para servir de viveiro, onde se conservassem tantos pés quantos fossem bastantes

para darem a semente precisa em relação ao trabalho e ao terreno, descascando-as das suas bagens, dentro de um pilão, sem diferença no método pelo qual se descasca o arroz em pequenas máquinas; arejando-as depois de secas e conservando-as ilesas, até ser tempo de as dispor.

2º) Que para as dispor, lançasse mão das terras mais fecundas, depois de as haver preparado em estação fresca para saciarem a sede com os orvalhos da atmosfera que pudessem absorver, desarraigando do fundo do terreno as raízes entrelaçadas e mobilizando-o o mais a que chegasse a força dos seus braços para evadir o defeito que acabava de experimentar de lhe não ter nascido toda a semente disposta, porque, tendo sido lançada como ele a lançou sobre a terra dura e compacta, e que mais compacta e endurecida acabava de ficar pelo calor da queimada, parte foi varrida pelo vento e pela chuva que também dissipou muita porção das cinzas, parte morreu do calor que o fogo tinha excitado por demasia na superfície da terra e o sol continuara a excitar, estando a semente descoberta; e a que nasceu e nascia era a que havia sido disposta com os defeitos ponderados. Que também a não dispusesse nem muito basta, porque uns pés sufocariam os outros, nem muito rara, porque se fariam lignosos.<sup>32</sup>

3º) Que no caso de sobrevirem grandes secas, tomasse o expediente de a regar, a lhe ser possível, pela muita falta de sofrimento com que esta planta suspira por ser umectada quando a seca a persegue e, por outra razão diametralmente oposta, se a terra fosse alagadiça, seria preciso prevenir o estagnarem-se as águas, extraviando-as do lugar da sementeira, em ordem a se não achacar a planta de podridão, cujos sintomas se anunciavam pela palidez das folhas, prognóstico certo da sua morte, logo que a podridão se apoderasse das raízes.

4º) Que, para o corte da planta, esperasse o tempo da sua madureza, cortando-lhe então particularmente os pimpolhos e ramos mais delicados, com exclusão dos lignosos, e que esta operação a fizesse logo de manhã, para com todo o seu vigor ser infundida de molho no primeiro tanque em que devia fermentar.

5º) Que, assim infundida em suficiente quantidade d'água, a cobrisse, sem ficar a planta comprimida, mas levemente mergulhada debaixo d'água, mediante um peso moderado de alguns toros de pau, na dita água a devia conservar, não pelo tempo que fixam as receitas formuladas em bem diversos climas, mas pelo que ele experimentasse que era preciso para, no tanque de apodrecer, mostrar uma tintura carregada, de onde a devia deixar passar por sua torneira para o segundo tanque inferior, chamado de bater, porque nele se fazia esta segunda operação, até ficar a tintura azulada naquele ponto, que era mais fácil experimentar do que explicar.

6º) Que nos termos de se ter precipitado a fécula ou tapioca, a seu modo de falar, pela torneira superior do segundo tanque fizesse sair a água para sair a fécula pela segunda, cuja saída total se facilitaria muito, se o fundo do tanque fosse proporcionalmente declive; renunciando de boa vontade e sobre as palavras dos físicos a todas as ilusões, em que cria, de lhe adicionar a ourina, o ácido do limão etc., porque de assim o ter feito, ainda não tinha tirado mais do que decisivos desenganos da sua vã credulidade.

7º) Que a fécula, recebida em vasos suficientes, devia ser passada para uns sacos de figura cônica, onde escorresse a água supérflua, para se enxugarem depois as porções de cada saco.

8º) Que por nenhum modo as secasse ao sol porque, suposto que se enxugavam mais depressa, sempre a cor padecia tal e qual alteração, e a massa esgretava muito, perdendo-se de cada vez que esgretava, suas parcelas, que, ainda que mínimas em cada porção e de cada vez somadas, depois vinham a mostrar diferença sensível no peso, e que o proveito desta diferença bastava para compensar a demora de mais algum tempo que gastasse em a secar à sombra, em tendais cobertos de palha e armados em lugares ventilados.

9º) E ultimamente que, com seu exemplo e trabalho, aliciasse os outros moradores, para todos se interessarem na cultura e manufatura deste gênero, comunicando-se reciprocamente a história das suas observações, para assim

<sup>32</sup> O autor influenciado pelas leituras latinas, poderia ter usado a palavra “lenhosos”, mais vernácula.



merecerem o agrado e a proteção de V. Excia., que a todos havia de ajudar à proporção do trabalho de cada um e no que coubesse na possibilidade do tempo e do país. Visto que em V. Excia. acabavam de reconhecer as bem raras qualidades de padroeiro das artes e manufaturas do estado, fidalgo sem pontinhos, governador sem privança, e general sem despotismo.

O que fica exposto, é o que julguei necessário recomendar-lhe a respeito do anil. Muitas outras recomendações seria preciso fazer-lhe, se não fosse prudência minha facilitar no princípio trabalhos grandes, para os não sufocar no berço. Pelo contrário, tratando muito de propósito de imitar a V. Excia. em aproveitar o préstimo dos homens, disse-lhe que, ao diretor da vila de Thomar entregaria, da parte de V. Excia., meio alqueire de semente de linho cânhamo, para lhe ser enviado na esperança de que empregaria o trabalho possível por plantá-lo e cultivá-lo na conformidade das minhas instruções, ficando responsável a V. Excia. pelo sucesso da plantação. Consta o que digo do recibo apenso, para não deixar a menor dúvida sobre a infalibilidade do que escrevo, e informo.

Barcelos, 5 de fevereiro de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira*



Recebi do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado na expedição filosófica do Estado do Grão-Pará, meio alqueire de semente de linho cânhamo, para o entregar a Agostinho de Chaves, morador da vila de Thomar, donde sou diretor, ao qual o sobredito Dr. naturalista recomendou que o plantasse e cultivasse quando visitou os roçados de anil, que ele tem no rio Padauiri. Encarregando-me de eu fazer também as minhas recomendações ao mesmo morador, para ele se interessar na cultura deste gênero e de dar parte do sucesso que tiver a plantação ao Ilmo e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, general encarregado da execução do tratado de limites e demarcação dos reais domínios.

Lamalonga, 4 de setembro de 1786.

João Gomes de Andrade, diretor da vila de Thomar.

Primeiro Mapa  
da População dos Moradores Brancos, Índios Aldeados e dos Pretos Escravos,  
do Lugar de Lamalonga, do 1º de janeiro de 1786.

Extrato

Dos índios, dos moradores adjuntos e dos escravos	203
Dos índios	196
Dos moradores adjuntos	7
Dos escravos	8
Dos fogos	21

Segundo Mapa  
da Quantidade e Qualidade de Gêneros Cultivados e Colhidos pelos Moradores Brancos e Índios,  
Aldeados do Lugar de Lamalonga, de 5 de setembro de 1785.

Extrato

Segue-se uma relação nominal de 27 indivíduos, os quais produziram:

Farinha	100 alqueires
---------	---------------

Relação  
das Cabeças de Gado Vacum, Existentes no Lugar de Lamalonga, de 5 de setembro de 1785.

Extrato

Vitelos	1
Touros	1
Vitelas	4
Novilhas	3
Vacas	10
Soma total	19

## PARTICIPAÇÃO QUARTA: DE LAMALONGA A SANTA ISABEL

Saí do lugar de Lamalonga pelas seis horas da manhã de 5 de setembro e só um quarto faltava para as nove da mesma, quando passei pela roça que acima dele e na mesma margem estabeleceu o capitão Paulino da Silva Rego, morador da vila de Thomar.

Chama-se a dita roça o sítio do Xibaru, por ter sido situada na foz do riacho deste nome.

Tem boas casas e mais um cafezal que o sobredito morador deu em dote a uma filha sua, a qual enviuvou há pouco, na fortaleza da barra deste rio. Está largada por mão, depois que a formiga tomou posse dela.

Não vi outra alguma pertencente a morador branco, nem antes nem depois de atravessar para a margem setentrional.

Semelhantemente até então não dei fé de outros riachos mais do que o citado Xibaru e o chamado Mabaá. De um e outro fazem menção os roteiros da margem austral deste rio.

Seguiu-se na do norte o outro riacho Hoisaá, em que (escrevem os diaristas do meu conhecimento) algum dia houveram três grandes aldeias e, entre elas, a do mais valente e poderoso principal que os manaos amaram e temeram.

Também não deixarei de repetir a história de seus graves cometimentos, enquanto ela interessa ao conhecimento filosófico e político dos estabelecimentos portugueses nesta capitania.

Governava o Estado o Exmo. Sr. João da Maia da Gama, quando lhe foram presentes as calamidades que padeciam estes povos, em consequência das violências que lhe fazia o principal Ajuricabá. Era manao de nação (escreveu o Dr. Ribeiro de Sampaio) e um dos mais poderosos principais dela.

Da aliança que tinha contraído com os holandeses da Guiana, cuja bandeira arvorara nas popas de suas canoas, era forçado efeito da negociação dos índios que cativava. O seu poder e despotismo lhe franqueava o passo por todo o Rio Negro. Para o atalhar, cometeu o sobredito general a Belchior Mendes um troço de infantaria, ordenando-lhe que guarnecesse com ele as povoações invadidas. Também delegou nele os seus poderes o Dr. ouvidor geral do Estado José Borges Valério, para legalmente devassar das violências representadas.

Com a chegada de Belchior Mendes, informaram-no os queixosos de que pouco antes tinha o Ajuricabá invadido a aldeia do Aracari, hoje lugar do Carvoeiro, e nela cativado a muitos índios. Seguiu-o pelo espaço de três dias e, no fim deles, o encontrou, comandando uma esquadra de 25 canoas. Não teve por então com ele outro procedimento mais do que repreendê-lo severamente, na conformidade das ordens que recebera.

Concluída a devassa, remeteu-a ao seu general, e este a pôs na presença de Sua Majestade, instruindo-a por outra parte com a participação das violências que haviam praticado os principais Debari e Bejari, os quais haviam morto o nosso muito afeiçoado principal Carunamá.

Resolveu Sua Majestade que a uns e outros se declarasse a guerra. O capitão João Paes do Amaral foi nomeado pelo Excelentíssimo general comandante de um corpo de tropa, com ordem de se incorporar com Belchior Mendes.

Seguiu-se da harmonia que houve entre os dous cabos, não só a prisão de Ajuricabá, mas também a apreensão de dous mil índios. Ainda depois de preso, teve Ajuricabá a animosidade de seduzir os outros prisioneiros que o acompanhavam na canoa do seu transporte e de excitar com eles uma sedição tal que foi obra da fortuna o sossegar-lá. Desenganado afinal que ia a ter no patíbulo o fim que mereciam as suas desordens, preferiu antes morrer afogado no rio, onde se lançou assim mesmo preso como estava, do que ser morto a sangue frio no cadafalso que se-lhe preparava.

Eis aqui resumida a história da vida e da morte de um índio que a natureza assim havia disposto para um herói do seu tempo e do seu país, mas que destas suas disposições naturais não soube usar de outro modo com relação aos nossos costumes, senão merecendo a morte que por suas próprias mãos se adiantou.

Principiei a atravessar para a margem setentrional pelas sete horas da manhã do dia 7 e, tendo-o consumido quase inteiro em travessias de ilha em ilha, pelas cinco da tarde entrei a costear a terra firme da outra banda. Já desde então se deixaram ir vendo, pela margem do rio, suas diversas pedreiras, de que recolhi as amostras que remeto para o real gabinete. São de uma espécie de saxo sabuloso, micáceo e quartroso no sistema de Lineu. Também observei algumas perneiras de baunilha vaga abraçadas com os troncos das árvores.

Pelas dez horas da manhã de 8, passei pela boca do rio Daraá, que tem uma grande cachoeira, na distância de uma hora de viagem por ele acima. Pela tarde do mesmo dia dei fé da Tapera, que é hoje, e algum dia foi a povoação de Santa Isabel, situada então na margem austral. Desta é que dão notícia tanto o citado *Diário* do Doutor ouvidor Ribeiro de Sampaio, como o *Roteiro da viagem para a capitania de São José do Rio Negro*, que escreveu o Reverendo vigário geral José Monteiro de Noronha. Donde se segue que ainda então até aquele tempo se não tinha mudado para a margem setentrional a povoação de que falo. Cheguei a ela pelas onze horas da manhã do dia 9, depois de completos quatro dias e meio de viagem.

Ao dobrar de uma ponta de pedra para dentro de uma pequena ressaca que ali faz a costa, está montada a povoação sobre um declive pouco sensível, servindo-lhe de ossada a mesma pedreira. Parece que está fundada sobre alguma abóbada da referida pedra, pela fidelidade com que restitui o som da pancada, quando a batem. Basta o primeiro golpe de vista para julgar da infância desta povoação, ou antes roça de el-rei, a falar com toda a propriedade. Duas casas somente são as que sobressaem a todas as outras; e vêm a ser a que de novo erigiu o diretor no princípio da povoação, que também se prolonga com a costa, e a da residência do mesmo. A primeira, que é sem dúvida a melhor, por ser nova e de meio sobrado, é, contudo, assoalhada de juçara, esteirado o assoalho de tabocas abertas a machado. Quanto às paredes, são de frontal, por dentro e por fora caiadas de tabatinga; a cobertura é de palha; as portas são de madeira; e os baixos da casa vão se dispondo para armazém.

A da residência do diretor o melhor que tinha era uma varanda com sua balaustrada de madeira; tudo o mais para dentro eram camarins térreos, baixos e soturnos, igualmente cobertos de palha. Defronte dela está arvorada uma cruz, e a terra adjacente é o cemitério da povoação, porque não há igreja. Menos tem havido armazém régio ou dos índios. Em um dos seus camarins, tem o diretor arrecadados dous machados e alguns pedaços de outros, dous ferros de cova, quatro enxadas, duas foices<sup>33</sup> já quebradas, uma verruma de caverna, outra dita pequena, um eixo de fuzil, uma goiva, um ferro de canoa e duas armas de fogo, incluída uma já incapaz de servir. Também não há casa de canoas para o único bote de sete remos por banda e mais algumas igarités empregadas no serviço do pescueiro.

Quando estive na povoação, vi que tinha capinado a rua da frente. Só haviam<sup>34</sup> nelas oito casas de índios, porque a nona não tinha mais que os esteios levantados. Das sobreditas oito casas, não passavam de duas as que estavam em pé, que era a do principal, no princípio da rua da frente, e a de seu irmão, que era a última. Todas as mais, para não virem à terra, estavam sustentadas a espeques. As paredes, parte demolidas e parte reparadas com esteiras de taboca, não entijucadas.

No mesmo estado ficavam as quatro primeiras da outra rua do fundo. Seguia-se um grande tijupá pertencente ao gentio. Continuava outra, cujas paredes eram de esteira simplesmente. Agora, quando voltei à povoação no dia 11 de dezembro, achei a novidade de já terem caído tanto o tijupá do gentio como uma das casas dos índios, e ter pegado fogo em outras duas que se queimaram de todo.

Do lugar onde está situada a povoação, na costa setentrional, até ao em que estive, rio abaixo, na costa meridional, são três horas de viagem. Chamava-se Vajauari o que hoje é uma tapera e ficava-lhe pouco

<sup>33</sup> É a primeira vez que a palavra “foice” é escrita com “i”.

<sup>34</sup> Flexiona-se o verbo “haver” no sentido de “existir”.

superior na mesma margem o rio Urubaxi. Mudou-se daquele para este sítio (dizem os índios desse tempo) que pelas razões das suas terras serem estéreis para a maniba e, ao mesmo tempo, infestadas da formiga e do gentio mura.

Governava a capitania o Senhor Joaquim Tinoco Valente e era diretor da povoação Matias da Costa, quando se-lhe ordenou a mudança. Intimou-lhe a ordem José Antônio da Cunha, fiel que é hoje do armazém da demarcação, a qual lhe passou o sobredito governador, em carta de 14 de fevereiro de 1774, que foi a mesma em que a ele José Antônio da Cunha nomeou diretor da povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi; e no segundo parágrafo lhe escreveu assim:

Constando-me ser imprópria a situação em que se formou a nova povoação de Santa Isabel e que, defronte se acha território com bela capacidade, não só para a situação daquele lugar, mas também muito útil para a cultura dos habitantes dele, passo a ordenar-lhe que, logo que Vossa Mercê chegar ao dito lugar, examinando o dito território e achando-o conforme, disponha como diretor dele a dita mudança, para cujo fim capacitará os principais e mais índios para a extração das madeiras e mais materiais, assinando-lhes tempo proporcionado, de sorte que, quando houver de dar-se princípio, esteja tudo pronto, para Vossa Mercê vir delinear a formalidade do estabelecimento e dar-lhe princípio, que espero que seja de perspectiva agradável, diligência que fio de seu zelo e atividade. Ao respectivo diretor e ao morador Francisco de Torres recomendará Vossa Mercê, da minha parte, a aplicação da prontificação das madeiras e o mais, para que se efetue esta minha determinação; porém sempre com a brandura que pedir a boa conservação daqueles miseráveis índios.

Donde é de crer que, no referido ano de 1774, se-lhe daria princípio. Chamava-se Uatauari o novo sítio, para onde se mudou o qual, suposto que terras férteis, não deixa de ser infestado do pium e das mutucas pela vazante do rio.

Era imediatamente sujeita ao governo da capitania, antes de subir a comandar a parte superior deste rio o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada. Com a sua subida, lhe ficaram subordinadas tanto esta como as outras povoações que se seguem rio acima. Até ao presente, não tem tido vigário privativamente seu; pertence ao da vila de Thomar batizar, desobrigar, casar e, quando pode ser ou quando chega a tempo de ainda estarem vivos os moribundos, sacramentá-los etc. Conta dez diretores desde Antônio Coelho até ao diretor atual Francisco Xavier Liz, incluídos neste número os que a dirigiram quando estava situada na margem austral. Há quatro para cinco anos que o diretor atual a dirige; tem 55 anos de idade; do zelo que emprega no serviço dela e da execução que dá às ordens que lhe são distribuídas, pode Vossa Excelência julgar pelo que passo a informar no artigo da agricultura. Diz que nem tem livros de registro, nem do comércio, porque não se-lhe entregou algum de que passasse recibo, nem se-lhe entrega papel para outros. Vi, contudo, que nas suas mãos parava uma pequena coleção de cartas do governo, portarias etc.

O mapa apenso da população atual claramente indica que também esta é achacada da mesma fraqueza que padecem as outras povoações, ainda que umas com melhores e outras com piores sintomas. Os índios que as povoam são: uaupés, juris, passés, uerequenas, baniuas e um ou outro é baiana, maquiritari e macu.

Não tem deixado, portanto, de ter os seus descimentos. Em 1781, fez o principal Francisco Xavier o descimento de 40 índios da nação juri. Eram 14 homens, 15 mulheres e 11 menores entre machos e fêmeas. Dos 14 homens, já se ausentaram 8.

E no de 1783, fez o principal Silvestre José outro descimento de 16 pessoas que também eram juris; a saber: 9 homens, 4 mulheres e 3 rapazes. Dos homens, ausentaram-se 3 e faleceu 1; e das mulheres, ausentou-se 1 e faleceram 2. No mesmo ano, tornou a subir o principal Francisco Xavier e teve a fortuna de descer 27 índios passés: eram

8 homens, 9 mulheres e 9 menores de um e outro sexo.<sup>35</sup> Dos homens, ausentou-se 1 e faleceram 3, das mulheres também se ausentou 1 e faleceram 2. No ano passado de 1785, subiu o principal Calisto José e desceu 11 índios e 1 índia uaupés e outra macu. Pouco depois do mês de março do mesmo ano, desceu o índio Manoel Maurício 2 índias e 1 índio menor. Esta deserção que fazem os índios descidos sucede e sucederá sempre, enquanto se não trocarem os descimentos das capitanias. Assentemos que, se os pretos não fogem para África, donde vêm, não é por falta de vontade, mas pela de meios para atravessarem tantos e tão distantes mares.

Para desgostar-se um índio destes, qualquer coisa basta e sobeja. Basta que o diretor o advirta que trate de fazer sua casa onde more; basta que o vigário o admoeste da obrigação que tem de aprender a doutrina para se batizar e basta, enfim, que lá de si para si chegue a desconfiar de uma ação ou de um dito que ele não entende; ao que tudo acresce que, se chega a ver que adocece ou morre algum dos companheiros, desconfia então do lugar da povoação, desconfia da qualidade do sustento, desconfia dos remédios que lhe fazem e dos que os fazem e, como está posto na povoação, situada na boca do rio donde desceu, sobe a dissuadir os outros que ficaram. Em termos semelhantes, está mostrando a experiência que, nem com tê-los mui mimosos e, ainda mais guardados do que bichos de seda, nem por isso mudam de conduta. Quanto a mim, são galos do campo, que por mais milho que se-lhes deite, com dificuldade se habituam às capoeiras.

A agricultura, por conseguinte, não deve ser mais distinta nesta do que nas outras povoações. Se a maniba não fosse o seu pão, nem esta plantariam. O índio que tem lembrança de plantar alguns pés de algodão contenta-se de recolher tanto quanto chegue para sua marca. Os que pensam a nosso jeito e são por isso capazes de maior esforço para adquirirem, não param nas povoações; porque, ainda que se restringe<sup>36</sup> até ao espaço de seis meses o tempo de serviço a que obrigam as portarias, na inteligência de ficarem livres os outros seis meses para trabalharem nas suas roças, liberdade é esta que jamais conseguem pelo ordinário; porque, pedindo-se incessantemente os índios para as diferentes expedições que se empreendem, apenas descansam oito e nove dias, se é que descansam tanto, são de novo reconduzidos para o serviço por outros seis meses, sem lhes ficar tempo que empreguem na economia rústica e doméstica, como devem, de obrigações às suas famílias. E se os índios por este modo não tratam das roças do comum, nem das suas roças particulares, de que serve a ordem do § 6 da carta circular de 3 de outubro de 1769, em que ordena o Exmo. Sr. Fernando da Costa de Ataíde [e] Teive que a roça do comum nunca tenha menos de 200 braças em quadro? De que servem as ordens das cartas circulares de 15 de setembro de 1773, de 23 de outubro de 1774, de 14 de outubro de 1775 e as instruções que regulam as sementeiras com as datas de 23 de outubro de 1774 e de 28 de junho de 1776?

Eis aqui umas providências cotidianamente frustradas, porque não havendo índios que trabalhem, não há que esperar delas<sup>37</sup> progresso nas lavouras.

Ora, se algum diretor há que tire índio para o seu serviço ou de algum particular sem a portaria devida, assim como se algum habitante desta capitania retém nos serviços de sua casas, roças e comércios os índios que lhe não foram concedidos na mesma formalidade, é sem dúvida que os primeiros se esquecem das penas cominadas no £ 20 da carta circular de 3 de outubro de 1769, que vem a ser do perdimento do sexto e 2 meses de cadeia, e os segundos da cominação do bando de 2 de fevereiro de 1754, mandado lançar na capital pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que vem a ser de pagar, além da soldada de 2\$000 réis por mês, a metade para o mesmo índio e a outra para os cativos, na forma do regimento das missões, e mais 3\$000 para as obras de um hospital para os índios.

<sup>35</sup> Aqui há algum erro, pois  $8 + 9 + 9 = 26$  (e não 27).

<sup>36</sup> Indicativo pelo subjuntivo.

<sup>37</sup> Não é “deles”, dos índios, que se deve esperar o progresso?

Tal era a pena em que ficavam incursos, enquanto se não publicaram os 95 parágrafos do regimento publicado neste Estado em 3 de maio de 1757, com o título de *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário*, confirmado depois pelo alvará de confirmação de 17 de agosto de 1758.<sup>38</sup>

No § 67 do citado *Diretório*, ordena Sua Majestade ao diretor e principais que:

Não apliquem índio algum ao serviço particular dos moradores para fora das povoações, sem que estes lhes apresentem licença do governador do Estado por escrito, nem consentam que os ditos moradores retenham em casa os referidos índios além do tempo por que lhe forem concedidos, o qual se declarará nas mesmas licenças e também nos recibos que os moradores devem passar aos principais quando lhes entregarem os índios.

E como a escandalosa negligência que tem havido na observância desta lei, que se declara no § 5 do *Regimento das missões*, tem sido a origem de se acharem quase desertas as povoações, serão obrigados os diretores e principais a remeter todos os anos ao governador do Estado uma lista dos transgressores, para se proceder contra eles, impondo-lhes as penas que determina a sobredita lei no referido parágrafo.

E, suplicando eu a V. Excia. que fosse servido explicar-me a sanção penal estabelecida contra os transgressores no acusado § 5 do *Regimento das missões*, que até o presente não pude haver às mãos, dignou-se V. Excia. mandar transcrevê-lo, e é do teor seguinte:

Nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja poderá ir às aldeias tirar índios para seu serviço ou para outro algum efeito, sem licença das pessoas que lha podem dar, na forma das minhas leis, nem os poderão deixar ficar nas suas casas depois de passar o tempo em que lhes foram concedidos; e os que o contrário fizerem, incorrerão pela primeira vez, na pena de dous meses de prisão e de 20\$ réis para as despesas das missões e, pela segunda, terão a mesma pena em dobro e, pela terceira, serão degradados cinco anos para Angola, também sem apelação.

Sem embargo de ser esta a lei que obriga e de sobre ela nenhum bando dever prevalecer, foi tanto o horror que a este crime concebeu o Exmo. Sr. Fernando da Costa de Ataíde [e] Teive que, confirmando e ampliando o primeiro pelo segundo bando de 3 de maio de 1764, como se tal lei nunca tivera existido, ordenou que –

todo o que fosse compreendido no abominável crime de consentir no seu serviço índios de um ou de outro sexo, sem os justos títulos que prescrevem as leis e ordens de Sua Majestade (além das penas impostas no dito bando de 2 de fevereiro de 1754), fosse condenado em mais um mês de prisão e 5\$000 réis havidos sumariamente por cada índio, para o denunciante.

Com o mesmo horror, mas por diferente método, corrigiu Vossa Excelência este crime, ordenando no bando de 23 de maio de 1773, que pois lhe era presente o prejuízo grave ao serviço de Deus e de Sua Majestade, de internarem-se pelo mato e formarem neles mocambos os índios estabelecidos e moradores das povoações... assim como o de abandonarem as suas casas e famílias nas povoações por outra causa, que lhes era ao princípio

<sup>38</sup> Vide tese de doutorado de Emmanuel Macedo Tavares e o livro de Rita Heloisa de Almeida sobre este diretório.

involuntária e lícita, onde se incluíam aqueles que, sendo dados por portarias aos moradores por algum tempo, para os ajudarem nas suas culturas e lavouras, ficavam eternizados no seu serviço. Para atalhar tão grave prejuízo, ordenava que, dentro do tempo de dous meses, se recolhessem às suas povoações os índios que andassem ausentes delas, por malícia e vontade sua, sob pena de serem presos em calcetas por tempo de três meses, servindo nas fortificações da capitania, incorrendo igualmente nas penas do § 5 do antigo *Regimento das missões*, mandado observar na lei do *Diretório*, todas as pessoas, sem exceção de qualidade, que retivessem em seus sítios, casas e serviços, índios alguns.

No § 4 da carta circular e recordatória que escreveu o Ilmo. e Exmo. Sr. José de Nápoles Telo de Menezes, em 9 de junho de 1780, além de confirmar os bandos de 2 de fevereiro de 1754 e o de 3 de maio de 1764, deixando em silêncio o citado § 67 do *Diretório*, que é por onde se deve sentenciar a dita transgressão, recomenda as ordens de seus eficazes predecessores e mais particularmente a da carta circular de 30 de janeiro de 1774.

Parecerá, talvez, a Vossa Excelência que insisto demasiadamente neste artigo. Persuada-se, contudo, que não insisto tanto quanto devo, atendido o costume de alguns moradores desta capitania, donde igualmente procede a falta de gente nas povoações.

As terras da de Santa Isabel podem produzir o café, o arroz, o milho, o feijão, o anil etc.

A roça do comum estava a desmanchar-se, e o diretor esperava 160 alqueires de farinha. Aplicava o seu cuidado em cultivar o anil, e disse-me que lhe ordenara o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, quando subiu pela primeira vez, que tratasse de o cultivar e fabricar.

Acrescentou que a mesma recomendação lhe repetira de viva voz, quando desceu à povoação, que foi em agosto de 1784, deixando-o na inteligência de a este respeito executar à risca as ordens que recebesse por escrito.

Recebeu-as primeiramente em carta de 22 de janeiro do ano próximo passado, a qual lhe dirigiu o comandante Marcelino José Cordeiro, e é do teor seguinte:

Faz-se preciso que Vossa Mercê mande fazer anisais nessa povoação e que com toda a brevidade faça fabricar o anil e pô-lo em ramo de negócio; o que muito recomenda a Vossa Mercê o Senhor coronel, e eu não menos, fazendo-se também preciso que todos os meses, nas ocasiões dos mapas, Vossa Mercê me remeta a porção que puder aprontar; e, caso não tenha a experiência precisa para a factura do dito anil, venha a esta fortaleza logo que possível lhe for para, de uma vez, ficar na certeza de seu fabricamento, o que provavelmente assim lhe é preciso.

Seguiu-se a esta outra nova ordem, que o mesmo coronel lhe expediu, em carta de 3 de março do mesmo ano; e em um dos parágrafos lhe escreveu assim:

Enfim, só falta que Vossa Mercê fabrique anil, como estão já fabricando algumas povoações deste distrito, e, para isso, siga Vossa Mercê em tudo as ordens e instruções do tenente Marcelino José Cordeiro, enquanto eu não volto, e, então, estimarei achar já ao menos uma arroba de anil bom, como espero do préstimo de Vossa Mercê.

Sem embargo das ordens que recebeu de viva voz e por escrito, e sem embargo de ter já recebido a estopa precisa para os sacos de escorrer o anil, a qual lhe entregou pessoalmente o mesmo comandante, quando pela última vez desceu àquela povoação, ainda até ao tempo em que cheguei a ela não tinha feito mais do que o roçado, o qual teria o comprimento de 60 braças e pouco menos de largura.

Não tinha plantado o anil, dizia ele que por não ter tido semente. Isto que me disse foi o mesmo que escreveu ao coronel e, com todo este cabedal de razões, ataviava a sua carta de desculpa (a qual não era verdadeira), quando o coronel, em vez de desculpas, esperava pelo menos a arroba de anil que lhe havia recomendado. Para repreendê-lo

da omissão passada, adverti-lo da infalibilidade do castigo que teria para outra qualquer futura, dirigiu-lhe a carta de 29 de setembro, que é do teor seguinte:

A falta de execução que Vossa Mercê tem dado à minha ordem, que de viva voz e por escrito lhe passei para a factura do anil nessa povoação, me precisava mandar já buscar a Vossa Mercê preso para aqui o castigar como merece o pouco respeito com que Vossa Mercê se descuidou de uma ordem que lhe foi tão recomendada. Não se envergonhando de ver que, tendo todas as mais povoações daí para cima fabricado anil, Vossa Mercê nem por seguir o exemplo delas se resolveu nem a semeá-lo, sendo frívolas e mesmo mentirosas as escusas com que Vossa Mercê se desculpa neste particular. Contudo, eu ainda por esta vez o não castigo, ordenando-lhe, porém, que infalivelmente, no último mês que vem, há de Vossa Mercê, sem falta, remeter-me algum anil, e que, sucessivamente, o há de ir assim praticando nos mais meses, como também lhe está já recomendado.

Eis aqui o caso que fazem os diretores das ordens que se-lhes passam, e o pior<sup>39</sup> é que por este transe há de forçosamente passar quem por estas terras se acha encarregado de algum projeto, quer sejam muitas, quer poucas as ordens que passe. Pelo contrário, esta casta de gente entende melhor o que se-lhe diz e obra com ela, do que se-lhe escreve. Este diretor, contudo, é dos mais inteligentes do distrito e, persuado-me que, em atenção ao bom serviço que, aliás, fez ao coronel, no encargo do pesqueiro, não foi logo castigado como merecia o descuido do outro encargo do anil. Com efeito, já o tinha plantado, quando descí, em dezembro. Deixei-lhe meio alqueire de semente do linho cânhamo, com ordem de responder pela sua cultura ao comandante da fortaleza de São Gabriel. Assim o retifica o segundo recibo apenso.

Passo a informar do comércio, para o qual nunca esta povoação teve canoa. Bem perto dela está a salsa, no rio Mariuá. Nos outros rios da margem austral há o puxeri e, a haver gente de sobejo que, sem prejuízo da agricultura, se pudesse empregar no comércio da droga do sertão mais propínquo, é sem controvérsia que o deveria empreender. Em 29 de abril de 1784, subiram a tirar salsa, dez índios. Eram interessados cinco, e tinham subido outros cinco por conta do principal Francisco Xavier. Além dos dez, subiram mais seis, que foram quatro por conta do principal Silvestre e dous pela do outro principal Calisto.

Passados dous meses, trouxeram 63 canudos entre todos, e este foi o lucro de toda a sua diligência e trabalho. É digno de observar quanto chora o diretor esta falta e choram com ele todos os outros diretores, os quais a nenhuma outra causa atribuem a pobreza das povoações, senão à falta de gente para a empregarem na extração da salsa e do cacau. Nenhum chora, portanto, por não ter plantado na sua povoação o arroz, o anil, o algodão e o café, que forçosamente havia de recolher; nenhum diz que, se mais gente tivera, mais aumentada estaria a agricultura deste ou daquele gênero, e todos clamam a uma voz que quanto mais houvesse, toda era pouca para a empregarem no negócio do sertão. Ora, a este respeito, eu me não posso conter que não desabafe com Vossa Excelência, dizendo o que sinto.

Digo, pois, que as drogas do sertão são, para o Estado do Pará, o mesmo que as minas têm sido para Portugal.

Em um reino como era o nosso, antes dos gloriosíssimos reinados passado e presente, pode-se dizer que quase todo repartido em claustros para celibatários de ambos os sexos, dos quais não se esperavam, nem se deviam esperar progressos na povoação; em um reino em que o desprezo da arte de viver cada um pelo suor do seu rosto e pelo trabalho das suas mãos, particularmente nas manufaturas, não só dificultava a subsistência de muitas famílias estabelecidas, mas passava a fazer odiar o estado do matrimônio como oneroso, pela obrigação de sustentar os filhos,

<sup>39</sup> Do latim pior.

dando-se por felizes e mil vezes afortunados os que eram casados e não os tinham; em um reino que, sim, tinha lido e concebido os planos que ditaram a caridade e o patriotismo das outras nações, para cada uma em si vigiar quanto pudesse sobre a conservação das vidas confiadas à roda dos enjeitados, mas que ainda não tinha esgotado as últimas providências para as salvar das garras da pobreza e da necessidade; em um reino que, anualmente, se estava esvaindo da substância mais preciosa que devia aproveitar, suspendendo a emigração dos vassallos, que deixava expatriarem-se, desamparando a metrópole e suas províncias, para povoarem as conquistas de ambas as Índias e da África; e em um reino, finalmente, que, desde o reinado do Senhor D. Manoel, tinha feito quanto podia por debilitar as suas forças, transportando cada ano mais e menos número de gente que compreendia, ora os que iam alistados<sup>40</sup> para servirem na guerra, e ora os degredados por delitos; neste reino, digo eu, que, pelas causas ponderadas já hoje se acha tão despovoado, quanto é fácil de se ver no reino dos Algarves e no Alentejo, e em boa parte da Beira, se mania alguma existia e existe mais universalmente recebida, era e é a de virem todos, se possível fosse, cavar o ouro ao Brasil.

Aqueles eram felizes, a seu ver, os quais mais negros enterravam por desenterrar mais ouro. Lembrava-se cada um somente, não dos 99 que haviam ficado na conquista, sempre pobres, sempre endividados, mas do único patriota entre os cem, que não raras vezes foi julgado rico e abastado pelo número dos monos e papagaios que lhe saltavam e palravam à janela. Os que ficavam então, se algum serviço faziam, era, sem dúvida, o de feitorizarem as colônias portuguesas no nome, porque, de fato, eram inglesas. A agricultura portuguesa tinha dado baixa redonda nos livros desta matrícula; os estrangeiros diziam a nós outros o que o cônsul Fabrício dizia aos samnites<sup>41</sup> e a el-rei Pirro: “Que os romanos não tinham ouro, mas dominavam as nações que o possuíam”.

O mesmo digo deste Estado a respeito das drogas do sertão. Porque, em um Estado tão vasto como este é, e onde toda a gente que há bem se pode considerar como a única família de Noé, no meio do mundo pós-diluviano; em um Estado que nem tem os índios precisos para plantarem o sustento dele; neste Estado, digo eu, a riqueza, ou pobreza das povoações pende da riqueza ou pobreza do mato.

Porque, ainda que demore uma povoação no lugar o mais remoto e afastado das paragens do sertão, onde vão as canoas do negócio colher a salsa, o cravo, a cupaúba; ainda que na povoação não fique nem a gente precisa para o trabalho da roça do comum, capinação das ruas e roçado do mato, o qual já disse que ordenava o § 7 da carta circular de 3 de outubro de 1769, que nunca devia ter menos de 200 braças em circuito; e ainda que por não ficar na vila ou lugar outro algum homem, à exceção do diretor e do vigário, se demolidas estavam as casas dos índios, demolidas se vão conservando de ano em ano, contra a disposição do mesmo § 7 da mesma carta circular; nada disto é bastante, em soando o chocalho do negócio do sertão para suspender a navegação das canoas.

<sup>40</sup> Portugal nos ocupa, lhe tardamos com o remédio.

Na edição de 1983, lê-se à margem do manuscrito a seguinte nota:

“Que era o mesmo que à sua nação já tinha dito em outro tempo um estadista hespanhol, quando lhe perguntava:

O que somos nós nas Índias mais que uns feitores ou uns degradados para trabalhar nas minas e mandar às nações da Europa os metais que tiramos dela? Lançam âncora os galeões da prata para baldear a que trazem nos navios ingleses, holandeses, franceses e italianos. Que fica de toda esta riqueza? Ficam os quintos e direitos do que se não divertiu. Que de muitos anos estão consignados às necessidades da monarquia. Só para os credores da fazenda real se navegavam. Não se satisfaz a ambição dos estrangeiros em tirar a si toda a utilidade daquelas minas, quer insaciável ir beber na fonte. Não se contentam dos canais por onde lhes trazemos fielmente a prata e o ouro; todas as nações do norte têm ocupado ilhas naquele arquipélago, que são outros tantos aproxes à terra firme: os ingleses estão senhores da Jamaica e têm coberto aqueles mares de piratas, que já das presas marítimas passam a saquear as cidades. Este dano pede remédio pronto. E enquanto a guerra de Portugal nos ocupa, lhe tardamos com o remédio”.

<sup>41</sup> “Samnites” por “samnitas”, habitantes do Sâmnio.

Avisaram, por exemplo, os correspondentes de Lisboa, que a 9\$600 réis se vendeu o cravo. Isto basta para que todas as canoas a oito, sem ficar a da mais pobre povoação, se destinem ao dito negócio; como, porém, de crescer o gênero, naturalmente, se segue o rebaixar-se o preço, eis que, se arruinada estava a povoação pobre, muito mais arruinada ficou, porque, sendo pouca a gente que enviou, muitos os encontros das canoas das povoações mais populosas e que se adiantaram na viagem e que estabeleceram, por isso, em sertões escolhidos as melhores feitorias, não só não fez o negócio que projetava, mas ainda em cima, ajustadas as contas das despesas que fizeram no espaço de seis ou sete meses, a dízima, a quinta do cabo, a sexta do diretor, não veio a caber a cada índio o importe de 1\$200 reis por mês, que é o que teria de salário, não digo, lavrando as terras, mas servindo a qualquer particular. Assim, pelo comércio incerto, arrisca uma povoação pobre o lucro certo que teria da cultura das suas terras.

Não satisfeitos os diretores de terem distraído a sua gente pelo negócio do sertão o mais remoto, e o que é mais, não satisfeitos de por este modo enfraquecerem de dia a dia a cultura das terras adjacentes, ordinariamente sucede que ainda eles não sabem do sucesso da primeira, já empreendem segunda expedição, porque, chegado o tempo da pesca e da salga, assim como o da fatura das manteigas, envidam o resto. Deste modo se passou o ano, porque uns foram para [o] negócio, outros foram para a salga, outros para o serviço de Sua Majestade e dos particulares, e não há na povoação um só gênero que os índios o plantassem. E, como todas as povoações fizeram o mesmo, quanto mais abundante foi o negócio, se é que o foi, tanto mais rebaixados ficam os preços.

Ora, estas máximas são, sem dúvida, as menos sólidas e as mais alheias do comércio. Pelo menos como tais as julga o § 47 do citado *Diretório*. Porque, depois de ter recomendado aos diretores no § 46, que empregassem a mais exata e incessante vigilância em introduzir e aumentar o comércio nas suas respectivas povoações, prescreve-lhes a regra fixa e invariável de o fazerem, advertindo a todos que, em primeiro lugar, se informem da qualidade das terras que são adjacentes e próximas às suas povoações e dos efeitos de que são abundantes e, achando que delas se poderá extrair com maior facilidade este ou aquele gênero, seja esse o ramo de negócio a que apliquem todo o seu cuidado; bem entendido que todo o comércio, para se aumentar e florescer, deve fundar-se nestas duas sólidas e verdadeiras máximas. Primeira, que em todo o negócio cresce a utilidade ao mesmo passo que diminui a despesa, sendo evidentemente certo que aquele gênero que poder<sup>42</sup> fabricar-se em menos tempo e com menor número de trabalhadores, terá melhor consumo e, conseqüentemente, será mais bem reputado. Segunda, que seria sumamente prejudicial que todas as povoações de que se compõe uma monarquia ou um Estado, aplicando-se à fábrica ou à extração de um só gênero, conservassem o mesmo ramo de comércio, não só porque a abundância daquele gênero o reduziria ao último abatimento, com total prejuízo dos comerciantes, mas também porque as referidas povoações não poderiam mutuamente socorrer-se, comprando umas o que lhes falta, e vendendo outras o que lhes sobeja.

Ainda que tarde, entenderam finalmente estas máximas os moradores das vilas de Cameté e de Óbidos.

Reconheceram bem os segundos a propriedade que tinham aquelas terras de produzir o cacau das mais belas qualidades que categorizam este gênero; porque não é pedrado, nem alagartado, nem tampouco avançado na colheita, que nos anos da safra não suba ao dobro das colheitas que dão os cacaoais das outras povoações; e a experiência os desenganou do quanto se tinham desorientado da verdadeira idéia dos seus interesses, aqueles dos moradores que até então tinham enviado canoas ao Solimões para naquele rio recolherem ou o mesmo ou talvez menos cacau do que presentemente, sem atendível despesa, sem distração de gente e sem risco algum, estão recolhendo dos cacaoais plantados nas terras da povoação.

<sup>42</sup> É possível que se pronunciasse /pudér/ e não /poder/.

Assim o tinha recomendado aos diretores a carta circular de 15 de setembro de 1773, advertindo a todos que aquelas povoações que devessem ir longe recolher o cacau, com perigos de vida, gastos e muita demora, mais conveniente ficaria sendo plantarem cacaos nas terras que lhe fossem naturais, férteis e próprias para as referidas plantações, em cujo amanho dos primeiros anos se poderiam ocupar as índias e rapazes, por ser o respectivo trabalho fácil àquele sexo e idade. E se esta máxima (continuava a referida carta) se tivesse a tempos posto em prática, estariam hoje as povoações na opulência em que está a vila de Cameté, colhendo na sua mesma casa aquele abundante gênero, que tanto aproveita aos seus lavradores e que tanto custa aos pobres índios que os vão buscar ao sertão, com tanto detrimento das suas famílias e, às vezes, com muito pouco lucro da sua negociação.

O fruto desta recomendação, tirou-o o Estado no ano de 1784, vindo a acontecer nele um fenômeno que se não pode explicar de outro modo. Porque, tendo sido insignificante a colheita do cacau do sertão, foi por outra parte significantíssima a sua exportação, subindo ela ao nunca visto número de 111.000 arrobas, segundo mostram os mapas da exportação desde o ano de 1730 por diante. O mais que se tinha feito desde então até agora sabem todos que foram 85.000 arrobas no ano de 1747.

Mas também sabem que, na exportação desse ano foram incluídas as colheitas de dous, a saber: de 1746, em que não houve frota, e de 1747, em que a houve. Calculada a exportação de um por outro ano, montava ordinariamente a 40.000 arrobas. E eis aqui a riqueza que não cessam de exagerar os que desta matéria tão somente sabem o que ouvem e não o que têm nos mapas deste título. Semelhantemente, o maior preço a que subiu em quatro anos somente, foi o de 4\$800. Desceu aos de 4\$200, 4\$000, 3\$600 e, pelo tempo adiante, baixou de modo que se pagou à razão de 2\$500, 2\$400, 1\$600, 1\$500, 1\$300, 1\$200, 1\$000 e 960 réis.

Eis aqui outra obrigação que devem os lavradores aos administradores da Companhia Geral do Comércio; porque inalteravelmente sustentaram o preço de 1\$500, quando já haviam descido ao de 960 réis. É de notar que, sendo, então, o cacau, um gênero de colheita do sertão, aonde o mandavam recolher os moradores, com os inauferíveis incômodos de canoas e equipações de índios para elas, de consideráveis demoras nas viagens de eminente perigo de vida, e do risco de haver safra, ou não, só as colheitas dos dous anos perfizeram a exportação das 85.000 arrobas, quando a do referido ano de 1783,<sup>43</sup> que foi inteiramente devida ao trabalho da cultura, porque no dito ano faliu a colheita do sertão, montou ao nunca visto número que fica dito. Ora, sendo o cacau de natureza tal que, só de cinco para seis anos se colhe das árvores, é evidente que, às instâncias e recomendações de Vossa Excelência, durante o seu governo, ficou devendo o Estado a exportação mencionada. Provera a Deus, que os diretores desta capitania tivessem feito o mesmo a respeito do café e do anil.

Que não é por falta de ordens e de instâncias da parte de Vossa Excelência a este respeito, evidentemente o mostra a carta de 9 de setembro de 1773, dirigida ao Dr. ouvidor intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, a quem Vossa Excelência, depois de lhe significar o quanto era precioso o café da capitania, recomendou:

Que pois era fruto que se não produzia incultamente no mato do sertão, deveria cuidar de o fazer plantar e cultivar, regulando as plantações pela propriedade das terras, não só para a cultura do café, mas também para a do anil, porque do abuso desta lei da agricultura sucedia todos os dias que, não correspondendo as terras ao desvelo e trabalho dos lavradores, as abandonavam por inúteis, vendo que não pagavam as suas fadigas, ao mesmo tempo que, se-lhe proporcionassem as sementes às suas qualidades, ficariam abundantemente recompensados os agricultores; donde colijo que aos incorrigíveis diretores devem as povoações do Estado uma grande parte do seu atraso; assim como das suas

<sup>43</sup> O ano referido acima é de 1784. Onde está o erro?

absolutas procede o desgosto, a deserção e a diminuição dos índios das povoações. Sendo tão notória por todo este Estado a incorrigibilidade dos ditos diretores, que o que é bom nos costumes, talvez não é o melhor na inteligência e no manejo dos interesse da povoação, e até pelos centros dos matos não o ignoram os mesmos gentios, como prova o que conta o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont, que com ele sucedeu, quando, na qualidade de primeiro comissário da quarta partida pelo rio Apaporis.

Porque aparecendo lá então e falando com ele, na povoação dos Tabocas, o principal Maimanaca, da outra aldeia superior dos Mucunas, donde tinha descido, segundo foi avisado, para o cumprimentar e, tratando ambos de estabelecimentos que deviam fazer entre nós, passou a dizer-lhe o dito principal:

Que ao general representasse que eles nenhuma dúvida tinham em se aldearem naquele lugar a nosso modo, contanto, porém, que se-lhes havia de mandar vigário para os batizar e doutrinar, como eles muito desejavam e não poucas vezes tinham pedido debalde; mas por nenhum modo o diretor, porque, da conduta de todos eles com os índios aldeados nas nossas povoações estavam bem informados, tratando somente de as destruírem e não de as edificarem.

Que, ao dito vigário não se consignasse cônica alguma, porque por sua conta corria a sua subsistência e acomodação; e não só a do padre, senão também dos soldados que lá quisessem mandar que assistissem para guardarem o padre, no caso de desconfiar deles.

Tal era a aversão que lhes tinham, que antes queriam os soldados que diretores.

Sustento também que, para ele prosperar e florescer, não é preciso imaginar nada de novo, porque, sem apontar agora mais do que as beneficentíssimas leis que se devem chamar com efeito de leis fundamentais da sua prosperidade, como são a de 6 de junho de 1755, que restituiu os índios à sua liberdade, e liberdade que muito antes dela a haviam já restituído a lei de 1570 e 1587, a lei de 1609, a lei de 10 de setembro de 1611, a lei de 10 de novembro de 1647, a lei de 9 de abril de 1655, a lei do 1º de abril de 1680; além das bulas dos sumos pontífices Alexandre VI, Paulo III e a tremenda de Benedito XIV, expedida de 20 de dezembro de 1741; sem apontar mais que o alvará com força de lei de 7 de junho de 1755 e que derogando Sua Majestade e cassando o regimento dado para o Estado em 21 de dezembro de 1786 e renovando para ter sua inteira e fiel observância a lei estabelecida sobre esta matéria em 12 de setembro de 1663, defende a todo eclesiástico, secular ou regular, intrometer-se direta ou indiretamente no governo temporal dos índios. O outro alvará de 17 de agosto de 1758, que confirma os citados 95 parágrafos do *Diretório* publicado em 3 de maio de 1757; o beneplácito régio, acordado à pastoral do Excelentíssimo bispo, o Senhor Dom Frei Miguel de Bulhões, publicada em 25 de maio de 1757; o alvará de 7 de junho de 1755, que confirma os 55 capítulos da instituição da Companhia Geral do Comércio do Pará e Maranhão; a carta régia de 30 de maio de 1756 que criou o lugar de intendente geral do comércio, agricultura e manufaturas do Estado, o qual realmente teria prosperado, se a ineptidão dos inúteis intendentes letrados, como Vossa Excelência escreveu na representação a Sua Majestade, de 25 de janeiro de 1780, não tivesse dado lugar a sua incorporação com o lugar de ouvidor geral. A outra carta régia de 18 de junho de 1760, dirigida ao Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, para distribuir pelos contemplados nela as fazendas que foram dos jesuítas; sem apontar, digo eu, mais do que as que deixo apontadas, só na classe das providências expedidas pelos Excelentíssimos Senhores generais são tantos os bandos, editais, portarias, cartas e avisos que todos têm expedido e, entre todos, mui particularmente Vossa Excelência, sobre diversas repartições e dependências da agricultura, do comércio, manufaturas, população, força militar etc., que outra vez repito que, para prosperarem ambas as capitânias, não é preciso imaginar nada de novo, basta que se executem à risca as providências dadas.

A invectiva que acabo de dirigir contra o abuso do negócio das drogas do sertão em prejuízo da agricultura, em cousa nenhuma fere o negócio que é bem entendido, isto é, proporcionado ao consumo das sobreditas drogas,

de modo que a sua a exuberância lhes não abata os preços, e proporcionado ao número dos operários que há, sem desamparar-se a agricultura do gênero que melhor se dá em cada povoação, e nem de deixar de calcular-se a distância em que param as drogas, para racionalmente se poder empreender a sua extração com o menor risco possível de se frustrar a despesa e o trabalho. E eis aqui me vejo obrigado a escandescer-me outra vez contra os causadores desta distância, porque, suposto que no princípio não demorassem tão longe os lugares do sertão em que se davam a salsa, o cravo, a cupaúba, bem longe fez que já hoje estejam a nenhuma polícia das matas, que até aqui praticaram os cabos e os índios remeiros das canoas do negócio, na extração de todas.

O cacau que não deve ser escolhido enquanto verdes ou inchados os frutos, em um e outro estado tem sido infinitas vezes tirado dos cacaoais do sertão, com os maliciosos fins de aprontar cada cabo o mais cedo que pode a carga da sua canoa; de as sementes em quanto verdes acudirem mais ao peso; de não ficar nos cacoeiros fruto algum verde ou maduro que possa ser aproveitado pelos outros cabos que subiram na mesma diligência, visto que quanto mais rara for a colheita dos segundos, tanto melhor se reputará a dos primeiros. E o pior é que já a este respeito conseguiram os cabos das canoas fazer passar por mal intencionado o Doutor intendente geral Luís Gomes de Faria, depois de quase todos terem saído compreendidos na devassa *ex-officio* que sobre esta matéria tirou o dito intendente.

A salsa, que facilmente se reproduz, quando as suas raízes são desarraigadas a tempo e com modo, e a chamada mamaiapoca se deixa disposta na terra, ou ao menos sobre ela, a salsa, digo eu, é violentamente arrancada, desperdiçadas as partes que podem servir para a sua reprodução, no mesmo lugar, e dentro de três para quatro anos. E cada cabo, o de que trata é de recolhê-la, ele só e só aquela vez. Os índios, pela sua parte, até praticam a malícia de deixarem dependurados às árvores ou queimarem as partes da planta que eles sabem que basta que fiquem sobre a terra para se reproduzirem, porque tomaram eles que tal salsa, se extinguisse já por uma vez, para assim verem, se também se extingue a perseguição que por esta parte experimenta a sua preguiça e o seu amor à ociosidade.

O cravo, que não deve ser tirado das árvores ainda novas para não embarçar sua multiplicação e conservação e para se não [d]estruir mais do que se aproveita, com a mais compreensível desolação que lhe fazem os cabos e os índios, é cortado, quebrado e, na falta do verdadeiro, falsificado com o louro da vargem, porque não advertem, nem foram advertidos pelos intendentes que este mesmo abuso observado há tempo neste Estado, deu motivo à publicação do alvará de 22 de março de 1688, em que Sua Majestade houve por bem confirmar o bando que o Sr. Gomes Freire de Andrade, sendo governador e capitão-general do Estado, mandou lançar nele, proibindo que pessoa alguma fosse aos rios Capim e Tocantins a tirar casca do pau-cravo, por tempo de dez anos, e o mais que parecesse aos oficiais da câmara e ao governador, depois de proceder a vistoria, se se podia fazer o corte nas ditas árvores, para se permitir a todos geralmente, fazendo primeiro um termo de não cortarem nem bolirem nas ditas árvores novas, sob pena de perderem o cravo que trouxessem, ou fosse provado que tinham tirado, a metade para a fazenda real e a outra metade para os denunciantes, além de serem degradados por três anos para a fortaleza de Vera Cruz do Itapucuru. O mesmo digo da copaúba.

E se, pelo desenfreamento com que têm corrido as desordens ponderadas, já hoje estão estas drogas tão longe de nós, qual é a razão por que, em vez de subirmos nós aos sertões em diligência delas, não fazemos que desçam elas a meterem-se-nos nas mãos e a familiarizarem-se conosco? O cravo, já fica visto que ao tempo do citado bando, o havia nos rios Capim e Tocantins, tão perto este da capital, e nos quais, e em outros rios da costa do norte, se podiam entreter matas dele.

Da salsa, vejo eu no jardim do palácio de Vossa Excelência um pé bem viçoso, e sei que outros muitos pés se conservam nas fazendas dos curiosos e na capitania do Rio Negro; e sei que há muitos que a dispõem e a recolhem. Sirva de testemunha o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont, de quem Vossa Excelência conhece a

vastidão de literatura e de probidade, e a quem, abaixo de Vossa Excelência, deverá a história filosófica e política destes estabelecimentos boa parte das memórias concernentes à origem, progressos e vicissitudes da agricultura de alguns gêneros, o qual me informou que o padre Manoel Joaquim, vigário da vila de Ega, no rio dos Solimões, a tinha disposto e cultivado nas barreiras da boca do lago da dita vila, donde não estava certo se tinham sido quatro ou cinco as arrobas que havia colhido, e donde atualmente tiravam a salsa que precisavam, tanto os empregados na demarcação, como o moradores da vila. Que a mesma experiência fizera Matias Fernandes, diretor do lugar de Santo Antônio do Maripi, no rio de Japurá, o qual também a plantou no terreno que é hoje o pasto da povoação e, dentro em três para quatro anos, colheu três arrobas, com a observação que fez e comunicou que de estaca pegava toda a que se dispunha e dava muito mais cedo.

Dentro desta vila de Barcelos a viu Vossa Excelência bem viçosa, quando, na tarde de 14 do corrente mês de fevereiro se dignou de visitar o pequeno horto botânico que, no quintal do quartel da sua residência entretém o cirurgião de Vossa Excelência e dos empregados na demarcação, Antônio José de Araújo Braga, benemérito aluno do hospital real de Lisboa, porque aos seus profundos conhecimentos da cirurgia médica e anatômica ajunta a curiosidade de cultivar as plantas úteis do país, e eu, por isso, lhe cometi o cuidado de tratar dos pés da salsa que eu trouxe da boca do rio Maturacá, quando subi ao Cauaburis, no intuito de tentar a sua cultura.

De outros pés da mesma salsa, como também da piaçaba, que transportei de dentro do rio Padauri, se encarregou o citado tenente-coronel.

Bem perto está o morador Antônio Vilela do Amaral, que na sua roça conserva alguns pés; no tabocal que fica pela retaguarda da povoação das Caldas, dentro do rio dos Canaburis, vi eu bastantes, dos quais disse o soldado diretor Ifigênio da Costa, que se conservavam desde o tempo que o gentio para ali descido os tinha plantado; nas povoações de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi e de São Pedro, sempre teve a curiosidade de os entreter o diretor José Ferreira.

Do guaraná, que tantos índios distrai das povoações para o tirarem do mato, observei infinitos pés frutificados na povoação de São Gabriel da Cachoeira e dentro dos rios Uaupés, Içana e Ixié, onde os cultivavam os índios desertores da diligência do Uaupés. A planta aiapana, que o médico Bento Vieira Gomes experimentou que era o mais forte antídoto contra o veneno das cobras, levou-a do sertão para o Pará o cabo Alvares Sanches, a instâncias do doutor ouvidor geral Matias José Ribeiro, e já hoje não há quintal que a não tenha.

O que eram o algodão, o urucu, o cacau etc. seriam arbustos silvestres antes de os cultivarem! Apenas tratamos deles e os chamamos para os nossos quintais e para as nossas roças, imediatamente vimos os algodoads, cacaoais etc. que, dentro das nossas casas, estamos desfrutando; mas estas são plantas indígenas que nenhuma admiração causam, se vivem dentro do mesmo país. Dele não era o café, porque pelos anos de mil setecentos e trinta e tantos o introduziu no Estado o capitão de infantaria Diogo Pinto da Gaia, o qual, havendo passada a Caiena, a levar os escravos franceses que se achavam refugiados no Pará, no desígnio de reconduzir os nossos, trouxe a semente dentro de um barril de farinha de trigo, que os mesmos franceses lhe deram para torna-viagem, sem tal suspeitarem dele, quando deram vistoria à canoa do seu transporte. Cultivou-a no quintal das casas que hoje são da viúva de Manoel da Cunha Barros; vendeu a 4\$800 réis a libra das primeiras sementes que colheu, dispondo os frutos que vendia como em Portugal se dispõem as cerejas, e daqui procede a abundância que hoje há.

Antes da introdução do arroz branco, só havia no Estado o arroz vermelho. Nascia espontaneamente nas vargens e terras pantanosas e dele comiam aqueles que não compravam o branco que vinha de Portugal. A Vossa Excelência mesmo recomendou o Ilmo. e Exmo. Sr. Marquês de Pombal que, ainda que fosse vermelho, o fizesse cultivar em grande, para o sustento da gente pobre.

Era diretor da vila de Olivença, no rio de Solimões, João Batista da Costa, por alcunha Cítara, quando remeteu ao Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, então governador e capitão-general do Estado, uma amostra

do arroz branco que ele tinha alcançado da vila de Santiago de Jaen de Bracamoros, da confinante província de Mainas. Da sobredita amostra, distribuiu Sua Excelência, por sua própria mão, um punhado, um por cada um dos lavradores mais hábeis, com as recomendações necessárias para a sua cultura. Resultou delas comer-se nesse ano à mesa de Sua Excelência do dito arroz e banir-se o arroz vermelho por todo o ano de 1763.

De um acaso, talvez, procedeu a abundância deste gênero que primeiro foi cultivado no Maranhão. Foi ter às mãos do ministro da repartição uma carta particular de Belforte, em que se queixava de haverem meios para se exportar o arroz que, aliás, se dava bem no Estado, mas à companhia não convinha em uma racionável estipulação de fretes.

Ordenou Sua Excelência ao provedor da repartição em Lisboa que fizesse expedir para o Maranhão embarcações capazes de o exportarem, na conformidade do que representava Belforte, como foi expedida a da invocação de São Lázaro, e pelo tempo adiante se seguiram outras. Donde se não pode negar que o verdadeiro promotor desta cultura foi o Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Melo [e] Castro e que o seu coadjutor neste Estado foi Vossa Excelência e, debaixo das suas ordens o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, na vila de São José do Macapá. Que os seus agentes foram os administradores da companhia e que o primeiro que escogitou e pôs em prática as máquinas de o descascar em grande, construindo engenhos para a companhia, para si e para os particulares e também o primeiro que em 9 de março de 1773 embarcou 30 sacas de arroz superlativo, por comércio em remessa para Lisboa, foi o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont.

Seria ocasião esta de eu insistir algum tanto mais sobre o artigo da transplantação, se não refletira que escrevo a Vossa Excelência, que muito melhor que eu sabe as plantas, que foram transplantadas, porque Vossa Excelência mesmo me comunicou a história de não poucas delas. A pena correu, talvez, mas largamente do que devia. Tudo sabe disfarçar a prudência de quem lê, quando o muito que lê é filho do zelo de que o escreve.

Barcelos, 19 de fevereiro de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira.*



Recebi do anspeçada Bernardino José de Freitas meio alqueire de semente do linho cânhamo, que me remeteu o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado na expedição filosófica deste Estado, recomendando-me que o plantasse e cultivasse na conformidade da instrução que me dirigiu; encarregando-me o sobredito Doutor naturalista de dar parte do sucesso da plantação ao Sr. tenente Marcelino José Cordeiro, comandante da fortaleza de São Gabriel.

Povoação de Santa Isabel, 8 de dezembro de 1786.

*Francisco Xavier Liz, diretor.*



## MEMÓRIA SOBRE A INTRODUÇÃO DO ARROZ BRANCO NO ESTADO DO GRÃO-PARÁ

Com a história dos primeiros progressos que fizeram as máquinas de o descascar, segundo a inventou na vila de Barcelos o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont.

De 20 de maio de 1785.



*N.B.* — Antes da introdução do arroz branco, havia já no Estado o arroz vermelho. Nascia espontaneamente nas varjas e nas terras pantanosas. E, do que plantavam e beneficiavam, comiam aqueles que não compravam o branco que vinha de Portugal. Por isso, recomendava o Marquês de Pombal ao Sr. João Pereira Caldas que, ainda que fosse vermelho o arroz da terra, promovesse contudo a sua cultura em grande, porque sempre servia para o sustento da gente pobre.

O verdadeiro promotor da cultura do arroz branco não se pode negar, que foi o Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Melo Castro; e verdadeiro agente dela no Estado do Pará, o Sr. João Pereira Caldas; e os seus verdadeiros coadjuutores os administradores da companhia geral do comércio.

De um caso talvez procedeu a cultura deste gênero, que primeiro foi principiada no Maranhão.

Foi ter às mãos do ministro da repartição uma carta particular de Belforte, (suspeita-se que lha faria ver João Antônio Pinto) em que se queixava de não haverem meios para se exportar o arroz, que aliás se dava bem no país, mas a companhia não queria convir em uma razoável estipulação dos fretes. Ordenou S. Ex. ao provedor da repartição em Lisboa, que fizesse expedir para o Maranhão embarcações capazes de exportar o arroz, na conformidade do que representava Belforte, como foi expedida a da invocação de São Lázaro, e pelo tempo adiante se foram seguindo outras.

1761. Sendo diretor da vila de Olivença, no rio Solimões, capitania do Rio Negro, João Batista da Costa, por alcunha o Cítara, remeteu uma mostra de arroz branco a S. Ex.,<sup>44</sup> por sua própria mão, um punhado pelos lavradores mais hábeis, com toda a recomendação necessária para sua cultura.

Resultou dela comer-se nesse ano, na mesa de S. Excia., do dito arroz. E assim teve princípio a cultura de tão utilíssimo gênero, e banuiu-se a do arroz vermelho por todo o ano de 1763. A sobredita semente alcançou o diretor na vila de Santiago de Jaen de Bracamoros da confinante província de Mainas, domínio de Espanha.

1762. Havendo a Companhia Geral do Comércio remetido na frota, 80 arrobas de arroz, para consumo do Estado, como dantes costumava; o seu administrador Bernardo Simões Pessoa, com aprovação de S. Excia., teve o patriotismo de as tornar remeter para Lisboa, não consentindo que se consumissem no Estado, para reduzir a necessidade de radicar e perpetuar em si a recente cultura daquele importante gênero.

1768. Governando o Estado o Exmo. Sr. Fernando da Costa de Ataíde [e] Teive, a junta da administração da companhia geral, por ordem que para isso teve do ministério, recomendou aos seus administradores no Pará e Maranhão a cultura do arroz, e principalmente o descasque; por esse motivo os administradores Antônio Coutinho de Almeida e Gonçalo Pereira Viana, com aprovação de S. Excia., mandaram fazer no igarapé de São José um rogado, para nele fazerem a fábrica do descasque.

<sup>44</sup> O Sr. Manoel Bernardo de Melo Castro. Desta amostra distribui S. Excia.

A custa da companhia se fez um modelo para o descasque com pilões, o qual inventou e dirigiu o ajudante engenheiro Domingos Sam Recêtte.

Este modelo porém não teve êxito pela sua desproporcionada construção, não só pela força de um único cavalo, que se lhe destinava para agente do movimento de 24 pilões, mas também pelo extraordinário comprimento do eixo horizontal de 51 palmos, com que dava o impulso ao braço da alavanca, para suspender os pilões a um ascenso proporcionado à pronta operação do descasque, o qual pelas vibrações, de que é suscetível, desordenaria a máquina.

1771. Teodósio Constantino de Chermont mandou vir do Maranhão um moinho da invenção de Lourenço Belforte, para o qual achou mais fácil modo de afundar e aperfeiçoar os dentes. À imitação deste se construíram na cidade diversos, de que se proveram as pessoas, que quiseram, e por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas algumas povoações do Estado.<sup>45</sup>

1772. O dito construiu uma máquina de 8 pilões para o descasque movida a braços de homens; considerou depois que, sendo eles poucos, os devia poupar, e não deixar ociosos os cavalos em um país, onde há tantos e tão baratos.

1773. Introduziu a companhia geral uns crivos ou arneiros de fio de ferro, os mais cômodos e próprios para joeirar o arroz, tendo servido até então os comuns que se fazem das peles dos animais.

O dito na corveta São Pedro Gonçalves, de que era capitão João do Espírito Santo, que partiu do Pará para Lisboa em 9 de março, embarcou 30 sacas de arroz superlativo, sendo o primeiro que por comércio em remessa o embarcou para Lisboa, e por conseqüência o primeiro que em tal objeto avançou os primeiros passos.

O dito construiu outra máquina igualmente nova e primeira para o descasque movida por dous cavalos, a qual, sendo a primeira que se executou, serviu de modelo às mais e será hoje sem dúvida a mais inferior, pela razão de...<sup>46</sup>

1774. O dito construiu a primeira atafona ou moinho de mós de pedra, para evitar o cansado método dos moinhos de madeira da invenção de Belforte. Facilitou-lhe para isso o Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas umas pedras de moinho da real fazenda, que o dito pagou segundo a sua avaliação, as quais de tempo imemorial se achavam no Estado. Asseveram algumas pessoas que são do tempo do Sr. José da Serra, época em que vieram mandados uns estrangeiros para trabalharem no descasque do arroz; o que não puderam conseguir. Tiveram a fábrica na rua do Burcem, junto às casas do dito, correndo para a cerca do convento do Carmo.

O tenente-coronel Manoel Joaquim Pereira, o capitão João Henriques, o alferes João Garcia Galvão, na cidade, e Cipriano Antunes Vieira, no igarapé de São José, subúrbio da cidade, pelo movimento da água, e Gonçalo José da Costa, no seu engenho d'água no rio Capim, construíram máquinas diferentes para o descasque, de que atualmente usam, com melhor ou pior sucesso, exceto Cipriano Antunes Vieira, que vendeu a sua máquina para o Maranhão em 1777. Comprou-a o capitão de sumaca<sup>47</sup> José Antônio, o Galego, e este a conduziu àquela capital.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> Deste moinho já o naturalista remeteu a estampa para o Real Gabinete de História Natural. Representava um molinete de mão com as duas mós construídas de madeira, interiormente vazadas do centro para a circunferência e representando os seus dentes outros tantos raios de círculo etc. Para apontar os dentes do molinete, usava Belforte de um instrumento que, de uma parte, era um formão e, de outra, um como bico de arara. Conheceu o tenente-coronel o defeito que tinha, não só de não profundar bem, mas de gastar o tempo, e substituiu-lhe um guilherme angular, com que apontava o molinete em metade do tempo que o outro gastava em apontar o seu.

<sup>46</sup> Suponho que o que o tenente-coronel quer dizer é que, sendo empregado na demarcação, se viu obrigado a largar por mão os progressos que poderia ter feito, estudando os modos de a aperfeiçoar cada vez mais, vindo a dar por causal do atrasamento da sua máquina, relativamente às outras, a falta de assistência pessoal.

<sup>47</sup> Sumaca = Pequena embarcação de dois mastros.

<sup>48</sup> Até ao ano de 1780, em que saiu da cidade o tenente-coronel para o serviço da demarcação, não fazia ainda vulto o engenho do capitão Luís Pereira da Cunha, na sua ilha de Cutijuba. Por isso não falou nele.

O dito mandou vir por Lisboa, das ilhas adjacentes, 12 pedras de moinho, das melhores que se conhecem para o efeito do descasque, as quais, chegando a Lisboa, acharam toda a proteção no intendente geral da polícia, o desembargador Diogo Inácio da Pina Manique, que as absolveu dos direitos, recomendando a quem as trouxe que evitasse aos estrangeiros o conhecimento da causa.<sup>49</sup> Com a chegada das ditas pedras e das cortiças que, na ocasião, mandou vir, pôs em execução o branquear o arroz, mediante o uso das cortiças, o que, felizmente, conseguiu, como em uma tarde fez ver a S. Excia. e a toda a sua comitiva.

Não obstante o bom êxito, viu-se precisado a abandonar, por precisar de agente mais forte do que eram 2 cavalos, que davam o movimento à máquina na largura de uma casa de 40 palmos, tendo reservado a execução deste belo invento para quando se puder<sup>50</sup> servir de um agente de água ou de vento. O mais certo será de uma casa mais espaçosa para, com os mesmos cavalos, poder servir-se de um braço mais potente ou de uma potência calculada equivalente.

1775. O dito, por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas, debaixo dos mesmos princípios, construiu uma bem proporcionada máquina, que a companhia geral mandou assentar na praça de Macapá, da qual resultou o descascar-se o arroz da sua produção.

O dito mandou vir de país estrangeiro, com dispêndio e custo, um ventilador, instrumento utilíssimo para limpar o arroz da casca, pó e vermes ou toda e qualquer matéria estranha. Ele serviu de modelo para a construção dos mais que estão em uso na cidade.

1776. O dito construiu para os religiosos mercedários<sup>51</sup> o engenho de pilões para branquear o arroz e a atafona ou moinho para o descasque no sítio de Val de Cães, que atualmente vão desfrutando.

Conheceu que os arneiros de fio de ferro se arruinavam com a ferrugem e, por isso, os introduziu de fio de latão, dos quais se está usando atualmente.

Não é da repartição do dito a história dos progressos que fez a cultura do arroz por todo o Estado e particularmente no Macapá. Todas estas notícias se podem adquirir da coleção das ordens e providências que deu, segundo a todos é constante, o Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas.

*N.B.* — Além do engenho do autor desta memória, haviam<sup>52</sup> na cidade do Pará, quando nela residiu o naturalista, no ano de 1784, mais: o engenho do coronel Manoel Joaquim Pereira, hoje de seu genro o capitão Pedro de Melo Marinho Falcão; o do alferes Pedro Miguel Aires, hoje da viúva e seus filhos; o do capitão auxiliar Ambrósio Henriques; o do alferes João Garcia Galvão; o do outro alferes Feliciano José Gonçalves; o do tesoureiro da bula Miguel Antônio de Araújo e o do arsenal. Eram, por todos, 8. E o último pertencia,<sup>53</sup> algum dia, ao mestre de campo João Ferreira, hoje aos seus herdeiros.

<sup>49</sup> O tenente-coronel suprimiu aqui uma circunstância que, aliás, é digna de notar-se. E foi que, não havendo aceitado frete das pedras que conduziram para o Estado, os capitães dos navios, e renunciando, o escrivão da alfândega do Pará, aos direitos que lhe tocavam, um e outro obséquio, por conseqüência da recomendação do desembargador Diogo Manique, por este obséquio não esteve o juiz de fora José Justiniano de Oliveira Peixoto, que as fez manifestar na casa da alfândega e percebeu as propinas que lhe competiam etc.

<sup>50</sup> O futuro do subjuntivo “puder” foi grafado como “poder”.

<sup>51</sup> Na edição de 1983, por ignorância do editor ou do revisor, escreveu-se “mercenário” por “mercedário”.

<sup>52</sup> Verbo “haver” flexionado com o sentido de “existir”.

<sup>53</sup> Pretérito imperfeito pelo pretérito perfeito do indicativo.

## PARTICIPAÇÃO QUINTA: DE SANTA ISABEL A SÃO GABRIEL

Pelas 6 horas da manhã de 11 de setembro, saí da povoação de Santa Isabel. Passada meia hora de viagem, principiou pela minha parte o susto e, pela dos índios da canoa, o trabalho, não sei se diga, de a puxarem à corda, se de a carregarem às costas, para vencerem a primeira correnteza. Acelera, por aquela parte, o rio o seu curso e, por entre ilhotes de pedra corre com tanta velocidade que bem se pode considerar aquela como a primeira cachoeira. Não foi uma só a que venci pela primeira vez; seguiram-se imediatamente outras duas correntezas que a canoa não pôde vencer sem ser levada à cirga pelos índios. Assim passei o dia saindo de umas e entrando em outras mais e menos violentas, até ser obrigado a pernoitar.

Amanheceu o dia 12 e, pelas 7 horas da manhã, entrei no furo de Marauaiá, pouco dista da sua boca a do rio deste nome, porque em chegar a ela gastei apenas meia hora. Pelas 2 da tarde, saí de dentro do furo, costeando desde então uma costa desabrigada. Eram terras mediocrementemente altas as de sua beirada, e aquela tarde foi a primeira em que se deixaram ver algumas colinas da margem austral. Eram 3 horas da madrugada de 13, quando deixei o igarapé em que havia pernoitado. Passadas 5 da viagem, cheguei à foz do rio Juambu e, pelas 10 da manhã, deixei a outra do Abuará. Desde as 2 até as 5 da tarde, tudo foram pedras e correntezas. A que venci pelas 8 da manhã de 14 consumiu bons 3 quartos de hora. Tal foi a entrada que tive pela 10 da mesma na povoação de Santo Antônio do Castanheiro Novo.

Da povoação de Santa Isabel até à de Santo Antônio fazem barra na margem setentrional, que eu costeei, os rios Marauaiá, Juambu e Abuará.

No Marauaiá consta que algum dia habitara o gentio curanao, poderoso e inimigo dos manaos. Conta logo no princípio 4 cachoeiras vizinhas umas da outras. A mais fácil de vencer é a 4<sup>a</sup>, em rio vazio. Tem salsa e cacau nas vizinhanças das serras superiores. O cacau que se tira de dentro do rio Arapirapi, o qual desemboca no Marauaiá pela sua margem ocidental e acima da 4<sup>a</sup> cachoeira, informa o citado fiel do armazém José Antônio da Cunha, que é o mais graúdo que tem visto. Menos salsa tem o outro rio Juambu, antigamente habitado pelo gentio ujanó, o qual falava a língua dos Manaus. Também tem duas cachoeiras pouco acima da sua foz. Em bastante distância dela fica a 3<sup>a</sup>, e todas três são trabalhosas de vencer. A da entrada do Abuará só dá passagem aos que a varam por terra. O soldado Ifigênio da Costa, diretor da povoação das Caldas, suspeita que para ele se pode passar o rio Majá, o qual desemboca na margem oriental do Cauaburi, entre a 2<sup>a</sup> e a 3<sup>a</sup> cachoeira grande.

Do lugar da tapera, em que foi primeiramente fundada a povoação de Santa Isabel, até ao em que pelo norte lhe corresponde a do Castanheiro Novo, deságuam no rio Negro, pela sua margem austral, os rios Urubaxi, o Uajanana, por outro nome Ajuaná, o Uenerixi, por outro nome Inuixi, e o Xinará.

Quanto ao Urubaxi, bastará transcrever o que a respeito dele nos deu a ler o autor do *Roteiro da viagem* desta capitania. E é do teor seguinte:

Foi em outro tempo povoado de Manaus, dos quais, diz Fritz, citado por Mr. de la Condamine, p. 70, que tinham neste rio uma grande aldeia chamada Ienefiti, que o mesmo la Condamine supõe cabeça de província dos Manaus, e ser a que deu motivo para se fingir a cidade de Manoa. É verdade que havia a aldeia na boca da margem oriental, cujo nome era Irananauoca e não Ienefiti (cf. § 176 daquele *Roteiro*).

Como os índios costumavam dar às aldeias os nomes dos principais que as dominavam, pode ser que em pouco tempo mais atrasado fosse denominada Ienefiti por ser do mesmo nome o principal, então existente, ou que, tendo dantes aquele nome, voluntariamente o mudassem em Irananauoca. Também não dispuo a conjectura de Mr. de la Condamine, posto que a referida aldeia nem tinha as qualidades e grandezas com que se fingiu a cidade de Manoa,

nem era a capital da província dos Manaus, pois não obstante serem estes todos confederados, eram, contudo, as suas aldeias independentes umas das outras e muitas delas tão populosas como a Irananauoca.

No Inuixi esteve em outro tempo a aldeia do principal Camandri, que depois se mudou para o lugar em que está situada esta vila. Dele se conta e se escreve que, com ardentíssimo desejo, abraçara a religião cristã, e que para a sua aldeia recolhera e nela conservara um missionário que casualmente encontrou andando à pesca.

No Xinará habitou o outro principal Carunamá, de quem já escrevi, que pela sua muita afeição aos brancos foi sacrificado à inveja dos principais Debari e Bejari, da ilha de Timoni. Em todos estes rios há bastante puxuri. O Urubaxi, o Inuixi e o Xinará comunicam-se com o Japurá.

O que escrevo desta, entenda-o V. Excia. de todas as outras povoações que se seguem até a de São Gabriel. Nenhuma delas merece tal nome, porque nenhuma delas é outra cousa mais do que verdadeiramente uma feitoria de farinhas. Algumas roças particulares tenho eu visto mais povoadas de índios e de casas, e de outro manejo de lavouras incomparavelmente maior. Constava de 8 palhoças e ainda então se fincavam os esteios para a residência do diretor. Ele e os das mais povoações são soldados da guarnição da fortaleza de São Gabriel. O comandante os destaca para as dirigirem. Uma observação fiz a respeito deles, que ao menos são mais ativos e menos distraidores dos<sup>54</sup> índios pelas suas negociações secreta, do que os diretores paisanos, porque ao mínimo desgosto que dão ao coronel e à menor queixa dos índios, verificada que seja, irremissivelmente se segue o serem logo removidos e castigados.

Deles não consta o que diária e sucessivamente está constando dos outros, quero dizer, que as povoações por mais próprias que sejam em todo o sentido, e para todo o gênero de lavouras, não podem fazer um arrozal, ou um cafezal etc., por não terem índios, ao que dizem os diretores, e eles com 8, 5 e menos índios de portaria fazem e podem fazer cada ano 2, 3 e mais arrozais, quando as povoações, de que mais café se recolhe, não têm um só cafezal pertencente ao comum dos índios ou ao particular de cada um e eles possuem e podem possuir cada um cafezais seus, de onde colhem 50, 70, 80 e 100 arrobas do referido gênero, e o que mais é até compram e podem impunemente comprar aos índios estas e outras plantações, como se ao tutor fosse permitido em direito o contratar com o pupilo, ao curador com o curado e como se a nulidade de semelhantes compras e vendas em fraude e lesão enorme dos índios que, pela sua ignorância e desmazelo, não são mais do que verdadeiros pupilos e curados dos diretores, como se a nulidade, digo eu, não fosse a maior pena, de entre as muitas em que ficam incursos os réus de tão escandalosas negociações, que as roças do comum, quando produzem 600 alqueires de farinha, servem de argumento da atividade do que as dirige, havendo por outra parte diretor ou morador branco patrocinado por eles que apresenta pela sua parte somente não digo que os mesmos 600, que tirou a povoação inteira, mas 700 alqueires, 800, 1.000 alqueires, como a V. Excia. é constante.

Seja esta a última vez que me eu<sup>55</sup> dirija contra estes fatos; também não quero exasperar o ódio que eles merecem, contemplando-os pelo lado que apresentam o mais terrível aspecto. Quero a favor seu qualificá-los quando muito, de uns meros descaminhos da fazenda dos índios e, qualificados assim, por uma bem adoçante filosofia, em que penas ficam incursos? Sem ambigüidade alguma as declara a carta régia de 23 de dezembro de 1762, expedida ao Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, a qual diz assim:

Sendo-me presente que alguns dos diretores, que se acham nas povoações desse Estado, não cumprem inteiramente com as obrigações declaradas no *Diretório* que lhes mandei dar para governo econômico das mesmas povoações e dos seus moradores, hei por bem declarar, como por esta declaro, que todo e qualquer descaminho obrado pelos sobreditos

<sup>54</sup> dos = do que os

<sup>55</sup> me eu = eu me

diretores nas mesmas povoações seja caso de devassas, as quais serão sentenciadas na junta estabelecida nesse estado e sentenciados os réus, como descaminhadores da minha real fazenda e impondo-se-lhes as mesmas penas estabelecidas nas minhas leis contra os referidos descaminhadores.

E eis aqui um processo, que por ora se não pode fazer com justiça aos soldados diretores das povoações do distrito da Cachoeira. Eles, já disse, que não são com tanta facilidade compreendidos nele. Sigo a história das minhas observações a respeito da de Santo Antônio, a qual era povoada de índios barés, juris, pexunas, passés e xamás. No ano de 1780 se incorporaram com o soldado diretor Filipe Néri os três principais Caetano, Bernardo e Tomás e, juntos, fizeram o descimento de 55 almas entre passés, juris e xamás. No de 1781, subiram os mesmos principais sem o sobredito soldado e fizeram outro descimento de 16 almas das sobreditas nações. Ambos os descimentos foram feitos antes de se mudarem os índios moradores da antiga povoação de Santo Antônio do Castanheiro Velho, situada na margem austral e acima do lugar em que hoje existe a de São José, na costa do norte; donde se mudaram para este, por aquele não ter perto as terras próprias para a maniba e, antes ser infestado da formiga saúva. Ocupam-se os índios em fazerem roças de maniba e o diretor em fabricar o anil.

Consta a sua população pela divisão primeira do mapa geral das povoações subalternas à comandância da fortaleza de São Gabriel. Pelos mesmos mapas concluo que se efetuou a mudança e por conseguinte fundou-se a nova povoação no ano de 1784.

Desenganado afinal que sem horroroso trabalho e sem evidentíssimo perigo me não podia transportar na canoa grande do meu transporte para cima da povoação de Maçarabi, aproveitei a ocasião de portador certo para o comandante da fortaleza, a quem levava cartas de V. Excia. o soldado Joaquim Pinto e, na que lhe escrevi, em data de 14 do referido mês de setembro, pedi-lhe auxílio de pequenas canoas para o meu transporte, supondo que de cima do rio dos Uaupés ainda não tinha descido o coronel comandante geral Manoel da Gama Lobo de Almada.

Pelas 6 1/2 horas da manhã de 15 segui viagem pela costa setentrional até às 4 3/4 da tarde, venceram-se duas correntezas e, já naquele tempo me foi preciso fazer três travessias para a terra firme da outra banda. Vi pela margem setentrional que eu deixava e em distância considerável, as serras de Cauaburiz e quase na maior parte das travessias foi a canoa grande arrastada pelos índios, sobre os baixos de areia. Pernoitei desde as 8 da noite até as 5 da manhã de 16. Ao meio dia, aportei na povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi.

Está situada na margem austral e do seu porto se lança ao largo um temível recife de pedras, por entre o qual e uma pequena ilha fronteira, circunvalada de altos rochedos, corre com tanta velocidade o rio, coangustando em um estreito canal, que a razão duvida assentir aos olhos. Do menor descuido dos práticos sucede, não raras vezes, serem absorvidas as canoas pelos redomoinhos das águas e, quando não ficam submergidas, retrocedem com tanta celeridade que, em uma hora, desandam a viagem de seis e sete e, em rio cheio, às vezes, de um dia inteiro. Pela margem do sul não observei rio algum. Na do norte lhe fica fronteira a boca do Cauaburi. De Maçarabi a Caldas são três horas de viagem em montaria esquipada.

A base da povoação é um amontoado de grossas lajes. Ela não é regular, tinha doze casas, incluída a da residência do diretor, e exercitava este emprego o paisano José Ferreira de Souza, que foi soldado algum dia e, pelo seu préstimo e serviço na direção de outras povoações, o conserva naquela o coronel. As terras são férteis. Os índios cultivam a mandiba. E o diretor faz plantar e cultivar o anil em roçados contíguos. E este é um dos diretores que dele tem fabricado as melhores e maiores quantidades. Nas ilhas fronteiras nasce a árvore da casca preciosa que, na língua baré, se chama *inidáo*. O diretor não cessa de recomendar aos que a procuram que não cortem as árvores como costumam. Parece-me que as suas recomendações devem ser reforçadas com a sanção penal, que a V. Excia parecer, contra os transgressores delas, proibindo V. Excia que se descasquem as árvores nova ou se cortem umas e outras, à imitação do que na participação quarta escrevia que fizera no Estado o Sr. Gomes Freire de Andrade

a respeito do pau cravo, e à imitação do que V. Excia. fez nesta capitania, com a nova madeira de cor alaranjada do Rio Branco, proibindo o seu corte, enquanto Sua Majestade o não permitir a todos geralmente, como consta da carta de 24 de janeiro de 1783, expedida ao comandante daquela fronteira.

De se deixarem as cousas no estado em que param, resultará o ficarmos bem cedo privados de um tão ativo aromático, qual é o que tão perto podemos ter. Bem basta a guerra que aos seus frutos fazem os pássaros, os quais nenhum outro perseguem com tanta avidez como este. Ele em tudo se parece com o puxuri. Puxurimirim lhe chamam os índios por ser da mesma figura; o volume é menor, porém, o aroma é maior e muito mais delicado.

Da casca somente pude recolher as amostras que remeto para o real gabinete. Nem flor nem fruto tinham as árvores. Dele remeteu V. Excia. aos deputados da companhia do comércio em Lisboa uma insignificante amostra, esperando que à vista dela declarassem eles o preço que lhe deveria corresponder.

Em um pequeno vidro, remeto igualmente a porção do óleo de umiri que pude conseguir. Ainda se conservam nas terras desta povoação as árvores que o dão e, pelo ativíssimo aroma do seu óleo, exigem de V. Excia. as mesmas providências. À medicina particularmente interessa nestas substâncias, e a V. Excia. não resulta menos honra de proteger a esta do que às outras faculdades naturais.

Fundou esta povoação, no ano de 1772, o citado José Antônio da Cunha, o qual lhe deu a denominação de Nossa Senhora do Loreto. Do nome do principal Maçá, que ali existia e dominava algumas malocas do gentio de outro tempo, e de que [a povoação] tinha uma grande pedra, na língua deles [denominada] “arabi”, era composta a denominação Maçarabi, que tinha e conserva. Fundou-a com parte dos índios desertados de Santo Antônio do Castanheiro Velho, quando mataram o soldado diretor e seus camaradas, como adiante informarei a V. Excia.

Ao sobredito fundador ordenou o governador defunto que a fosse dirigir, como consta da carta de 14 de fevereiro de 1774; e no parágrafo primeiro diz assim:

Ordeno a Vossa Mercê, passe a dirigir a povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi, e lhe recomendo muito por serviço de Deus e de Sua Majestade o adiantamento daquele novo estabelecimento, assim em fornecer de gente a mesma povoação, como da abundância de farinhas e de todas as mais plantações que se fazem interessantes ao bem comum e ao real serviço. E dos passos que Vossa Mercê for avançando no dito e recomendado estabelecimento, ou de outro qualquer progresso, me dará conta, para eu lhe acudir com as providências que forem precisas, não ficando por isso desobrigado de o participar também ao comandante das fronteiras, para o socorrer com mais brevidade, quando a necessidade assim o peça.<sup>56</sup>

Pelo tempo que a dirigiu, chegou a contar 60 índios de machado; outros tantos não conta o diretor da atual. Além dos índios moradores, existe uma maloca do gentio Macu, que consta de alguns casais desta gente e de menores de ambos os sexos. Servem de consumir farinha, porque para desertarem para o mato contíguo basta que o diretor os mande trabalhar. E, por isso, ele não conta com semelhante gente. No ano de 1782, fizeram os principais Joaquim da Silva, Agostinho de Castro e Gonçalo da Costa o descimento de 55 almas das nações juris e passés. O número da gente que há consta da divisão segunda do mapa geral do distrito n° 2.

Demorei-me à espera das canoas que havia pedido, as quais chegaram pelas 8 horas da manhã de 20. Trouxe-as o soldado Joaquim Pinto, o qual, depois de me fazer entrega de 4 canoas e de 2 cartas, com incrível alvoroço meu, me informou da descida que tinha feito de cima do rio Uaupés o coronel comandante geral, de cuja vida já então

<sup>56</sup> Presente pelo futuro do subjuntivo ou uso de “quando” por “desde que”.

não corriam pelo distrito as mais bem fundadas esperanças. Para a V. Excia. constar da muita atenção, urbanidade e prontidão com que o dito coronel e o comandante Marcelino José Cordeiro expediram as canoas, permita-me V. Excia. que eu, em justo reconhecimento, transcreva as suas cartas.

Na que me dirigiu o primeiro, na data de 18 de setembro, escreveu assim:

Esta manhã chegou aqui o soldado Joaquim Pinto e, de uma carta que ele trouxe de Vossa Mercê para o tenente Marcelino José Cordeiro, vi que Vossa Mercê precisava de 4 canoas, as quais prontamente faço já expedir a cargo do dito soldado às ordens de Vossa Mercê. Entre as referidas canoas, vai a em que eu ando, que, por ser própria para subir cachoeiras, a mando para Vossa Mercê se transportar nela.

Ela está mal preparada porque há poucos dias que chegou de uma campanha de um ano, mas é seguríssima e anda muito. O sobredito tenente dirá o mais que houver a explicar relativamente às mencionada canoas e suas equipagens.

A que recebi do segundo com a data do mesmo dia dizia assim:

Na data desta, tive a honra de receber a carta de Vossa Mercê, de 14 do corrente, e depois de reconhecer dela a precisão das 4 menores canoas que Vossa Mercê pede lhe sejam enviadas a Maçarabi, para conclusão do seu transporte, fiz ciente ao Sr. coronel para esta expedição me determinar, cujas<sup>57</sup> sem demora são a Vossa Mercê enviadas, a cargo do soldado Joaquim Pinto, tais e quais presentemente as há.

Removida a causa da minha demora, ao 3/4 para as 7 da manhã de 22, segui viagem para a margem austral. Deixo de especificar as correntezas que venci, porque elas são como o pó do caminho. Pelas 10, atravessei para a margem do norte e, ao meio dia, aportei na povoação de São Pedro, antigamente aldeia de Simapé.

Está fundada sobre uma barreira bastante alta, constava de 12 casas, quando subi, mas tinha diminuído uma, quando descí, em dezembro. Cultivava a maniba e o anil; habitava nela o morador branco Diogo Galvão; também não plantava mais do que a maniba, podendo cultivar o arroz, o milho, o algodão, o café e o anil, a ter braços. Era diretor o soldado Alberto Serrão de Castro. A terra é perseguidíssima da saúva,<sup>58</sup> e os moradores, por estas causas, têm, por vezes, requerido a mudança da povoação. No ano de 1782 fez o principal José Antônio, com o diretor José Ferreira, o descimento de 81 almas. No de 1783, fez, o índio ajudante Joaquim Ferreira, outro descimento de 19 almas, as quais se ausentaram depois. A população atual é a que consta a divisão terceira do mapa geral. Demorei-me à espera das outras canoas até às 6 horas da manhã e, chegadas elas, larguei do seu porto.

Costeando pela mesma margem, aportei pelas 8 na povoação de São José. De uma se vê a outra povoação; o porto desta é lajeado de pedraria, que garante a margem do rio. Constava de 6 casas novas; trabalhava-se em outras 2 e as mais eram tijupares. Era seu diretor o soldado Luiz Mogo. Dirigia os roçados para farinha e para o anil. Tudo ainda parava muito no seu princípio, porque o teve, no ano de 1784, em que para estas se retirou, o gentio descido para a povoação de São Pedro, e nela se não deu bem com os juris e passés, seus moradores. O diretor fazia tenção de, no passado Natal, tentar algum descimento. Veja-se a gente que tem, na divisão quarta do mapa geral.

Pouco acima do novo lugar de São José, ofereceu-se a vencer uma pequena cachoeira por entre a ilha fronteira à povoação que foi de Santo Antônio e, hoje, do Castanheiro Velho. Entrei nela pelas 10 da manhã. Está situada

<sup>57</sup> O uso de “cujas”, significando “que”, “as quais” etc., é verificado também no corpo geral da obra.

<sup>58</sup> O autor usa “saúba” por “saúva”, mas aquele termo indica um peixe e não uma espécie de formiga. Segundo Houaiss, saúba é um peixe teleosteo, perciforme, da família dos lutjanídeos.

na margem austral. Constava de 3 casas e 2 tijupares, em que existiam alguns índios macus. Dirigia-os o índio ajudante Paulo, subordinado ao diretor de São José. Corria o ano de 1767, em que a dirigia o soldado Teodoro Antônio, acompanhado do camarada José Romualdo, quando representou ao capitão Simão Coelho Peixoto Lobo, então comandante da fortaleza de São Gabriel, que os índios estavam revoltosos. Para os comprimir, expediu o dito comandante os 2 soldados Filipe da Costa e Anastácio Serrão. Continuando as desordens, de que era motor o principal Cauinarau, resolveu-se o diretor a prendê-lo e aos outros seus sequazes, fazendo conduzi-los presos para a fortaleza pelos 2 camaradas que dela tinham descido. Aportaram meia légua distante da povoação e, descuidando-se de prevenir as maquinações que intentassem os índios remeiros em desagravo de seus principais, por descuido seu, acabaram às mãos deles.

Perpetrado o delito, voltaram os índios à povoação, aonde o participaram aos seus amigos e parentes. Resolveram-se estes a fazer o mesmo ao diretor e ao seu camarada. Pediram-lhe um machado, com o pretexto de irem tirar mel ao mato e, apenas o entregou, foi logo morto com ele. Ao soldado José Romualdo, mataram em um tabacal seu, onde se achava. Para estas mortes, cooperaram alguns que ainda vivem, como são os principais Gonçalo e Agostinho. Seguiu-se ao delito a deserção dos índios, como é costume. Para conseguir a sua reversão, tomou o Sr. Joaquim Tinoco Valente o expediente de fazer intimar-lhes o perdão, passando a casar alguns soldados com as filhas dos principais, em ordem a arreigar mais o afeto dos índios à povoação e reconciliar entre si as duas parcialidades.

Com ser esta das mais antigas povoações do distrito, foi tanto o estrago que experimentaram os índios moradores e que nas suas terras fazia a formiga saúva, que no ano de 1784 se mudaram de todo para a que já escrevi que se chamava o Castanheiro Novo. Esta, ao menos lá se pode considerar de algum modo útil, por estar situada pouco acima da foz do rio Abuará. Mas de que servem, costa acima e tão perto umas das outras, as povoações de São Pedro, São José e Santo Antônio do Castanheiro Velho, senão de espalhar índios aos magotes e índios que, aldeados em povoações maiores, ainda que menos em número, prometeriam outras lavras e outra segurança? Entre elas, não medeia rio cuja boca se deva guarnecer, o que não sucede à de São João Nepomuceno de Camundé, porque logo acima dela deságua o rio Mariá. Isto que eu agora escrevo é o mesmo que muito antes de mim já V. Excia. o tinha escrito ao governador defunto, em carta de 27 de maio de 1777, e dizia assim:

Ocorre-me a dizer a V. S. que, no estabelecimento de novas povoações por essa capitania, será tanto mais conveniente formar menos e mais populosas do que muitas e insignificantes, porque desta qualidade só servem de fazer despesa e de ocupar mais párocos e diretores, sem o menor proveito. Isto bem se demonstra a respeito das do Japurá e das da[s] cachoeiras e, provavelmente, se demonstrará a respeito das de novo estabelecidas no rio Branco, sendo até este o meu pensamento quanto a outros diversos lugares dessa e desta capitania que, por ridículos, considero, seria tanto mais próprio e conveniente de se reunirem a outras povoações que bem parecesse e melhor assim se aproveitassem. Nas fronteiras, porém, convirá sempre fazer todos o possíveis estabelecimentos, naquelas paragens por onde os vizinhos confrontantes possam avançar as suas premeditadas usurpações, e lhes virá, então, a dificultar essa útil e acautelada providência.

Sem mudar de margem, passei avante e, pela 1 hora da tarde, entrei na povoação de São João Nepomuceno do Camundé, latitude 22' sul. Também está fundada sobre uma alta ribanceira e tinha 12 casas, incluída a da residência e a do forno. Mostra que algum dia teve igreja, porque em forma dela existem as relíquias de uma capela contígua à residência, com as repartições costumadas de capela-mor, corpo da igreja e sacristia, mas ficam todas quase demolidas. A da residência é térrea e coberta de palha, porém, nova, grande e repartida em vários camarins, guarnecidos de portas de madeira. Era seu diretor o soldado Joaquim Jorge. Dirigia os índios que constam da divisão

5ª do citado mapa geral. Eram pexunas, passés, juris e xamás. Cultivam a maniba e o anil. No ano de 1781, fez, o principal João da Cruz, o descimento de 18 almas da nação passé.

Seguiu-se o dia 24 e, pela[s] 6 horas da manhã, saí do Camundé. Pelas 7, dei fé da boca do rio Mariá, o qual desemboca no rio Negro pela margem austral, que eu costeei todo este dia. É habitado do gentio Mepuri e Macu; abunda de piaçava e, ao que informam os índios, alguma salsa tem nos igarapés superiores. Nele entraram (acompanhando ao principal Manacaçari, por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando nesta vila residiu pela primeira vez) o capitão de infantaria Estêvão José da Costa, o tenente Manoel da Silva Alves [e] o desenhador José Antônio Landi (com um corpo de tropa) no desígnio de trazerem a gente que a S. Excia. prometeu o principal. E, havendo o capitão destacado da ilha em que se aposentou, no meio do rio, o cabo da esquadra José com 2 ou 3 soldados e alguns índios para as terras do gentio que lhe ficavam fronteiras, bem cedo se desenganaram da sua perfídia, porque mataram o cabo, um soldado e alguns índios e, feito o delito, se retiraram.

Comunica-se com o Japurá e os que a ele querem passar a descer índios do outro rio Puréos, sobem 8 dias pelo Mariá e, feito o trajeto de 2 dias, que é o espaço de tempo que se gasta em vencer a terra interposta, entram no dito Japurá. Não me foi possível chegar neste dia à foz do rio Curicuruaú, o qual deságua na mesma margem. Cheguei a ela pelas 7 horas da manhã de 25. Vi que ao longo do rio corriam altas serras que se internavam por ele. É habitado das nações mepuri, maiapena e macu; abunda de piaçaba e pau-vermelho, na língua dos índios embira-piranga. Sobre a palavra do autor do *Roteiro* e do que dizem os práticos, infiro que existe entre a sua margem ocidental e a austral do Uaupés o canal de Inebu, pelo qual se comunicam ambos os rios. Não me demorei nele por me não constar de novidade de produções. Continuei a subir pelo rio Negro e, pelas 9 para as 10 entrei na cachoeira que existe no porto da povoação de São Bernardo do Camanau.

Existe na margem setentrional, para onde atravessei antes de entrar na cachoeira; tem da sua parte e antes de si o rio Miuá, abundante de salsa e antigamente habitado do gentio demacuris e os riachos Uacaburu, Muneni, Uibará e Cacaba. A cachoeira é um longo recife de pedras que quase atravessa o rio de uma a outra margem. A celeridade das correntezas, os redomoinhos das águas e os estrondo que faz ao despenharem-se dos saltos, persuada-se V. Excia. que tudo isto contrai o espírito mais desembaraçado.

Deu à povoação o nome de Camanau o principal João Luís Camanau, que faleceu na foz do rio Piraparaná, aliás, na aldeia dos Curutus, ao sair para o rio dos Apaporis, o qual deságua na margem do Japurá, em 21 de fevereiro do ano passado, acompanhando ao coronel nos reconhecimentos do Uaupés. Nele perdeu Sua Majestade um índio bom servidor, não só para os descimentos do gentio, mas para as diligências dos reconhecimentos dos rios, e para o auxílio das canoas régias, e para as particulares, quando perigavam na cachoeira da povoação. Ela não tinha mais do que 7 casas. Dirigia os seus índios o soldado Ponciano José de Lima. Trabalhava em farinhas e muitas amostras de anil. A gente que tem é a que consta da divisão 6ª.

No ano de 1782, desceu o defunto principal 152 almas entre juris, passés e xamás. A história desse descimento é a seguinte:

Tinha o comandante atual recebido a ordem, que V. Excia. lhe dirigiu em carta de 27 de junho de 1781, para povoar o rio Cauaburi, como V. Excia. havia já ordenado ao governador defunto em carta de 17 de dezembro de 1773. Pôs-se o comandante na inteligência de a cumprir e, pondo mãos à obra, expediu ao principal da povoação de São Gabriel, chamado Inácio, para o rio Japurá, com as ordens, insinuações e provimentos precisos para descer a gente com que fundasse a povoação que é hoje das Caldas e existe na margem oriental e no princípio da primeira cachoeira grande e do referido Cauaburi. Conseguiu o principal aliar a si para cima de 600 almas e, descendo com elas, sucedeu que se inebriou o gentio em um dos dias das suas danças e, alienado da razão o matou, enfiando-lhe os dentes para os seus colares e braceletes e fazendo das tíbias das pernas as suas flautas. Informaram do sucesso ao comandante os poucos índios da comitiva que escaparam. Mandou sobre eles o sobredito Camanau que, com

efeito, trouxe as 152 almas. Ficaram 26 em São Bernardo, por ser a povoação do principal que os desceu e já ter sido fundada no ano de 1761; com os outros estabeleceu a do Cauaburis.

Tanto custa a Sua Majestade e aos seus vassallos qualquer descimento destes. Nada convida ao gentio para descer por seu pé. O abrigo das leis, a segurança da vida, a salvação das almas são vantagens que desconhece e, se as conhece, não se-lhe dá de as perder. A sua ignorância quase que os reduz à consternação de se-lhes fazer bem por mal. Deles, não me admiro tanto como dos próprios domesticados. Toda a sua paixão e saudade é pelo mato que deixaram. Ali, o apetite animal é a lei dos costumes, ali são naturalmente preguiçosos, porque o mato, naturalmente, lhes subministra tudo o de que necessitam. A necessidade tem sido a mestra da indústria nos países cultos. Eles, que a não receiam, nem amam a indústria nem a sujeição aos costumes que são diversos dos seus. Por outra parte, não trataram muito de se fazerem amáveis aos olhos dos índios os primeiros que os desceram. Cuido que dura e durará no gentio a memória do tratamento que fizeram aos seus maiores. Daqui procede, talvez, a maior força de seu retiro, porque, suposto que já hoje se não cometem violências que em outro tempo cometeram os cabos dos descimentos (quando, depois de darem aos índios a sua palavra de amizade e deles receberem os ofícios da hospitalidade, os alienavam dos sentidos para, neste estado, os surpreenderem e cativarem), violências foram estas em que eles muito repararam e que, transmitidas de pais a filhos de então para cá, de tal modo radicaram em todos a aversão e horror aos brancos que, só a sua memória os embrenha nos matos para não experimentarem, cuidam eles, o mesmo que<sup>59</sup> seus pais. Donde se segue que os muito poucos que descem por seu pé, indisputavelmente, não descem por fineza aos brancos ou predileção ao seus costumes, promessas ou aliciações, mas por uma escolha que fazem a seu modo de discorrer entre dous males que se-lhes representam, de, ou morrerem às mãos dos índios seus inimigos, ou descerem a servir aos brancos.

Ora, os serviços são tais, nas circunstâncias críticas da capitania, tantas as expedições a fazer e tão poucos os índios domesticados, que, ou se não há de fazer o serviço, ou se há de lançar mão dos novamente<sup>60</sup> descidos e, nestas conjunturas, eu sou testemunha ocular, não só do desassossego de vida em que entram logo no princípio da sua civilização e tanto contra o seu gênio e costume em que vivem no mato, mas também de que vivem três e quatro anos sem serem batizados.

Os vigários os não batizam adultos porque não sabem a doutrina; eles a não sabem porque, além do desgosto da<sup>61</sup> aplicação ao trabalho espiritual e corporal, desde que desceram do mato, não fizeram mais do que sair de uma e entrar em outra expedição.

Da povoação de São Bernardo até ao porto de cima da de São Gabriel, posso dizer a V. Excia. que tudo é uma cachoeira continuada; não porque entre umas e outras não mede[i]em seus intervalos, mas porque estes são tão curtos e elas tantas, com relação à distância, que o trabalho e o susto de quem as monta mal pode distinguir o tempo em que as não monta. Segui viagem ao amanhecer do dia 26 e, logo ao voltar da ponta da margem para dentro de uma enseada, se ofereceu a do Cucuri; seguiram-se, pela sua ordem, a da Tapera, a de Paricaúba, a da outra Tapera dos Manaus, a da Laje do Cumaru, a do Cujubi, a das Furnas, a da Praia Grande e a do Porto de Cima. São dez por todas, incluída a do Camanau. Não montei as duas últimas por haver caminho por terra para São Gabriel. Cachoeiras são estas mais e menos trabalhosas de vencer, segundo o número e altura dos saltos, segundo o estado do rio, cheio ou vazio e segundo a grandeza das canoas. Quanto aos saltos, nem por isso os destas cachoeiras são tão notáveis na altura como se diz que são as de umas do Uaupés e como eu vi na da cachoeira grande do rio Içana e, ainda, no da primeira do Cauaburi, mas os recifes de pedras não deixam de ser altos e amiudados e as correntezas rapidíssimas.

<sup>59</sup> A ed. de 1983 registra “que o mesmo que”.

<sup>60</sup> Esta palavra tem um sentido hoje desusado: “recentemente”.

<sup>61</sup> “Do desgosto da” equiivale a “da falta de gosto pela”.

Quanto ao estado do rio, é verdade que, na vazante, se amansam mais as correntezas, porém mais se fazem temer as pedras ao lume d'água; e umas cachoeiras são mais temíveis na vazante, como a do Cujubi, e outras na enchente, com a do Cumaru. A respeito das canoas, quanto menores elas são, mais aceleradamente escapam do fio da correntezas e se abrigam nos seus remansos.

A subida não se pode deixar de se empreender junto aos rochedos da margem, antecipando-se o cabo a descarregar a canoa, se assim é preciso, para ser puxada à corda por cima de pedras. O trabalho dos índios, então, é grande, porque o perigo é maior. Uns lançam-se ao rio e, segurando a popa, servem-lhe de leme para se não desmandar para a correnteza; outros, de dentro da canoa, a empurram com varas para reforçarem a ação dos que por cima das pedras a puxam à corda. O cabo não tem lugar ou trabalho certo, porque, se é experimentado, como sabe V. Excia., que o é o anspeçada Bernardino de Freitas, a quem por essa razão me fez V. Excia. a graça de nomear cabo da minha canoa, conhece que os índios só fazem o que devem fazer e, para os dirigir e ajudar, ora salta ao rio, ora sobe à terra. As cordas de que usam os práticos são, comumente, de timbó-titica e, na sua falta, suprem as de piaçaba, porque mais tempo aturam sem serem roídas pelas saibreiras. Observei que as de linho breado e não breado, as quais tinha feito empregar, instantaneamente arrebentavam, ao serem roçadas pelas ditas pedras. Deste trabalho está livre quem desce, porque desce o canal entre saltos e, pelo fio da correnteza, mas o perigo de naufragar sem remédio é muito maior, em razão da celeridade com que desce e com a mesma celeridade pode encontrar os rochedos do lume d'água, particularmente em rio vazio.

Antes de São Gabriel e na distância de um quarto de hora de viagem para baixo da Praia Grande, está situada a povoação de Nossa Senhora de Nazaré de Curiana sobre a margem setentrional.

Constava de 9 casas ao longo dela. Dirigia os índios, que aponta a divisão sétima, o soldado José Severino. Cultivavam a maniba e o anil. É povoação tão antiga como a fortificação que algum dia se fez e existiu na ilha de São Gabriel, a qual lhe fica fronteira. Fundou-a o capitão José da Silva Delgado no ano 1761, que foi quando erigiu uma casa forte para guarnição da referida ilha. Em 1784, desceram os principais Miguel da Silva e Miguel de Menezes, com o soldado Ponciano José de Lima, 19 almas do gentio passé, das quais faleceram dez.

Vencida a enseada de Curiana, segue-se montar o salto da primeira cachoeira do Crocobi, que existe na chamada Praia Grande, situada na margem do norte e acima da referida ilha de São Gabriel. Nela principia a povoação deste nome e nela desembarcam os que se não querem arriscar na cachoeira, havendo estrada por terra até o centro da povoação. Um ilhote fronteiro à praia coangusta o canal por onde passam as canoas que sobem para os dous portos superiores. Das saibreiras da dita praia, umas são isoladas no seu plano e outras, seguidas. Elas fazem a base do terreno modicamente elevado, no qual se acham levantadas 6 casas de índios moradores, incluída a do principal Gonçalo. Ficavam a cobrir-se 4, que ainda não estavam cobertas, pela muita falta de palha que experimenta este estabelecimento. A estrada que, desde ali principia e segue ao longo do rio, não é por todo o seu comprimento igualmente plana e desembaraçada, mas ora se eleva, ora se abaixa, mediante as saibreiras que a interceptam e, por este modo, a fazem irregular. Donde procede que, nem se pode continuar as casas dos índios, sem as interrupções que lhes causam os inauferíveis obstáculos das saibreiras, nem alinhá-las com a precisão geométrica que em outras povoações é fácil. Não deixam, contudo, de estarem bem aproveitados os espaços mais planos, porque avançados seus passos ficam outras 7 casas [que] também são dos índios e já estavam cobertas e entijucadas. Determinava, então, o comandante, fazer roçar o mato da parte do rio, não só para fazer desembaraçar o prospecto, mas para aproveitar com o anil as porções de terra livre das saibreiras.

Dali por diante é tanta a sua elevação que, para montar-se ao cimo do povoado, onde estão situadas a igreja matriz, a fortaleza e os quartéis da residência do comandante e o da tropa da guarnição, é forçoso subir por uma escada de madeira, a qual tem por toda a sua altura 16 degraus, sensivelmente distantes um do outro. Então aparecem mais 4 casas, que eram as únicas que haviam antes da do comandante atual. Defronte delas erigiu

agora um quartel para nele residir, enquanto no da residência dos comandantes reside o coronel comandante geral. Consta o novo quartel de 4 casas e uma cozinha, é coberto de palha, as paredes são de frontal entijucado e, por ambos os lados, caiadas de tabatinga, e tem portas de madeira. Está fundado no declive da colina, por isso é soturno, porque fica assombrado das saibreiras superiores pela parte da terra e a se-lhe abrir em roda alguma vala, para a expedição das águas da chuva, quando escorrem pela colina, será inabitável, em consequência dos estragos da umidade.

Pouco superior a ele, porém do mesmo lado da residência do Rev. vigário, a qual é grande e bem coberta de palha. Consta de 4 casas; tem portas e janelas de madeira pintada. Queixa-se que tudo nela umedece e se destrói: o sabão, o sal, a pólvora, a roupa, o papel, os couros etc. Eis aqui um necessário efeito da situação.

No tope da fronteira à sobredita escada, está fundada a igreja matriz. É uma igreja grande, construída como barraca de madeira, coberta de palha, interiormente pintada com a decência precisa.

Tem seu alpendre e varanda térrea em roda. É assoalhada de madeira por dentro e, na capela-mor, que é bastante funda, existe o único altar em que estão colocadas as imagens de Nossa Senhora da Conceição e do arcanjo São Gabriel. Possui uma píxide de prata dourada com o manto de lhama branca rendada de ouro, um cálice também de prata dourada, com sua patena, duas caixas de madeira com as âmbulas de estanho para os santos óleos, uma dita só para a unção, 2 castiçais grandes e 9 ditos pequenos de estanho, assim como 1 par de galhetas e 1 vaso de lavatório, 1 campainha sã e 2 quebradas. Não tem sino. As 2 alvas de pano de linho são novas, as 2 outras de bretanha ficam muito remendadas. As 4 toalhas do altar passam de meio uso; as 2 do lavatório nem podem nem devem servir; as sobrepelizes são 2, lisa e rendada, ambas em bom uso. Tem 2 frontais de damasco branco com sebastos encarnados; 1 casula com manípulo e estola do mesmo, 1 capa de asperges de damasco branco e, da mesma cor, o véu de ombros, o qual é novo. O forro e as cortinas interiores do sacrário, e o pálido, são de damasco encarnado. O pendão das procissões é de tafetá branco, já muito usado. Existem, além dele, 2 mangas de cruz, branca e roxa. As cortinas de chita azul para todas as portas e janelas da capela-mor e as outras ditas de riscado para todas as portas, menos a tribuna, são esmolas que se deram. Ao altar portátil pertence um cálice com sua patena de prata, 2 toalhas, 1 frontal de damasco de lã de 2 faces, branca e roxa; 1 casula com manípulo e estola do mesmo e da mesma sorte.

Continua pela retaguarda da igreja um melhor tabuleiro de terra. Serve de jogo de bola por ser infestado da saúva;<sup>62</sup> corre ao longo dele pela parte do rio outro novo quartel, que é maior e melhor do que o primeiro. Quanto à construção, é a mesma: diversifica no número das casas, que são 8, e servem de quartéis para os oficiais, quando os há; na ausência deles, está servindo de armazém uma das suas casas.

Ainda que entre a igreja e o quartel do comandante geral está<sup>63</sup> situada a fortaleza, por acabar de uma vez com os informes sobre os quartéis, informarei deste primeiro que da fortaleza. É coberto de palha, tem 5 casas por todas: são decentemente caiadas e as portas guarnecidas de fechaduras. Domina de cima da colina o porto das canoas, onde, além da casa para elas, existe a da fábrica do anil. Vem este a ser o terceiro porto da povoação ou, como dizem os moradores, o porto de cima.

No vértice da colina cavalga a fortaleza. O que é ela verdadeiramente é um reduto construído de pedra e barro, com 2 meios baluartes na frente e as cortinas que o fecham pelos lados e pela retaguarda. Guarnece-o exteriormente um tal ou qual fosso, que o não circunvala, mas cinge o lado da frente para o rio e o da parte da povoação. A parede da porta é a cortina da frente. Conteí 10 peças de ferro, montadas nas suas carretas, a saber, 6 de calibre de 4 e 4 de calibre de meio. Há dentro dele 1 quartel para a guarnição, 1 parque d'armas e

<sup>62</sup> Saúba por saúva na edição de 1983.

<sup>63</sup> Indicativo pelo subjuntivo.

mais [a]petrechos de guerra, 1 pequena casa de pólvora, 1 calabouço etc., e todas estas casas, excetuando a da pólvora, são cobertas de palha.

Pela retaguarda do reduto se levanta um outeiro que o domina e é um temível padrao<sup>64</sup> que se corresponde com ele a tiro de peça. Necessita-se, por esta parte, de um contra-reduto que cubra a retaguarda do primeiro. Pela parte do rio, é bem defensável, porque o rio se coangusta de modo que o que apresenta é uma estreita garganta, defendida pelos meios baluartes superiores, ficando a povoação entre a primeira cachoeira da praia grande e a segunda sobre que está levantado o reduto. Constava o seu destacamento de 60 praças. O ordinário costuma ser de 30 e nunca existem juntas, porque já escrevi que, da guarnição se destacam as praças precisas para a direção das povoações subalternas; outras se empregam nas diligências do serviço.

Sabe-se que os espanhóis pretenderam introduzir-se neste lugar antes de ser fortificado, e foi preciso prevenir as suas costumadas usurpações. O primeiro que o fortificou pela nossa parte foi o capitão-de-granadeiros José da Silva Delgado. Veja-se o que a este respeito consta do seu assento. E é o seguinte:

O capitão José da Silva Delgado foi destacado para o distrito das cachoeiras deste rio, a fundar uma nova povoação, em 23 de maio de 1761. Apresentado em 6 de novembro do dito ano, depois de concluir uma casa forte na ilha de São Gabriel; um armazém na Cachoeira Grande e tomar posse das alde[i]as dos índios nas terras de Marabitanas, que são: São José, São Pedro, Santa Maria e Santa Bárbara, como também criar as alde[i]as de São João Batista, na boca do rio Ixié; a de Santa Iabel, rainha de Portugal, na boca do rio Uaupés; do Senhor da Pedra, na Cachoeira Grande, da parte do sul; a de Nossa Senhora de Nazaré, na enseada da dita ilha, da parte do norte; a de São Sebastião, na cachoeira chamada do Vento, da parte do norte; a de São Francisco Xavier, na mesma cachoeira, da parte do sul, e a de Santo Antônio, na boca do rio Mariá.

Donde não só se vem no conhecimento do primeiro que guarneceu este passo, ainda que por então não fez mais que uma casa forte, erigida na ilha, mas também que algumas alde[i]as se estabeleceram, as quais já hoje não subsistem. Sucedeu-lhe o outro capitão Miguel de Siqueira Chaves, o qual foi destacado em 12 de outubro de 1761 e apresentou-se em 9 de janeiro de 1762, por causa de doença.

Seguiu-se o capitão Simão Coelho Peixoto Lobo, destacado em 13 de janeiro de 1762 e apresentado em 14 de dezembro de 1763. Por todos eles foi informado o Ilmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, que, no lugar em que está situada a residência dos comandantes, se podia erigir um reduto que defendesse o passo, rio acima e pela margem do norte, o que não se podia esperar da casa forte estabelecida na ilha. Por ordem sua, subiu a erigi-lo, em 30 de janeiro do dito ano, o alemão Filipe Strum, capitão engenheiro. Construiu-o de pau-a-pique, com dous baluartes na frente para o rio, e esta foi a fortificação que fez e subsistiu até ao ano de 1765. Comandaram-[n]a oficiais distintos em patentes, talentos e serviços, entre os quais os capitães Filipe Strum, Inácio de Castro Morais Sarmiento, João Batista Mardel e Domingos Franco de Carvalho. Distinguiram-se particularmente o primeiro e o terceiro. Alguns deles comandaram mais de uma vez e o capitão Simão Coelho, que tinha saído a comandá-la pela primeira vez em 13 de janeiro de 1762, tornou a ser destacado para o seu comando em 2 de fevereiro de 1767. O citado capitão Filipe Strum, que subiu a fundar o reduto em 30 de janeiro de 1763,<sup>65</sup> voltou a comandante em 13 de novembro do mesmo ano.

Pelos fins de 1775 se deu princípio ao que hoje existe: desenhou-o o capitão engenheiro, mas não o concluiu, porque se retirou para a diligência do rio Branco. Passaram a comandantes os oficiais subalternos que dantes eram

<sup>64</sup> Qual seria o significado desta palavra, neste contexto?

<sup>65</sup> O texto da RIHGB, reeditado em 1983, traz “1463”, que é erro evidente.

menos; não que deixassem de ser para lá destacados, como foram alguns de que faço menção, mas não encarregados do comando.

Tais foram o alferes Manoel Porate de Moraes Aguiar, em 5 de novembro de 1761, e passou a fazer um descimento em 26 de março de 1762; o alferes Crispim Lobo, duas vezes destacado, a primeira em 24 de dezembro de 1762 e a segunda em 30 de dezembro de 1773; o alferes Luís da Cunha d'Eça, em 1º de julho de 1764; o alferes Custódio de Matos Pimpin, em 9 de fevereiro de 1765; o alferes José Henriques da Costa, em 19 de fevereiro de 1766; o alferes Antônio de Seixas, em 26 de janeiro de 1772, etc. Da patente de tenentes, dou fé do tenente Miguel Ângelo Ferreira, em 29 de julho de 1763;<sup>66</sup> do tenente Inácio Soares de Almeida (destacado para comandante) em 19 fevereiro de 1762, do tenente Manuel lobo de Almeida, em 19 de setembro de 1770, etc.

Comandaram-[n]a depois, de entre os que lembram,<sup>67</sup> o ajudante auxiliar Cleto Antônio Marques, o alferes Joaquim Manoel da Maia Melo; o outro alferes Francisco Rodrigues Coelho, que concluiu o novo reduto, e o tenente Marcelino José Cordeiro, que é pela segunda vez seu comandante atual. Eu injuriaria<sup>68</sup> o seu merecimento, se pretendesse informar dele; os seus serviços são as suas informações; pelo seu zelo foram estabelecidas as povoações das Caldas, no rio Cauaburi, e de São Marcelino, no outro rio Ixié; a de São Gabriel tem sido aumentada, a fronteira guarnecida; as ordens de V. Excia. executadas, a expedição de limites socorrida de farinhas e o novo encargo do anil desempenhado. No dia 3 de maio de 1784 chegou à fortaleza o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, na qualidade de comandante geral, da parte superior do rio Negro; aquela foi a primeira vez, que subia a comandá-la um oficial da sua patente.

Vigários que parouquiaram as duas freguesias de São Gabriel das Cachoeiras e São José de Marabitanas, antes de serem divididas, contam-se 7, desde frei José de Santa Úrsula, religioso franciscano, até ao padre Martinho Pereira Lima, presbítero secular; depois da divisão que se fez no ano de 1774, contam-se 4, desde frei Domingos do Rosário até frei Manoel do Monte Carmelo, ambos religiosos carmelitas.

A população é a que consta da divisão 8ª. Os índios moradores são barés, mapuris, juripixunas<sup>69</sup> etc. Até outubro do ano passado, experimentaram estas e as outras povoações subalternas consideráveis deserções de índios empregados nos reconhecimentos do Uaupés. Contaram-se 641 ausentes, tanto foi o horror que conceberam às sezões daquele rio! Com a suspensão interina da mencionada diligência, vai-se conseguindo a sua efetiva reversão. Persuado-me que já no mês de dezembro faltavam para recolher-se 400 almas. Fica evidente o influxo que as ditas deserções deveriam ter, como com efeito tiveram, sobre as roças de maniba. Conjecturo que mais diminuta é a exportação deste ano.

As terras de São Gabriel nada têm de próprias para a sua cultura. A saúva a persegue e, por isso, as roças são feitas longe da povoação, e a farinha que se exporta é tirada das terras que medeiam entre o Camundé e Camanau. Nas vizinhanças da fortaleza, apenas se cultiva a de que se sustentam os moradores. Quanto às outras comodidades do passadio, segue os mesmos termos. Na enchente do rio, há muita falta de peixe e, na vazante, não se pesca quanto é preciso. O destacamento, com muita dificuldade, se sustenta à boca d'arma. A caça está tão batida que, raros são os veados que aparecem. Algumas cabeças de gado vacum se conservavam ao tempo que nela residi. Ficava a plantar-se nas terras do seu distrito o arroz branco, de cuja cultura encarregou V. Excia. ao comandante, remetendo-lhe a semente. Parece que medravam nelas o café e o algodão, que também V. Excia. recomendava ao

<sup>66</sup> O texto da RIHGB, reeditado em 1983, registra "1863", o que é erro evidente.

<sup>67</sup> A expressão "os que lembram" está por "os que são lembrados".

<sup>68</sup> O verbo injuriar está, aqui, em seu sentido etimológico de "fazer justiça".

<sup>69</sup> O texto da RIHG traz "juripixumas".

tenente-coronel João Batista Mardel, quando determinava fazê-lo subir àquele distrito, encarregando-o dos progressos das lavouras, que constam da carta seguinte:

Tendo-se, devido ao préstimo e desvelo do tenente Marcelino José Cordeiro, atual comandante da fronteira deste rio, de mais do útil e importante estabelecimento da nova povoação, por ordem minha fundada no rio Cauaburi, e, de outra que assim mesmo se acha em princípio e se vai formando no rio Ixié, o haver dali facilitado as copiosas e continuadas porções de farinha de mandioca que, desde o fim do ano de 1780, tem sempre fornecido e remetido a estes armazéns reais, em vantajosa subsistência do grande número de indivíduos empregados na presente diligência, de que estou encarregado; todavia, não tem sido até agora possível se acertar com o melhor e mais próprio modo de se fabricar e beneficiar aquele gênero e, a termos tais de fazer-se logo grato na sua imediata distribuição, e de poder conservar-se por algum maior prazo de competente e indispensável demora, resultando disso o gastar-se em parte menos boa e em parte de se desaproveitar muita em continuados consumos por podre e inteiramente incapaz; motivos por que, com a ocasião de Vossa Mercê passar àquele distrito, me lembro recomendar-lhe de fazer sobre este artigo toda a averiguação e observação que lhe parecer conveniente e de providenciar nisso conforme o obtido conhecimento ocular o que melhor lhe persuadir e evidenciar, porquanto dos inconvenientes sobreditos bem vê Vossa Mercê o que na melhoria e no remédio deles se ficará lucrando e interessando.

Como, concluída que seja a diligência da atual demarcação, não ficará havendo o grande gasto de farinhas que agora se experimenta e, por isso, importa desde já tanto melhor prevenir os meios de aumentar a lavoura e plantação de outros gêneros que possam contribuir à subsistência e continuado estabelecimento das diversas povoações de índios daquele distrito, além do que, sempre convém promover e adiantar a agricultura e comércio. Tenho, de bastante tempo e repetidas vezes recomendado ao referido tenente Marcelino José Cordeiro que, com o maior empenho, procure fazer multiplicar grandes plantações das árvores do café e grandes sementeiras de algodão, pelo que me persuado de serem as terras muito próprias para ambos os ditos gêneros. E, nesta inteligência, ajudará Vossa Mercê também os meus desígnios sobre tão importante objeto, averiguando o que se tem feito e dispondo o que bem lhe parecer assim do mesmo útil estabelecimento e do seu pretendido progresso.

Não subiu o dito tenente-coronel, porque V. Excia. mudou de resolução, tomando a de para lá fazer subir o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada e, dirigindo-lhe inclusa a carta copiada, escreveu-lhe assim, na de 5 de abril de 1784:

Com o motivo da mesma resolução em que me achava de fazer subir à parte superior deste rio o tenente-coronel João Batista Mardel, lhe havia também prevenido a outra ordem da adjunta cópia, pela qual igualmente o encarregava de providenciar, quanto lhe fosse possível, sobre o melhor benefício preciso às farinhas de mandioca que, em avultadas porções, se estão dali remetendo a estes armazéns reais e sobre promover a plantação e sementeira dos dous referidos e recomendados gêneros do café e algodão, pelas causas que na dita ordem declaro.

A ela, pois, dará V. S. semelhante<sup>70</sup> execução, aplicando nisso e na cultura e fábrica do anil, como Sua Majestade expressamente me mandou encarregá-lo,<sup>71</sup> igual zelo ao que praticou em Macapá, aonde tanto fez prosperar a lavoura e, conseqüentemente, os interesses daqueles moradores e os da real fazenda.

<sup>70</sup> Substituímos a forma “similhante” e suas derivadas por “semelhante” e derivadas correspondentes.

<sup>71</sup> O texto da RIHGB registra “encarrega-lhe”.

Os freqüentes descimentos de índios, o acarinhá-los e o evitar-lhes toda a injustiça e vexação é também um objeto que deve merecer sempre a V. S. o maior desvelo. E espero que em tudo bem possa ajudar a V. S. o tenente Marcelino José Cordeiro, pela sua larga experiência e pela que eu tenho do préstimo e atividade com que ele se emprega no real serviço.

Resultou do seu zelo e atividade na cultura e manufatura do anil o que por muitos anos, nem o ministério nem V. Excia. puderam conseguir dos lavradores de ambas as capitanias. Quero dizer, porem mãos à obra, ou os moradores, ou as povoações e, por princípio das experiências, apresentarem as quantidades e qualidades deste gênero que o coronel, sem embargo da sua ausência, dos seus trabalhos e enfermidades e das deserções dos índios, em tão pouco tempo fez apresentar. Isto é o que consta da história da sua cultura no Estado do Grão-Pará, da qual não deixarei de pôr na presença de V. Excia. uma como sinopse. E é a seguinte:

Viu V. Excia., por ocasião das viagens que fez às povoações do Estado, o mesmo que por ocasião das suas tem visto e admirado o Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza Albuquerque, ser o anil por todas estas terras tão trivial como em Portugal a malva. Ainda esta não foi a observação mais notável: viu que o anil bravo, espontaneamente nascido nas terras incultas, montava sem raridade à altura de 5 até 6 pés, e viu e soube que, sem embargo de o possuírem nas suas fazendas alguns proprietários, compravam, contudo, o anil que necessitavam, do mesmo modo que o compramos em Portugal, onde o não há nativo. Constou-lhe, por outra parte, antes e depois do seu governo, que, no sítio que hoje possui Simão Borges Fernandes, no rio dos Tocantins, se deu princípio, no ano 1728, à fábrica do anil, em que, debaixo da proteção do Cardeal da Mota, se interessaram, no Estado, o mestre-de-campo José Miguel Aires e, em Lisboa, os dous portugueses Torres e Coimbra. Constou-lhe que à atividade do primeiro ficaram devendo os outros sócios o passarem-se da França para a cidade do Pará os três mestres franceses que, pelo espaço de 5 anos, pouco mais ou menos, trabalharam em o plantar, cultivar e fabricar.

Não duvidaram, portanto, consignar aos três mestres os avultados ordenados de 3\$200 por dia ao primeiro, 2\$400 ao segundo e 1\$600 ao terceiro, além dos que venciam Guilherme Bruce, encarregado da administração, o guarda-livros Francisco Velho, os escriturários e caixeiros, além dos jornais dos índios empregados na sobredita manufatura.

Constou-lhe, finalmente, que, havendo-se eles adiantado ao grande desembolso que fizeram em casas para a fábrica e preparativos para ela, sem se haverem previamente [as]segurado se corresponderia ou não o lucro que tirassem, e que, não havendo, com efeito, correspondido a produção ao trabalho e despesa da cultura da terra, que prepararam a seu jeito e segundo a experiência que tinham dos países, apenas conseguiram os sócios, enquanto vivos os mestres, exportar algumas arrobas, vendendo-se em Lisboa o da qualidade superior a 4\$800 a libra, o entrefino a 2 mil e tantos réis e o último a 360 réis. É porque subsistiu a fábrica, pode-se dizer que, empregada somente em observações e experiências, se achou empenhada em 24.000 cruzados e acresceram depois os falecimentos dos mestres, largaram mão dela e, no mencionado sítio deixaram os tanques de pedra que, há pouco tempo ainda se conservavam e de um deles se servia o dono para curtir alguns couros.

Soube que o mesmo sucesso tiveram pelo tempo adiante os outros ensaios. Sem embargo de que, governando o Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo [e] Castro, pelos seus próprios criados, embarcados em canoas, mandava recolher o anil, onde o havia. Presidindo, em pessoa, à fermentação da planta dentro das tinas que fazia das pipas o citado mestre-de-campo José Miguel Aires.

Que, pelas instâncias de S. Excia. o Sr. João Pereira Caldas, se moveu a manufaturá-lo André Fernandes Gavinho, chegando a ter roçado feito nas terras da baía do Sol; porém, como pretendeu, antes de o plantar, que a companhia lhe arbitrasse preço, com a condição de nunca dele descer, antes subir, conforme ela o subisse em Lisboa, nem a companhia anuiu, nem também ele o plantou.

Que, do anil que, pelo princípio do governo de S. Excia., cultivou e fabricou Gonçalo José da Costa, na sua fazenda do rio Capim, foram tão más as amostras que nem o cheiro delas se podia tolerar. E que, remetendo-as S. Excia. ao Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Melo [e] Castro, dali, depois de purificadas da terra e das outras impurezas que levavam, pelo do real laboratório d’Ajuda, se-lhe dirigiu uma das porções purificadas para servir de modelo às novas experiências que se fizessem.

Tentou V. Excia. fazer emendar a mão-de-obra e, vendo que nem já o plantava nem o fabricava o sobredito lavrador, ordenou-lhe que desse a razão disso; e é o que consta da informação junta datada de 17 de dezembro de 1772:

Determina-me V. Excia. manifestasse os motivos por que não continuavam na manufacção da fábrica do anil, ao que como súdito tenho obrigação de dar resposta, recebida a devida vênia que, posto desse princípio a esta em algum tempo, me desvaneceu ver que, na primeira ocasião em que determinava remeter para a corte [da] cidade de Lisboa um caixote por mim fabricado, isto é, de anil, chegou à notícia dos administradores da companhia geral que, então residiam, Bernardo Simões e Marcos Gonçalves. E, oferecendo-me estes a 1\$400 por libra, os recusei, parecendo-me ser diminuto preço, e me animei a, por minha conta e risco, o remeter para a mencionada corte, o que com bom sucesso, chegando lá, o pagaram por libra a quinhentos e tantos réis. Admirável é, pois, não se fabricando lá, o pagassem por este preço e, vindo de lá como veio, nesta mesma ocasião, por conta da mesma companhia, saísse aqui no primeiro dinheiro a 2\$800 a libra, e com avanço de 45\$000 a 4\$060 réis.

Além de que, Exmo. Sr., esta não é bastante causa, mas também que, na era de 1764 ou 1765, se manifestou, por via da mesma companhia, uma lista dos preços por que se venderam todas as drogas que deste Estado se enviaram, onde constou que 1 arroba e tantas libras de anil, vindas do Maranhão e vendidas em leilão em tantos de tal mês, que por não aparecer a tal lista ao certo não consta qual fosse, valeu a 1\$500 a libra, de 8 arrobas e tantas libras encaixotadas, vindas do Pará, por conta de Gonçalo José da Costa, que foram para a fábrica de seda, valeu a 800 e tantos réis. Eis, Senhor, uma cousa admirável que, sendo para as obras reais sempre escolhido o melhor, seja este menos preciado, não é total admiração, pois assim deve ser, mas que degenera tanto esta é que é a cousa.

Mas, Exmo. Sr., assevero a V. Excia. que não foi o menos preço quem<sup>72</sup> totalmente me desanimou a continuar no progresso desta factura, pois o mesmo limitado preço me fazia conveniência; mas a minha adversa sorte, no melhor auge da minha intenção, por certos motivos, me privou de meus pensamentos, fazendo precisa minha assistência nesta cidade e, como a factura seja fora dela e não houvesse quem tivesse dela inteligência, mais que este humilíssimo servo de V. Excia. e alguns servos meus, e estes se-me fizessem necessários na minha assistência, este o motivo por que houve desvanecimento, ainda que fiz<sup>73</sup> algumas remessas, que importaram em 46 arrobas.

Porém, Senhor, com facilidade e brevidade se pode recuperar esta falta, ainda que haverá 40 anos, vieram a este Estado Guilherme Brucem, Francisco Velho e José Miguel Aires, com o destino de pôr em execução uma fábrica da mesma droga, o que fizeram, como ainda existem vestígios no rio Tocantins, mas com a diferença que eles (dizem) gastaram 6.000\$000, tirando de todo o trabalho, para lembrança, 1 arroba e tantas libras, que tanto fabricaram em todo o decurso que a conservaram, e eu, com 50\$000, me obrigo a construí-la com o produto equivalente a todos os gêneros, exceptuando o valor das terras e servos necessários, aquelas para a fábrica e estes<sup>74</sup> para o trabalho.

<sup>72</sup> Personificação da causa daquele insucesso.

<sup>73</sup> Perfeito do indicativo pelo perfeito do subjuntivo.

<sup>74</sup> O texto da RIHGB traz “estas”.

Isto é, finalmente, Exmo. Sr., o que, com diligência, tenho descoberto sobre esta matéria, da qual não posso dar já mostras, porque, como tempo seja já de inverno, este impossibilita, o que [as]seguro dar prontificado na primeira ocasião de frota, em que este esteja findo, não me movendo, para isto, interesse algum, mas, sim, um mero desejo de que haja quem goze da inutilidade do meu discurso e, mais que tudo, pelo excessivo gosto que conheço V. Excia. tem nesta continuação, da qual, pelo mesmo motivo, considero haver aumento, para que ao menos chegue a 1\$200 a libra, para que com este interesse hajam<sup>75</sup> outros que apeteçam a mesma aplicação, ficando para mim a glória da diligência na consecução dos ditames e imortalizado o gosto de V. Excia., o aumento do Estado e por tudo gratuita à nação.

Que a emenda que tiveram as experiências feitas no Caité, debaixo da inspeção do mazaganista Luís de Loureiro do Rego, não foi mais bem sucedida, gozando desta felicidade somente as amostras que de ordem de S. Excia. fabricou o sargento-mor Xavier Manoel Pereira Favaxo, na vila da Vigia, cujas terras são muito próprias.

Que também a gozaram durante o seu governo, e se distinguiram das do Pará, as que se fabricaram no Rio Negro, porque mereceram a aprovação do ministério; se bem que, os que sabiam não podiam e os que podiam, ou não sabiam, ou não queriam sujeitar-se aos preços arbitrados a cada libra, em razão de ainda lhes faltar a última perfeição.

Pelo que, providenciando aos primeiros, representou a S. Excia. o Dr. ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio a falta de braços que alegavam, e a não poucos moradores daquela capitania, mediante as suas instâncias, fiaram os administradores da companhia alguns escravos. Uns não os empregaram na cultura que os tinha abonado, outros, que os empregaram em manufaturar pequenas quantidades, passaram pelo desgosto de as verem reconduzidas pela companhia, a qual, já para o fim, não as quis pagar.

Fabricaram-[n]as, no lugar de Poiares, Pedro de Faria Melo e Jacinto dos Santos Coimbra, por alcunha o Mombaça; e as amostras deste e as dos outros moradores da vila de Thomar eram justamente as que aqui lhes comprava o capitão José Antônio Freire Évora e, por suas e em seu nome, dele capitão, as vendia na cidade. Também as fabricaram nesta vila de Barcelos, Gabriel Ribeiro e, em Thomar, Mateus Nogueira, Agostinho Chaves e, mui remissamente, o capitão Paulino da Silva Rego, que foi um dos favorecidos com dous escravos, assim como nesta vila foi favorecido com eles o capitão Francisco Xavier de Andrade. Mas o comum das amostras sempre é falsificado com o pó do carvão, os polvilhos, a carimã, a tabatinga, a tisna da ferrugem; e pois que até então não passaram de amostras as quantidades remetidas para Portugal e, dessas mesmas, a maior parte das do Pará convertida em húmus, que é a terra a que se reduz o anil putrefacto, ou misturada com areia finíssima e de uma cor muito escura e carregada e que podia proceder de se aproveitarem com indiferença as variedades da planta de menos boa qualidade, como a silvestre e inculca; de a não recolherem no tempo conveniente; de lançarem de infusão não só as folhas e os pimpolhos, mas também os ramos duros e linhosos; de deixarem fermentar por mais ou menos tempo do que o preciso para se extrair a fécula; de a encaixotarem mal enxuta da umidade. O que viu V. Excia. foi que, de dia em dia, se frustraram as recomendações régias e as ordens de V. Excia., vindo a ser este um daqueles gêneros que os lavradores deixavam de recolher.

Frustrou-se o efeito que se deveria ter seguido da provisão do Conselho Ultramarino de 30 de março de 1680, na qual Sua Majestade houve por bem de ordenar que os moradores deste Estado não pagassem direitos do anil pelo tempo de 6 anos e que, nos 4 seguintes, pagassem só a metade, cuja provisão foi participada ao Exmo. general em carta do 1º de abril do dito ano. Frustrou-se o efeito da carta régia de 24 de novembro de 1711, dirigida ao governador e capitão-general do Estado, para que fizesse a diligência possível por afeiçoar alguma pessoa a fabricá-lo,

<sup>75</sup> Verbo “haver” flexionado com o sentido de “existir”.

dando-lhe todos os índios que para a dita fábrica pedisse, além de tudo mais que lhe fosse preciso. Frustrou-se o efeito do alvará de 9 de junho de 1764, em que Sua Majestade prorrogou aos moradores do Estado a mercê de pelo tempo de 10 anos não pagarem direitos. Frustrou-se o efeito que, em consequência da atividade que, em S. Excia. o Sr. João Pereira Caldas excitou o ofício da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos, do 1º de outubro de 1772, devia ter resultado da resolução que tomou Sua Majestade de o encarregar da sua inspeção, remetendo-lhe o modelo semelhante ao que tinha ido para a capitania do Maranhão, a fim de mandar construir por ele os engenhos em que se houvesse de fabricar o gênero recomendado. Frustrou-se o efeito do outro ofício de 13 de julho de 1773, em que lhe foi recomendado a sua cultura e adiantamento, na conformidade das ordens que se haviam expedido para a capitania do Maranhão. Frustrou-se o efeito do ofício de 6 de agosto de 1774, em que Sua Majestade não só repetiu a mesma recomendação, mas depois de haver reputado suficientemente boas as amostras que se haviam remetido para, contudo, as fazer aperfeiçoar, remeteu a instrução que facilita o método de o fabricar, com o título de *Instrução para se Extrair o Anil*. Frustrou-se o efeito do ofício de 3 de junho de 1777, em que o mesmo senhor declara que em quanto<sup>76</sup> ao anil do Rio Negro, pouco faltava para chegar à última perfeição, e que, a respeito das outras amostras do Pará, sim, podiam servir, mas depois de beneficiadas no seu real laboratório, e que todo o ponto estava em que se aumentasse até fazer artigo do comércio, em lugar das pequenas amostras que, pela sua imperfeição, se não podiam pagar a mais de 8, 9 e 10 tostões, e o último e melhor até 11. E frustrou-se,<sup>77</sup> finalmente, os editais, portarias, avisos e cartas que, em consequência destes ofícios, repetidas vezes se expediram no Estado.

Na carta de instrução de 9 de setembro de 1773, expedida ao Dr. ouvidor desta capitania, participou-lhe V. Excia. a recomendação que tinha do ministério para promover o dito gênero, prometendo enviar-lhe, na primeira ocasião, o modelo para a fábrica e a receita de o fabricar; recomendação que lhe repetiu nas outras duas cartas de 8 de novembro de 1774, dirigidas ao governador e a ele. No edital de 23 de setembro do dito ano a publicou V. Excia, na conformidade do que lhe ordenou Sua Majestade que fizesse e, pela sua parte, a intimou quanto pôde aos governadores, oficiais de câmaras, comandantes e diretores das povoações. Na carta de 25 de fevereiro de 1777, prometeu o governador da praça do Macapá remeter-lhe as amostras do anil deste Rio Negro, que ele pedia para modelo das suas, como também a receita e o fabricar, vinda de Lisboa, e, com efeito, na outra carta de 7 de março do dito ano, remeteu inclusas não só a receita do anil, mas também do urucu.

A 17 de março do mesmo ano, foram datadas as ordens expedidas ao desembargador intendente geral, para, nos livros da intendência fazer registrar as duas receitas inclusas nelas; ao presidente e mais oficiais do senado da câmara da cidade do Pará, para, pela sua, procurarem persuadir a sua execução; ao inspetor da ilha grande de Joanes, para o mesmo efeito. Felizmente, deve esperar agora a capitania do Pará, que se não frustre o ofício que recebeu do Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza Albuquerque sobre a conservação e adiantamento desta manufatura, de que alguns ensaios principiou no Macapá o seu governador, o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, e que se não frustrem as ordens e providências passadas pelo dito Exmo. Sr. general, assim com[o] se não têm frustrado o outro ofício de 13 de novembro de 1783, expedido a V. Excia. para, de acordo com o sobredito coronel, estabelecê-la nesta capitania.

Eis aqui o que eu passo a mostrar que se tem feito nos distritos das cachoeiras.

As primeiras ordens que nele passou o coronel para a povoação de São Gabriel e para as outras subalternas foram que se fizessem anisais em terras próprias, encarregando ao comandante das primeiras experiências em pequeno.

<sup>76</sup> Parece-me que “em quanto” está por “quanto”.

<sup>77</sup> O singular “frustrou” por “frustraram” é consequência da longa série de repetições da palavra. A Psicolingüística explica.

Passou este a fazê-las executar pelo seu mulato Diogo, que era a única pessoa que o sabia trabalhar, e do resultado das experiências coligiu o coronel, que se podia passar a trabalhá-lo em grande. Ordenou, então, o seguinte, na ordem de 14 de junho de 1784:

O Sr. tenente Marcelino José Cordeiro lançará, pela repartição da capitania e em assentamentos separados, a despesa que, por conta da fazenda real, se fizer com a fábrica que mando construir nesta povoação para a factura do anil, praticando o mesmo com os gastos que se fizerem na cultura do dito gênero e manejo da dita fábrica, de cujas despesas apresentará os conhecimentos de recibos competentes para ser indenizada a real fazenda com o produto o anil que se fabricar.

Com o calor com que o comandante costuma executar as mais ordens, tratou de fazer construir os tanques de madeira, expedindo os carpinteiros para o mato na diligência dela e, no dia 10 de setembro do mesmo ano, se fez, no grande tanque, a primeira experiência. Reconheceu-se que a desmarcada grandeza da máquina, a qual chegaria levar os seus 1.000 potes d'água, dificultava a mão-de-obra e não podia ser maneada por pouca gente. O anil saía denegrido pela razão de terem sido calafetados e breados por dentro e por fora os grandes tanques, superior e inferior, e ser muito o anil a fermentar. Com efeito, para se encher de anil o tanque superior, informa o comandante que eram precisos 600 feixes da planta e [que] tanto anil junto não podia ser bem sucedido. Importou, portanto, a despesa dos tanques em 217\$560. Com a retirada do coronel para o rio Uaupés, resolveu-se o comandante a dividir os feixes por pequenos tanques e, tendo-lhe mostrado a experiência que correspondia o efeito, propôs-se em abrir dous cochos, superior e inferior, de madeira acaiacarana, e no dia 29 de setembro fez a primeira experiência. Confirmado o sucesso, passou a expedir a ordem circular de 2 de outubro para, à imitação daqueles, constituírem outros cochos os diretores das povoações subalternas. E dizia a ordem deste modo:

Ordeno a Vossas Mercês, logo que esta receberem, mandem fazer dous cochos de 30 palmos um e de 20 o outro, com o pontal de 3 palmos ao menos e 4 de boca, para neles se principiar a factura do anil que se acha ordenada pelo Sr. coronel. E, no caso de Vossas Mercês não estarem certos no feitio dos ditos, chegarão a esta fortaleza, sem perda de tempo, com um dos índios canoeiros que houver, para bem se instruírem no método de os fabricar.

Chegaram à fortaleza, viram os que haviam nela e voltaram a fazer os seus. Observou, no entanto, o mesmo comandante, que, quanto maiores eram os cochos, menos se facilitava a depuração da fécula. Revogou, por isso, a primeira ordem, mandando que a cada cocho de cima se-lhe desse o comprimento de 12 palmos e o de 11 ao de baixo.

Deste modo correram as cousas até à descida do coronel, no dia 8 de janeiro de 1785. Aprovou a resolução do comandante à vista das amostras que lhe apresentou; ordenou que se concluíssem os outros dous cochos que, por falta de operários, se não tinham acabado e que, nas outras povoações, se executasse à risca a sua ordem; acrescentou que se desmanchasse o grande tanque de bater, o qual se havia experimentado ser inútil, para se-lhe(s) substituírem os cochos, ficando por desmanchar o tanque superior, de apodrecer, para mais vagarosos ensaios. Trabalharam, desde então, dous pares de cochos, mas trabalharam interpoladamente, pela falta de anil de que até aquele tempo só havia disposto três roçados. A falta de semente influiu sobre a sua retardação; e neste estado achei a fábrica quando cheguei à povoação.

Para baterem o anil dos dous cochos inferiores, ocupavam-se todas as tardes 16 pessoas, ao menos, e algumas vezes 20, pelo espaço de 2 horas. Cada um enchia e vazava a sua cuia e, assim, batia a água escorrida do cocho superior. Refletiu nisto o coronel e, imaginando o método de em menos tempo e com menos gente concluir a dita operação, resolveu que, sobre o cocho de bater se fizesse rodar um eixo de madeira horizontalmente, posto pelo comprimento da boca, com 4 semicubos de cada lado, com suas manivelas nas extremidades, para ver se, movido o eixo por dous rapazes, fazia o trabalho ou não. Sucedeu que, em meia hora, 2 rapazes de 10 anos bateram o anil que dantes requeria 8 mulheres. Não contente com o avanço dos primeiros passos, mandou enfiar os 2 cochos, comunicando-lhes os eixos imaginados e, posto em prática o projeto, vieram os 2 rapazes a fazer, no mesmo tempo e em ambos os cochos, o que dantes era trabalho de 16 mulheres pelo menos. Ficava dispondo terceiro cocho comunicado com os dous primeiros para serem todos [os] três batidos pelos mesmos braços, com o avanço de ficarem poupadas 22 pessoas, como consta que presentemente se estão poupando.

Quanto ao método de escorrer a água da fécula introduzida nos sacos, viu que passavam 24 horas primeiro que o conseguisse. Observou que as bocas dos sacos estavam fechadas, que eles não eram cônicos [e] que a sua posição não facilitava a escoante, e ordenou que em uma banquetta de madeira se abrissem como óculos, à imitação dos que têm as mesas destinadas para os assentos dos potes, e que nesses se suspendessem os sacos, mediante 4 pregos que prendem os 4 ilhoses de cada um. Reparava em não serem declives os fundos dos cochos inferiores, para não ser preciso tirar com as cuias as fundagens que ficavam estagnadas, e estava resolvido a fazer emendar este defeito.

Pouco a pouco se podem ir facilitando os trabalhos e, por conseguinte, os lucros, à proporção dos cálculos da mecânica que se fizerem e da economia das despesas. A este respeito, preveniu V. Excia. ao coronel, que aqui se achava nesta vila para restabelecer-se da sua moléstia, a pequena instrução que remeteu inclusa ao comandante, em carta de 3 de novembro do ano passado. E dizia assim:

Faço certo a Vossa Mercê que recebi as suas duas cartas, datadas de 29 de setembro, e que fico no conhecimento do quanto Vossa Mercê nas ditas me participa. Aqui chegou o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada e, tendo-lhe, nos precedentes dias, carregado mais a sua moléstia, já ontem principiou a curar-se, tomando, com bom sucesso, a primeira purga, e esperando eu que a benefício de mais alguma comodidade, não deixará de experimentar o completo restabelecimento, que muito lhe desejo.

O anil, de que se acompanhou o sobredito coronel, me deixou sumamente satisfeito, não só pela sua excelente qualidade, como pela sua significante e avultada porção que, por primeira remessa, se chegou a aprontar; e, porque eu reconheço o zelo e préstimo com que Vossa Mercê nesse importante objeto tem ajudado as disposições do coronel, disto lhe dou o devido louvor, segurando-o de que assim não faltarei de o informar a Sua Majestade.

Agora preveni aqui ao mesmo coronel uma pequena instrução sobre a formalidade de se liquidarem as despesas feitas na fábrica daquele gênero até o fim do presente ano; e da dita instrução irá a Vossa Mercê a cópia para bem saber se regular na pretendida conta e regulação, em ordem a que não só constar possa o que se deve de salários às pessoas que em tal trabalho se ocuparam, como quanto virá a importar cada libra ou arroba de anil que, até o fim deste mesmo presente ano, se chegar a aprontar e remeter; sendo que a referida conta se deve arranjar com as separações e clarezas que a mencionada instrução adverte, para que as despesas do material das fábricas se distingam das outras que, unicamente, se devem carregar na manufaturação do gênero. Isso também para que mais comprovadamente possa eu instar sobre a maioria do preço que tenho pretendido do real ministério, como meio preciso de animar este estabelecimento entre todos os moradores do Estado, conhecendo, pela maioria, que ele lhes será de utilidade, de que por agora se não persuadem.

Enfim, convirá que Vossa Mercê se entenda e trate com o doutor naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, porque, com os seus grandes conhecimentos, poderá fornecer a Vossa Mercê muitas e proveitosas luzes, que o maior acerto lhe facilitem.

Segue-se a cópia da instrução datada de 2 de novembro debaixo do título de:

Advertências que o Sr. Coronel Manoel Gama Lobo de Almada fará executar sobre o regular método de despesas da fábrica de anil, novamente estabelecida junto à fortaleza de São Gabriel, no distrito da parte superior do Rio Negro.

I. Que, em imitação do que já se praticou com a conta dada das primeiras despesas que se fizeram na construção da casa, cubas e mais acessórios preparos da dita fábrica, assim mesmo se continue outra conta do que, até ao fim do presente ano de 1785, se houver de mais despendido em jornais, mantimentos e gêneros que própria e separadamente respeitem ao material da referida fábrica.

II. Que, conforme aos regulados jornais dos índios, índias e rapazes, se formalizem distintas relações e conta de todas aquelas pessoas que, até ao mesmo prazo de tempo, se houvessem empregado nas roças, sementeiras, capinações, cortes e conduções e manufaturas de anil, cujos roçados ou suas produções se tiver[em], em apuradas porções, reduzido do sobredito manufaturado gênero.<sup>78</sup>

III. Que o mesmo se observe com os mantimentos despendidos no sustento das referidas pessoas e com a conta das ferramentas inutilizadas e consertadas, não menos que com outras cousas que, semelhantemente, devam entrar na dita conta para se conseguir e manifestar a da total importância das mencionadas despesas.

IV. Que, ao feitor ou feitores empregados nos mesmos serviços, se contem proporcionados jornais ou ordenados, conforme o tempo que tiverem de vencimento e conforme o maior ou menor préstimo com que houverem correspondido, devendo ter precedido, para tudo o referido,<sup>79</sup> os precisos pontos e assentos.

V. Que, ao fim do mesmo presente ano, com a remessa das últimas porções de anil que se acharem prontas, se mandará a conta de tudo que até então tiver a fábrica produzido, distinguindo-se as porções de cada qualidade, se algumas vierem do menos bom; e, praticando-se tudo com as especificadas clarezas para que não só, como fica dito, se possa, com separação, conhecer o próprio e respectivo gasto da fábrica, como o outro distinto do que nela se houver manufaturado, e para que assim também possa constar o que de salários verdadeiramente compete a cada uma das pessoas que se tiverem ocupado e se haja de proceder a um individual e exato cálculo do que cada libra ou arroba de anil ficar, ao certo, importando, independente do preço por que agora se houver de pagar as prontificadas porções.

VI. Que, porém, se reservem, para o futuro ano, as contas das despesas daqueles roçados que, por mais modernos e por se-lhes não haverem ainda extraído alguns cortes da sua produzido planta,<sup>80</sup> não permitem o anteciparem-se tais contas como incompletas e menos bem reguladas que nesses termos ficariam.

<sup>78</sup> A segunda metade deste parágrafo parece obscura.

<sup>79</sup> A construção “para tudo o referido” corresponde a “para tudo acima referido” ou “para todo o referido”.

<sup>80</sup> Construção evidentemente errada. Seria “produzida planta”?

VII. E que, finalmente, em semelhança do que se adverte a respeito da fábrica de São Gabriel e do seus per-  
tinentes roçados, assim mesmo se proceda a respeito de cada uma das menores e particulares fábricas das outras  
povoações daquele distrito e do seus correspondentes roçados, para que, das ditas menores fábricas, iguais precisos  
conhecimentos se obtenham e manifestem.

Em cumprimento de ambas as ordens, passou o comandante a calcular as despesas dos jornais, mantimentos e  
desembolso da fábrica, como adiante farei constar, não se olvidando de instruir o outro cálculo ordenado, que foi  
o que acompanhou as outras relações inclusas na carta de 18 de dezembro, dirigida ao coronel, e ele o apresentou  
a V. Excia., concebido nestes termos:

Antes de se instituir o cálculo das despesas que nesta povoação de São Gabriel se devem fazer para o diante com  
a cultura e manufatura do anil, conduz muito para a sua maior aproximação o estabelecimento prévio das quatro  
hipóteses seguintes:

I. Que, desde o 1º dia do próximo futuro ano de 1786, principiam a trabalhar os 3 cochos, não tendo até o  
presente trabalhado mais o que 2 efetivamente, que foram os que, desde setembro de 1784 até ao dia da penúltima  
remessa deste ano, perfizeram o produto de 4 arrobas ou 128 libras de anil.

II. Que, de cada um dos 3 cochos, só nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, se deve esperar uma  
libra por dia, porque ao que tem mostrado a experiência feita e repetida, nas quantidades manufaturadas durante os outros  
meses, não passa de meia libra a porção que se extrai de cada uma; talvez nem tanto chega<sup>81</sup> nos dias mais chuvosos.

III. Que os meses de trabalho da fábrica não contam tantos dias de tarefa efetiva, quantos contam o do ano  
eclesiástico. Donde se segue que, cada ano, se devem excluir os domingos e dias de guarda pela Igreja.

IV. Que, excluídos estes, os quais fazem a diferença de 85 dias, fica o ano de trabalho constando de 280 dias.

COROLÁRIO 1º - Logo, se em cada dia de trabalho de que constam os meses de setembro, outubro, novembro  
e dezembro é que se podem tirar as 3 libras, de cada cocho a sua (pela hipótese 2ª), segue-se que, nos 4 meses,  
tirar-se-ão 276, isto é, dos 92 dias.

COROLÁRIO 2º - Ora, fica dito, na citada hipótese, que, nos 8 meses que decorrem desde janeiro até agosto,  
só se tira de cada cocho o produto de meia libra; segue-se também que em cada dia tirar-se-á dos 3 cochos libra e  
meia e, por conseguinte, no fim dos 8 meses, tirar-se-ão 282 libras, isto é, nos 188 dias de trabalho.

Somam-se as 276 libras que dão os quatro meses do corolário 1º e a soma total de 558 libras indicará a quan-  
tidade de anil que se deve esperar no fim do ano, isto é, nos 280 dias que aponta a hipótese 4ª.

§ 1. Para a manufatura das 558 libras são precisos braços. Por ora, que nem a fábrica subsiste no último pé  
do seu devido estabelecimento, nem se-lhe introduziram as máquinas vivas, como são os bois e os cavalos (que, a  
havê-los, poupariam gente nos transportes dos feixes de anil e da água precisa), nem sequer empreende o uso das  
bombas para a elevarem até a altura em que estão montados os cochos, tudo o que há a fazer, necessariamente, se

<sup>81</sup> Presente do indicativo pelo presente do subjuntivo.

há de ir fazendo à força dos referidos braços.

§ 2. Saiba-se, portanto, que em cada cocho se lançam 12 feixes de anil por dia. Tanto é preciso para dele se extrair a libra ou uma meia libra somente, segundo a diversidade do tempo. Logo, para os 3 cochos, são precisos 36 feixes. Cada cocho leva também 60 potes de água; logo, para os todos 3<sup>82</sup> são precisos 180 potes.

§ 3. Enquanto se não mudar<sup>83</sup> de estilo de trabalhar, pela introdução das máquinas que requer o § 1, não se haviam as tarefas de cortar e conduzir o anil e de encher e transportar a tempo conveniente os potes de água, que requer o § 2, sem na dita fábrica se empregarem cotidianamente 13 pessoas, a saber, 8 mulheres e 5 rapazes. É certo que se não empregam nela pelo dia inteiro, mas o tempo que sobeja de cortar e conduzir o anil, de encher e vazar os cochos, de separar e de escorrer a fécula, com indispensável necessidade o devem empregar na capinação cotidiana nos roçados plantados mais perto da casa da fábrica, pela facilidade com que neste país nasce e se multiplica a grama.

§ 4. O jornal de cada mulher, incluído o sustento, não monta acima de 45 réis por dia. Multiplique-se por 8 mulheres e montará a 360 réis; multiplique-se por 280 dias do ano do trabalho e montarão a 100\$800.

§ 5. Semelhantemente, o jornal de cada rapaz, incluindo o sustento, não passa de 40 réis por dia. Multiplique-se por 5 rapazes e montará a 200 réis; multiplique-se pelos mesmos 280 dias e montará a 56\$800.

§ 6. Somem-se as parcelas de 100\$800, que vencem por ano as 8 mulheres do § 4, e de 56\$800, que também vencem por ano os 5 rapazes do § 5, e a despesa de 157\$600 será a que devem fazer no fim do ano os jornais das 13 pessoas que requer o § 3.

§ 7. Se não houver cuidado em se fazerem roçados, pelo menos 2 em cada ano, não haverá anil que manufacturar, relativamente à quantidade que requerem os 3 cochos da hipótese 1<sup>a</sup>. Dezesseis índios em 12 dias fazem um roçado. O jornal de cada um, incluído o sustento, importa em 60 réis por dia. Multiplique-se por 16 índios, importará em 960 réis; multiplique-se por 12 dias e importam em 11\$520. Ora, os roçados são dous; logo, as despesas de ambos serão a de 23\$040.

§ 8. Não basta plantar-se o anil para ele nascer e vegetar. Se o não capinam incessantemente, é, desde o berço, sufocado pela grama. De 2 em 2 meses, é preciso uma capinação geral. A que cotidianamente fazem as 13 pessoas efetivas da casa da fábrica, como diz o § 3, toda se emprega nos roçados mais próximos à sobredita casa; aliás não acudirão a tempo de aviar as outras tarefas. Há, logo, a fazer, no ano, 6 capinações gerais.

§ 9. Vinte mulheres em 12 dias fazem uma capinação. O jornal de cada uma já fica dito que não passa de 45 réis, incluindo o sustento. Multiplique-se por 20 mulheres e importará em 900 réis; multiplique-se por 12 dias e importarão em 10\$800. Ora, as capinações são 6 pelo § 8, logo, será a despesa dela a de 64\$800.

§ 10. Nem a cultura do anil, nem a sua manufactura na casa da fábrica, sairá bem sucedida sem a assistência de seu feitor. O da casa da fábrica não pode presidir a ela sem deixar o campo. O do campo não o deve desamparar para presidir a fábrica. São, logo, precisos 2 feitores. O menos que se deve arbitrar a um homem branco e capaz de

<sup>82</sup> O demonstrativo “os” está anteposto ao determinante “todos”, o que não ocorre hoje, quando diríamos “para todos os 3”.

<sup>83</sup> O pronome “se” antecede regularmente o advérbio “não”.

feitorizar são 30\$000 por ano; dobram-se os ditos e somam 60\$000.

§ 11. Somem-se as parcelas calculadas de 157\$600 no § 6, de 23\$040 no § 7, de 64\$800 no § 5 e a de 60\$000 no 10 e montará toda a despesa de jornais e ordenados, no fim do ano, em 305\$440.

§ 12. Suponha-se que se pagarão as 558 libras à razão de 1\$100 por cada uma. Será o seu importe de 613\$800. Abatam-se deles as despesas de 305\$440 do § 11 e ficarão líquidas 308\$360.

§ 13. Do que fica líquido pelo § 12, parece que: 1º) se deverá cobrir a despesa feita com o material da fábrica, como são linhagens para sacos, obras de carpintaria, ferragens etc.; 2º) separar as sextas do diretor que suceder ao que existe no emprego, porque o atual as renuncia; 3º) que o remanescente se deve repartir pelos índios empregados, na conformidade do que ordena o *Diretório* a respeito dos negócios de sertão.

No entanto, que o amor destes povos inspirava a V. Excia. as providências expostas e o comandante as executava, representou-lhe nesta vila de Barcelos o provedor da expedição, Antônio Coutinho de Almeida, o que consta da seguinte representação de 3 de janeiro do presente ano:

Ilmo. e Exmo. Sr.

Tendo-se nesta provedoria recebido e carregado ao tesoureiro 11 arrobas e 8 libras de anil, fabricado nas povoações do distrito da parte superior deste rio, debaixo da disposição do coronel Manoel da Gama Lobo de Almada; tendo-se, igualmente recebido, remetidas pelo tenente Marcelino José Cordeiro, comandante da fortaleza de São Gabriel, as relações das continuadas despesas feitas e das pessoas empregadas nas fábricas, nos roçados e manufatura daquele gênero até ao fim do ano próximo precedente; e tendo-se em vista dos ditos papéis e do que anteriormente se havia participado da outra provedoria da capitania, formalizado a conta inclusa, conforme a ordem vocal que V. Excia. me distribuiu, a dita conta ponho na presença de V. Excia., para sobre ela resolver e determinar o que for servido.

DEVE		CONTAS	HAVER
265\$583		As fábricas maior e menores estabelecidas na povoação anexa à fortaleza de São Gabriel e nas outras, pertencentes ao distrito daquela comarca na parte superior do rio Negro, para a factura do anil .....	
146\$833	20\$358	Importância do principal custo e preparos da fábrica maior estabelecida na povoação de São Gabriel, conforme duas contas que da provedoria da capitania vieram dirigidas a esta da expedição e de uma relação que numero 1ª remeteu o tenente comandante da sobredita fortaleza, Marcelino José Cordeiro	
	56\$195	Importância dos preparos das outras menores fábricas que se fizeram nas mesmas povoações	
		Importância de aniagem para sacos, de pregos e outras miudezas constantes pelas correspondentes relações da mesma provedoria que, indicadas de números 2 a 18, semelhantemente remeteu o referido comandante	



DEVE	CONTAS	HAVER
	Despesas que, conforme as referidas relações, se encaminham na disposição da planta, cultura e manufatura do anil, a saber: Pela importância conferida, em modo de gratificação, ao soldado André Rodrigues, a 50 réis por dia, nos 150 dias que, como feitor, assistiu na fábrica maior de São Gabriel, ficando-lhe também o soldo e municiação livre.....	7\$500
	Pela importância dos salários que, em todas as referidas fábricas venceram os índios, índias e rapazes, estes e aquelas <sup>84</sup> a 20 réis e os outros a 40 réis por dia, como parece das ditas relações ...	448\$240
	Pela importância 996 31/40 alqueires de farinha que, em rações dobradas, por falta de conduto, deveriam distribuir-se aos ditos índios, mulheres e rapazes empregados, à razão de 320 réis o alqueire, preço por que até a paga a fazenda real, atendendo à despesa do transporte da sua condução para os armazéns da vila de Barcelos, sendo que, fora daquele distrito, de todo o outro restante da capitania, a paga a 400 réis e, visto pelas relações que os índios receberam a dita farinha, por isso não sai agora a sua importância de 319\$024 réis, em que a dita farinha, pelo referido preço de 320 réis importa .....	11 @ e 8 £
	Também segundo o vencimento de 11@ e 8 £ de anil que, das ditas fábricas vieram remetidas dele correspondem 60 réis às sextas partes pela lei do <i>Diretório</i> permitidas, as quais por agora se não contam em soma aos diretores, ou a sua importância de 60\$000 para mais não diminuïrem os pagamentos dos índios na conformidade de 1\$000 por libra, que a este se manda pagar	
	Excluïdas as indicadas despesas das fábricas, do sustento dos índios e das sextas partes dos diretores, como fica declarado, sai cada libra de anil a preço de .....	1\$266
	Mas que, pagando-se a 1\$000 e tirando-se somente a pequena gratificação do feitor da fábrica maior, pelo menos podem perfazer os vencidos jornais dos índios, mulheres e rapazes pelo preço da sua regulação, não obstante o ficar já fazendo por conta das mesmas pessoas a despesa do sustento que, independentemente dos jornais, deveriam receber .....	1\$266
Barcelos, 3 de janeiro de 1786.		
O provedor da expedição Antônio Coutinho de Almeida		

<sup>84</sup> No texto da RIHGB está “aqueles”, mas deve ser erro, pois falta o pronome demonstrativo referente às “índias”.



A sobredita representação e conta nela inclusa, deferiu V. Excia., por despacho da mesma data.

Paguem-se os jornais dos artífices e índios que se empregaram na construção das pequenas fábricas, da mesma forma que ordenei a respeito das primeiras despesas feitas com a fábrica maior, e sem que, por ora, nada se desconte do que fez lembrança a fazenda real; pague-se sempre o anil recebido a 1\$000 por libra para a total importância do dito preço se ratear e distribuir pelas pessoas que trabalharam na cultura do mesmo recebido gênero, nos termos expressados e advertidos na inclusa conta; e, juntando-se finalmente estes papéis aos mais que de igual natureza já na provedoria existem.

Tão justo despacho mereceram a V. Excia. os primeiros ensaios para não desanimar os segundos. Ocorreram-lhe novas deliberações que tomar em semelhante artigo e, na carta de 3 de janeiro do corrente ano, escreveu assim ao comandante:

Na segunda das duas cartas recebidas de Vossa Mercê, datadas de 18 de dezembro do ano próximo passado, além da remessa de 100 alqueires de farinha e 4 de arroz, me acusa também outra remessa de 3 arrobas e 29 libras de anil,<sup>85</sup> de mais do que havia trazido o coronel Manoel da Gama Lobo de Almada e do que, assim mesmo, recebeu de algumas povoações, quando por elas passou, descendo a esta capital; porções todas que, perfazendo a quantia de 11 arrobas e 8 libras, conforme o que correspondeu aqui ao peso, não só me deixam muito satisfeito quanto ao avultado das ditas porções por princípio de estabelecimento, como da boa qualidade daquele gênero. E como eu reconheço o préstimo e desvelo com que para assim se conseguir Vossa Mercê concorreu em ajudar as eficazes e zelosas disposições do referido coronel, lhe vou novamente repetir os meus devidos louvores e agradecimentos, segurando-o de que também outra vez não faltarei em informar deste seu bom serviço a Sua Majestade, para, como espero, se fazer digno da piedade com que a mesma Senhora costuma atender aos vassallos beneméritos.

Não só pela cópia da carta que Vossa Mercê escreveu ao provedor Antônio Coutinho de Almeida, como pelo que examinei em todas aquelas relações, vi e me certifiquei que elas vieram completamente formalizadas e divididas ao meu contentamento. E, tendo eu aqui feito entrar e carregar toda a sobredita porção de anil na provedoria da expedição, nela, pelas expressadas relações, mandei formalizar uma muito individual e circunstanciada conta, pela qual, sendo-me manifesto o custo da fábrica grande e das pequenas e o preço a que sai cada libra de anil, resolvi que, sem, por ora, nada se descontar do gasto das fábricas, se pagassem, por uma parte, os jornais dos artífices e índios que nela se empregavam e que, por outra parte, pagando-se o anil remetido a 1\$000 réis por libra, esta quantia, em proporção dos estabelecidos jornais dos índios, das índias e dos rapazes, se rateie por todas as pessoas que na manufatura se ocuparam, tirada somente a gratificação em que, a 50 réis por dia, importar o trabalho do soldado que, como feitor, na fábrica grande se empregou e, sem que, por agora, se descontem sextas partes dos diretores, para mais diminuto não ficar o pagamento dos índios e, assim, se não desanimarem para a continuação; maiormente quando, até por sua conta foi a despesa do próprio sustento; sendo que esta e a importância das mencionadas sextas partes não deixam igualmente de constar da referida conta, da qual uma cópia hei de entregar ao coronel comandante para seu útil e preciso conhecimento.

Por ele será Vossa Mercê novamente advertido das disposições que se devem continuar, relativas ao mesmo estabelecimento do anil e dos exatíssimos pontos que quero se formalizem de todas as pessoas que trabalharem,

<sup>85</sup> Será necessário acrescentar uma substancial nota sobre os sistemas de medida e sistema monetário da época para que o leitor possa conseguir raciocinar matematicamente, nestes relatórios.

para que, não só disso, como de outras quaisquer despesas, me possa constar com a mais escrupulosa exatidão; sendo que, também eu lhe tenho ordenado que, naquelas povoações que, por demasiadamente pequenas, não esperançassem rendimento de consideração e de algum interesse para os trabalhadores, será, nesse caso, melhor que, com alguma gente das ditas menores povoações se ajudem as maiores, porque assim corresponderá melhor ao seu resultante lucro. E, tendo-se, também presente que o desejado progresso do anil não faça pôr em esquecimento ou atraso as precisas roças de farinha, como gênero tanto mais indispensável, nas atuais circunstâncias da demarcação.

Quanto ao cálculo que Vossa Mercê, com o Dr. naturalista, formalizaram sobre o rendimento e despesa anual da fábrica maior aí estabelecida, ele me foi presente por Manoel da Gama. E, pelo que este dispuser e Vossa Mercê ajudar, bem confio que tudo ainda a melhor e mais vantajosamente irá correspondendo, pois não ignoro o quanto tais estabelecimentos se vão sempre tanto mais facilitando com a arte e com a experiência e o quanto tudo no princípio encontra grandes dificuldades e, até, às vezes, não poucas contradições e oposições.

Por agora, vão as 6 barras de ferro que Vossa Mercê me tinha pedido, para as fábricas menores dessas povoações, e vão 84 e meia vara de estopa, que é o que remanecia no armazém, do qual, para suprir aquela, enquanto não vem da cidade a que tenho requerido, poderei mandar alguma aniagem, se Vossa Mercê entender que pode remediar, avisando-me, assim, nesta conformidade, e o número de varas que precisam.

E, quanto aos ferros de cova que Vossa Mercê requer, constando-me que por agora poucos existem no armazém, ordenarei, contudo, que vão os que se puderem escusar e que vão na conta dos pagamentos, para Vossa Mercê os distribuir conforme a urgência de cada uma das povoações.

Da outra carta de 4 de janeiro do corrente ano, dirigida ao coronel Manoel da Gama e citada na do comandante, é cópia a seguinte:

As 11 arrobas e 8 libras de que V. S. me faz menção na sua carta de 24 de dezembro do ano próximo passado, as mandei entrar nesta provedoria da expedição e carregar ao tesoureiro dela para brevemente se remeterem à corte, em execução e desempenho das reais ordens que nos foram distribuídas. E, comprovando aquela significante porção e a sua boa qualidade o quanto, por princípio deste determinado e tão recomendado estabelecimento, se deve às zelosas disposições e eficazes diligências de V. S., espero que assim o reconheça o Ilmo. [e] Exmo. Sr. Martinho de Melo [e] Castro, e que, ficando agradado e satisfeito destas primeiras resultas do desvelo de V. S., tanto mais se persuada do grande préstimo de V. S. para tudo quanto é e se-lhe encarrega do serviço da Vossa Augusta Soberana.

As mesmas zelosas diligências de V. S. e o maior expediente das fábricas, cada vez mais aperfeiçoado com o tempo e com novas experiências, me persuadem não só um considerável progresso e aumento nas futuras remessas, como que aquele gênero poderá vir a ficar em melhor conta, segundo também assim o esperança, o cálculo formado com o atendível e circunspecto acordo do Dr. naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.

Sem, por ora, se fazer nenhum desconto do que das ditas fábricas se deve à fazenda real, eu mandei pagar cada libra de anil a preço de 1\$000 réis, lembrado que, no tempo que governei este Estado, me declarou S. Excia., o Sr. Martinho de Melo [e] Castro, que o dito preço, até ao de 11 tostões, era o maior que pelo melhor se podia permitir; porém, sem embargo de também não consentir que se descontem sextas partes para os diretores e de ficar fazendo por conta dos índios o próprio sustento com que naquele serviço se alimentaram, todavia, é ao preço de 1\$266 réis que, ainda assim, fica importando cada libra do prontificado anil; e é esse o motivo porque, sem mais desconto que o da pequena gratificação arbitrada ao soldado, feitor da fábrica de São Gabriel, mando todo o mais restante pagamento ratear e distribuir entre as pessoas que na mesma manufatura e prontificada porção trabalharam, para que,

sem ficarem mais defraudadas da total devida importância dos seus correspondentes jornais, se não desgostem e desanimem para a continuação do mesmo pretendido gênero.

As cópias inclusas do meu proferido despacho, da conta nele indicada e de uma carta que, na ausência de V. S., agora expedi ao tenente Marcelino José Cordeiro, tudo melhor manifestarão e persuadirão a V. S., assim como o que pela mesma causa da ausência de V. S. ao dito tenente recomendei, de algumas outras precisões que V. S. naquela conformidade fará executar e observar, pois que, a reconhecer-se das novas mais exatas experiências que se continuarem, que a referida manufatura, ajudada da arte e do maior preço do gênero que tenho requerido, pode deixar lucro e interesse aos fabricantes, não será então dificultoso o estender o mesmo estabelecimento às mais povoações de índios desta capitania e, ainda, da do Pará, e, delas e de outros moradores do Estado, de mais possibilidade conseguir-se o desejado efeito deste tão útil e recomendado artigo de comércio, que, até o presente, tem deixado de empreender decisivamente os ditos moradores, pelo que julgam e se persuadem lhes não faz o arbítrio dos referidos preços.

Porque no parágrafo final do mencionado cálculo se diz e propõe que o remanescente lucro da fábrica, tirados, em primeiro lugar, as despesas dela e, em segundo, as sextas partes do diretor, se reparta pelos índios interessados no trabalho; advirto a V. S. que, quanto à dita repartição e distribuição, será tanto mais próprio e conveniente que se pratique o determinado pelos § 7 e 8 da instrução que, quando governei este Estado, preveni e distribuí sobre o método de se regularem as sementeiras e plantações do comum das povoações de índios, para que, inteirados eles dos seus vencidos jornais, as sobras do rendimento se possa aplicar ao depósito, que me lembrei de estabelecer em benefício e proveito das mesma povoações, como melhor da adjunta cópia da referida instrução V. S. compreenderá, para assim o fazer observar.

Com os sobreditos 5 caixões de anil, não só farei remeter ao Exmo. Sr. Martinho de Melo [e] Castro o pequeno que leva a amostra da espuma do anil e os 3 frascos dele em pó, como também os outros 2 caixotes e a carta em que V. S. me fala.

Ainda aqui não pararam os esforços de V. Excía. Eles foram tantos e tão eficazes que, sem a idé[i]a inerente da ingratidão destes povos, se não poderá ver para diante que deixa<sup>86</sup> V. Excía. de ser considerado como o introdutor e promotor dos dous gêneros recomendados, o arroz e o anil. Até parece que muito particularmente dispensa a providência que aquele que na capitania do Pará o tinha coadjuvado no adiantamento do primeiro, viesse também a esta para nela o coadjuvar no do segundo. E, de tal modo o coadjuvou, que não só deixou a V. Excía. satisfeito das qualidades e quantidades manufaturadas nas povoações superiores deste rio, mas também fundamentou as mais esperanças que V. Excía. concebeu de as fazer manufaturar nas outras inferiores, suposto que por diferente método.

A experiência do estudo que preside as suas deliberações tem apercebido a V. Excía. quanto basta para prudentemente duvidar dos progressos da agricultura confiados ao suposto zelo dos diretores. Refletiu que não era tão ordinário interessar-se um só homem na utilidade de muitos, como cada um na sua. Resolveu que, aos particulares que, livremente, quisessem fabricar anil, se devia assistir com as providências precisas de índios e todo o gênero de auxílios concernentes, exonerando, por outra parte, a fazenda real, dos abonos e ajudas de custo que, para as primeiras despesas, necessitam as povoações. Tendo presenciado o trabalho do morador da vila de Thomar, Agostinho Chaves, pelas amostras do anil que apresentou antes e depois de eu subir para as cachoeiras e pelas 41 libras que, ultimamente, acaba de apresentar; e tendo sido informado da atividade e préstimo dos moradores Manoel Rodrigues Calado, desta vila, e José Gonçalves, da outra de Moura, os quais aceitaram o convite que lhes fez de estabelecerem debaixo a sua proteção as fábricas do dito gênero; em benefício do primeiro,

<sup>86</sup> Indicativo presente pelo subjuntivo presente.

não só lhe<sup>87</sup> mandou pagar a 1\$000 réis as oitenta e tantas libras, entre as primeiras e últimas amostras que fabricou, mas também escreveu ao diretor de Thomar a carta de 23 de março de 1786, que é a seguinte:

Pela carta de Vossa Mercê, de 18 do corrente mês, fico sabendo o ter chegado a essa vila e o ficar encarregado da sua direção, para a qual proximamente foi nomeado; e, vendo o que Vossa Mercê me diz da ruína em que se acha a olaria e de algumas casas que precisam de pronto reparo, espero que nisso e no mais de sua obrigação se vá Vossa Mercê empregando com a atividade que permitirem as atuais circunstâncias, fazendo tudo com modo para se não desgostarem os índios, segundo aqui recomendei a Vossa Mercê, antes da sua partida.

Com o morador Agostinho de Chaves, acabo de concordar e ajustar ser ele nesse distrito o que se encarregue de estabelecer uma maior fábrica de anil, para cujo fim lhe hei de ir facilitando o meios de assim o pôr em execução, enquanto pelo tempo adiante se não puder abastecer de escravos, que faça menos onerosa a contribuição dos índios das povoações e, nesta inteligência, com preferência a todas as distribuições que não forem imediatamente relativas ao serviço real, lhe fará Vossa Mercê efetivamente assistir com 8 índias, 2 índios com mais um dito e 1 rapaz seu companheiro para pescador, conservando-lhe todas as sobreditas pessoas, sem a menor falta, pagas por sua conta aos regulados preços de jornais e, mudando-se-lhe de 6 em 6 meses, ou de 3 em 3, se assim parecer que será melhor para mais gostosamente lhe persistirem, praticando-as Vossa Mercê muito bem quando forem para aquele trabalho, para que dele não fujam, na certeza de que o referido morador vai também por mim advertido para não pertender<sup>88</sup> de tal gente mais serviço daquele que<sup>89</sup> ordinariamente costuma fazer e, suprimindo Vossa Mercê, sempre, sem demora, com algumas outras pessoas, em lugar das que suceda desertarem, para que não haja nenhum motivo ou pretexto de se faltar à prontificação das 10 arrobas do mencionado gênero que, por todo este ano me promete o mesmo morador, compreendidas em 41 libras que agora aqui me apresentou e meteu na real fazenda da expedição, e das quais vai pago, e de outras anteriores porções que já importam uma não pequena soma.

A seu tempo, lhe mandarei daqui um carpinteiro para lhe fazer os cochos e outros preparos que são precisos para a mais desembaraçada laboração da fábrica. E, se para isto e para a factura da casa dela se necessitarem, por alguns dias, de mais alguns índios, Vossa Mercê lhe contribuirá com esse extraordinário socorro, para que assim se consiga.

E o mesmo observará Vossa Mercê, quando, sendo tempo de fazer roçados para anil, se precisar [de] semelhante socorro de alguns índios, assim como de mais algumas índias para as capinações, caso tudo se não possa vencer com o detalhado e efetivo número de pessoas que acima deixo advertido. Porém, Vossa Mercê deve vigiar muito que esta gente se não aplique a outros ministérios, para que se não falte ao principal objeto e importante estabelecimento para que ela se conceda.<sup>90</sup> Ficando-me Vossa Mercê de todo o referido responsável, como quem não ignora as eficazes ordens, com que me acho, de Sua Majestade, para o mesmo interessante estabelecimento. Contudo, pode ser necessário que o mencionado morador cultive sempre aquela porção de farinha que for bastante ao sustento da sua família e das pessoas que houver empregado na referida fábrica de anil.

P. S. - Arranjada a fábrica, a termos que nela trabalhem 3 cochos efetivamente, se deve esperar, em cada um dos subsequentes anos, 18 até 20 arrobas de anil, conforme o prudente e individual cálculo a que se tem procedido. Ao diretor da vila de Moura escreveu V. Excia. outra carta da mesma data que a primeira, nestes termos:

<sup>87</sup> O texto da RIHGB registra “lhes”, quando o contexto mostra ser o pronome do singular, pois se refere ao morador de Barcelos.

<sup>88</sup> É muito freqüente a forma “per-” por “pre-” em palavras como pertender, formada por prefixação.

<sup>89</sup> “Daquele que” equiivale a “do que aquele que”.

<sup>90</sup> “Ela se concede” é o mesmo que “ela (esta gente) é concedida”.

Tendo José Gonçalves, morador dessa vila, anuído ao meu convite para, no distrito dela e na sua própria roça, ser ele o que se encarregue da fábrica de anil que, no mesmo distrito, como no de outras povoações, procuro ir fazendo estabelecer, em pronta e fiel execução do que Sua Majestade muito recomendadamente me tem determinado a este respeito; ordeno a Vossa Mercê que em tudo e por tudo se haja de regular sobre as assistências de operários ao sobredito morador e em vigiar e me responder pelo seu trabalho, segundo o que, pela carta da cópia inclusa, acabo de detalhar e de advertir ao diretor da vila de Thomar quanto a outra semelhante fábrica que ajustei com o morador Agostinho Chaves dirigir e fazer laborar naquele distrito. E assim observará Vossa Mercê exatissimamente, debaixo da pena da mencionada responsabilidade.

Na mesma conformidade, escreveu ao diretor desta vila de Barcelos, a respeito de outra fábrica que ajustou de estabelecer o morador dela, Manoel Rodrigues Calado, participando aos governadores interinos da capitania o que consta da cópia seguinte:

Além do que, em pronta e fiel execução das soberanas ordens de Sua Majestade, pelas que tenho imediatamente distribuído e facilitado de precisas providências ao coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, para com o seu reconhecido zelo e préstimo, não só dispor as convenientes experiências e o efetivo trabalho da cultura de anil nas povoações da parte superior deste rio; continuo, sobre o bem sucedido resultado das ditas experiências, em pretender de ir estendendo o mesmo estabelecimento às outras povoações da parte inferior e, ainda, às mais da capitania, ao passo que assim se for fazendo praticável e, tendo já naquela inteligência promovido e ajustado de se estabelecerem as outras diferentes fábricas que se manifestam das inclusas cópias, me resolvo, e acho conveniente, de as comunicar a Vossas Mercês, para que, pela parte que lhes pertence, fique constando e o façam observar, quanto à detalhada e facultada distribuição de operários.

Concluiu, finalmente, as providências que lhe requeriam tão importantes estabelecimentos, com a que deu na carta de 8 de abril de 1786, dirigida ao diretor do lugar de Poiares, na seguinte forma:

O que, na data de 23 do mês próximo passado, ordenei ao diretor da vila de Thomar, na conformidade da cópia inclusa, sobre a fábrica de anil que naquele distrito ajustou comigo de estabelecer o morador Agostinho de Chaves, será o mesmo que Vossa Mercê haja de praticar e observar com o capitão de auxiliares, Bento José do Rego, quanto a outra igual fábrica que, semelhantemente, acaba de ajustar comigo de erigir no distrito desse lugar e na sua própria roça. E isto, sem mais diferença que a de também concorrer o vizinho lugar do Carvoeiro com a metade do número de pessoas detalhadas e permitidas à dita acrescida fábrica, segundo o que assim agora igualmente determino ao respectivo diretor.

Pelo mesmo teor, escreveu ao diretor de outro lugar do Carvoeiro, ordenando-lhe a contribuição de metade dos índios detalhados para a fábrica do sobredito morador, como consta da seguinte carta da mesma data:

Pela cópia inclusa da carta que acabo de escrever ao diretor do lugar de Poiares e pela da outra nela referida, dirigida ao diretor da vila de Thomar, ficará Vossa Mercê na inteligência que, para o estabelecimento e laboração da acrescida fábrica de anil, de que se encarrega o morador Bento José do Rego, se deve, desse e do lugar de Poiares, contribuir em igualdade com o mesmo número de pessoas que foram detalhadas e permitidas à outra primeira mencionada fábrica da vila de Thomar; e assim o observará Vossa Mercê, pela parte que lhe pertence, sem a menor falta ou escusa.

De cuja nova resolução fez V. Excia. segunda vez participante ao governo interino, como consta da seguinte carta, expedida na mesma data:

Ao que a Vossas Mercês participei, por aviso de 23 do mês próximo passado, sobre três fábricas de anil que, até então, havia conseguido de ajustar com os três indicados moradores desta vila, da de Thomar e de Moura, acrescento agora de ter, da mesma forma, ajustado uma quarta fábrica com o capitão de auxiliares, Bento José do Rego, para a erigir e estabelecer, na sua própria roça e distrito do lugar de Poiares, e que, devendo o diretor dele e o do outro vizinho lugar do Carvoeiro contribuir-lhe, com igualdade, com o correspondente número de pessoas que, a respeito das mais fábricas, foram detalhadas e determinadas, como aos ditos diretores previno, pelas cartas das inclusas cópias. Isto assim farão também Vossas Mercês observar, sem a menor falta ou alteração.

Se estas mesmas disposições, que foram as que V. Excia. fez em ambas as capitanias durante o seu governo, tivessem tido a fortuna de ser animadas com a sua presença, assim como são agora as que acabo de referir, é sem dúvida que lhes teria correspondido a mesma prontidão e eficácia de trabalho que nesta capitania está hoje correspondendo. Porque, uma cousa é ordenar V. Excia. aquilo que, com seus próprios olhos não pode ver se se executa, e outra, ordená-lo e, com a sua presença, fazê-lo executar.

Os que têm de ofício informar a V. Excia. da execução das suas ordens, nem sempre o cumprem. Os que o sabem cumprir, às vezes, não querem, e os que não sabem, nem podem, nem querem. Quem diria que, em tão pouco espaço de tempo, faria V. Excia. aprontar uma tão significativa amostra, como foi a que remeteu agora para a secretaria de Estado, se, por uma parte, não empenhasse V. Excia. os seus trabalhos e a sua própria pessoa por convencer os desanimados lavradores da segurança da paga que teriam as suas lavras e as suas manufaturas e, por outra, os não fosse aliciando com as repetidas pagas de capricho, com que se dignou pagar do seu bolso as primeiras amostras de alguns deles, à razão de 2\$000 réis a libra!

Donde se pode inferir quais são realmente os meios de promover a dita manufatura e promovê-la entre uns homens que já desde agora receiam a insubsistência das suas fábricas, logo que V. Excia. deixar de honrar com a sua presença as lavouras desta capitania e continuar-lhes os efeitos da sua proteção, que têm sido o primeiro móvel dos seus importantes estabelecimentos.

À vista do exposto quanto à qualidade e quantidade do gênero, parece que, desta vez, é Deus servido abençoar os esforços de V. Excia., porque, em uma ocasião tão crítica qual eu considero que é a presente, e em que podiam abalar a sua constância as urgentes necessidades de índios para as diferentes expedições e diligências do Solimões, rio Branco e rio Negro, além do que novamente cresceu com a minha chegada e encargo de observar e recolher, preparar e remeter os produtos naturais, a nenhum destes obstáculos tem V. Excia. sucumbido para deixar de proceder invariável no sistema de estabelecer e radicar na capitania o objeto das ordens e recomendações de tantos anos.

Resta que, segundo a melhoria do gênero, assim lhe corresponda o preço. Da distinção da paga pende, em toda a parte, a distinção do trabalho, e não deixa de ser bem entendida a política de, no princípio de novos estabelecimentos, reputar sempre bem os seus primeiros trabalhos.

Faltam os braços que necessitam os moradores. Faltam os meios de sustentar e pagar os jornais de 1\$200 réis, que vencem por mês os índios de remo e de machado. As porções de anil que se extraem de cada cocho não são as mais significantes. E, em uma palavra, pela arbitrada quantia de 1\$000 réis, se não pode ainda fabricar uma libra de anil completamente bom. Eu, que nenhuma cousa informo por capricho que tenha de inteligência dela, ponho na presença de V. Excia. o mapa dos preços do anil dos portos de França, segundo se acha escrito na arte de o fabricar para, à vista o referido mapa, comparar V. Excia. a reputação que neles tem um gênero que, há muito está introduzido, e nenhuma dificuldade experimenta em cultivar-se e manufaturar-se, o que não sucede por ora nesta capitania.

PORTOS	Preço do anil em França		Redução do valor intrínseco para a moeda portuguesa		Valor numeral para a moeda portuguesa	
	£ s.	£ s.				
<b>BORDEOS</b>						
	£ s.	£ s.				
Azul, violeta de São-Domingos	8 10	9 0	1440	1530	1700	1800
Dito misturado	7 5	8 5	1232	1262	1450	1650
Dito cor de cobre fino	6 15	0 0	1147 <sup>1/2</sup>	0	1350	0
Dito ordinário	6 8		6 10		1088	1105
1280 1300						
<b>NANTES</b>						
	£ s.	£ s.				
Anil cor de cobre fino	6 10	6 15	1105	1147 <sup>1/2</sup>	1300	1350
Ordinário	6 8	6 10	1088	1105	1280	1300
Misturado	8 0	9 0	1360	1530	1600	1800
Azul	10 0	11 0	1700	1870	2000	2200

Passo a concluir nesta participação a história da minha viagem desde a fortaleza de São Gabriel até ao rio Uaupés, pois se termina nele o distrito da sua imediata comandância.

Fazia tenção de partir na manhã de 17 de outubro, segundo eu tinha avisado a V. Excia. em carta de 16 do mesmo; mas não sucedeu como cuidava, pelo inopinado sucesso que sobreveio. Estávamos todos juntos na casa de fora do quartel do coronel, quando entrou a toldar-se o céu e principiaram a cair suas gotas d'água. Conversávamos em matérias diversas, enquanto elas passavam, quando vimos claramente descer o fogo elétrico na distância de 10 passos e, ao entrar pela superfície da saibreira em que estava a casa, estourar com tão grande estrondo, como faria uma bomba. Levantaram-se pelo ar e voaram em redomoinho as palhas que cobriam a casa fronteira da cozinha e difundiu-se um cheiro de enxofre. Tão perto estivemos todos de fazer a última viagem! Dos que estávamos mais perto do lugar onde caiu o raio, só eu e o porta-bandeira Leonardo José Ferreira sentimos pelo dia inteiro o lado direito adormecido. Todos os mais experimentaram somente o susto. Uma arara que não distava 2 passos, nem se moveu ou deu sinal algum de o ter sentido. Uma perua que ainda estava mais perto, sim, caiu assombrada, mas, pouco depois se levantou; e os que estavam mais longe dela foram os que experimentaram maior efeito. O preto cozinheiro, que estava tirando o pão do forno, foi levado de encontro a uma das paredes da cozinha. A índia Perpétua, que estava na varanda posterior, e o criado particular, que se achava dentro de uma casa interior, caíram por terra. Um dos esteios fronteiros à dita cozinha foi rachado de alto a baixo. E, do outro esteio, não se pôde achar a lasca que o raio abriu. Tão perigosas são as habitações que ficam no cume das colinas mui vizinhas às nuvens, quando elas, com relação à terra, se acham, por excesso, prenhes do fogo elétrico! Até a 1 hora da tarde não cessou a chuva, e reservei a viagem para o seguinte dia.

Pelas 7 1/2 da manhã de 18 me fizeram a honra de acompanhar-me o coronel, o comandante, o Rev. vigário e mais oficiais da guarnição, e, passada meia hora de viagem pela margem setentrional, deixamos a povoação de São Miguel. Constava de 14 fogos e era seu diretor o soldado Pedro Cordeiro, o qual dirigia os índios que constam da divisão 9<sup>a</sup>. Ocupavam-se os que haviam em roçados de maniba e de anil. Não é povoação antiga; está fundada sobre uma barreira; e, da fortaleza, se vê em pequena distância a povoação inteira.

No ano de 1783, desceu, o principal Francisco da Silva, que também morreu no Japurá, 18 almas da nação Passé, deles morreram 6. No Natal passado, ausentaram-se da povoação trinta e tantos índios. Tomaram gosto ao mato por ocasião das deserções principiadas no Uaupés e não pouco trabalho irá custando o chamar a uns e conter os outros. Suspeita-se que do referido diretor se desgostaram os índios desertores e sabe-se que já lhe foi por substituto outro soldado, Joaquim Pinto.

De São Miguel para diante foi preciso navegar por entre cachopos até a cachoeira do Caldeirão. Fica na mesma margem, depois de dobrada a sua ponta, para dentro de outra pequena enseada. Chama-se Caldeirão porque é um grande vórtice ou redomoinho d'água acelerada entre rochedos. De rio cheio, é perigosíssimo de vencer. A canoa que tem a desgraça de ser arrebatada por ele, passa pela última de ser submergida.

Neste lugar se despediu de mim o coronel e, como ele, se despediram os que à sua imitação me fizeram a honra de me acompanhar.

Pelas 9 e três quartos, tive de vencer a outra cachoeira do Paredão. Chama-se assim porque, verdadeiramente, pela margem do rio, naquele lugar, se levanta em forma de parede, uma alta penedia, que continua por um bom espaço e só por cima dela podem os índios puxar à corda as canoas. Todas as mais, pela margem do norte, não passam de correntezas por cima das pedras ou por entre elas, o que não sucede pela do sul, se para ela se atravessa, porque há três fortes cachoeiras que vencer. Para não impacientar a V. Excia. com tão miúdas relações, basta que escreva que, da fortaleza à boca do rio Uaupés, o espaço de um dia inteiro é o que se gasta a navegar-se bem. Consta o rio Negro de uma pedraria continuada. Receei montar perto da noite a que fica à entrada do Uaupés, pela margem austral, onde desemboca. Entrei na sua boca inferior pelas 6 horas da manhã de 19. Vencida uma légua, quando muito, desembarquei na povoação de São Joaquim do Cuané.

Situada na sua foz, em latitude de 3' sul, esteve algum dia a povoação de Santa Isabel rainha de Portugal, como consta do citado assento do capitão José da Silva Delgado. Fundou-a, por ordem sua, o cabo d'esquadra Manoel Martins da Trindade, com 389 índios que, então, se estabeleceram nela. Nada disto subsiste ao dia de hoje. E não é pouco existir ainda a povoação de que se trata.

Está situada na sua margem austral. A barreira da sua situação é modicamente elevada; servem-lhe de ossada, diversas saibreiras vagas. Constava de 16 casas por todas; eram grandes e fortes, mas estavam quase despovoadas, com as deserções dos índios. Apenas vi alguns doentes, que escaparam da morte, pelas cabeceiras do rio. Era seu diretor o cabo de esquadra Raimundo Maurício: no desamparo em que se achava, mal podia fabricar algumas amostras de anil. No ano de 1783, fizeram, o principal Manoel José e o índio Jerônimo, um descimento de 28 almas da nação uaupés. Eles tornaram a retirar-se. Instou-se com eles segunda vez e, no seguinte ano de 1784, foi chefe da instância o soldado Pedro Cordeiro, que conseguiu situar acima da primeira cachoeira mais de 40 índios. Principiaram uma tal ou qual povoação e chegaram a servir na fortaleza. No mesmo ano se empreendeu e conseguiu outro descimento de acima de 150 almas; também fizeram a sua povoação acima da outra, mas ambas elas ficaram despovoadas com as diligências do Uaupés.

Contar a V. Excia. a repugnância de um navegar que mostravam os índios remeiros enquanto os não capacitei das minhas intenções e eles se não persuadiram de que lhes eram favoráveis, seria gastar tempo em repetir-lhe escusadamente o que V. Excia. sabe. Sabe que a mesma repugnância mostraram por ocasião dos primeiros reconhecimentos deste rio e sabe a que a mesma mostrarão, logo que se intentarem segundos para cima da primeira cachoeira. Prometi-lhes de não subir para cima dela; e estiveram, não tanto pelo que lhes eu disse, como pelo que eles viam: viam que eu não mudava de canoa e que a em que navegava, que era a do comandante da fortaleza, por ser grande e pesada, não era própria para montar cachoeiras. Eles entraram na minha e eu na sua confiança.

Leio nas diaristas que o verdadeiro nome do rio Uaupés é Ucaiari, que quer dizer, na língua dos manaus e dos barés, rio de água branca, e que do nome do gentio que principalmente o povoa se deriva o de Uaupés que hoje conserva. Do lugar donde nasce, direção total que segue e rios que nele deságuam, só pode e deve informar a V. Excia. quem o tem subido e por ele se tem internado até as suas cabeceiras; um e outro trabalho acaba de fazer o coronel, de subir e informar dele.

Para com o que ele viu confrontar V. Excia. o que anda escrito pelos diários, transcreverei o do reverendo vigário geral José Monteiro de Noronha, que escreveu assim:<sup>91</sup>

Mostra ser o mesmo a<sup>92</sup> que Mr. de la Condamine chamou Quiquiari, na página 69<sup>93</sup> do seu *Diário* e Iquiari no seu mapa, assim pelo lugar em que o aponta, como pelas circunstâncias que declara na dita página 69.<sup>94</sup> O seu curso é do<sup>95</sup> ocidente para o oriente, paralelo ao[s] rio[s] Negro, Içana e Ixié<sup>96</sup>, de que se trata[rá] mais adiante. Do seu nascimento, diz [Mr. de] la Condamine, [na mesma página 69,] que é na serra do novo reino de Granada.

Há, contudo, notícia participada por índios, de que o Ucaiari ou Uaupés<sup>97</sup> nasce e é ramo de um rio de água branca, grande e caudaloso, que corre para leste, procurando o Mar do Norte, o qual se supõe ser o rio [a] que os índios do rio

<sup>91</sup> Confira *Diário da viagem...*, § pág. 184.

<sup>92</sup> A RIHGB erra, transcrevendo “a” por “o”.

<sup>93</sup> A RIHGB erra, transcrevendo “67” por “69”.

<sup>94</sup> A RIHGB erra, transcrevendo “67” por “69”.

<sup>95</sup> A RIHGB transcreve “de”, onde havia “de”.

<sup>96</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreveu “Uexié”.

<sup>97</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha registra “Uaupé”, no singular.

Negro chamam Aujari,<sup>98</sup> não só em razão do seu curso, senão também porque do Aujari<sup>99</sup> mais abaixo do sítio em que se diz que dele nasce o Ucaiari [ou Uaupé], se despede um canal [de água também branca] que sai à margem setentrional do Ucaiari, pelo qual, subindo em outro tempo o índio principal José de Menezes Caboquena, chegou ao Aujari.<sup>100</sup> Este rio ou é tronco principal, ou ramo do Orinoco, porque, navegando-se por ele abaixo, se chega ao repartimento do<sup>101</sup> outro braço, a que dão os índios o nome de Paraná,<sup>102</sup> pelo qual se sai para entrar no canal Caciquiari, que o comunica com o rio Negro. De modo que até à altura do Caciquiari e por ele se comunica o rio Negro com o chamado Paraná;<sup>103</sup> e do Caciquiari para cima é a comunicação do rio Negro com o Aujari,<sup>104</sup> a qual união os portugueses no tempo em que era permitido o resgate dos índios, pelos rios Tiniurini<sup>105</sup> e Jaitá, que deságuam na margem setentrional do rio Negro superior ao Caciquiari, passando do Tiniurini<sup>106</sup> por terra [ao] rio Simiti,<sup>107</sup> que desemboca na margem oriental do Atacaú, e do Jaitá, imediatamente ao dito Atacaú, que deságua na oriental do Jataupu, e este na ocidental do Aujari.<sup>108</sup>

O que vi e experimentei desde a entrada do Uaupés até à primeira cachoeira grande é que, com efeito, deságua por duas bocas, que lhe forma a interposição de uma ilha triangular. Os ares que nele assopram são mais agudos, a sua água é clara e mais fria que a do rio Negro, a largura ordinária é de até um quarto de légua. Tem muitas e vistosas praias e coroas que se descobrem na vazante, e delas se escavam infinitos ovos de tracajás. Não deixam de embarçar seu curso as ilhas e ilhotes que tem pelo meio cercados de rochedos. Observei, por uma e outra margem, diversos outeiros; contei, na do sul, até 15, e 3 na do norte. Dos que houverem de mais não dei fé. São uns outeiros, pela maior parte, modicamente elevados; alguns deles compostos de saibreiras. Ordinariamente aparecem aos pares, em distância pouco sensível um de outro outeiro, porém, cada par sensivelmente distante entre si. Informam os índios e os soldados que o subiram que a maior serra, da margem austral, é a que fica entre a penúltima e a última cachoeira grande.

Dizem, a seu modo de se explicarem, que é o pai e mãe das cachoeiras. Que, ainda a popa da canoa não está safa de uma, já a proa está em cima de outra; que as mais notáveis, rio acima, são a primeira, até onde eu subi, chamada do Ipanoré, e a que imediatamente se-lhe segue, chamada dos Coianás. A da boca do Capuri e a outra, chamada Tapiracanga, ou Cabeça de Vaca. A dos Arapassus, a das Araras, a das Pedras Negras, a do Cariru, as duas que ficam inferiores a outra cachoeira dos Banibas e a do Pirá, que é a maior de todas, e a das Lajes, que é a última; sendo certo que, em qualquer das ditas, é preciso varar por terra as canoas. Que de rio vazio há muitas cachoeiras, as quais, na enchente, são meras correntezas, assim como outras então é que se chamam cachoeiras. Que da classe daquelas em que é preciso descarregar para as vararem, contaram 26. Que, para subir as cabeceiras do rio dentro em um mês, é preciso navegar com canoa pequena bem equipada e sem fazer mais demora que a de comer e dormir.

<sup>98</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Auiari”.

<sup>99</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Auiari”.

<sup>100</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Auiari”.

<sup>101</sup> A RIHGB escreve “de” onde havia “do”.

<sup>102</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreveu “Parauá”.

<sup>103</sup> A RIHGB escreve “de” onde havia “do”.

<sup>104</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Auiari”.

<sup>105</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Tiniuini”.

<sup>106</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Tiniuini”.

<sup>107</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Simité”.

<sup>108</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreve “Auiari”.

Além dos obstáculos das cachoeiras, há mais que vencer ou outro do gentio. São coianas, uaupés, cuenacás, arapaxis, mueinós, paicuênos, ararás, aguarás, banibas, uacarís, uananás, cudujaris, cequenos, quereruis, cubenanas, burenaris, mamangas, pumenicás, vários macus dispersos e outros. Do gentio uaupés escreveu o citado diarista:<sup>109</sup>

Tem um pequeno furo entre a cartilagem e a<sup>110</sup> extremidade inferior das orelhas e outro no beíço inferior, entre a barba e a extremidade superior do mesmo beíço. Que sobre o peito traz uma pedra branca, sólida, bem levigada, de figura cilíndrica e de uma polegada de diâmetro, presa ao pescoço com um cordão de fio introduzido por um pequeno furo que lhe fazem<sup>111</sup> artificialmente pelo meio, de uma extremidade a outra. Que os principais as trazem de meio palmo de compridas, os outros<sup>112</sup> pouco menos, e os plebeus, muito mais curtas.

É para sentir que viva tanto gentio embrenhado no mato sem servir nem a si nem a ninguém. E que eles não descem nem hão de descer acariciados das nossas dádivas, dos nossos costumes e das imunidades que lhes concedem as leis do estado, cotidianamente o mostra a história dos descimentos.

Liberdade não os convida, porque absolutos e livres em todo o sentido são eles no mato; costumes também não, porque muito mais apertados são os nossos do que os seus; quanto ao sustento e vestido corre por conta da natureza.

Pelo que respeita aos rios que deságuam no Uaupés, pela sua margem austral, vi eu o Tiquié.<sup>113</sup> E informam os práticos que, depois deles segue o Capuri, na distância de 3 dias de viagem, para cima da primeira cachoeira grande. Por ele subiu no ano de 1787 o cabo de esquadra Raimundo Maurício e, tendo navegado pelo espaço de 11 dias em canoa ligeira, foi ter ao lugar em que se estreita muito o rio, e, nele, pela sua parte esquerda, viu um trajeto, pelo qual andou pelo espaço de um dia, sempre subindo e descendo outeiros, até ir sair nas cabeceiras do Piraparaná, que deságua no Apaporis, e este no rio do Japurá, porém mais de um dia de viagem acima do lugar onde saiu quando subiu pelo Tiquié. O Capuri, desde a sua boca até ao fim, tem 41 cachoeiras, entre grandes e pequenas; tem muito gentio de diversas nações; também o Piraparaná tem 16 cachoeiras até ao sair no Apaporis; porém a comunicação com ele pelo rio do Capuri, como é superior às ditas cachoeiras, salva todas elas, e só quem quer descer por ele abaixo vai passando todas.

Ora, descendo das cabeceiras do rio Capuri, na distância de dia e meio de viagem água abaixo, fica, na sua parte esquerda, o lugar em que, com viagem de 3 dias de trajeto por terra, se vai sair às cabeceiras do rio Tiquié, acima das suas cachoeiras. E assim se comunica um com o outro rio. Distante 2 dias acima da última cachoeira do referido rio dos Uaupés, situam a foz do outro rio Jeucari, e já quase nas cabeceiras o Unhunhan. Por este acima se gastam 3 dias de viagem em chegar-se ao trajeto de terra, que é preciso passar, com a demora de 2 dias, para se entrar no braço do Apaporis, quando muito devagar. Este é o trajeto o mais breve, que se faz pelos confluente do rio dos Uaupés para o Apaporis. Não tem cachoeiras o Unhunhan. Tudo são paus atravessados; e ele parece um ribeiro.

O Uaupés, desde a boca até a primeira cachoeira, é faminto de peixe. Não deixa, contudo, de ter bastantes porcos pelas matas das margens, assim como algumas tartarugas e ovos delas pelas praias, quando estão descobertas. Da cachoeira para cima, abunda particularmente de muitas e muito grandes piraíbas, e tanto tem de faminto para baixo como de farto para cima.

<sup>109</sup> José Monteiro de Noronha, § 186.

<sup>110</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha omite este artigo definido.

<sup>111</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreveu “faz”.

<sup>112</sup> O Pe. José Monteiro de Noronha escreveu “de comprido. Os nobres”.

<sup>113</sup> Neste lugar se acha uma entrelinha que vai repetida mais abaixo por outras palavras. Diz assim: 1787. Onze dias subiu por ele o cabo da esquadra Raimundo Maurício, onde passou 5 cachoeiras grandes e 4 pequenas, e no fim foi dar em um trajeto pela parte esquerda, que durou 3 dias, por alagadiços e igarapés, que do rio cheio se não podem andar, e foi sair às cabeceiras do Piraparaná, mais abaixo, porém, donde saiu, quando foi pelo rio Capuri; tem muitos gentios, porém...

Escreve no diário o reverendo vigário geral citado,<sup>114</sup> que, 5 dias de viagem por ele acima, desemboca nele o rio Tiquié. Eu, que saí da povoação de São Joaquim pelas 10 horas da manhã de 19, e navegava em um bote grande e pesado, fazendo as demoras de 3 e 4 horas por dia, em ordem aos meus exames e sem navegar de noite, cheguei à sua boca pelas 8 horas da manhã de 23. Adverte que por ele e pelo Capuri se pode ir ao Apaporis e que, no ano de 1749, se acharam no primeiro algumas pedras que, depois de examinadas e fundidas, mostraram ser de prata.

Alguns índios da nação cariana [sic] (continua ele), habitantes no rio Capuri, foram vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas, as quais compravam a troco de penas a índios de outras nações, que se ignoravam. Agora se sabe que os índios da nação pananua, que habitam na parte superior do Ucaiari ou Uaupés, usam das mesmas folhetas e que delas passavam aos tarianas. Subsiste porém a dúvida donde lhes vêm os ditos fragmentos de ouro.

Se estas pedras do Tiquié que, depois de fundidas e examinadas, mostraram ser de prata, não eram diferentes das outras que a V. Excia. tem apresentado o coronel, sabe V. Excia. que umas e outras devem ser reduzidas à natureza e denominação das pirites, que é o gênero que lhes compete na Mineralogia de Lineu. Se estas folhetas de ouro que pendurava nas orelhas o gentio do Capuri eram por eles compradas a índios de diversas nações, e sabe-se que os que as vendiam habitam a parte superior do Uaupés, e lá é que se devem supor as suas matrizes, porque a mera inspeção ocular da margem da parte inferior nada decide.

E de haver ou não mina de ouro ou prata, que vai nisso de aumento ou de atrasamento ao Estado? Semelhante à mina de prata do Tiquié foi a que no rio Tapajós descobriu Antônio Vilela do Amaral, mas sobre a utilidade deste descobrimento, ainda supondo que era de mina de prata, de que modo pensou o ministério?

Ambos os modos pelos quais pensou são constantes a V. Excia.; mas eu, que de nenhuma sorte me devo dispensar de documentar o que digo, e de com os documentos desta retificar o que disse na 4ª participação, repetirei primeiramente a história do descobrimento da mina e, em segundo lugar, a das providências que se-lhe deram.

Deixo à alta compreensão de V. Excia. e à decidida experiência que tem das cousas do Estado, o juízo prático que de ambos se deve fazer, assim como a resolução de qual deles seria aplicável aos descobrimentos do ouro e da prata do Uaupés.

Descobriram-se no Tapajós as pedras que o seu descobridor supôs que eram de prata e, nesta conformidade, informou delas ao ministério o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, remetendo as amostras que se tiraram.

Confirmou a primeira com a segunda participação que fiz [sic] em carta de 16 de junho de 1754, em como andando de visita, o Exmo. bispo falou com o seu descobridor, Antônio Vilela do Amaral, e que este lhe dissera, com Antônio Dornelas, que não só eram certíssimas, mas sumamente abundantes. Para se não defraudar Sua Majestade do absoluto direito que a elas tinha, em seu nome se tomou posse das ditas minas em 5 de janeiro de 1755.

Consta do auto de posse real e atual e pessoal, que tomou o desembargador João da Cruz Diniz Pinheiro, em nome de Sua Majestade Fidelíssima, que Deus guarde, o Sr. D. José I, das veias minerais de prata ou outro qualquer metal que seja, e se acham neste rio Tapajós, e é o seguinte:

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1755, aos 11 dias do mês de janeiro do dito ano, neste rio Tapajós e suas margens da parte direita e esquerda, indo por ele acima, no sítio junto do igarapé Tapacorá, em uma enseada que faz o mesmo rio, um dia de viagem, com pouca diferença, distante da cachoeira grande do dito rio, aonde

<sup>114</sup> Trata-se do Roteiro da Viagem... do Pe. José Monteiro de Noronha.

veio o desembargador João da Cruz Diniz Pinheiro, ouvidor geral e corregedor da capitania do Pará e sua comarca, em virtude de uma portaria do Exmo. e Revmo. bispo, governador do Estado, D. Frei Miguel de Bulhões, em companhia de mim, escrivão, ao diante nomeado, e do meirinho João Francisco d'Almeida, para efeito de examinar as paragens do dito rio, em que se dizia haverem minas de prata e outros metais.

E logo pelo dito ministro, mandando socavar no dito sítio, por ser princípio das ditas veias minerais, tirando as amostras necessárias, e continuando esta mesma diligência pelas mais veias de uma e outra margem do rio até o sítio em que findam por baixo da cachoeira grande, meio dia de viagem, com pouca diferença, foi tomada posse real e pessoal, em nome de Sua Majestade Fidelíssima, que Deus guarde, o Sr. D. José I, e de todas as ditas veias minerais de prata ou metal de qualquer qualidade que seja, por lhe pertencer, em razão do domínio absoluto que tem neste Estado e suas conquistas, fazendo logo lançar pregões no princípio e fim das ditas veias minerais, para que nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição ou estado que seja, socavasse nas ditas veias minerais sem sua licença, [sob] pena de ser castigado como usurpador dos direitos reais do dito senhor.

E eu, escrivão, lhe houve por dada a dita posse, tanto quanto posso e devo, presenciando todo o referido, de que dou fé, sendo testemunhas presentes o capitão Antônio Dornelas Souza, José Gomes e Antônio Vilela do Amaral, moradores na cidade do Pará, e Francisco Fernandes Souza, cabo de canoas da alde[i]a de Santo Inácio do mesmo rio, e o índio Marcelino, piloto da mesma canoa e alde[i]a, e o índio Clemente José, ajudante da alde[i]a de São José, e o índio Duarte, oficial de ferreiro da alde[i]a do Baruri, ambos do sobredito rio, que todos assinaram com o dito ministro e meirinho, assinando os índios, por não saberem ler nem escrever, com as suas cruces, de que dou fé. E eu, Manoel Rodrigues dos Santos, escrivão da ouvidoria geral e correição, que o escrevi.

De tão grande mina tinha Sua Majestade tomado posse, quando pela secretaria de estado foi expedido ao Exmo. general o ofício de 24 de fevereiro de 1755, em que a respeito dela escreveu assim o Exmo. secretário de estado Diogo de Mendonça Corte Real:

Já avisei a V. S. que as pedras da mina de prata que V. S. me remeteu pela frota, as mandei examinar na casa da moeda e nelas se não achou alguma. E estimo muito a notícia que V. S. me participa em carta de 16 de junho, de que o bispo, andando de visita, falara com o descobridor destas minas, Antônio Vilela do Amaral, e que este lhe dissera, com Antônio Dornelas, que as ditas minas não só eram certíssimas, mas sumamente abundantes; cuja notícia, sendo presente a Sua Majestade, é servido que V. S. promova e ajude este descobrimento, para que com efeito se faça, pois que dele se seguem grandes utilidades e vantagens desse Estado; e no caso de ser certo este descobrimento, porá V. S. nele toda a cautela e bom regulamento para a boa arrecadação dos quintos, como também nas datas para se minerar, evitando toda a disputa entre o descobridor e os mais mineiros que pedirem datas destas minas; e o mesmo Senhor fia da prudência de V. S., que dará todas as providências necessárias para um estabelecimento tão importante.

E eis aqui o primeiro modo por que se pensou a respeito das minas que se deviam promover e ajudar os seus descobrimentos; que eles eram úteis e vantajosos ao Estado.

Confronte agora V. Excia. com este o segundo modo de pensar, expressado no outro ofício do 1º de agosto de 1758, em que a respeito do ouro e das pedras cristalinas que se acharam junto ao rio da Madeira, se expressou assim o Exmo. secretário de Estado Tomé Joaquim da Costa Corte Real:

Pela carta de V. S. de 22 de novembro do ano próximo passado foi presente a Sua Majestade a relação que a V. S. fez João Fortes Aragão, de haver achado junto ao rio Madeira, e da nova alde[i]a que intentava estabelecer naquela parte com os 10 principais dos índios maguez, a amostra de ouro e as pedras cristalinas que V. S. remeteu

à real presença do mesmo Senhor para se examinarem, concluindo haver ouro nas serras que formam as cachoeiras do rio Madeira.

Pelo claro conhecimento que Sua Majestade tem de que o aumento desse Estado só pode conseguir-se pelos utilísimos estabelecimentos da agricultura e do comércio, e que estes descairão, se os povos que neles se devem empregar se divertirem para as minas, não pode o mesmo Senhor deixar de prevenir tão prejudiciais conseqüências, ordenando a V. S. que não só não promova o sobredito descobrimento de ouro nas serras que formam as cachoeiras do rio Madeira, mas que tenha particular cuidado de o impedir por todos os modos diretos e indiretos que possível lhe forem.

Quanto, porém, aos índios maguez, deve V. S. promover o estabelecimento das alde[i]as e a civilização dos mesmos índios; porque nestes dous pontos consiste o principal interesse desse Estado e se reduzem os principais objetos das ordens de Sua Majestade.

De modo que, ao que neste ofício se disse, todo o aumento deste Estado só se pode conseguir pela agricultura e pelo comércio, e os descobrimentos das minas não só se não devem promover, mas impedir por todos os modos diretos e indiretos.

Ainda mais claro falou o mesmo ministro no outro ofício, que expediu em data de 5 de agosto de 1758, por ocasião de ordenar Sua Majestade que se promovesse o descobrimento do rio Miarim; e foi concebido o sobredito ofício nos termos em que o transcrevo:

Sua Majestade manda remeter a V. S. a carta régia que acompanhará esta, sendo ordenada ao fim de se promover o descobrimento do rio Miarim e a povoação das úteis campinas de que tratou a informação que o Reverendo bispo desse Estado dirigiu ao mesmo Senhor, na data de 11 de dezembro de 1756.

Nela observou bem Sua Majestade o pouco conceito que merecem os suplicantes que fizeram ao governador do Maranhão a representação corroborada com o termo que se escreveu ao pé dela em 18 de setembro de 1754, no arraial de São José do sobredito rio Miarim. Caracterizando-os juntamente o referido prelado de homens que saíram das minas da Natividade, constringidos pela miséria, para constituírem uma companhia como de bando-leiros ou ciganos.

Julgou, porém, o mesmo Senhor, necessário aproveitar os ditos homens, tais e quais eles são, por duas razões de que me manda instruir a V. S.:

Primeira razão. Entre todos os empregos a que os vassallos de um estado se podem aplicar, o mais inferior e miserável foi sempre e há de ser o dos mineiros. Principiam pela crassa ignorância de entenderem que há ouro de beta ou minas perenes de ouro, e isto é engano, porque o que constitui as minas são os mesmos mineiros ou o seu grande número. Sendo este de 100.000 homens, como é nas Minas Gerais, só 2 ou 3 mil destes acham alguma cousa, depois de fazerem por 8, 10 e mais anos excessivos e custosíssimos trabalhos. Daqui resulta que estes, que vêm de achar alguma cousa, nunca acham o que lhes baste para pagar as dívidas, e que os outros, que nada acham, somente se conservam enquanto lhes não pedem as dívidas que têm contraído e que, logo que se-lhes pedem, é preciso fugirem, porque além dos negros e ferramentas que se-lhes dão fiadas, com tudo o que os mesmos negros comem e vestem, não têm por onde paguem. Funda-se nestes certíssimos fatos a máxima universalmente recebida na aritmética política que gradua os ditos mineiros, pelo que a eles pertence, abaixo dos remendões dos sapateiros e dos soldados rasos; e pelo que toca ao Estado, pelos menos úteis de todos os vassallos.

A segunda razão é: que, nestas circunstâncias, faz Sua Majestade um grande interesse em aproveitar estes homens perdidos, tornando-os a ressuscitar e unir ao Estado no ponto mais importante para as monarquias, qual é a agricultura, que faz o primeiro fundamento essencial de toda a sociedade civil.

Em cujos termos não poderá haver cousa mais importante para o serviço de Deus e do mesmo Senhor do que formar dos elementos de corrupção das minas um novo mundo na vastidão da lavoura desse Estado, porque um lavrador sempre vale para o mesmo estado mais do que 20 mineiros.

Nestes certos princípios se fundam pois as ordens de Sua Majestade que tenho participado a V. S. para impedir que no mesmo estado se abram minas por todos quantos modos diretos e indiretos puder<sup>115</sup> imaginar; impossibilitando os mineiros com capitações [sic] e outros impostos que eles não possam suportar; e promovendo os colonos com todos quantos favores e privilégios couberem nas providências que o mesmo Senhor tem dado até agora, com tão útil objeto.

Não de outro modo discorro a respeito da promoção que deveriam ter as minas de ouro e prata do rio Uaupés, caso que fossem verdadeiras. Não assim se o descobrimento e o trabalho delas fosse o único meio de estabelecer nele povoações de brancos, enquanto se não vissem obrigados a conservar-se nas povoações estabelecidas pelo receio de perderem os interesses das lavouras.

Eram 7 horas da manhã de 24, quando emboquei a primeira cachoeira grande do Ipanoré. Antes de a avistar, tinha dado fé de uma ubá que, pelos sinais, dava a entender que o gentio que vinha nela tinha fugido a toda a pressa, pois até os remos deixou. Passei avante da ilha, que fica pouco inferior à boca da cachoeira e, na entrada dela, fundeei. Até onde a pude observar, vi, pela margem austral, um furo, por onde só de inverno escapam as canoas de boa parte da cachoeira. No verão, fica seco; por isso não dá passagem.

A que se oferece pela do norte não é franca. É preciso varar por cima das pedras que servem de base ao outeiro que domina a cachoeira. Consta de saibreiras e quartzos lácteos e, por debaixo da are[i]a, onde a há, se encontram fragmentos do hialino. Mandeí logo reconhecer as 5 malocas do gentio, situadas em cima do outeiro e, segunda vez, me confirmei que ele já tinha sido avisado da minha subida. Acharam-se as casas desertas, largando por mão todo o trem de igaçabas, tipitis, balaios etc.; enterrada no chão bastante tapioca, os ananaseiros das roças cortados de fresco, e os índios das canoas me informaram que haveria 2 dias que eles se tinham retirado.

Por três razões assentei que não devia passar avante da sobredita cachoeira: 1<sup>a</sup> porque me punha no precipício de ser desamparado dos índios, que conceberam um indizível horror às suas cachoeiras e doenças, de que viram uns e souberam outros que tinham falecido muitos companheiros; 2<sup>a</sup> porque, no tocante aos meus exames de animais, plantas e minerais, nenhuma novidade encontrei de produções, que não fossem comuns aos outros rios; 3<sup>a</sup> porque, ainda que privativamente me pertencesse reconhecer a sua extensão, direção, divisão, confluência etc., reconhecimentos são estes que agora acaba de os fazer o coronel.

Tenho até aqui dado a ler a V. Excia. a história da minha viagem, desde esta vila de Barcelos até à primeira cachoeira do rio Uaupés. Segue-se ajuntar a ela a relação dos produtos observados e recolhidos, que são os que agora remeto para o Real Gabinete, incluídos nos 18 volumes que constituem a remessa deste rio.

Acompanham a dita remessa por esta vez não menos que 118 desenhos. Vai incluído neles o que tem o título de *Plano*, que representa a porção do rio Negro, desde a vila capital de Barcelos até à fortaleza fronteira de São José de Marabitanas, conforme as cartas antigas, e as porções dos rios Uaupés, Içana, Dimiti, Cauaburi e Uaracá, navegados e estimados em viagem da Expedição Filosófica pelos ditos rios, no ano de 1785.

Todos os outros são privativos desta expedição, na qualidade de filosófica, porque vão 12 prospectos das vilas e lugares, 9 de cachoeiras e 96 riscos de plantas e animais.

<sup>115</sup> No texto, “poder” por “puder”.

Se a esta soma ajuntar-se a de 112 desenhos da remessa passada, tirar-se-á o total de 230, que são os que deste rio se têm enviado.

Vão juntas 7 memórias de diferentes títulos, a saber: a 1<sup>a</sup> sobre as tartarugas, que vão preparadas e remetidas nos caixões n<sup>o</sup> 1 até 6; 2<sup>a</sup> sobre os peixes-boi, que foram preparados e remetidos da vila de Santarém, nos seis caixões da última remessa da capitania do Pará e do que agora se remete no caixão n<sup>o</sup> 9; 3<sup>a</sup> sobre as cuias que fazem os índios de Monte Alegre e de Santarém, para ser apensa às amostras que remeti no caixão n<sup>o</sup> 1 da primeira remessa; 4<sup>a</sup> sobre a louça que fazem os índios de Barcelos, para ser apensa às amostras dela que foram remetidas nos caixões n<sup>o</sup> 1, 5 e 8; 5<sup>a</sup> sobre as salvas de palhinha pintada pelos índios da vila de Santarém; 6<sup>a</sup> sobre o isqueiro ou caixa de guardar a isca para o fogo; 7<sup>a</sup> e última, sobre os instrumentos de que usa o gentio para tomar o tabaco paricá.

Por necessidade de aproveitar a monção para a viagem do rio Branco, suspendi por agora a entrega das participações sexta e sétima, que ainda faltam. Eu me não descuidarei de as pôr na presença de V. Excia. logo que a cópia delas se fizer compatível com os outros muitos trabalhos do meu encargo.

Barcelos, 30 de março de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira*



Mapa de todos os habitantes que existem nas diferentes freguesias  
das povoações anexas à fortaleza de São Gabriel da Cachoeira,  
no 1º de janeiro de 1786.

	DESIGNAÇÕES	Das pessoas livres em geral, dos índios aldeados e dos escravos	Dos índios aldeados	Dos escravos	Dos fogos
I	Santo Antônio do Castanheiro Novo	114	108	—	9
II	Nossa Senhora do Loreto	179	175	—	13
III	São Pedro	101	95	—	11
IV	São José	79	79	—	7
V	São João Nepomuceno	120	120	—	10
VI	São Bernardo	94	94	—	7
VII	Nossa Senhora de Nazaré	117	109	—	9
VIII	São Gabriel	197	190	7	14
IX	São Miguel	152	152	—	14
X	São Joaquim	261	257	—	16
	SOMA	1.414	1.379	7	110

## SUPLEMENTO À PARTICIPAÇÃO QUINTA

Em carta de 5 de janeiro de 1776, dirigida ao provedor e deputados da Companhia do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, escreveu V. Excia. o seguinte:

Remeto também a Vossas Mercês em um saquinho, outra amostra de um novo gênero, descoberto na sobredita capitania do Rio Negro, que é a fruta que produz a árvore da casca preciosa, para que, avisando-me Vossas Mercês se merece estimação, se possa promover a sua colheita e cultura.

Ora, é de notar que, não se respondendo expressamente sobre a qualidade do gênero mencionado, contudo, na carta de 4 de julho do mesmo ano se continha um parágrafo que, na intenção dos referidos provedor e deputados, se poderia, talvez, apropriar a ele, como compreendido na denominação puxuri:

Aos nossos administradores temos avisado que hajam de suspender a remessa do puxuri e baunilha, por serem gêneros estes que aqui, há tempos, não têm extração alguma, e ao mesmo tempo lhe expusemos<sup>116</sup> a decadência em que também se acham o cravo fino e grosso, ordenando-lhes consultassem com V. Excia. os preços, por que se deviam aí pagar estes dous gêneros, atenta à baixa ou nenhum valor que nestas têm tido em repetidos leilões; vendo-nos obrigados a exportá-los por conta da Companhia, por não haver quem sobre eles lançasse preço aceitável, e achar-se presentemente em ser, em todas as praças para onde os temos remetido. A salsa, porém, como há alguns anos que aqui tem obtido um vantajoso preço, ainda que cremos não seja de muita duração, contudo, avisamos aos nossos administradores que, de igual acordo com V. Excia., lhe prescrevam alguma maioria no preço por que aí recebem, não só por beneficiarmos aos lavradores que a cultivam, como também fazermos visível uma proporcionada equidade na administração do comércio que nos é confiado.

Sucedeu, por este modo, que, desde o princípio da sua descoberta, foi entre nós desprezado um gênero ao qual eu ainda espero que um tão iluminado século restituirá a seu tempo o valor que se-lhe tem negado. Deu-lho V. Excia. desde que se descobriu e, para prova de que o continua a dar, na conformidade das recomendações que tanto desta como de outras árvores a V. Excia. fiz e continuo a fazer, escreveu ao coronel comandante geral daquele distrito o que consta da carta de 4 de julho do corrente ano, dirigida na forma seguinte, ao coronel Manoel da Gama Lobo de Almada:

Ocorrendo ao que com zelo do real serviço de Sua Majestade e do bem comum dos seus vassallos, me representou o Dr. naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que precisava de pronta e eficaz providência, tanto sobre a conservação e a propagação das palmeiras de piaçaba, como sobre se evitar que as pessoas que se dirigem a colher a fruta das árvores chamadas da casca preciosa e do puxuri e a extrair o óleo do umiri, desordenadamente não descasquem as primeiras das ditas árvores enquanto novas, nem umas e outras cortem; recomendo a V. S. que, por ordens circularmente expedidas aos diretores de todas as povoações existentes no distrito do seu comando, assim o haja de prevenir e fazer executar; e que demais lhes determine que as referidas palmeiras de piaçaba, as procurem multiplicar, plantando-se por diferentes partes, a fim de que um tão útil gênero não venha a faltar para a continuação das cordas que, na passagem das canoas pelas cachoeiras, indispensavelmente se necessitam.

<sup>116</sup> No texto, “exposemos” por “expusemos”.

Havendo no mesmo distrito a excelente e muito fina madeira do pau vermelho e merecendo como tal que se vigie sobre a sua conservação, a termos que se não vá fazendo demasiadamente rara, ou que se vá reduzindo a só ficar muito internada no centro do mato, também V. S. sobre isto olhará em semelhança do que acautelei a respeito da outra madeira de cor alaranjada, no rio Branco descoberta, lembrando-me de que sobre as amostras remetidas poderia dela querer Sua Majestade alguma provisão que haja de encomendar.

Escreveu também para o governo interino da capitania, na mesma data, da seguinte forma:

Com a cópia inclusa da ordem que acabo de distribuir ao coronel Manoel da Gama Lobo de Almada, comandante da fronteira e do distrito da parte superior deste rio, vou, não só instruir a Vossas Mercês da providência por ela dada em benefício da conservação das palmeiras de piaçaba, das árvores da casca preciosa, do puxuri, do óleo do umiri e do pau vermelho que o dito distrito produz, como também advertir-lhes que a mesma providência devem determinar a respeito da conservação e multiplicação das referidas palmeiras de piaçaba, pelo que semelhantemente dela há no rio Padauri e na costa fronteira à vila de Thomar.

Informado o Rev. vigário geral desta capitania, Francisco Marcelino Souto Maior, da distância em que ficam da igreja paroquial de São Gabriel as povoações subalternas, a V. Excia. representou a necessidade que havia de mais outro vigário para aquele distrito, encarregando-me de o informar da povoação em que mais vantagens descobria, para nela se fundar a igreja matriz e estabelecer a residência do Rev. vigário.

E, havendo-lhe eu proposto a povoação de que falo, por nela se verificar a necessária circunstância da maior proximidade possível, segundo o plano de viagem que lhe facilitei e ele a V. Excia. apresentou, passou V. Excia. a dirigir ao Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Souza Albuquerque a seguinte carta:

Ilmo. e Exmo. Sr.

O número de povoações existentes na parte superior deste rio e no rio Branco e as grandes distâncias de distritos que se-lhe reconhecem, para medianamente as poderem socorrer do pasto espiritual os dous párocos que atualmente só têm as da dita parte superior deste rio e o único que há nas do rio Branco, são forçosos motivos para expor a V. Excia. o quanto julgo preciso e indispensável que se determinassem de novo mais dous párocos para aqueles distritos; a saber: um para a povoação de Maçarabi, dividindo-se entre ele e o da fortaleza de São Gabriel o atual distrito da povoação, conforme o que, com conhecimento das referidas distâncias, se tem aqui descrito e projetado a esse respeito; e outro para o lugar de Santa Maria, no rio Branco, divididas também entre ele e o capelão da fortaleza as atuais povoações que ali se acham eretas e estabelecidas.

E a parecer assim justo a V. Excia., com o acordo do Exmo. e Rev. Sr. bispo, poderá V. Excia. render a Deus, nosso senhor, esse bom serviço, sem outro inconveniente que o da despesa de mais 120\$000 réis anuais, em que deverão importar as côngruas dos dous vigários de novo criados.

Deus guarde a V. Excia.

Barcelos, 20 de março de 1786.

Concordaram, com efeito, SS. Excias. em se criarem os dous vigários propostos e, em carta de 8 de maio do corrente, respondeu a V. Excia. o Exmo. Sr. general do estado pelo seguinte modo:

Ilmo. Exmo. Sr.

Não podendo deixar de concordar com V. Excia. no parecer de se criarem de novo dous párocos mais, destinado um a ajudar os dous que já têm as povoações da parte superior do rio Negro e o outro ao que se acha paroquiando as do rio Branco, passei logo a conferir com o Exmo. e Revmo. Sr. bispo este ponto, o qual, levado do seu grande zelo, não hesitou um só instante em condescender também no proposto por V. Excia., nomeando logo alguns sacerdotes que, na presente ocasião, passam para essa capitania, para terem o exercício de párocos nas mesmas povoações que os necessitam ou para renderem outros que se achem em algumas de menos circunstâncias que estas, por se acharem na sua primitiva. E ao provedor interino da real fazenda dessa capitania, agora lhe ordeno, mande formar os respectivos assentos aos que forem novamente providos, para vencerem suas cõngruas, segundo as reais ordens o determinam.

Deus guarde a V. Excia.

No § 2 do *Regimento das Missões* tinha Sua Majestade ordenado que as povoações dos índios constassem<sup>117</sup> ao menos 150 moradores, por não ser conveniente ao bem espiritual e temporal dos mesmos índios que vivessem<sup>118</sup> em povoações pequenas, sendo indisputável que, à proporção do número dos habitantes, se introduz nelas a civilidade e o comércio. E, como, para se executar esta real ordem, se devem reduzir as alde[i]as a povoações populosas, incorporando-se e unindo-se umas às<sup>119</sup> outras, o que na forma da carta de 1º de fevereiro de 1701, firmada pela real mão de Sua Majestade, se não pode executar entre índios de diversas nações, sem primeiro consultar a vontade de uns e outros, ordena Sua Majestade aos diretores que, nas mesmas listas<sup>120</sup> que eles devem remeter dos índios, expliquem, com toda a clareza, a distinção das nações, as diversidades dos costumes<sup>121</sup> entre elas e a oposição ou concórdia em que vivem, para que, refletidas todas estas circunstâncias, se possa determinar em junta o modo em<sup>122</sup> que, sem violência dos mesmos índios, se devem executar estas utilíssimas reduções. (*Diretório*, pág. 32 e 33, § 77).



<sup>117</sup> Onde aqui se escreveu: “tinha Sua Majestade ordenado que as povoações dos índios constassem”, diz o *Diretório*: “ordena o dito Senhor que as povoações dos índios constem”.

<sup>118</sup> No *Diretório* está “vivam” e não “vivessem”.

<sup>119</sup> No *Diretório* está “a”, onde aqui está “às”.

<sup>120</sup> No *Diretório* está “ordeno aos diretores que, na mesma lista”, onde aqui se escreveu: “ordena Sua Majestade aos diretores que, nas mesmas listas”.

<sup>121</sup> No *Diretório* está: “a diversidade dos costumes que há”, onde aqui se escreveu: “as diversidades dos costumes”.

<sup>122</sup> No *Diretório* está “com”, onde aqui se escreveu “em”.

EXTRATO<sup>123</sup> DO DIÁRIO DE VIAGEM AO RIO MARIÉ EM SETEMBRO DE 1755  
Para o descimento prometido e contratado pelos dous principais Manacaçari e Aduana,  
por António José Landi

Acadêmico clementino e professor público de arquitetura e perspectiva no Instituto das Ciências de Bolonha, arquiteto pensionário de Sua Majestade Fidelíssima e um dos que foram testemunha ocular dos sucessos adiante expostos, a instâncias do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, empregado nos descobrimentos de História Natural do rio Negro.

11 DE SETEMBRO.

Fui chamado por S. Excia., o Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador e capitão-general deste Estado, o qual disse que tinha determinado mandar-me com o capitão Estêvão José da Costa ao premeditado descimento, com o que mostrei-me muito satisfeito.

Ordenou a Matias da Costa, que era o provedor da real fazenda, que me desse o mantimento por ele determinado, o qual, em verdade, foi excelente, pela suma benignidade que sempre teve para comigo este bondoso senhor.

12. No dia seguinte, depois de praticado o que convém a um cristão, preparei-me para o embarque, que efetuou-se no dia 13 do corrente setembro.

O capitão e eu embarcamos em um bote novo, de 6 remos por banda, com 6 soldados. Em outra canoa foram o alferes Manoel da Silva, com o cabo de esquadra Henrique João Wilkens e o capelão, que era o Pe. Paganini, carmelita. Esta canoa era assaz grande e o mesmo cabo de esquadra Moniz reclamara contra isso, dizendo que muitas eram as correntezas que tinham de passar, como também os saltos e pedras que haviam escondidas à flor d'água. Mas esta representação não foi atendida.

As outras canoas eram de quatro remos de cada lado. Na primeira ia o Moniz com dous soldados, na outra, Manacaçari e Aduana, os quais, no seu barco, receberam de S. Excia. tanta cortesia, quanto receberia qualquer súdito de mérito especial.

Os outros dous principais, Mabé e Cacuí, que não eram lá bons amigos, partiram nas suas respectivas canoas, tendo desenganado o Sr. general com dizer que eles e sua gente não eram sujeitos a pessoa alguma e que não queriam experimentar servidão alguma, e de fato os deixou ir sem mais falar-lhes.

Antes de partir de Caboquena, conferenciamos com Francisco Xavier Mendes, homem muito prático destes sertões. E deu-nos ele vários conselhos, que nos não foram inúteis; e sobretudo disse-nos que andássemos com cautela e não nos fiássemos muito de Manacaçari porque era muito inconstante. Presenteou-me com frutas e entregou-me um bilhete para que, em sua casa, me dessem 3 paneiros de farinha com 6 galinhas, o que naquelas alturas era donativo inestimável. Aportamos nas 3 aldeias de Caboquena, Bararó e Dari para comprar frutas e farinha.

23 Aportamos na tapera,<sup>124</sup> propriedade de Portilho, homem prepotente, que comerciava com os índios. S. Excia. conversou com ele e, conhecendo que não podia sujeitar-lhe a vida depravada, tendo contra si tão poderoso inimigo, deliberou ir demorar-se em Macapá, com toda a sua gente. Pouco adiante, aportamos na tapera do Braga, na qual

<sup>123</sup> Este extrato acha-se, no original, em língua italiana, e agora (6 de março de 1835) para aqui o traduzimos na linguagem vernácula.  
(NOTA DA REDAÇÃO DA R.I.H.G.B.)

<sup>124</sup> Tapera é um aldeamento ou povoação abandonada.

ainda se vêm vestígios de algumas palhoças com árvores frutíferas. Este indivíduo, ainda pior<sup>125</sup> do que supradito Portilho, foi miseravelmente zazer nas prisões de Lisboa.

Depois de curto prazo, prosseguimos o nosso caminho lentamente, porque muitas vezes perdíamos de vista a canoa grande. Em uma destas vezes, eu e o Sr. Wilkens subimos ao alto dessas terras e, porque achássemos caminho desembaraçado, penetramos nele por espaço de meia milha; mas como não levávamos armas, retrocedemos, receosos de encontrar algum gentio ou animais nocivos.

O terreno era arenoso, e aí observamos uma planta curiosíssima, a qual formava diversos globos, o maior dos quais não passava do tamanho da cabeça de um homem; não tinha ramos nem folhas de espécie alguma, mas compunha-se de partículas tão delgadas e de tal forma entrelaçadas umas às outras (*desideratur*), que não sei bem descrevê-las.

Somente sei que bastava tocá-las levemente para desfazerem-se em partículas diminutíssimas, e não lhes descobri raízes; mas sustentavam-se não sei como; e nenhum dos índios presentes soube dizer-lhe o nome, por não terem jamais visto planta semelhante.

Chegada a canoa, seguimos a navegação, passando várias correntezas que nos retardaram a marcha.

Neste dia, encontramos uma canoa com um principal chamado Ambrósio, ao qual mandamos dous soldados reconhecer; e porque mostrasse amplo passaporte de S. Excia., que lhe facultava inteira liberdade de andar por onde quisesse, quando saíram os soldados, lhes disse que dessem graças a Deus que os deixava partir com vida.

Os soldados contaram isto ao capitão, o qual fez diligências para que o mesmo principal viesse à canoa, para castigá-lo; mas ele escafedeu-se e o perdemos de vista.

1º DE OUTUBRO. No dia 1º de outubro nos conveio esperar para o dia seguinte por terem-se extraviado dous soldados, que foram depois achados por diligência dos índios.

Neste dia observei dous escolhos,<sup>126</sup> um dos quais era assaz alto, e podia passar-se por baixo dele por ter suficiente vão.

Aqui foi-nos preciso atravessar uma cachoeira de 3 a 4 palmos de altura, e observei lindíssima perspectiva.

Sobre pedras que estavam à flor d'água e nos seus contornos nasce certa erva da altura de 1 palmo, algum tanto grossa, mas tenra e muito bem tecida e termina como um báculo pastoral. Tanto os índios como os soldados disseram que era ótima para condimento dos manjares, e comiam-na nos lugares onde não abunda carne nem peixe. Tomamos boa fartadela de salada e, por certo ácido saboroso que tem, torna-se agradável ao paladar.

Sobre aquelas mesmas pedras, celebrou-se o santo sacrifício da missa, durante o qual, com grande prazer, fui espectador dos contrastes que faziam as orgulhosas e espumantes águas com a força de tantos índios e soldados.

Os dous principais Mabé e Cacuí vieram à nossa canoa, dizendo que voltavam pelo seu caminho, e o capitão lhes disse que, dentro de pouco tempo, eu iria visitar aquelas terras por ordem de Sua Majestade, para fabricar uma fortaleza; e lhes mostrou o desenho de uma fortificação já entre nós combinada, ao que não responderam uma só palavra e seguiram o seu destino.

5. Despediu-se de nós Manacaçari, dizendo que ia reunir a sua gente para fazer-nos alegre encontro, e partiu pouco contente com donativos a ele feitos, os quais consistiram em 2 dúzias de facas e de tesouras, 12 navalhas e 24 berimbaus, com alguns fios de contas de vidros. E o Moniz, que me ficava vizinho, disse:

— Começamos mal!

<sup>125</sup> Observe-se a forma “peior”, proveniente do latim peior.

<sup>126</sup> Escolho é uma pequena ilha rochosa.

Às 2 horas da tarde, entramos na boca do Marié, cuja largura não excede de um quarto de légua, no decurso de quase meia hora de marcha; e depois estreita até um tiro de espingarda. Aqui vêem-se os cumes de 5 montes, o maior dos quais é de forma cônica.

No dia seguinte, navegamos por entre ilhotas deliciosas, matizadas de belíssimas flores. Findo o jantar, prosseguimos na navegação, com a cautela recomendada por Francisco Xavier Mendes.

Com tudo isso, a nossa canoa ficou em perigo sobre uma laje. O capitão saiu e foi para a canoa grande, isto é, para a do Moniz, que me entreteve com a exposição dos usos de tantos índios por ele conhecidos. De noite, tivemos forte temporal, com relâmpagos e trovões.

8. Chegamos ao lugar para nós destinado pelo Moniz; mas ele ficou surpreendido, não vendo aí pessoa alguma, e julgou que ainda não teriam voltado da festa do irmão, que distava poucas horas da moradia de Manacaçari. Entretanto, o Moniz fora ver a situação de Manacaçari, na qual não achou pessoa alguma, e então o Moniz mais suspeitou, porque, além disto, achou vários sinais que indicavam abandono definitivo daquelas terras.

Depois do jantar, o capitão, com o alferes e eu, acompanhados por 6 soldados, passamos o rio para ver o lugar onde Manacaçari habitava.

Entramos por um furo estreito que nenhum de nós certamente reconheceria como lugar transitável; e o caminho era tão tortuoso que, ora tínhamos o sol pela frente, ora pelas costas; e, em muitos lugares, passamos sobre um pau redondo, ajudados por alguns dos nossos índios.

Finalmente, entramos em uma planície da extensão de 300 passos e de muito menor largura, com 8 palhoças, as quais eram fechadas com folhas entrançadas e para penetrar nelas preciso era inclinar a cabeça até o chão, sendo assim construídas essas palhoças, a fim de estarem aí mais livres os seus habitantes.

A casa principal era redonda e feita de tabuinhas, como o são as capoeiras das galinhas, e também tinha a porta baixa.

Entramos nestes tugúrios, onde só achamos folhas de carajuru, de que fazem belíssima tinta, e deixaram uma linda canoa de 36 palmos de comprimento, feita de casca de madeira da grossura de sola.

Entretanto, mandamos visitar Manacaçari pelo Moniz e pelo principal da alde[i]a de Mariuá, os quais, encontrando uma canoa alagada e cheia de pedras, e quebrados vários ramos pelo caminho, voltaram desconfiados e mandaram em seu lugar um índio conhecido, ao qual disseram que, dentro de 8 dias ali apareceriam; e, entretanto, trabalhavam postos em lugar ótimo para qualquer surpresa, porque era uma ilhota no meio do rio, e adiante estava uma lingüeta de terra de quase 4 braças, que começava a levantar-se.

Pelos índios e soldados foi derrubado o mato e aí se fizeram os quartéis; e como não víamos resolução nos índios e começamos a duvidar da sua constância, o capitão mandou cercar os quartéis com boa palissada e postar na entrada uma sentinela. Entretanto, começou a escassear a farinha. Procuraram-se as roças dos índios e, das que se acharam, fizeram-se beijus, com que se remediasse a necessidade dos soldados, bem como da nossa mesa.

11. Mandamos nova embaixada pelo Moniz, acompanhado por 4 índios com 3 frascos de aguardente. Estavam 6 destinados para donativos, mas o judicioso alferes opôs-se a isto, dizendo que bastavam 3, porque, mandando os 6, poderiam nascer distúrbios, embriagando-se os índios. Depois de meio dia, sobreveio impetuoso vento, que derribou os quartéis dos soldados; mas em menos de 2 horas foram reparados.

À noite, regressou o Moniz, dizendo que estavam fazendo farinha, e que sabiam que o capitão tinha avisado o general e que esperavam resposta; mas o Moniz disse-me que temia muito da inconstância dos índios, pois tinha observado que eles aumentavam em número e que, ao tempo em que tratavam do modo e ocasião da partida, chegou outro principal com 20 índios armados de arco e flechas e mais 4 armados de arcabuz. Finalmente, com esta embaixada, nada se concluiu e, entretanto, crescia a fome, e os soldados recorreram à maniçoba.

12. Chegou o pescador com uma grande piraíba que bastante nos alegrou. Mas esta alegria depressa desvaneceu-se, porque, depois de tiradas as vísceras, pondo-se ela n'água para lavar-se, deu um salto e não a vimos mais, não obstante fazerem os soldados toda a diligência para recobrá-la, tendo, aliás, a água apenas 4 palmos de profundidade.

20. Mandamos visitar Manacaçari e Aduana para saber da sua última determinação.

A embaixada que mandou o alferes Manoel da Silva era um romance, porque tudo eram ternuras de amante para com sua amada. A resposta foi que o capitão mandava ao porto uma canoa para carregar as miseráveis alfaias dos índios e índias; mas fizeram o soldado que estava na canoa esperar durante 2 dias e, porque ninguém aparecia e a fome o estimulava, regressou.

Entretanto, preparou-se uma canoa para ir ao salto buscar Mabé, conforme tinha S. Excia. combinado comigo, a fim de ver se o poderia tirar daquele lugar com algum artifício. Esta viagem, porém, não se realizou, em consequência da morte do Moniz e dos seus companheiros, como adiante direi.

Parti, pois, de manhã cedo, acompanhado por um sargento chamado Agostinho Franco, com 8 soldados, e novamente encostamos no porto dos índios, onde o Moniz preparou-se para a última embaixada. Então, senti-me com disposição de ir ver aquele bárbaro modo de vida; mas despersuadiu-me ele, dizendo que não era viagem para mim, porquanto era preciso andar 3 horas por caminho cheio de incômodos, isto é, de pântanos e, talvez, passar lagos a nado; e como eu tinha deixado a minha rede no mato para esperá-lo naquele lugar, disse que passasse para o outro lado do rio ou o esperasse no dia seguinte, enquanto dava sinal para ir embarcar, [por]que aquele lugar onde desembarcamos não nos assegurava contra violências do gentio.

Partiu ele acompanhado pelo principal Jananitari e por um soldado com 6 índios; e eu com a minha escolta fomos pousar na ponte da dita ilha.

26. Diverti-me em passar sobre lajedos tão planos e lisos que pareciam feitos com arte e, de espaço em espaço, eram repartidos por uma matéria vítrea, disposta ao comprido, como se estivessem ligadas ou betumadas; e esta juntura teria a largura de um quarto de polegada.

Depois de meio dia, e quando eu estava na minha canoa, lendo o 6º livro da História de Salomão, percebi que de outro lado nos chamavam. Embarquei com o sargento, o qual, bem admirado ficou por não ver o Moniz, mas eu lhe disse que, provavelmente, ele teria mandado aquele índio adiante para não estar esperando a canoa para o embarque.

Chegados, porém, à ribanceira do rio, de súbito ocorreu-me que alguma desgraça teria acontecido, porque o dito sargento ficou fora de si, pondo as mãos na cabeça e exclamando que tinham morto o Moniz com os demais que o acompanharam.

Tornamos a passar o rio e, consultando entre nós ambos o que devíamos fazer, resolvemos, por fim, partir, porque não tínhamos meios de defesa. O sargento, que era homem animoso e bom soldado, queria esperar o dia seguinte, na suposição de poder chegar ali um ou outro ferido; mas, vendo-nos privados de ferramenta para poder fortificar-nos com alguma estaca, não se tendo dado aos soldados senão duas cargas de pólvora e havendo apenas 3 espingardas para fazer fogo, determinamos partir. Mas, para não perder de todo a nossa história, voltamos atrás, e não passemos em silêncio o bárbaro atentado destes ímpios homicidas.

Chegando o Moniz com os seus companheiros, no dia 25, como disse, foi recebido por Manacaçari e Aduana e pelos principais que estavam ali, com sinais de distinta amizade, escusando-se da demora com enganos, e disseram que, terminadas aquelas antigas festas e suas beberronias, partiriam. O Moniz, ao vê-los dispostos em aparência e sendo já noite, despediu-se para ir dormir na sua canoa. Mas, tantas foram as instâncias empregadas para que assistisse àquelas suas diabólicas festas que, por desgraça sua, anuiu ao convite. Porém, findas as danças, com as costumadas bebedeiras, retiraram-se para dormir.

Como o Moniz tinha, outrora, vivido com Manacaçari, não desconfiou dele e foi dormir no corredor da sua casa; e logo pela janela Manacaçari desfechou-lhe um tiro de espingarda, ferido pelo qual caiu o Moniz da rede morto, arquejando; e ao mesmo tempo mataram o principal Jananitari, o soldado e dous índios. Os outros fugiram.

Depois deste assassinio, fizeram as suas danças, acompanhadas das costumadas vozerias, incendiaram as palhoças e partiram com os seus súditos. Depois mandaram alguns índios que fossem matar Tapuitinga<sup>127</sup> e trouxeram a sua canoa. E, anoitecendo, foram à ilha com muitas igarités, mas como a ninguém achassem, imediatamente se retiraram.

Esta narração foi-nos feita pelo índio que veio dar-nos aviso, o qual, escondeu-se na densa folhagem de uma árvore; e pouco difere da outra que fez o índio fugido que, ao passar, chamou-nos para o embarcarmos.

Eis o fim desta expedição feita com pouca cautela. E ninguém acertou mais do que Frei José de Madalena, porque tinha feito a anatomia dessa gente.

Entretanto, chegamos à boca do Marié na noite de 26 e, nas margens dela tomamos porto para não ficarmos sobre as muitas pedras que ali havia. À meia noite, pressentimos vir para nós uma pequena canoa e, como não sabíamos quem vinha nela, o sargento e eu pusemo-nos em pé com a espingarda ao rosto, até que o soldado que nela estava nos fez saber que fora mandado pelo capitão para trazer a notícia das mortes já descritas, ao passo que eram também noticiadas por um dos índios fugitivos.

27. Amanhecendo o dia, alegramo-nos por ver-nos livres de todo o temor da noite passada, pois tão contínuos eram os rumores naquelas selvas, que nos faziam crer estarmos cercados pelos índios, embora nos assegurasse Jacumaúba ser antas que ali andavam. Às 11 horas da manhã, a nossa alegria converteu-se em temor porque, ao longe, avistamos algumas canoas que desapareceram por detrás de uma língua de terra que avança para o rio.

E como tínhamos por certo ser canoas de índios bravios, ficamos, a princípio, amedrontados; mas, cobrando ânimo, saímos das canoas, armados e resolutos, a defender-nos em lugar tão favorável, pois estávamos amparados por algumas pedras de desmesurada grandeza, quase todas isoladas.

Por fim, ao sair daquela feliz ponta, serenaram-se os ânimos de todos porque era o capitão que tinha abandonado os quartéis. E tal foi o temor de que se apoderou, que deixou aos bárbaros a real bandeira da canoa.

Aqui, ouviram-se críticas contra o capitão por ter mostrado cobardia, não indo vingar os companheiros assassinados. E se isto tivesse feito, poderia ser castigado por desobediente, porquanto nos capítulos consignados pelo general, o 14º dizia que, se nos aparecesse alguma alteração, qualquer que ela fosse, não tomássemos empenho algum e nos retirássemos. E daqui podemos julgar em que conceito cumpre ter as notícias de um povo que julga sem fundamento aquilo que não entende.

Seguimos então a nossa viagem depois de tantos motivos de alegria, pois correria fama que também me tinham matado. E esta fama funesta chegou até os ouvidos de S. Excia.

Passados 8 dias, encontramos o soldado que fora enviado pelo capitão. E escreveu S. Excia. que julgar-se-ia bem servido se, recebendo as suas ordens, já tivesse partido, e que, em melhores tempos, o teria sabido castigar, como assim aconteceu, mandando-o visitar pelo capitão Miguel de Siqueira, por ser muito temido dos índios em todas aquelas partes. E, de fato, os destruiu com a morte do mesmo Manacaçari, que serviu de troféu às glórias da gente lusitana.

Neste dia, recebi do soldado um barrilinho de línguas defumadas, de Holanda, com outro de biscoutos, dom assaz estimável na presente ocasião e muito mais ainda pela lembrança que de mim teve S. Excia.

Assim terminou esse descimento, e eu deixei de andar procurando Mabé e Cacuí, pois mui provável era que nesses lugares perdesse a vida.

<sup>127</sup> “Tapuitinga” é o mesmo que “homem branco”.

A 6 do corrente novembro, chegamos a Mariuá (hoje Barcelos) ao rufo de tambor. Mas observei que, no ato de chegarmos, partiu de casa S. Excia. para o passeio. E, embarcando, nós fomos cumprimentá-lo, e ele acolheu friamente ao capitão, o que não fez comigo, pois recebeu-me de braços abertos e convidou-me para cear com ele bom peixe fresco. E bebeu em saudação ao meu regresso, pelo que não deixei de dar graças a Deus, nosso senhor, por ter-me livrado das mãos daqueles ingratos índios.

### *Provisão*

D. Maria, por graça de Deus, Rainha de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, senhora de Guiné etc. Faço saber a vós, governador da capitania do Rio Negro, que eu houve por bem, por meu real decreto de 23 de janeiro de 1781, que por tempo de 5 anos se dê livre despacho a todo o anil produzido nas colônias portuguesas, que são do domínio da minha coroa, em todas as alfândegas destes reinos e seus domínios, e que se não pague nelas direitos alguns de entrada e de saída ou de outra qualquer natureza, taras, contribuições ou encargos e emolumentos de oficiais, quaisquer que eles sejam, e até sem que pague coisa alguma pelos direitos de ver o peso, que pertencem ao senado da câmara, incluindo nesta isenção os emolumentos que leva o juiz de ver o peso e o escrivão da receita desta repartição; excetuando somente desta isenção e liberdade o justo estipêndio devido ao trabalho braçal dos homens de carreto e pesadores, que vivem somente deste trabalho. E fui outrossim servida por aviso de 5 de setembro do mesmo ano, dirigido ao meu conselho ultramarino, ordenar que pelo mesmo conselho se expedissem as ordens necessárias a todos os governadores das conquistas e capitanias dos domínios ultramarinos para que assim o façam executar nas referidas alfândegas dos seus governos.

O que vos participo, ordenando-vos que, pela parte que vos toca, assim o façais executar.

A Rainha, nossa senhora, o mandou pelos seus conselheiros do conselho ultramarino abaixo assinados e se passou por duas vias. Antônio Ferreira de Azevedo o fez em Lisboa, a 12 de fevereiro de 1783.

O secretário Joaquim Miguel Lopes de Laire a fez escrever.

O Dr. José Vaz de Carvalho.

Luiz José Duarte Ferreira.

### *Instruções*

Que regulam o método por que os diretores das povoações de índios da capitania do Grão-Pará se devem conduzir no modo de fazer as sementeiras e plantações que do comum das mesmas povoações lhe estão positivamente determinadas.

1. Observar-se-há, como primeiro e principal fundamento da agricultura, que as sementeiras e plantações se apropriem à qualidade das terras de cada povoação e que igualmente só se intentem e pratiquem nas conjunturas dos devidos tempos que a experiência dos lavradores não costuma ignorar; porque, a não haver estas atenções, será certo o mau sucesso em lugar da prosperidade que se pretender.

2. Os índios existentes nas povoações, divididos em duas ou em três partes, conforme o seu número, serão puxados aos serviços comuns por alternativas de semanas para, sem a elas faltarem, quando precisos, tenham também tempo de fazerem, e grangearem as suas particulares roças; o que por este turno facilmente se conseguirá, sem descômodo e descontentamento dos mesmos índios. E nunca as mulheres daqueles que estiverem na

semana do seu turno de trabalho se determinarão aos ditos serviços, para que juntamente ocupadas não faltem à precisa assistência e cultura das suas roças.

3. Não se deve pretender que os índios se ocupem nos sobreditos serviços comuns, sem que os diretores os assistam do preciso e diário sustento, que, além da farinha, regulada a 40 rações por alqueire, lhe prevenirão, ou já por meio de alguns pescadores nas povoações abundantes de peixe, ou já com tartarugas, peixes salgados e secos, carnes secas, ou outro competente mantimento que os mesmos diretores devem com tempo dispor, em cada um ano, para o dito fim e para que a falta desta indispensável assistência justamente não escandalize os índios trabalhadores e os obrigue a abandonar os serviços a que se determinarem, pretextando de irem diligenciar a comida, que de outra forma se-lhes dificultar.

4. Haverá um, ou dous feitores ou olheiros que, em cada povoação, conforme os maiores ou menores serviços delas hajam de vigiar sobre o trabalho dos índios e de os aplicar, sempre que os diretores lhes não puderem<sup>128</sup> assistir; vencendo os ditos feitores ou olheiros o competente salário que merecerem, segundo a sua atividade e proveito que dela resultar no interesse do serviço que administrarem; fazendo um exato ponto de todos os índios e de todas as índias de que forem encarregados, tanto para o vencimento e conta das rações, como para os jornais que devem perceber do produto geral do mesmo serviço, em que se empregarem, e entregando facilmente os ditos pontos aos respectivos diretores, para estes de tudo darem conta e formarem as devidas relações que são da sua obrigação. Bem visto que os originais pontos, sendo pelos sobreditos feitores ou olheiros assinados, se devem ficar conservando [sic] nas respectivas povoações, para servirem de fundamento às contas que o intendente do comércio houver nelas de tomar ao tempo das suas correições.

5. Todo o produto dos referidos serviços será contado e descrito nos livros do comércio, da mesma forma que se pratica com o manifesto dos gêneros da colheita do sertão; e da sua totalidade se remeterão anualmente relações ao governo, ao intendente geral e à tesouraria, como a respeito dos ditos gêneros do sertão semelhantemente<sup>129</sup> se observa. Com as ditas relações virão também para a tesouraria dos índios as dos pontos dos índios e índias que interessarem naqueles serviços, para se-lhes regularem e expedirem os seus pagamentos, em conformidade do que houverem vencido. E virá mais uma relação dos índios que para a mesma tesouraria conduzirem alguns gêneros, declarando o dia em que da povoação partirem para também na conta do transporte não serem defraudados de seu merecido salário.

Isto mesmo se observará com os do transporte dos gêneros do sertão, individuando-se, se são dos próprios neles interessados ou outros dos que na povoação ficaram; ou se de uns e outros, debaixo da devida e correspondente separação. Os dias ou os meses de vencimento de cada feitor ou olheiro serão igualmente manifestos à tesouraria, por certidões dos diretores, que também a elas remeterão.

6. Será da mesma forma descrita nos livros de comércio toda a despesa do produto dos referidos serviços, e entrarão em conta geral todos os gêneros que ainda mesmo nas povoações se dispuserem ou consumirem, em qualquer destino que seja, avisando-se de tudo isto à tesouraria com a maior exação, e remetendo-se-lhe com os gêneros que se chegarem a embarcar, a importância dos que nas mesmas povoações se venderem e apurarem, para que em semelhantes contas se proceda com a maior clareza e arrecadação.

<sup>128</sup> Sempre que aparece o futuro do subjuntivo de “poder”, ele está escrito como o infinitivo flexionado.

<sup>129</sup> Na edição de 1983, a palavra “semelhantemente” está dividida ao meio, ficando a primeira parte ao final da página 232 e a segunda parte no início da página 235, sendo intercaladas duas páginas dentro dela: a 233 e a 234. A ordem das ditas páginas deve ser 232 > 235 > 234 > 233 > 236.

7. E como, observado exatamente este método, deve da sua prática resultar o interesse de umas avultadas colheitas e de outros importantes lucros que, depois de pagas todas as despesas, deixem ainda de resto consideráveis quantias, se poderá, nestes remanescentes, estabelecer um proveitoso fundo a benefício das mesmas povoações, já para a conservação e reparo das igrejas, já para se ornarem dos precisos e decentes paramentos; já para o curativo dos índios mais necessitados e já, enfim, para outras diversas aplicações, igualmente tão úteis e convenientes, como sem dificuldade se percebe.

8. Não só no que pertence aos serviços de agricultura se observará o presente método, como também a respeito das olarias, cortes de madeira e outros serviços comuns que se executarem dentro ou nas vizinhanças das povoações e que, como tais, se fizerem aos índios menos violentos e desacomodados do que os outros da colheita dos gêneros do sertão, os quais, pelo maior trabalho, risco e descômodo com que se executam, merecem de ser diferentemente correspondidos em mais vantajosa utilidade dos ditos índios, quando as results dos negócios que para si mesmo vão fazer permitirem essa justa e estabelecida contemplação.

9. E, finalmente, se recomenda aos diretores que, com honra, zelo e atividade se empreguem na observância destas instruções e de tudo o mais que pelo *Diretório* e por repetidas ordens e providências lhes está determinado, em benefício do aumento das sobreditas povoações. E que, fazendo registrar nos livros do comércio os transuntos autênticos destas mesmas instruções, que para esse efeito se-lhes remetessem, fiquem entendendo que de tudo assim não cumprirem, serão responsáveis por suas pessoas e pelos bens que possuírem, dando-se-lhes em culpa nas correições dos respectivos intendentes do comércio, como aos ditos se declara e ordena.

Pará, 28 de junho de 1776.

*Marcos José Monteiro de Carvalho.*

#### Carta

para o desembargador intendente geral do comércio e agricultura da capitania do Pará com a sobredita data.

Participo a Vossa Mercê as instruções inclusas, assinadas pelo secretário do estado, para que Vossa Mercê, na certeza do uniforme método que por elas procure estabelecer, a fim de melhor se regularem os serviços comuns das povoações de índios, não só as faça com este aviso registrar nos livros dessa intendência e da tesouraria<sup>130</sup> geral, mas também para que, fazendo aprontar os competentes exemplares das mesmas instruções, que forem precisos, haja de os enviar debaixo da sua assinatura a todos os diretores da repartição desta capitania, ordenando-lhe de os fazerem registrar nos livros do comércio das respectivas povoações, e vigiando Vossa Mercê muito sobre a execução que se-lhe encarrega ao tempo das suas anuais correições.

Note-se que, na mesma conformidade, se escreveu ao governador da capitania do Rio Negro.

Acresceram as providências seguintes que, por terem sido dadas depois da minha viagem para o rio Branco, vão agora inseridas neste suplemento.

<sup>130</sup> A paginação, na edição de 1983, está invertida aqui, continuando na página anterior.

*Para o diretor da vila de Thomar*

Recebi a carta de Vossa Mercê, datada de 22 do corrente mês, e com ela entregou o morador Agostinho de Chaves a semente de anil, de que veio encarregado, mas pela trazer à chuva<sup>131</sup> sem a cobrir com alguma panacarica,<sup>132</sup> chegou muito maltratada e se julga que pouca se poderá aproveitar.

Entregou também o dito morador as 15 libras e uma quarta de anil que Vossa Mercê remeteu, fabricado pelo outro morador, Paulino da Silva Rego, a quem Vossa Mercê dirá que, em querendo, pode mandar receber a sua importância na provedoria da demarcação, porque ao tesoureiro dela fiz carregar aquela porção.

Sobre o que, porém, Vossa Mercê me diz de promessas e esperanças do mesmo morador, a respeito de dar grande quantidade do sobredito gênero em breve tempo, deve Vossa Mercê informar-me, de vista e não de ouvida, e indo logo pessoalmente ver os roçados, o seu tamanho e como estão plantados e o que de libras ou arrobas poderão produzir e até que tempo, informando-me também do<sup>133</sup> número de índios e de índias que o mesmo morador conserva dessa e de outras povoações, para assim, com pleno conhecimento de tudo, deliberar a seu respeito como me parecer justo, pois eu só quero obras e não palavras e promessas enganosas, e não quero já insignificantes amostras, mas sim porções que avultem e que possam fazer artigo de comércio.

Vossa Mercê assentará com o dito morador a porção que deve aprontar em cada mês e que Vossa Mercê assim deve ir recebendo, bem fabricado e enxuto, o mencionado gênero, e não em outra forma. E de tudo me dará parte sem demora, para lhe ordenar se deve conservar ou tirar logo as concedidas pessoas.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, em 24 de abril de 1786.

*Do referido diretor a V. Excia.*

Ilmo. Exmo. Sr.

Recebi a honrosa carta de V. Excia., com data de 24 de abril, e nela as acertadas ordens que V. Excia. me determina sobre o moradores pertencentes às fábricas do anil, o que logo pus em execução.

Fui à roça do morador Paulino da Silva Rego, vi o roçado de anil, o qual tem de comprimento 100 braças e outras 100 de largura. Este tem boas porções de bom anil, capaz de se fabricar e em outras partes mais pequeno, que em breve tempo estará em termo de se poder fabricar, todo ele bom anil e bem plantado. Ajustou o dito morador de dar 6 arrobas por ano, a meia arroba por mês. Fiz instâncias com ele para que desse maior porção, do que ele se escusou, dizendo que não sabia o que renderia o anisal. Porém eu sou obrigado a dizer a V. Excia. que ele dá maior porção do que as 6 arrobas que o dito promete.

O mesmo morador está fazendo algumas libras de anil para levar a V. Excia. e fica da parte de V. Excia. fazer com ele que dê maior porção, pois o anisal há de render até 7 arrobas, mais libra, menos libra. Ao dito se-lhe conservam 8 índias e 2 índios desta vila e não tem pessoa alguma de outra qualquer parte.

Fui também à roça do morador Francisco das Chagas, vi o roçado, o qual tem 80 braças de comprido e 60 de largo, de bom anil e bem plantado. Ajustou de dar 6 arrobas por ano e meia arroba por mês; porém ele pode dar até 7 arrobas

<sup>131</sup> Esta sintaxe está incorreta hoje, mas ainda era aceita naquela época. “Pela trazer à chuva” eqüivale a “por trazê-la à chuva”.

<sup>132</sup> Panacarica é o telhado ou toldo de canoas, geralmente feito de palha.

<sup>133</sup> Na edição de 1983, da pág. 233 se muda para a pág. 236.

e para cima mais algumas libras, porque tem muito bom anizal e as terras são de bom rendimento. Este morador tem 5 índias somente desta vila e não tem mais pessoa alguma de outra qualquer parte. Também está fazendo algumas libras de anil para ele mesmo levar a V. Excia. por toda esta semana, pois está quase de partida.

Fui também à roça do morador Agostinho de Chaves, a qual é grande e bastante maior do que as dos outros dous moradores. Este em partes tem o anizal pouco rendoso, por lhe ter dado o bicho, mas em outras tem bom anil. Ele diz que já tem ajustado com V. Excia. as arrobas que há de dar por ano e também participado as braças do comprimento e largura do anizal. Tem 10 índias desta vila, 8 com que S. Excia. lhe manda assistir e 2 por despacho do governo e mais 2 índios e 1 pescador com seu companheiro e 3 índias de Lamalonga.

Aos 3 moradores acima nomeados fiz ciente[s] da entrega que todos os meses me haviam de fazer do anil ajustado para eu enviar a V. Excia.

Também participo a V. Excia. que a dúvida destes moradores não ajustarem maior porção de anil é porque o fazem em panelas. Em as fazerem, gastam tempo e são mais as que lhe saem quebradas do que as sãs. Enquanto não tiverem cochos, julgo que não avultarão em dar maiores porções. Fica ao meu cuidado a boa arrecadação delas e logo fazê-las enviar a V. Excia.

O morador Agostinho de Chaves ainda me não entregou as 8 libras e 1/2. Em as entregando, com toda a brevidade as remeterei a V. Excia.

Ao morador Paulino da Silva Rego, fiz ciente da cobrança das 15 libras e uma quarta de anil, na provedoria da demarcação.

Pelo soldado Manoel Guedes de Melo, envio mais semente de anil e lhe recomendo que a não leve à chuva.

Deus guarde a V. Excia.

Thomar, em 12 de maio de 1786.

*De V. Excia. para o mesmo diretor*

Eu fico satisfeito de saber que Vossa Mercê pessoalmente foi fazer o ocular exame determinado nas roças dos diferentes moradores que nesse distrito se aplicam à sementeira e fábrica do recomendado gênero de anil, e espero que, procurando Vossa Mercê sempre merecer o meu louvor, assim continue em proceder e em diligenciar o maior progresso que se fizer possível, do mesmo recomendado gênero, por devido desempenho às soberanas ordens da rainha, nossa senhora.

Com efeito, aqui veio e se-me apresentou o morador Francisco das Chagas, trazendo 5 libras de anil, que mandei tomar-lhe e entrar na real fazenda, desculpando-se-me de não trazer maior quantidade por causa das chuvas da presente estação não darem lugar de se enxugar o mais que já tinha manufaturado, se bem que por aquele motivo ainda não capaz de se entregar e de pesar-se.

Ele, a instâncias minhas, me esperança de que as 6 arrobas que prometeu a Vossa Mercê de ir dando a porções de meia arroba cada mês, as poderá prontificar até o fim do corrente ano; mas com a condição de se-lhe assistir com 6 índias e com 1 índio e 1 rapaz companheiro para pescadores. Condição a que anuí e que Vossa Mercê lhe fará cumprir, debaixo da advertida cautela e vigilância, não se descuidando também de ir arrecadando as porções de cada mês, as quais nos do verão, como de melhor rendimento, devem ser maiores, para no fim do ano se não faltar à esperançada conta das 6 prometidas arrobas.

O mesmo morador me segura que não tem dúvida em estabelecer outra igual e semelhante fábrica à que tem ajustado erigir o morador Agostinho de Chaves, e como o sobredito é menos aplicado e trabalhador, também eu não tenho dúvida em prestar o meu consentimento e o meu concurso. E a seu tempo passarei para esse efeito as precisas ordens.

Quanto ao morador Paulino da Silva Rego, suposto que contra o que eu dele menos esperava, tem a boa e grande roça de anil que Vossa Mercê me informa, conserve-lhe Vossa Mercê por ora outras tantas pessoas como o Francisco das Chagas, contanto que vá entregando aos meses as porções de meia arroba que prometeu a Vossa Mercê, para, em um ano, preencher 6 arrobas, ou se ver se as pode aprontar até ao fim do presente ano, com[o] o referido Francisco das Chagas me esperança de verificar. Em aqui me vindo falar o dito Paulino da Silva, com as libras de anil que Vossa Mercê me participa estava manufacturando nesse intento, verei da mesma forma o que com ele ajusto e, então expedirei a Vossa Mercê as minhas ultteriores resoluções.

E todo o anil que, bem enxuto, se achar daí pronto até ao fim do próximo seguinte mês de junho, Vossa Mercê mo remeterá infalivelmente nos primeiros dias de julho, para perfazer uma boa porção, que nesse tempo pretendo expedir e à corte dirigir.

O soldado Manoel Guedes de Melo entregou, com a carta de Vossa Mercê de 12 do mês corrente, a semente de anil, de que Vossa Mercê o encarregou, em consequência da minha recomendação.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, em 20 de maio de 1786.

*Para o mesmo*

Aqui chegou proximamente o morador Paulino da Silva Rego e me apresentou 14 e 1/2 libras de anil, que mandei tomar-lhe e entrar na real fazenda, para com as anteriores porções se-lhe pagar logo que essa satisfação requerer. Ele, desculpando-se-me de que, o ter-lhe ardido a casa e o preparo da fábrica, era a causa de maior quantidade me não trazer, me segurou, contudo, de que não faltaria a ir aprontando por mês a meia arroba que a Vossa Mercê prometeu; e segurando-o eu também de que só nestes termos se-lhe conservaria o permitido número de pessoas, que a Vossa Mercê declarei pela minha precedente carta de 20 de maio do corrente ano, assim novamente o vou ratificar a Vossa Mercê, e que sobre o dito e os outros fabricantes continue em vigiar, como lhe tenho recomendado, advertindo-os de que no tempo próprio do mês de agosto façam bons roçados e auxiliando-os a esse fim e ao das capinações, com os precisos índios e índias, segundo o espírito da outra minha primeira ordem, que tem a data de 23 de março do mesmo ano corrente pela qual Vossa Mercê se regulará para esses extraordinários socorros.

Tendo encarregado o tenente-coronel Teodósio de Constantino Chermont de dirigir a construção e arrumação da mais bem regulada fábrica, que está aqui erigindo o morador Manoel Rodrigues Call[a]do, e tendo também ordenado ao dito tenente-coronel de dispor para os modelos e as relativas instruções para a formatura e arranjo das outras fábricas de fora, farei que quando convalescido da moléstia de que veio aqui curar-se o morador Agostinho de Chaves, um dos tais modelos leve, e as precisas advertências para, não só regular na fábrica que ajustou aí estabelecer, como para as mesmas noções servirem ao outro morador Francisco das Chagas, se é que também a semelhante maior fábrica se resolver, segundo me disse, assim queria.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Barcelos, em 26 de junho de 1786.

*Para o governo interino da capitania*

Do que na presente data, e na de 20 do mês próximo passado, tenham demais advertido ao diretor da vila de Thomar sobre dous menores ou meias fábricas de anil que naquele distrito estão fazendo laborar os moradores Francisco das Chagas e Paulino da Silva Rego, continuo em instruir Vossas Mercês com as cópias inclusas, para que Vossas Mercês não só fiquem assim entendendo como para que, na mesma inteligência, façam observar aquela acordada e prometida distribuição de operários, com tal cautela porém, segundo vocalmente já adverti, que a todos estes fabricantes se não multipliquem, com diversos motivos, outras maiores concessões de índios, visto o que também em termos hábeis e possíveis, é justo e preciso contemplar aos mais moradores que no trabalho de outros gêneros e dos indispensáveis mantimentos se empregam.

Deus guarde a Vossas Mercês.

Palácio, a 26 de junho de 1786.

Ultimamente, no desígnio de remediar a equivocação que reconheceu na conta de 3 de janeiro do ano corrente, quanto aos diminutos jornais das índias empregadas na fábrica de anil, em carta de 4 de julho, fez V. Excia. participante ao coronel Manoel da Gama Lobo de Almada da portaria que, na mesma data, expediu nesta vila de Barcelos.

Tendo proximamente reconhecido que, na conta de 3 de janeiro do corrente ano, pelo provedor das demarcações formalizada a respeito do custo da primeira remessa de anil recebida do distrito da parte superior deste rio, houve a equivocação de se contar o jornal das índias empregadas naquela fábrica a 20 réis por dia, como na proporção de 600 réis por mês corresponde e se acha regulado para as que se ocupam em serviços leves e domésticos, mas que não é assim para as que trabalham em roças e em outros serviços pesados, nos quais lhes compete o jornal de 26 réis  $\frac{2}{3}$  por dia, ou de 800 réis por mês, ficá-lo-á nesta conformidade entendendo o mesmo provedor e fará que, averbada a referida conta, a ela se ajunte a presente portaria, a fim de se precaverem e evitarem os inconvenientes que poderiam resultar da expressada equivocação.

Barcelos, a 12 de agosto de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira.*



PARTICIPAÇÃO SEXTA  
DE SÃO GABRIEL A MARABITANAS

Demorei-me no rio do Uaupés pelo espaço de 9 dias, desde a manhã de 19 de outubro, em que entrei nele, até a de 28 do mesmo, em que dele saí.

Bem cuidava eu que já não havia cachopos que reccar. Assim o via escrito pelo autor do *Roteiro*, que na barra do Ucaiari ou Uaupés se acabavam os cachopos do Rio Negro e que dela em diante se navegava já sem perigos até ao rio Içana.<sup>134</sup>

Que da dita barra para cima não há cachoeira sensível que montar até a fortaleza de Marabitanas, também eu escrevo; mas que deixam de haver cachopos e de perigo em alguns sítios, não posso tal escrever, porque seria ver uma e informar outra cousa. É provável, portanto, que a ele tê-lo navegado, o fizesse de rio cheio. O rio, então, muda de face porque as pedras ficam no fundo.

Desde as 7 até as 11 horas da manhã, em que saí da boca superior do Uaupés, alguns cachopos e correntezas venci. Verdadeiramente, as margens do Rio Negro, desde o Uaupés para cima, mudam de posição e passam para oriental e ocidental, porque da comunicação do Caciquiari para baixo até à foz do Uaupés, descem do norte para o sul. Porém, feita a reflexão que faço, continuarei como os outros diaristas, escrevendo que pela do sul observei algumas roças despovoadas. No mesmo estado ficava a em que aportei para jantar, a qual constava de 8 palhoças desertas, porque largou-a por mão seu dono, o principal Apolinário, da povoação de São Filipe.

Pela uma da tarde segui viagem, costeando a margem austral, e às 4 deixei, na do norte, o lugarejo de Santana. Ainda estavam em pé 4 palhoças desertas. Com as diligências do Uaupés, ausentaram-se para o mato os índios que a povoavam. O mesmo fizeram os da outra povoação de São Filipe, aonde aportei para pernoitar.

Está situada ao longo de uma vistosa praia da margem austral. Constava de 11 palhoças, incluindo um tijupar. Era seu diretor o soldado José Duarte, que faleceu no hospital dessa vila. Dirigia os trabalhos de 14 pessoas existentes entre índios e índias e menores de ambos os sexos. Pouco era, por conseguinte, o que avultavam as amostras do anil em que ele trabalhava.

Na praia desta povoação, achei enterradas as pontas das flechas que faziam de pedra os gentios de outro tempo. Em todas as suas imediações há bastante imbirapiranga ou pau vermelho, e nelas se corta a maior parte dos toros que se trabalham na capitania.

Pedem as regras da prevenção que, desde o princípio, se atalhe a sua absoluta e indiscriminada dissipação pela margens mais próximas ao rio, porque não basta que hajam as madeiras de estima, mas é também preciso que as hajam e se conservem nos lugares mais próximos e que, pela sua proximidade, facilitem a sua condução. De outro modo, vem a impossibilitar-se, pelo tempo adiante, a sua extração. O número de gente que tinha é o que consta da divisão segunda do mapa geral respectivo àquela comandância.

Não mudei de margem desde as 6 até às 9 da manhã de 29, em que parei na foz do Içana.

Da do Uaupés a esta é um bom dia de viagem, a navegar-se bem, em montaria esquipada. O riacho que entre elas medeia é o chamado Macuamina, do nome do principal que nele assistiu. Foi-me preciso esperar que chegasse o soldado que eu havia destacado para a povoação de Nossa Senhora da Guia, incumbido de nela fazer aprontar-me a montaria que necessitava. Chegou pelas 11 e, tendo-me eu resolvido a dividir em duas partidas o corpo da minha expedição, no desígnio de ambas, a um tempo, se empregarem em diversos trabalhos, desta minha resolução fiz participante ao desenhador José Joaquim Freire, em carta datada do mesmo dia, a qual dizia assim:

<sup>134</sup> Cf. *Roteiro...*, § 188.

Com a minha subida para a primeira cachoeira grande deste rio Içana, a qual deve desenhar o Sr. Joaquim José Codina, que, para esse fim me acompanha, fica Vossa Mercê encarregado, não só da sua canoa com toda qualquer fazenda real que nela se ache, mas também da outra canoa do armazém régio e particular, enquanto não desço da sobredita cachoeira. Recomendo a Vossa Mercê muito, primeiro que tudo, o maior número possível de desenhos das plantas deste rio, porque bem sabe que, para ter tempo de as desenhar à sua vontade e sem as acelerações e incômodos da viagem, fica dispensado de o subir até a altura que me proponho; em segundo lugar, a paz e concórdia entre todos, donde procedem, nestes sertões, as vantagens do real serviço, em que Vossa Mercê tanto interessa.

Fica V. M. por conseguinte interinamente responsável por tudo quanto pertence a esta expedição, da qual, no último caso, dará conta ao Ilmo. e Exmo. Sr. João Pereira Caldas.

Pelas 11 da manhã, principiei a subir pelo Içana, e pouco mais clara me pareceu a sua água do que a do Rio Negro. A sua entrada mais larga é do que a sua continuação; e do seu curso está escrito que desce de leste para oeste, paralelo ao Uaupés e Ixié. É mais estreito do que o Uaupés e, por isso, a meu ver, mais sombrio e veloz que ele. A povoação de São Miguel do Iparaná, de que dá notícia, o autor do *Roteiro*,<sup>135</sup> e escreve que estava situada na sua barra e margem setentrional e que era habitada de índios banibas, já não existe. Ambas as margens são cortadas de infinitos igarapés, pela maior parte tão entulhados de troncos de árvores atravessadas nas suas bocas, que alguma perspicácia é precisa<sup>136</sup> aos que não navegam pelas beiradas para os distinguirem.

As ilhas das margens são mais e menos dilatadas. Também não são raras as pedreiras. E delas constam os ilhotes que venci para atravessar o rio. Descobrem-se, pela vazante, algumas praias, donde se tiram os ovos das tartarugas e aonde<sup>137</sup> pousam infinitas marrecas. Nos furos e igarapés da entrada e na distância de 3 até 4 dias de viagem, por eles dentro, há muitas árvores de embirapiranga, de umiri, de puxuri e delas também vi algumas pelas beiradas do rio. As diversas gargantas que passei eram guarnecidas de pedraria e nelas se aumentava muito a velocidade das águas.

Lembro-me de em ambas as margens ter contado até 9 outeiros, entre os que eram tais e os que passavam as colinas. Tudo nele eram tijupares e taperas, com freqüentíssimos sinais de mocambos de índios desertados. Na primeira da margem do norte esteve situado o principal Mabé e, na segunda do sul, o outro principal Jaibuco, o qual desceu para a povoação de Nossa Senhora da Guia.

Pelas 2 horas da tarde de 31 de outubro venci a primeira cachoeira e, ainda que era pequena, levava uma fortíssima correnteza. Não a esperava eu tão forte, em razão da informação que se-me havia dado de que o rio corria morto. Seguiu-se a manhã do 1º de novembro e, pelas 8, montei a segunda, que também era pequena. Deu fácil passagem, porque o rio estava cheio. Ficava situada entre as duas taperas que existem de cada margem sua, a saber, na austral, a do principal Anuncuri, por outro nome Simão Coelho, e na boreal, a do principal Clavina, o qual desceu para a foz do rio.

Com subidas de cachoeiras principiei e acabei este dia, porque, pelas 6 da tarde, venci terceira, que já era maior do que a segunda, e as suas correntezas, muito mais rápidas. Porém, todas elas são pequenas e rasas, assim como a quarta, que passei no dia 2. Nunca é tão pequena que dispense a descarga das canoas, em rio vazio. Outro tanto me não foi preciso pela diferença do tempo. A quinta cachoeira, a que cheguei pelas 11 da manhã, era um longo recife de pedras lançado de uma a outra margem. Dela para cima não pôde navegar o meu bote. Avançou-se em uma montaria até a primeira cachoeira grande, aonde cheguei pelas 8 horas da manhã de 3.

Observam-se, ao norte delas, duas altas serras e um outeiro que as dominam; e representam a quem vê, uma perspectiva entre horrorosa e agradável. Acima dela deságua, pela do sul, um igarapé, onde há pedras de amolar.

<sup>135</sup> Cf. *Roteiro...*, § 190.

<sup>136</sup> A edição de 1983 registra “preceira” por “precisa”.

<sup>137</sup> Observe-se o uso da época de “aonde” por “onde”.

A água se despenha em caixões de cima de altas penedias, que fazem saltos de cachoeira. Não vi que tivesse canal por onde se pudesse navegar sem varar as canoas.

Dos rios e riachos que deságuam nas suas margens até a dita cachoeira, sei eu, porque vi, na austral, os dous riachos Cubaticuni e o Amanari. Da cachoeira para cima, e na distância de um dia de viagem, acho escrito que se divide o rio em dous braços, um dos quais é o mesmo rio que diverge para o sul e outro da parte do norte é o chamado Coiari. Algumas pessoas o têm subido; e o que delas se pode alcançar, com menos escrúpulos de incerteza, é que do Içana têm varado por terra para o Uaupés os salsistas que acharam mui<sup>138</sup> fácil subir por ele com viagem de até 20 dias ao todo, que arriscarem-se a varear<sup>139</sup> as cachoeiras do referido Uaupés, em ordem a tirarem a salsa internada por ele.

Os gentios que habitam o Içana são os banibas, termaisaris e turimaris, duanais, puitenas, uerequenas e outros. No uerequena é constante o fazerem um largo furo entre a cartilagem e a extremidade inferiores das orelhas para nele introduzirem molhos de palha. Ao conhecimento e comunicação que antecedentemente todos eles tinham com os brancos, atribuem os diaristas a novidade dos nomes hebraicos que neles acharam, mais e menos viciados, como são os de Joab, Jaub, Jacobi, Tomi, Tomequi, Davidio,<sup>140</sup> Joanan, Marianau etc. Da fartura da caça e da abundância de pescados não era aquela a munção de decidir, visto que todos estes rios são famintos pela enchente. Contudo, algumas piraibas se pescaram e os mais peixes do país.

Já a este tempo principiava eu a experimentar em mim só sintomas das sezões comuns a este rio. Quero dizer: horripilações assíduas, náuseas e freqüentes estímulos de vomitar, uma tal ou qual cefalalgia cotidiana, o pulso quase sempre febril e uma laxidão espontânea. Dentro em 8 dias concluí a dita viagem.

Saí da sua foz pelas 4 da tarde do dia 5 e, pelas 5, aportei na povoação de Nossa Senhora da Guia. Está situada sobre uma barreira da margem austral, que, em semelhante paragem, é lajeada de pedras. Da outra banda do rio, corre para o porto da povoação um recife delas e, no sobredito porto, formam uma pequena cachoeira. O seu canal é chegado ao porto. Passada, porém, que seja a povoação, rio abaixo, por nenhum modo se coste[i]a a enseada imediata, porque toda é uma pedraria continuada. A prática constante é a de deitar ao largo, em demanda do outro canal, pelo qual se desce já livre do perigo.

Veja-se, portanto, se há ou não cachopos e perigos que vencer no rio Negro, da boca do Uaupés para cima. As 13 casas que existiam, incluída a da residência, eram mais tijupares do que casas. A da residência, contudo, mais bem conservada ficava; e das outras 2 que faziam o número de 15, ainda vi os esteios. Era seu diretor o soldado Joaquim Tomás de Aquino, que fabricava o anil que podia, com a gente que tinha. O número dos banibas e barés e seus moradores consta da revisão terceira.

Em fevereiro de 1784 ainda se constavam 101 almas, quando para o mato desertaram 39 por uma e 16 por outra vez. Induziu-as o índio Joaquim José de Lima, filho do principal Domingos Jaibuco. Existiam, quando passei, 46 almas, entre homens e mulheres e menores de ambos os sexos. Nas imediações desta, assim como já escrevi das da outra povoação de São Filipe, cortam os brancos, moradores do distrito, a maior parte dos toros da imbirapiranga. A indústria dos índios consiste nos ralos em que se rala a raiz da maniba. Quebram em lascas miúdas o quartzo das cachoeiras, a que chamam pedra de ralo, embutem as lascas em suas tábuas, distribuindo o embutido em forma dezizezais e a envernizam com o leite da sorva, corado com o tauá. De ambas as capitânicas do estado se fazem encomendas deles, e os desertores os vendem a 600 até 640 réis na povoação, para na cidade se pagarem a razão de 1\$000 por cada um.

Eram 5 horas e 1/2 da manhã de 6, quando naveguei rio acima; e pelas 6 da tarde cheguei à povoação de São João Batista do Mabé. Também está fundada sobre uma barreira da margem setentrional, servindo-lhe

<sup>138</sup> A estrutura da frase sugere o advérbio “mais”, visto que se compara a facilidade de “subir...” com a de “varear...”.

<sup>139</sup> A edição de 1983 regista “varear” por “varar”.

<sup>140</sup> Não será “Davidu”?

de praia a pedraria que a laje[i]a. Conteí 6 casas por todas: 4 eram boas, porque estavam bem entijucadas, e 2 ficavam arruinadas. Dirigia as 48 almas que existiam o soldado Lourenço Pereira Cardoso. O anil ainda então estava plantado. O número da sua gente é o que consta da divisão quarta. Saí dela ao amanhecer do dia 7, atravessei para a margem austral e, pelas 10 da manhã, entrei na povoação de São Marcelino, situada na foz do rio Ixié.

Foi fundada no ano de 1784 pelo comandante da fortaleza de São Gabriel. Fundou-se por ordem que de V. Excia. recebeu, a qual foi participada em carta de 9 de outubro de 1785, para com este novo estabelecimento guarnecer a boca do rio. Dizia a carta o seguinte:

Atendendo a que o rio Ixié, desembocando no rio Negro pela sua margem austral, para baixo da fortaleza de Marabitanas, e que, por passar por detrás e na vizinhança do fronteiro forte espanhol de Santo Agostinho, toda a comodidade oferece àqueles vizinhos para descenderem pelo dito rio Ixié para, talvez, o pretenderem ocupar e, para que, introduzindo-se por ele no rio Negro e atravessando-o pelo Dimiti, se possam comunicar para o outro rio Cauaburi, ambos estes existentes da parte do norte. Convém muito que, na boca do referido Ixié se trate, quanto antes, de estabelecer uma povoação que, ainda que por agora menos populosa, sirva de precaver e evitar os declarados inconvenientes, visto que a mesma boca se acha ao presente desguarnecida de semelhante embaraço e vigia, pela distância em que fica dessas duas fortalezas e mais vizinhas povoações. E, nesta inteligência, confio do zelo e préstimo de Vossa Mercê, que, diligenciando com todo o empenho algum novo descimento de índios ou com alguns mesmos dos das outras povoações existentes, não violentando, conseguirá Vossa Mercê assim efetuar o sobredito estabelecimento, na certeza de que renderá a Sua Majestade um bom serviço e que ele me merecerá a mesma satisfação que me resultou do outro por Vossa Mercê feito no mencionado rio Cauaburi. Dar-me-á Vossa Mercê parte do que enfim se obrar e do que de alguma providência precisar.

O que era o mesmo que eu já refleti na participação quinta, isto é, que o tinha V. Excia. ordenado ao governador defunto, em carta de 27 de maio de 1777, concluindo-a com lembrar-lhe que nas fronteiras conviria sempre fazer todos os possíveis estabelecimentos, naquelas das paragens por que os vizinhos confrontantes se pudessem avançar as suas premeditadas usurpações e lhes viria então a dificultar esta útil e acautelada providência.

Foi povoada com o gentio descido do mesmo rio. Tinha descido a praticar com o comandante o principal Dari-cauana, dizendo-lhe que se deliberava a descer com a sua gente.

Ajustou-se de parte a parte o tempo de se verificar o sobredito descimento e, não o havendo ele cumprido, destacou o comandante alguns soldados em seu seguimento. Descobriram o principal e ele deu a entender a pouca obediência que lhe haviam tido os seus vassallos. Serviu de guia para se investigarem as malocas do gentio disperso e, com efeito, desceu quanto bastava para o princípio deste estabelecimento.

Ainda não tinha mais do que 8 palhoças. Estavam situadas sobre uma pequena elevação da margem austral. Guarnecia a boca do rio e dirigia a nova povoação o alferes Basílio José de Almeida. Viu-se tão desamparado com a total deserção dos índios que, para o coronel aproveitar o seu decidido préstimo quanto à cultura e manufatura do anil, ordenou que das povoações menos desertas se mudassem para aquelas alguns índios e índias desimpedidas e que não tivessem família ou estabelecimento a que fizessem falta.

Sem embargo de tantas dificuldades, podia o sobredito alferes prontificar cada mês 21, 22 libras de anil; quanto, pelo que respeita a sua qualidade, tem V. Excia. visto que o seu e o da fortaleza de São Gabriel são as melhores do distrito.

A resolução que, segunda vez, tomei e participei ao desenhador José Joaquim Freire, e os motivos que para ela tive, constam da carta de 7 de novembro que lhe dirigi, pelo teor seguinte:

Parece-me acertado que, enquanto eu e o Sr. Joaquim José Codina subimos a cachoeira deste rio Ixié, parta Vossa Mercê e o Sr. Agostinho Joaquim do Cabo para o outro rio Dimiti, na margem setentrional do Rio Negro, e que nele continue a exercitar seu zelo, desenhando Vossa Mercê as plantas e os animais que ainda não tiver desenhado, recolhendo e preparando o Sr. Agostinho Joaquim umas e outras produções. Da sua muita atividade e préstimo darão Vossas Mercês outra prova ainda mais terminante se, ao trabalho da sua repartição, ajuntarem o outro de reduzirem a um competente *Diário* a sua derrota pelo dito rio, circunstanciando nele as plantas e os animais que observarem, ainda que ou pareçam ser ou sejam realmente os mesmos que eu tenho observado nos outros rios, como me informa que são, tanto o Sr. alferes Basílio José de Almeida como os gentios práticos.

Donde se segue que nenhuma necessidade há de, com a minha viagem aquele rio, arriscar-me eu a baldar o tempo, o trabalho e as despesas, podendo, aliás, Vossas Mercês reconhecer<sup>141</sup> a identidade ou diversidade das produções e, pelo reconhecimento, deliberar-me eu a visitá-lo ou não, quando voltar à fortaleza de São Gabriel. Segue-se desta minha resolução a vantagem de a um tempo reconhecerem ambas as partidas as produções dos dous rios, conciliando-se por outra parte o serviço com a brevidade de tempo.

Amanheceu o dia de 8 e cada partida seguiu o seu rumo. Principiei a subir pelo rio Ixié pelas 6 da manhã e, de cada margem, observei 3 roças plantadas de maniba, incluída nelas a do comércio. A sétima se havia dado ao principal. A água do rio é clara, o seu curso paralelo ao do Içana, mas a sua largura é menor e, em partes, é tão estreito que nenhuma diferença tem de qualquer igarapé. Algumas vi por ambas as margens, mais raras são as pedras e os baixos. Tratei de subir à cachoeira sem demora e cheguei a ela pelos três quartos para as 10 da manhã de dez.

Apenas saltei na praia que lhe fica inferior, reconheci na are[i]a os rastos das onças, de que abundam. Queria logo proceder aos meus exames, quando me advertiu o índio piloto que, antes deles, destacasse as sentinelas precisas, porque o gentio Uerequena as tinha sempre avançadas neste passo, para ser informado das canoas que chegavam e, segundo as forças que nelas reconheciam e de que davam parte as espias, assim se resolviam a abaloá-las ou não. Destaquei duas que tinha e retirei-me da beira do rio, passando a fundear entre as duas praias descobertas, para não sermos surpreendidos de chofre.

Passei o dia e a noite sem novidade. Reconheci à minha vontade a dita cachoeira, a qual atravessava o rio com bastantes saltos e não tem canal na vazante. Então é preciso descarregar as canoas que a onda varar<sup>142</sup> por cima das pedras de qualquer das duas margens. Outro tanto não é preciso na enchente, porque sobem e descem pelo canal da margem austral. As pedras são de um saxo esverdinhado. Dela para cima há bastante piaçaba. E os que continuam a subir, navegam pelo espaço de 8 dias e, concluídos eles, entram por um igarapé da margem boreal, seguem por ele acima com demora de dia e meio até 2 dias, donde fazem por terra o trajeto de dia e meio, para surgirem acima de São Carlos. O gentio que o habita são os banibas, chapuenas, uerequenas, mendós e outros.

Entre e saí do Ixié dentro em 6 dias. Pelas 7 horas da manhã de 13, deixei a povoação de São Marcelino e os primeiros roçados que vi no Rio Negro foram os que mandou fazer e plantar o sobredito alferes, a saber, 2 na margem austral e 3 na setentrional. Fazia tenção de os desmanchar em fevereiro passado. Seguiu-se pela do norte o riacho do Buturu, onde esteve situada a aldeia do pai do principal de Marabitanas, que presentemente se chama Joaquim José. Assim que faleceu o dito seu pai, subiu para a fortaleza. Do outro rio Dimiti, que lhe fica pouco superior, na mesma margem, informaram-me o desenhador e o jardineiro botânico pelo modo que participo a V. Excia. na seguinte cópia do seu *Diário*:

<sup>141</sup> Caberia, aqui, o infinitivo flexionado.

<sup>142</sup> Parece não ter sentido nem haver concordância!!!



Ao amanhecer do dia 9 de novembro, entramos pela boca do rio Dimiti. Segundo a estimativa que fizemos, com um tiro de bala se atravessa a sua largura. Depois da sua entrada se alarga mais pela margem oriental, fazendo uma pequena enseada. Finda que seja a sua ponta superior, se estreita o rio em uma garganta que terá 10 braças de largura e, assim por diante se vai alargando e estreitando mais e menos, não passando de 20 braças a maior largura e, essas, em bem poucas partes.

A estreiteza chega a termos de não poder passar mais do que uma atrás de outra canoa e com muito custo, como adiante referiremos. Encaminham-se as suas voltas para a maior parte dos rumos. A cor das suas águas é a mesma que a que têm as do Rio Negro, porque, suposto que parecem mais escuras, procede de ser o rio muito mais estreito, sem comparação, e avizinharem-se as sombras das árvores, de modo que o assombra. As correntezas, durante o primeiro dia de viagem, não são sensíveis, mas logo depois se aumentam.

As árvores que bordam as margens e de que vimos mais abundância no primeiro e segundo dia são o molongo verdadeiro, a castanha macaca, o macacu-guaçu, o monguba, o ingapiranga, imbirarema, o apecuitaiú, o arapari, o mututirana, o paracutaca, bastante quantidade do cipó de uambê e das palmeiras do açaí, ibacaba, patauí, paxiúba, iará, iaxitara, muruti, caraná etc. Toda a terra das margens é vagem e, com ter sido grande a vazante, apenas vimos tesos.

Passadas 2 horas de viagem, aparece pelo ocidente um braço do mesmo rio que lá vai acabar no centro do mato e, passada mais 1 hora, pelo nascente, aparecem umas pedras que são as primeiras que vimos. Nesta distância, pouco mais se levanta a terra para o centro, e o rio se estreita de forma que de uma se alcança a outra margem com uma pedra atirada por qualquer pessoa. As segundas pedras existem na outra margem junto a um tabocal, cujo sítio, disseram os índios, que tinha sido algum dia habitado do gentio descido para Marabitanas. Vimos mais adiante, no meio do rio, uma ilha que o divide em dois braços, por tempo quase de meia hora, e depois se tornam a unir. A maior altura de água que alcançamos com a sonda, até à distância de um dia de viagem, foi a 4 braças.

Mais pedras apareceram neste dia e, no seguinte, um redomoinho de água bem no meio do rio, o qual nos deixou na desconfiança de ali as haverem. Não tardou muito que nos não tirasse da dúvida a experiência que fizemos. Mandamos navegar direito a ele e, passando a tentar o fundo com varas, não só sentimos que eram pedras, mas também que só distavam na profundidade de 6 palmos. Pernoitamos pelas 6 1/2 da tarde, por aproveitarmos o teso que apareceu e porque as árvores saídas e os ramos de outras que atravessavam o rio requeriam de nós a cautela precisa para não navegarmos de noite.

Desde a manhã de 11 principiamos a navegar com algum custo, porque, para passar cada uma das duas canoas que Vossa Mercê sabe que não passam de uns pequenos botes, foi necessário, em algumas partes, cortar os ramos das árvores que atravessavam o rio. Pelas 4 da tarde, passamos pela boca do igarapé chamado Jajuabó, na margem oriental. Por ele subiu, em outro tempo, o cabo-de-esquadra Miguel Arcaño, em uma canoa equipada com 12 remos e, depois de navegar por ele acima pelo tempo de 10 dias, fez por terra um trajeto que durou pelo espaço de 3, levando consigo a canoa e, desenganado do proveito que se seguiria de maiores exames, havendo faltado o mantimento, foi sair ao rio Cauaburi.

Fundamos às 5 1/2 da tarde, não só por se-nos oferecer um bom sítio para pernoitarmos, o que é raro, mas também por já então ser tão estreito o rio e tão entulhado de paus caídos, que, sem o trabalho de se abrir caminho, se não podia passar avante, o que guardamos para o seguinte dia. No entanto que supusemos<sup>143</sup> ser pouca a altura da água, achamos com sonda que a do meio do rio ainda montava a 16 palmos e a 12 a da beirada. Com efeito, abriu-se a machado o caminho que andamos até às 11 da manhã de 12. Desde então, fez-se o rio absolutamente inavegável para as nossas canoas, porque 3 grandes árvores e outros paus caídos o atravessavam, de sorte que para os removermos não bastavam as forças das nossas equipações.

<sup>143</sup> “No entanto que supusemos” equívale a “embora supuséssemos”.

Para voltarmos, foi preciso descaírem as canoas de popa, até chegarem à largura capaz de as deixar virar por redondo e, como vimos, a dificuldade da navegação e o pouco que interessava a subida mais ulterior, pela esterilidade de flores novas que não tivéssemos visto, voltamos água abaixo e, se para cima foi trabalhosa a navegação, muito mais o foi para baixo, porque a correnteza arrebatava as canoas para cima dos paus atravessados no meio do rio, para onde nos dirigíamos, em ordem a escaparmos da caída que ameaçavam as árvores da beirada. E, apesar da possível diligência e cuidado, sempre saltou fora por três vezes o leme de uma das canoas.

O rio é incapaz para outra casta de pesca do que a que se faz pelos alagadiços, donde se tiram os tamuatás, as traíras, os jejus, os jandiás etc. A outra pesca que se costuma fazer pelos portos de terra ou de pedra, para neles esperarem o peixe que desce com a correnteza, não tem lugar porque não há terras firmes.

A mesma dificuldade encontram os caçadores. Apenas se-lhes oferecem alguns tesos para as suas esperas e o mais do tempo andam atolados pelos pantanais para caçarem os mutuns, os cujubis, as garças, os corocorós, os papagaios, as araras e as aves do país. Isto é o que temos observado até hoje que se contam 14 de novembro.

Pelas 11 da manhã deste dia cheguei à fortaleza de São José de Marabitanas, situada na margem austral. Foi fundada no princípio da povoação, sobre uma barreira de argila bem avermelhada, entremeada de pedras que a fazem mais firme. Tinha de altura 4 braças escassas.

Dilata-se superiormente em sua planície. Porém, as terras em redor da povoação são contornadas de vargens e cortadas de pequenos igarapés que, durante o inverno, deixam a povoação e a fortaleza isolada entre o rio que corre pela frente e os pantanais e igarapés da retaguarda.

Defronte da porta da fortaleza está situada a matriz, com frente para o rio, entre a residência do Revd. vigário e do defunto índio, o capitão Agostinho, o qual faleceu das sezões, que trouxe do rio dos Uaupés. Esta verdadeiramente não era a igreja no seu princípio. Dentro da fortaleza existia uma capela que o era da tropa de guarnição e servia de matriz dos índios moradores. Demoliu-se, quando se demoliu a fortaleza antiga, e foi preciso erigir outra em seu lugar. Erigiu, quando foi comandante, o alferes José Antônio Franco.

Pelo tempo que a paroucou o Revd. vigário, Frei Antônio de São José, viu-se quase reduzida ao último abatimento de asseio e da decência devida. Artigo é este que tem muitos cúmplices pelas matrizes da capitania.

Varrer a igreja e extirpar o cupim são, quando muito, as duas únicas operações que se devem confiar do suposto zelo dos índios chamados sacristães. Isto não fazem, se lho não mandam fazer, quanto mais arejar sem perigo de chuva repentina as vestimentas e paramentos de menos uso, acondicionados nas caixas com jeito e de forma que nem se amarrotem os novos, nem se rasguem os velhos, nem se tracem uns e outros. E ocorrer com o devido conserto, a tempo de se aproveitarem, para que o pequeno rasgão que leva uma casula ou um frontal se não faça maior com o uso que lhe dão, enquanto vão as partes e voltam as resoluções para os seus consertos.

De os sacristães assim o não fazerem, nem muitas vezes o mandarem fazer os Revmos. vigários, procedem quanto ao culto divino as indecências a que está sujeito e, quanto à fazenda real, as despesas que sempre faz.

Porque, estribados na razão de a Sua Majestade pertencerem os provimentos dos paramentos novos e os consertos dos velhos, se sucede haver um rasgão em algum deles, mais fácil lhes é continuar a usar deles, esperando que chegue a ordem de os reparar, do que por zelo seu antecipar-lhes os reparos que necessitam. Donde procede que, como não cessa o uso das que estão danificadas, enquanto vão e voltam as partes, mais danificadas se fazem. E quando chega a providência para o conserto, já não estão capazes dele, antes se necessita de paramentos novos.

Tão escandalosa tem sido a transgressão que, aos Revmos. vigários das matrizes de ambas as capitánias, ordenou V. Excia. o que se vê na carta circular de 2 de setembro de 1776. Nela dizia assim:

Ao fim do presente ano formará e me remeterá Vossa Mercê logo, pela repartição da junta da fazenda real, uma individual relação por Vossa Mercê assinada, das imagens, dos móveis, das alfaias e dos ornamentos que existirem nessa paróquia, tanto em número como em qualidade e estado de cada cousa, escrevendo-se os ditos números por letra, e não por algarismo, que só por esta forma se poderão repetir na margem das referidas relações, para que de outro modo venham na maior regularidade que se pretendem, como documentos dirigidos a se fazer a Vossa Mercê por eles de tudo carga na contadoria da sobredita junta da fazenda, segundo convém à boa e regular arrecadação da mesma real fazenda; mandando-me Vossa Mercê juntamente outra semelhante relação do que, sem excesso, se precisa na mesma paróquia, bem como do que nela julga escusado e em termos de se poder aplicar a outras igrejas, para que, na certeza de tudo, haja eu de deliberar as competentes providências que se fizerem possíveis e praticáveis. Tendo Vossa Mercê mais entendido que no caso de ser removido ou de ser permutado a outra diferente paróquia, se-lhe não satisfarão as suas últimas cômguas vencidas, sem na contadoria da junta mostrar, pelo recibo do vigário que lhe suceder, que tudo Vossa Mercê lhe entregou. E assim mesmo, por outros documentos legais, o que por arruinado e consumido faltar a perfazer a carga de Vossa Mercê, carga em que, havendo algum descaminho, ficará também sonora contra Vossa Mercê a ação dos competentes e ordinários meios que em semelhantes casos se praticam.

Previno, finalmente, a Vossa Mercê, que a satisfação das suas cômguas vencidas no presente ano lhe fica sustada, enquanto na referida contadoria não entrarem e forem efetivamente entregues as sobreditas determinadas relações, e que esta ordem se deve ficar sempre conservando nessa paróquia, para servir de aviso e de instrução aos futuros vigários.

Na contadoria da junta da real fazenda se fará com esta registrar a cópia inclusa, assinada pelo secretário de estado, para que, manifestando o disposto na ordem circular que dirijo a todos os párocos das freguesias desta capitania, menos aos das duas da cidade, se haja de proceder na mesma contadoria em conformidade da sobredita ordem, a fim de que se estabeleça a boa arrecadação dos móveis, das alfaias e dos paramentos de toda e cada uma das referidas paróquias. De cuja resolução foi também avisado o governador desta capitania, por aviso da mesma data que a carta e portaria acima.

#### *Cópia*

Remeto a V. S. com esta a cópia inclusa, assinada pelo secretário de estado, para que, manifestando a V. S. o disposto na ordem circular que dirijo a todos os párocos das freguesias desta capitania, haja V. S. também de o fazer, em imitação, observar com os párocos das freguesias dessa capitania, sem mais diferença que a de se proceder na provedoria dela, as cargas que a respeito desta capitania mando formalizar na contadoria da junta da Real Fazenda, e isto a fim de que em todo o Estado se estabeleça a boa arrecadação dos móveis, das alfaias e dos paramentos de todas e cada uma das referidas paróquias, fazendo V. S. outrossim, que esta e a sobredita cópia se registrem nos livros dessa provedoria, para o seu conteúdo ficar tendo a devida observância.

As cópias das relações das faltas e acréscimos que houver em cada paróquia me serão por V. S. remetidas, depois de lhas haverem enviado os respectivos vigários.

Com as mesmas hóstias para os sacrifícios sucedem outros descuidos que são de maior consequência, porque deles resulta ficarem, algumas vezes, sem missa os moradores pelo espaço de 2, 3 e 4 meses. É verdade que alguns anos não recebem guisamento os vigários das povoações que não mandam ao negócio; que outras vezes, sim, o recebem, porém, muito retardado; que, enfim, se corrompem as hóstias e se derranca o vinho nas viagens demoradas; porém também é verdade que aos que a recebem e cuidam de as arejar em tempo conveniente, não sucede com tanta frequência, o que eu tenho presenciado, de ficarem absolutamente traçadas as hóstias de um cubo inteiro e, outras vezes, danificadas da umidade, de modo que para nada servem.

Isto que escrevo e informo não são notícias adquiridas pelo que se-me diz ou vejo escrito. O Estado, em todas as suas repartições, é o livro de si mesmo, e cada dia que por ele viajo é uma página que eu folheio.

Sendo comandante o tenente Francisco Rodrigues Coelho, foi preciso refazer de novo a parede principal da capela-mor; e o mesmo tenente lhe fez erigir o alpendre que dantes não tinha. A igreja é pequena, a cobertura de palha ficava muito arruinada e a porta principal não tinha fechadura. No único altar da capela-mor estava colocado 1 painel de São José, que é orago. Possuía 1 píxide de prata, dourada por dentro, 2 cálices também de prata com as suas pertenças, 2 caixas de madeira e nelas os vasos dos santos óleos, 4 castiçais de estanho, 2 menores já muito usados e os outros 2 maiores em bom uso, 6 maçanetas de madeira para os 6 ramalhetes de papel pintado do ornato da banquetta, 1 par de galhetas de estanho de demasiado uso, 1 campainha, e não tinha sino. Das 2 alvas que haviam, a de bretanha ficava rota e a de pano de linho em bom uso. Toalhas, que ainda pudessem servir para o altar, vi somente 2, porque as outras 3 já se deviam dar em despesa. Nenhuma das 3 toalhas de mãos deixava de estar rota. O frontal de chita, sem guarnição alguma, era o que estava novo, dos outros 2 de damasco, 1 ficava roto e outro era mais curto do que o altar. A planeta de damasco encarnado tinha bom uso; a de damasco branco com sebastos encarnados carecia de estola, porque a que tinha já não podia servir. Desta cor, porém, já recebeu o Rev. vigário atual outro paramento novo. A almofada de damasco encarnado para o missal, menos usada ficava do que o pavilhão do tabernáculo, o qual era de damasco branco. Haviam mais umas cortinas de portas de brim de flores e uns painéis tão velhos que nem já se distinguiam de que santos eram.

A casa da residência do Rev. vigário constava de 2 casas exteriores e 2 camarins e era coberta de palha e forrada de jussara; porém tanto as paredes como a cobertura dela chegaram a arruinar-se, de sorte que se viu obrigado o Rev. vigário atual a pedir ao comandante a faculdade de residir dentro na fortaleza em um dos quartéis dos oficiais, enquanto lhe não mandasse reparar a em que devia residir.

As casas dos índios eram 13 e não estavam arruadas em forma. Antes, as linhas do arruamento disposto todas eram travessas. As que faziam frente para o rio eram 5, incluída a do principal Jauinumã, que tinha a porta na travessa e tijupar que servia de casa de forno. A todas elas bem pouco faltava para de per si se demolirem, exceptuava-se a única que o comandante havia feito erigir. Durante o seu comando tinham caído duas que eram a da índia Lauriana e a do pagão Catiari.

Esteve esta povoação no seu princípio situada na margem setentrional, defronte do lugar aonde agora existe a fortaleza. Comandava a de São Gabriel o capitão Simão Coelho Peixoto Lobo, quando expediu para a aldeia do principal Clavina o sargento, que então era, e hoje é quartel-mestre comandante da fortaleza do Rio Branco, João Bernardes Borralho. Estava situada a sobredita aldeia na margem setentrional do Rio Negro, pouco abaixo do lugar em que está a fortaleza, e distava dela hora e meia de viagem rio acima.

Tinha havido nela um destacamento de 3 praças comandadas pelo cabo de esquadra Manoel José, sendo comandante o capitão de granadeiros José da Silva Delgado. Não subsistia, porém, a dita guarnição, quando foi expedido o sargento de que se trata. Passados 2 dias de sua estada, chegou a visitá-lo o cabo-de-esquadra espanhol chamado Nicolau, o qual comandava o forte de São Filipe. Fingiu o contentamento que pôde de ver tão perto de si o nosso sargento e disse-lhe que também ele fazia tenção de ser mais seu vizinho porque intentava descer para a povoação que estava fronteira ao lugar em que depois levantamos a fortaleza e era dirigida naquele tempo pelo principal Dauema.

Aproveitou-se desta participação o sargento João Bernardo e, reconvindo ao cabo espanhol com a simulada civilidade de o acompanhar na sua canoa, nela, com efeito, o acompanhou até pouco acima da povoação para a qual intentava descer o dito cabo, em prejuízo dos direitos da coroa portuguesa e, despedindo-se dele, voltou na sua própria canoa, entrou na povoação e praticou com o principal. Aceitada a prática que lhe fez, não só se não retirou mais daquele posto, mas chamou a si 3 praças das 6 que da fortaleza de São Gabriel havia levado para a sobredita aldeia do Clavina e nela deixou as outras 3.

Informado do sucesso o sargento espanhol Francisco Fernandes Bobadilha, o qual comandava o forte de São Carlos, desceu em uma lancha esquipada de pedestres, com dous pedreiros na proa em ar de visita que vinha fazer ao seu novo vizinho.

Disse-lhe que havia recebido ordem do seu plenipotenciário, D. José de Ituriaga, para se aposentar naquela povoação; que à sua presença já tinha dirigido a parte da nossa antecipação que, em consequência dela, esperava a resolução de nos desalojar.

Ouviu a resposta que lhe tornou o nosso sargento, que ao seu plenipotenciário estranhava o despotismo de mandar que daquelas terras se desalojassem os seus primeiros possuidores; que a ele, sargento, assegurava que, verificando-se a resolução, que dizia, de nos desalojar, soldado aventureiro era ele, e a muito tempo que suspirava por uma dessas ocasiões para cumprir com o seu dever. Despediu-se o sargento Fernandes Bobadilha e nunca mais voltou. Desceu, por este tempo, um grande número de gentios pertencentes ao principal Auajari, intitulado irmão do outro principal Dauema; estabeleceram-se juntos e, a instâncias do sargento João Bernardes, de comum acordo, resolveram mudar a povoação para a margem austral, onde está, pela razão de serem alagadas as terras da margem setentrional, onde estavam, e de não servirem para as roças. Passou a fazer o roçado na margem escolhida e, a este tempo, veio rendê-lo o alferes Miguel de Siqueira Chaves.

Não tardou muito que o não rendesse o ajudante de auxiliares, Francisco Rodrigues, oficial a quem já no tempo de soldado eram pouco afeiçoados aqueles índios. Do seu comando se desgostaram tanto que desertaram para a Espanha, não só os dous principais Dauema e Auajari, mas também o outro principal Clavina e, com eles, os índios da sua devoção. Para conseguir a sua reversão, foi expedido de novo o sargento João Bernardes, porque os tinha praticado no princípio e com quem todos eles se haviam dado bem. Responderam-lhe que, a ficar ele comandando, já resolver-se-iam a voltar. Como, porém, se não podia render o ajudante, sem se dar parte ao Exmo. general, com a demora do tempo, demorou-se também o gentio, e demorou-se por uma vez.

Desenhou a fortaleza no seu princípio e executou parte do desenho o capitão engenheiro Filipe Sturm. Construiu os dous baluartes da frente, a cortina dele e as dos lados, de estacaria das madeiras de imbirarema, guariúba, massaranduba, paricarana, umirizeiro etc., suposto que não foram<sup>144</sup> de dura as que empregou, excetuando a massaranduba e a paricarana; foram, contudo, as que mais perto se acharam. Ficaram por concluir os outros dous baluartes que devia ter, na conformidade do desenho, assim como as mais obras da retaguarda. O tenente José Máximo Salvago a cingiu depois de estacaria aguçada de madeira paricarana e principiou um fosso que, pelo decurso do tempo se entulhou.

Arruinaram-se uma e outra obra e, não obstante os reparos interinos que lhe fizeram os comandantes, foi achar quase demolido um dos baluartes o alferes Basílio José de Almeida. Uma grande pancada d'água que sobreveio acabou de demolir o baluarte arruinado. Deu a devida parte e foram-lhe mandados 2 soldados carpinteiros, os quais, com os índios do serviço, repararam, quanto coube no possível, esta e as outras ruínas que sucessivamente aconteciam. Tanto continuaram as participações das novas ruínas e tanto vagaram pela capitania certas notícias estimulantes a respeito de alguns projetos dos nossos vizinhos que, em carta de 23 de janeiro de 1783, ordenou V. Excia. ao comandante de São Gabriel o que da sua cópia consta. E é o seguinte:

Fui entregue da carta de Vossa Mercê, datada de 3 do mês e ano corrente, e dela me é manifestado o estado de inteira ruína em que se acha a fortaleza de Marabitanas e que Vossa Mercê havia deliberado de primeiras disposições para a sua pronta reparação. Da conta que Vossa Mercê me diz havia antes dado aos governadores interinos da capitania, suponho resultou o participarem eles ao Exmo. Sr. general do Estado e ordenar-lhes S. Excia. de se fazerem nas fortalezas as ditas reparações precisas, conforme vi em cartas que, pouco há, receberam do dito senhor a esse respeito.

<sup>144</sup> Mais-que-perfeito do indicativo pelo mais-que-perfeito do subjuntivo: “foram” por “tivessem sido”.

Conformo-me com o parecer de Vossa Mercê sobre o modo da reforma ou do conserto da sobredita fortaleza de Marabitanas, principiando nesta inteligência pelos 2 baluartes da parte do rio e, primeiro por um, para depois desse acabado, com o segundo se andar, de forma que sempre na fortaleza se conserve toda a possível defesa para inteiramente sem ela não ficar, enquanto o resto de sua obra se não conclui.

Se fará<sup>145</sup> depois por detrás a estacada que Vossa Mercê propõe e, primeiro a de fora, pondo-se-lhe por dentro, nos intervalos dos paus, outros que melhor assim a fortifiquem e a façam mais defensável, enquanto com maior vagar se não empreende a segunda e o aterro de entremeio no que se obrará segundo as circunstâncias das cousas e o que se for observando de maior ou menor precisão. Se passará<sup>146</sup> ultimamente à construção dos quartéis e armazéns, não sendo estes de demasiada e escusada altura nem de grande extensão, pois que só se devem detalhar para uma proporcionada guarnição e seus correspondentes fornecimentos.

Não se metendo aqueles cômodos à face das muralhas, como Vossa Mercê me diz se achavam, e, sim, construindo-se como, sem inconveniente, melhor parecer e em termos que não embarcem o giro de toda artilharia, como também de que úmidos e desarejados não fiquem, contudo, quando for possível, sempre Vossa Mercê se regulará pelo plano da fortaleza, porque, como delineado por professor que, cuidado, foi o capitão Filipe Sturm, estará sem maior defeito da arte, ao que é preciso atender, para contra ela se não obrar alguma prejudicial e estranha irregularidade.

E um dos grandes cuidados que deve haver é o da boa qualidade de madeiras para a dita obra e para que, de se fazer das inferiores, tanto mais exposta não fique a uma menor duração.

Os reparos das peças se devem também reformar quanto preciso se fizer e, na falta de alcatrão, que não há aqui em porção suficiente, se podem brear, porque muito bem assim se conservam.

Tem-se mandado vir do lugar do Carvoeiro o mestre Crispim da Silva para se ir encarregar da referida obra. Porém, parece que se acha no Rio Branco, donde, logo que chegar, será daqui expedido sem demora.

Sobre armas, já eu tinha mandado aprontar 100 para serem remetidas a essas fortalezas e, delas, as que vão marcadas até o número de 40, as destinará Vossa Mercê à fortaleza de Marabitanas, e a essa as 60 restantes, havendo em uma e outra parte o maior cuidado sobre a sua conservação. E, assim mesmo, sobretudo mais de artilharia e munições, que nas ditas fortalezas existir, segundo advertido e recomendado se acha.

Com as referidas armas se mandaram para a mesma fortaleza de Marabitanas 20 patronas, 20 boldriéis e 20 cartucheiras. E o mais que vai disto fica pertencendo a essa fortaleza.

O tenente Francisco Rodrigues já daqui levou antecipadamente alguns provimentos que supus aí mais precisos e, tendo mandado aprontar dos que Vossa Mercê pede, todos os que se puderem aqui conseguir, eles se irão remetendo sem demora e com competentes avisos dos governadores interinos.

Será dificultosíssimo o mandar-se grande porção de peixe seco. Porém, na sua falta, se dá maior ração de farinha, que é o que nesta ribeira freqüentemente se pratica.

Deve haver todo o cuidado em que os operários trabalhem sem desmazelo, para que, do contrário, se não aumente tanto maior e escusada despesa à fazenda real. E se deve dispor o trabalho da forma que se não falte ao das roças. E da atividade com que Vossa Mercê nisso se emprega está muito dependendo a subsistência das atuais expedições.

Antes da sobredita ordem, tinha precedido outra ao mesmo comandante, na data de 14 de dezembro de 1782,<sup>147</sup> pela qual, sobre os motivos das mesmas notícias estimulantes se havia não só eficazmente recomendado a vigilância e a cautela da referida fronteira, como em geral a pronta e efetiva reparação das duas mencionadas fortalezas de São

<sup>145</sup> O uso da próclise pronominal no início deste parágrafo é um reflexo da língua oral na norma escrita.

<sup>146</sup> O uso da mesóclise seria a norma escrita, já que o verbo inicia frase no futuro do presente do indicativo.

<sup>147</sup> Na edição de 1983 consta “1872”, com erro evidente.

Gabriel e de São José de Marabitanas. E, a respeito desta segunda, se continuaram depois outras muitas seguintes ordens, pelo tempo que a sua reparação durou.

Erigiu-se de madeira nova a frente somente da fortaleza que existe, segundo o plano da antiga, que era um quadrado fortificado. Deu outro pequeno risco o tenente-coronel João Batista Mantel, suprimindo nele aquelas obras que mais necessárias lhe pareceram para a defesa e comodidades interinas, enquanto se não completasse a obra inteira da fortaleza desenhada. Executou a nova obra o tenente Francisco Rodrigues Coelho, presidindo aos trabalhos dos respectivos oficiais. O que se fez de novo foi o reduto da retaguarda, os 2 quartéis interiores, que ficaram mais rebaixados do que os primeiros, os quais sobressaíam a altura da estacada, a casa da pólvora e o poço. Também desencostou da parte interior da cortina dos baluartes o quartel dos oficiais. O que existe, pois, com o nome de fortaleza de São José de Marabitanas, é a frente somente da que foi desenhada.

São os dous baluartes e a cortina que os fecha, servindo a madeira da sua construção de pedra e cal, que exteriormente reveste o aterro interior. Estavam montadas em cada um 4 peças e 2 canhões de calibre de 2, 3, 4 e 6. Havia dantes mais um canhão de bronze e 2 pedreiros<sup>148</sup> de ferro, que se mandaram retirar. A fortificação que serve de fechar os lados e a retaguarda de uma estacada em quadro, de madeira aguçada. Consta de uma só ordem de estacas, aberta em cada uma a sua seteira para os fogos de mosquetaria. Pela retaguarda sai fora um redente,<sup>149</sup> que é a única defesa daquele lado, e tem seu postigo.<sup>150</sup> Na estacada do lado que faz frente para a povoação fica a porta da fortaleza. É de madeira chapeada de ferro.

As suas obras interiores são, ao longo da cortina da frente e entre os baluartes, os quartéis do comandante e dos oficiais, a casa do parque e a que foi disposta para servir de capela. Correspondem-lhe, pelo outro lado, os quartéis dos oficiais inferiores e soldados, uma casa que serve de enfermaria, o calabouço, o armazém e o tijupar da ferraria. As casas, sim, são próprias, porém, todas elas cobertas de palha. A que unicamente é coberta de telha, e muito mal coberta, é a da pólvora. Fica de frente da porta da fortaleza, entre os dous quartéis mencionados. Não se deu à telha o declive preciso e, por isso, chove dentro da casa, e já as paredes ficavam arruinadas da umidade. Também o poço que havia no centro da estacada para nada servia porque, na profundidade da barreira, não revia a água. Muita parte das estacas se achavam arruinadas de podridão e cerceadas à flor da terra. Não sei se se praticou a cautela de as tostar.

Constava a sua guarnição, ao tempo da minha chegada, de 6 praças residentes. Parece-me que ouvi dizer que tinha importado a despesa em 5.000 cruzados.

Quanto aos comandantes que tem havido, é certo que ainda não havia fortaleza em alguma das duas margens, quando na aldeia do Datiema se alojou o sargento João Bernardes Borralho, com o comando das 3 praças que chamou a si e das outras 3 que deixou na aldeia do Clavina. Em seu lugar deixo escrito que lhe sucedeu o alferes Miguel de Siqueira Chaves, e que a este rendeu o ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues, que 3 vezes comandou e foi o que deu princípio a uma casa forte.

Sucederam-lhe, segundo lembro, o tenente Bernabé Pereira Malheiros, em cujo tempo sucedeu o levante da tropa da guarnição da fortaleza, vendo-se ele obrigado a matar o soldado que se arrimava à porta do armazém para o arrombar, e como escreverei a seu tempo, quando fizer constar de outros levantes acontecidos nesta capitania.

Seguiram-se os tenentes Manoel Lobo de Almeida e José Máximo Salvago, que 3 vezes foi comandante e, de uma o rendeu o tenente Joaquim José Esteves e, da última, o alferes José Antônio Franco, o outro alferes, Lourenço

<sup>148</sup> Antiga peça de artilharia que arremessava projeteis de pedra. Na ed. de 1983 está escrito “predreiros”.

<sup>149</sup> Construção que forma ângulo em baluarte, trincheira etc.

<sup>150</sup> Abertura retangular em porta ou janela, que permite observar sem as abrir.

José e, por seu falecimento, o sargento Francisco Antônio; o alferes Francisco Xavier de Azevedo, a quem segunda vez sucedeu interinamente o mesmo sargento, e a este o alferes Basílio José de Almeida; os tenentes Francisco Rodrigues Coelho (que foi encarregado da reedificação da fortaleza) e Joaquim Manoel da Maia Melo, que é o comandante atual.

Exercita o seu comando muito à satisfação de V. Excia. e, pela sua parte, faz quanto pode por coadjuvar os esforços do coronel, prontificando cada mês as maiores quantidades de anil que, sem embargo da grande falta que tem de gente, lhe é possível aprontar.

Muitas outras patentes subalternas têm existido na fortaleza, ora súditas às dos seus comandantes e ora encarregadas do comando interino dela; porém, a outra repartição pertence circunstanciar a história das suas sucessões.

Vigários são 6 desde Frei Antônio de São José, religioso capucho, o qual se achava paroquiando por ocasião da separação das matrículas dos vigários de São Gabriel e de São José, e o qual vai duas vezes incluído até ao padre Custódio Manoel Estácio Galvão, presbítero do hábito de São Pedro.

Os índios da povoação são barés e banibas e crescem, ordinariamente, os desertores de São Carlos. Também para lá desertam os nossos, segundo o costume das fronteiras. Consta o número da gente que havia pela divisão sexta. Ele basta para dar a conhecer os progressos que deviam ter as lavouras. Custava muito a sustentar a tropa da guarnição, quando se recolhiam das diligências as praças destacadas, porque raras vezes se matava a caça que bastasse. Aproveitavam-se as guaribas em algumas ocasiões e a fome, com o infinito mosquito daquele destacamento, era a prova de bomba das mais resignadas paciências.

Quanto a cuidado, em lugar de se adiantarem as providências das pescas de linha, de arpão e dos cacuris ou tapagens na vazante do rio, não deixam de tirar dele bastante peixe, o qual se pode salgar, secar e conservar para entreter o sustento, como providentissimamente entreteve o tenente Francisco Rodrigues Coelho, durante as obras da fortaleza e as diligências do coronel. Mas estas providências supõem gente, primeiro que tudo, e esta era a que então não havia.

Acima da fortaleza 6 léguas ficava a serra do Cacuí, que se deve estimar situada na margem oriental do Rio Negro. Dela informou a V. Excia. o Dr. Lacerda, que representava a outra do Rio de Janeiro, vulgarmente chamada o Pão de Açúcar. Não a visitei porque entendi literalmente a ordem de V. Excia. que na última cláusula do § 2 dizia assim: “E dela os dous últimos já vizinhos à nossa fronteira e fortaleza de São José de Marabitanas, que é até onde por ali se deve estender o exame”.

Na dita serra pretendem os espanhóis, nossos vizinhos, que dentro do Rio Negro se limitem os atuais estabelecimentos portugueses. Nenhuma outra razão alegam mais do que a de estarem conservando para cima dela os fortes de São Carlos e São Filipe ou Santo Antônio e alguns outros estabelecimentos que por eles foram intrusos desde o ano de 1759. Duas são as razões a que podemos nós outros reduzir em substância o que se-nos oferece a dizer em contrário:

1ª) Porque, havendo ultimamente convencionado Suas Majestades Fidelíssima e Católica, de parte a parte, se ficarem conservando os seus atuais estabelecimentos, sem prejuízo de alguma das coroas, e ficando os sobreditos fortes e os outros estabelecimentos dentro da linha divisória que, na conformidade do tratado, deve correr pelo alto das cordilheiras, de nenhuma sorte se casa com a razão que, correndo a linha pelo alto delas, fiquem pertencendo aos espanhóis os estabelecimentos cobertos pela dita linha, quando o contrário disto se achava já explicado em um dos artigos do tratado passado, o qual declarava que das vertentes para o Rio Negro tudo pertencia aos portugueses, e o que se diz, de se haver concordado em ficarem conservando os atuais estabelecimentos, sem prejuízo de alguma das duas coroas, se deve entender, já se sabe, naquelas

partes em que expressamente se não acham determinadas as recíprocas cessões, estipuladas pelo tratado preliminar de 1777.

O artigo 12 dele, quanto à demarcação do Japurá, se refere ao artigo 9 do outro precedente tratado de limites de 1750. E, suposto que anulado no mais que determinava, contudo, se pode combinar o seu artigo 18 com os dous primeiramente referidos, pelo que bem aclara sobre o modo de se fazer a mesma demarcação, tanto da parte do Japurá, como do Rio Negro, nas seguintes palavras com que termina o mencionado artigo 18: E pelo que toca aos cumes da cordilheira, que hão de servir de raia entre o rio das Amazonas e o Orinoco, pertencerão à Espanha todas as vertentes que caírem para [o] Orinoco, e a Portugal todas as vertentes que caírem para o rio das Amazonas ou Maranhão.

2<sup>a</sup>) Porque, se a título da posse em que estão dos sobreditos estabelecimentos, eles os chamam seus, é verdade inegável em direito, que nunca a posse de potência e de fraude, reclamada a tempo pelo legítimo possuidor, cedeu em direito do possuidor violento.

Ora, eles não negam que, por parte de Sua Majestade Fidelíssima reclamou a tempo o seu governador e capitão-general do Estado, o Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bemardo de Melo Castro, na resposta que deu, em 26 de agosto de 1763, à carta que a este respeito lhe dirigiu D. José de Iturriaga, plenipotenciário de Sua Majestade Católica, datada de 20 de maio do mesmo ano.

Ainda que no *Diário* do Dr. ouvidor Ribeiro de Sampaio se acha inserida a cópia da resposta, eu me não quero privar do gosto de honrar com ela esta minha participação. É ela como se segue:

Exmo. Sr. Mui senhor meu.

Em consequência do amor com que Sua Majestade Católica firmou a paz com a coroa fidelíssima, recebi a carta de V. Excia. com a data de 20 de maio do ano corrente, como uma produção do cordial afeto e sincera aliança de amizade, novamente estabelecida entre os augustos príncipes, nossos amos, e por eles mandada alternar entre os vassallos de ambas estas amabilíssimas coroas; correspondência que me é tão agradável, como sensível a matéria que contém a carta de V. Excia., pois transcendendo o poder das nossas jurisdições, inteiramente nos priva de tratar, quanto mais de resolver sobre um importante assunto reservado aos nossos monarcas, que fizeram a paz, e as potências que a garantiram.

Pretende V. Excia. que eu mande retirar os destacamentos da tropa que guarnecem as margens do Rio Negro, desde a cachoeira do Crocobi para cima, e restituir os índios das povoações, com o absoluto motivo de serem estes da devoção espanhola e aquelas terras dos seus domínios. Permita-me V. Excia. que, em defesa da verdade, dê a V. Excia. as notícias que qualificam esta causa, ainda que não as suponho<sup>151</sup> novas ao conhecimento e instrução de V. Excia., pois as terá adquirido em todo o tempo que serve a Sua Majestade Católica nesta parte da América.

A possessão do Rio Negro é tão antiga na coroa portuguesa, que principiou logo com o domínio das mais colônias que tem neste Estado, sendo todos os vassallos dele os que de tempo imemorable o navegaram, sempre desfrutando todos os anos os haveres que produziam os sertões de ambas as suas margens; com tão eficaz curiosidade, que continuamente estendiam a sua navegação pela mãe do rio, muitos dias de viagem acima da boca do Caciquiari e por várias outras bocas que tem o mesmo rio, de sorte que, em todo este tempo, foi o Rio Negro encoberto, não só ao domínio, mas também ao conhecimento espanhol que, ignorando totalmente a sua situação hidrográfica, questionava a sua origem e a sua direção até ao ano de 1744, em que curiosamente a quis indagar o padre Manoel Romão, da companhia chamada de Jesus, e superior das missões que dirigia a sua congregação no rio Orinoco, vindo por ele a entrar no Caciquiari, aonde encontrou uma tropa portuguesa. Na sua companhia, desceu até ao Rio Negro, aonde fez pouca demora e donde

<sup>151</sup> Indicativo presente pelo subjuntivo presente.

logo voltou, dizendo que ia desenganar os moradores do Orinoco de que as suas águas pagavam feudo às correntes do Rio Negro, até então desconhecido dos castelhanos, não só pela via do Caciquiari, mas pela dos rios Iniridá, Passavica, Tumbú e Aké, que também do Orinoco correm a entrar no Rio Negro, cujas diferentes águas sulcaram sempre as canoas dos portugueses, por serem usuais à sua posse e incógnitas à notícia espanhola.

Destas experiências que fez o dito religioso, não surtiu alguma ação da parte de Espanha, com que pretendesse legitimar a sua pose imaginária até ao ano de 1757, em que, com o motivo das reais demarcações, mandou V. Excia. ao Rio Negro o alferes Domingos Simão Lopes, o sargento Francisco Fernandes Bobadilha e outros espanhóis, a saberem do arraial português destinado para as conferências das reais divisões, e eles de caminho vieram, com clandestinas práticas, persuadindo os índios a sua comunhão e formando em algumas principais povoações casas, com o pretexto de prevenirem armazéns em que recolhessem a bagagem do seu respectivo corpo, quando descessem para o arraial das conferências. Com esta ocasião, se estabeleceram na povoação de São Carlos e dela se estendeu o sargento Francisco Fernandes Bobadilha pela barra do Rio Negro até a povoação dos Marabitanas, que há tempo abandonou, queimando-a os índios com as suas rústicas habitações.

Estes são os princípios de que V. Excia. quer deduzir a pretensão do Rio Negro; e estas são as razões da nossa parte, a que V. Excia. chama violências praticadas no tempo da boa amizade.

À vista de uma e de outra justiça, V. Excia. não só me desculpa, mas juntamente me obriga a fazer-lhe a reconvenção, para que V. Excia. mande retirar os destacamentos das povoações de São Carlos, São Filipe e mais povoações praticadas do Caciquiari para baixo, por se terem introduzido todas nas dependências do Rio Negro.

Este requerimento que legitimamente faço a V. Excia. acompanhará a conta que proximamente darei a Sua Majestade Fidelíssima, para a comunicar a Sua Majestade Católica.

Com que horror e escândalo da razão não ouviria V. Excia. outra semelhante proposta, se eu lha fizesse, para que mandasse evacuar de tropas e índios os distritos do Orinoco! É certo que este pensamento, por injusto, causaria em V. Excia. um admirável assombro, pois afetava querer dispor e governar o presídio alheio.

No tratado anulatório dos limites e neste último das pazes, convieram os nossos príncipes que as cousas se conservassem no estado antecedente, isto é, antes da negociação dos limites e antes do rompimento da guerra. E a observância de ambos estes tratados é outra razão para nos conservarmos na mesma forma em que estivemos antes das duas assinadas épocas.

Se estas duas razões, que assim convencem o entendimento, persuadirem a vontade de V. Excia., desistirá da empresa que por todos os títulos está recomendada só ao poder real e amigável convenção dos nossos respeitáveis monarcas, em cuja soberana e fidelíssima presença porei na primeira frota a carta de V. Excia., para que, vista a sua matéria, a trate Sua Majestade Fidelíssima com a corte Católica, e a deliberação que sobre ela Suas Majestades forem servidas acordar, as participaremos reciprocamente, executando as ordens que nos dirigirem a este respeito, e por elas terei eu mais ocasião de possuir a honra da correspondência de V. Excia. e de lhe votar a rendida, sincera e fiel vontade, com que o desejo servir.

De tão terminante resposta nada consegui o nosso Exmo. general. Os espanhóis se apoderaram e se fortificaram nos nossos estabelecimentos. Obraram mais do que falaram; e persuado-me que este será pela nossa parte, o meio de, à sua imitação, os desapossarmos.

Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco, 14 de junho de 1786.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

Mapa dos Moradores Brancos, Índios Aldeados e Pretos Escravos  
 Existentes nas Povoações Subalternas à Comandância de São José de Marabitanas  
 de 19 de Novembro de 1785.

EXTRATO

Índios

Crianças do sexo masculino até a idade de 7 anos .....	50
Rapazes de 7 a 15 .....	30
Homens de 15 até 60 .....	108
De 60 até 90 .....	9
De mais de 90 .....	8

Aldeanos

Crianças do sexo feminino até a idade de 7 anos .....	35
Raparigas de 7 a 14 .....	30
Mulheres de 14 até 50 .....	93
De 50 até 90 .....	15
De mais de 90 .....	5

Resumo do mapa

que acompanha esta participação e de que se faz menção na página retro

	Santa Ana	São Filipe	Nossa Senhora da Guia	São João Batista	São Marcelino	São José de Marabitanas
Todas a pessoas livres em geral, todos os índios aldeados e todos os escravos	—	23	87	43	65	165
Todos os índios aldeados	—	23	87	43	65	165
Todos os fogos	4	11	13	6	8	14

## PARTICIPAÇÃO SÉTIMA REGRESSO

Residi na fortaleza de São José de Marabitanas pelo espaço de 5 1/2 dias. Tanto é o tempo que conto desde as 11 da manhã de 14 até às 6 da de 20 de novembro. Gastei 3 dias em voltar a São Gabriel, onde cheguei pelas 5 da tarde de 22. Foi preciso rever e acondicionar as produções recolhidas durante a viagem rio acima e, nesta e em outras diligências, me demorei até às 6 da manhã de 2 de dezembro, que foi quando larguei do porto da Praia Grande. Pelas 3 3/4 cheguei à povoação de São Bernardo do Camanau. Demorei-me até às 3 da tarde e, então, se retiraram para a fortaleza o Rev. vigário e o comandante.

Segui rio abaixo, e pouco avancei nessa tarde. Aportei na do seguinte dia de 3 na povoação de São Pedro, onde dormi. Pelas 9 da manhã de 4 entrei na de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi. Tinha eu encarregado ao diretor, quando subi, de acondicionar a barrica de sementes de linho de cânhamo, que eu não podia levar comigo pela pequenez da canoa e falta de abrigo, a sobrevirem as chuvas e, havendo ele cumprido com as recomendações, pareceu-me digno de lhe confiar a porção que consta do recibo copiado, para com ela tentar a sua cultura. Pelas 11 1/2 da manhã, atravessei a grande correnteza do seu porto e, pelas 3 da tarde, entrei na nova povoação das Caldas, situada na margem oriental e no princípio da primeira cachoeira grande do rio Cauaburi.

### Rio Cauaburi

Deságua na margem setentrional do Rio Negro, defronte de Maçarabi; e, desta à outra povoação das Caldas, já escrevi que são 3 horas de viagem em montaria esquipada. Da foz do rio Maturacá até onde cheguei, desce, geralmente, do norte para o sul; distingue-se, pela margem oriental da sua foz, uma capoeira de mato, a qual indica o lugar onde o tenente Francisco Rodrigues Coelho, quando era comandante da fortaleza de São Gabriel, mandou fazer uma feitoria de canoas; e, realmente, se fizeram algumas debaixo da inspeção do cabo-de-esquadra Domingos Serrão Casto. Logo desde a boca, mostra este rio a sua estreiteza e velocidade relativa. A água é clara, quando não a turvam as enxurradas das serras, porque então é barrenta. Pouca chuva basta para repentinamente encher o rio, porém com a mesma facilidade vaza, tem muitos baixos de pedra e dela são formados os ilhotes de que abunda desde a sua foz até a terceira cachoeira grande. No princípio da primeira que fica pouco superior à dita foz está situada a povoação. Fundou-a o tenente Marcelino José Cordeiro, por ordem que de V. Excia. recebeu em carta de 27 de julho de 1781 para povoar o rio Cauaburi. E nela dizia o seguinte:

Em carta de 18 do corrente vejo o que Vossa Mercê me participa sobre o principal da nação Ariquena, que aí desceu e se pretende estabelecer com a sua gente na vizinhança dessa fortaleza, achando-se já para esse fim disposto o rogado. E, tendo ele partido na diligência de conduzir a sua gente, perguntando-me Vossa Mercê se aquele intentado estabelecimento seria do meu agrado, visto se acharem já dessa parte muitas povoações semelhantes, posto que medianas em número de habitantes. E se bem que a este respeito Vossa Mercê agora será instruído pelos governadores interinos, direi também a Vossa Mercê que, não havendo embaraço algum para o referido estabelecimento, ele, contudo, me seria mais estimável, efetuando-se na boca do rio Cauaburi e naquela das suas margens que melhor comodidade oferecer para essa ereção, como assim de muita importância ao real serviço, fechando-se a porta que por ali se facilita a qualquer futura descida de espanhóis que, desde o Orinoco, pelo rio Bacimonari, para o sobredito se costumam comunicar, prevendo-se, não obstante, a cautela da presente demarcação, que não fique aquele passo aberto para, a todo o tempo, se fazer dele algum mau uso, cortando-se-nos a comunicação superior deste rio e dessas povoações. E, acautelando-se também que a mesma porta franca se não conserve para quaisquer nossos desertores, tanto mais facilmente a seguirem em transporte e retiro

aos domínios estranhos de Sua Majestade Católica, como já com estes fins, governando eu este Estado, ao defunto governador desta capitania havia ordenado por carta de 17 de dezembro de 1773, tratando-se da redução do principal Mabiú, e de que com a sua gente junto à cachoeira da boca do rio Majá, se viesse situar, concorrendo para assim se conseguir a diligência e práticas do outro principal João Luiz Camanau e de que, ultimamente, nada se chegou a efetuar e concluir na forma pretendida. Pelo que, se Vossa Mercê antes puder persuadir o tal principal Ariquena para na referida boca do rio Cauaburi se estabelecer, tanto mais interessante se fará a resulta da sua eficácia e diligência e tanto maior serviço fará, se outros novos descimentos conseguir, que o mesmo pretendido estabelecimento mais possam aumentar, sendo de gente ou de nações que, com a sobredita, em união se conservem, e destinando-lhe quem, com todo o bom modo e muita prudência, a haja de dirigir, em desempenho de tão proveitosa disposição.

No caso de se conseguir outro semelhante roçado, além do já pronto, lhe mandará Vossa Mercê fazer no novo lugar, por índios nossos, para que os do descimento se não aborçam de repetir um serviço de que proveito nem comodidade lhe[s] resultou.

Demais dos sobreditos estabelecimentos, tudo o que for de atrair novas almas para as povoações já existentes, adiantando-as quanto for possível em maior número de habitantes, será um dos maiores serviços que Vossa Mercê aí haja de praticar. Porém, com o motivo da atual demarcação, é preciso Vossa Mercê estar na inteligência que os descimentos pretendidos de alguns desses principais do rio Japurá só se estendem da parte de cá e não da outra oposta margem ocidental, como cedida ao domínio espanhol, e em<sup>152</sup> efeito da referida demarcação. E os mesmos descimentos não deixarão de ser auxiliados pelos sobreditos governadores, com a prestação dos precisos gêneros para os correspondentes prêmios do costume, conforme a possibilidade o permitir e lhes franquear a providência do Ilmo. Exmo. Sr. general do Estado, sumamente empenhado nestas importantíssimas diligências, segundo bem tem feito conhecer pela geral distribuição das suas ordens tão virtuosas e como zelosas e recomendadas àquele respeito.

*P. S. — Lembra-me também advertir a Vossa Mercê que, se hower meios de se introduzir alguma nova prática de descimento ao sobredito principal Mabiú, Vossa Mercê não perca essa ocasião, e de fazer quanto puder por se adquirir a sua redução.*

Não tinha, portanto, o governador defunto, até então, executado a primeira ordem, que de V. Excia. havia recebido, em carta de 7 de dezembro de 1773; ambas cumpriu o tenente, expedindo para o Japurá o principal da povoação de São Gabriel e, depois dele, o outro defunto principal João Luís Camanau, que foi o que dele desceu com 152 jurupixunas, os quais foram mandados povoar o novo estabelecimento, segundo deixo escrito no artigo da povoação de São Bernardo do Camanau da participação quinta.

Em ofício de 21 de julho de 1781, expedido ao governador interino desta capitania, ordenou o Ilmo. e Exmo. Sr. José de Nápoles Telo de Menezes, governador e capitão-general do Estado, que, em obséquio a V. Excia., se desse ao lugar a denominação de Caldas.

Constava de 11 casas novas, grandes e fortes. Era seu diretor o soldado Ifigênio da Costa. Ocupava-se em fazer erigir e arruar novas casas e em dispor os roçados da maniba precisa para o sustento do gentio. Também fabricava algumas amostras de anil. Tudo me pareceu bem, à exceção do infinito mosquito que é, com efeito, inaturável. O mesmo gentio o não podia tolerar. Viviam encerradas nas casas as suas famílias, sem ousarem abrir porta ou janela, pois, instantaneamente, viam-se perseguidas da praga. Consta a sua população pelo mapa junto. Ao diretor, deixei outro meio alqueire de semente do linho cânhamo, como consta do recibo que apresento.

Antes de subir pelo Cauaburi, julguei inconveniente<sup>153</sup> remeter ao tenente comandante alqueire e meio da sobredita semente, dividido em 3 meios alqueires separados, para ele reservar para si um e distribuir os 2 pelos

<sup>152</sup> Parece-me que a conjunção “e” não tem cabimento no contexto.

<sup>153</sup> O contexto nos faz crer que a palavra seria “conveniente”.

comandantes de Marabitanas e de São Marcelino do Rio Ixié, participando-lhe as recomendações gerais que requer a sua cultura, e encarregando-o de responder por ela a V. Excia., que assim consta do terceiro recibo. Respondeu-me em carta de 18 de fevereiro do corrente ano, na qual diz:

A semente do linho cânhamo se plantou em todas as partes por onde foi rateada e em nenhuma delas produziu cousa alguma, o que participo a Vossa Mercê; e na ocasião presente me não é possível fazê-lo assim a S. Excia. por falta de meios e tempo.

Nestas e em outras disposições passei na povoação o dia inteiro de 5, sem ser possível cessar por um momento, desde a manhã até noite, nem a chuva nem o mosquito. Amanheceu o de 6 sem mudança para melhor. Todavia, esperei pela melhora do tempo até a 1 hora da tarde. Como se não verificavam as minhas esperanças, demos princípio a varar a primeira cachoeira, eu e o desenhador Joaquim José Codina. 5 quartos de hora se passaram em descarregar a minha pequena canoa e em vará-la por cima das pedras.

Esta é a maior de todas as cachoeiras deste rio, porque, além de ter um grande salto, é demasiadamente extensa e corre até as ilhas pouco superiores ao roçado que o diretor chama lugar de São Domingos, e outro<sup>154</sup> pouco acima e na mesma margem ficam os 2 outeiros que se avistam da povoação. Nem na vazante nem na enchente tem canal.

Pouco antes do referido roçado, deságua na sua margem, que é a oriental do Cauaburi, o igarapé chamado Baniá. Também tem sua cachoeira dificultosa de passar, na distância de uma hora de viagem por ele dentro.

Das duas pequenas cachoeiras que se seguem pelo Cauaburi (e vulgarmente se chamam cachoeirinhas), a primeira dista da cachoeira grande da foz 8 1/2 horas de viagem, e a segunda, passei-a pelas 2 da tarde do dia 7. Ambas têm canal tanto na enchente como na vazante do rio. Passei nessa tarde algumas correntezas e pernoitei pouco abaixo da segunda cachoeira grande. Cheguei a ela pelas 7 da manhã de 8 e pouco me demorei em a passar, porque não é trabalhosa, por grandes saltos que tenha. Mas é extensa; só tem canal na enchente.

Entre a segunda e a terceira cachoeira grande, surge, no meio do rio, e corre ao longo dele uma ilha oblonga, depois da qual desemboca, na margem oriental do Cauaburi, o rio Majá, o qual fica mais vizinho à terceira do que à segunda cachoeira. A sua boca representa a de um igarapé. Também tem uma grande cachoeira na distância de meia hora de viagem por ele acima. Tem salsa nas cabeceiras e, passados 2 dias da sua navegação, aparecem muitas serras. O soldado Ifigênio da Costa informou que o tinha subido pelo espaço de 10 dias e que, ao nono, observara que se dividia em 2 braços e que um deles (diziam os índios) descia a comunicar-se com o rio Abuará, o qual deságua em a margem setentrional do Rio Negro, abaixo da nova povoação do Castanheiro Novo. Logo, desde a boca do Majá, se avista o princípio da terceira cachoeira grande. É como a primeira, no tocante a canal. Demorei-me nela até as 10 1/2 da manhã e, havendo deixado na segunda o desenhador que me acompanhava, para a desenhar à sua vontade, de cima da terceira, lhe dirigi a seguinte carta, datada do mesmo dia:

Segunda vez lembro a Vossa Mercê que, desenhada que seja a terceira cachoeira grande deste rio Cauaburi, deve Vossa Mercê, sem perda de tempo, descer para a povoação das Caldas e, nela, aproveitar, com o desenho das plantas, o tempo que eu gasto em subir e descer da foz do rio Maturacá, e Vossa Mercê em viagem o não pode aproveitar. Resulta deste expediente as duas utilidades seguintes: 1<sup>a</sup>) de nem eu retardar a minha viagem à espera de Vossa Mercê, nem Vossa Mercê acelerar a sua em meu alcance; 2<sup>a</sup>) de, incorporado Vossa Mercê com o Sr. José Joaquim Freire, poderem ambos concluir o maior número de desenhos, os quais hão de vir a ser os que depois manifestem, não o meu, mas o seu trabalho. Ficam, por este modo, conciliados, a um tempo, diferentes 3 serviços: o do reconhecimento do rio até a sobredita foz de Maturacá, o qual eu empreendo, o dos desenhos das plantas e das cachoeiras, que Vossas Mercês concluem, e o da brevidade do tempo.

<sup>154</sup> Outro roçado, outro salto ou outro lugar?

Pelas 5 horas da tarde, deixei na margem ocidental o igarapé de Emobo. Amanheceu o dia 9 e toda a manhã naveguei sem novidade. Pelas 3 da tarde, pela boca do rio Iá, o qual desemboca no Cauaburi pelo poente. Dali para cima, cada vez mais se estreita o rio, e alguns pés de salsa principiam a aparecer, porém já hoje mui raros. Pelas 4 da mesma, dei fé de outro igarapé pelo nascente.

A serra que distingui, pelas 8 da manhã de 10, mal se percebia pela proa. Pelas 4 da tarde, deixei na margem oriental a outra serra dos Mabiús e, nela, o lugar da tapera do principal deste nome, o qual atraçoadamente assassinou o ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues. Antes de o assassinares, tinha ele mandado praticar o dito principal pelos soldados e índios ladinos, que destacava da fortaleza de Marabitanas, quando era comandante dela. Entravam no rio Dimiti e dele passavam para o sobredito Iá, gastando, na viagem que faziam de Marabitanas ao Cauaburi, não mais do que 5 até 6 dias, a saber: 2 pelo Dimiti acima, 2 no trajeto por terra para Iá e um a sair ao Cauaburi. Das suas práticas não havia resultado mais do que uma amizade recíproca, entretida, da parte deles, com o negócio da salsa e, da nossa, com o tabaco etc.

Por ordem que do governador recebeu o sobredito ajudante, subiu a descê-los<sup>155</sup> no ano de 1766 e, aportando defronte da serra, mandou chamar o principal pelo soldado Marcelo da Silva. Entrou o soldado pelo mato a dentro, desde o meio dia até as 4 da tarde, e foi ter à alde[i]a que estava situada nas abas da serra para o centro, falou-lhe e ficou de vir, como veio. Chegou pelas 10 horas da manhã do dia de *Pentecostes* desse ano, ajustou com o ajudante de, passados 14 dias, descer a embarcar com a sua gente, e aceitou o tabaco e as ferramentas que se-lhe deram.

Quanto à descida, que prometeu, não faltou. Chegou pelas 7 para as 8 horas da manhã e, havendo achado o ajudante acompanhado somente do soldado Marcelo da Silva, do índio ajudante Amaro Saldanha, de mais outro índio já homem e uns dous rapazes, na ação em que estava de repartir algum pano e anzóis pelo outro principal que acompanhara o Mabiú, para despedir-se dele, acometeu-o o poder do gentio. Retirou-se para a canoa e, havendo entrado para a coberta dela, no desígnio de lançar mão de um bacamarte, carregou sobre ele o peso todo do gentio e na mesma canoa o acabara. Todos os mais escaparam da morte, atravessando o rio a nado para a outra banda.

Eram 6 da tarde, quando me achei debaixo da grande serra do Cauaburi. Parece, à primeira vista, uma praça arruinada. Algumas vezes a tinha eu percebido antes de chegar a ela, mas pouco podia distingui-la através de grossas nuvens que, raras vezes, levantam dela o seu pé. Estão as suas abas cobertas de infinitas árvores que as assombram.

O cume é escalvado e consta de saxo, o qual chega a adquirir com o sol um tal grau de calor que incende o restolho que nele há. E do fogo assim excitado procede nos índios que o observam, a admiração com que vêem e contam uns aos outros que há na dita serra um fogo prodigioso, porque ignoram a causa. Uma das suas sumidades se apresenta em forma de um grupo farpado e é absolutamente inacessível.

Eu não me resolvi a tentar a sua subida e o mato das abas foi também sagrado para os meus exames, porque nem eu me achava acompanhado da gente precisa para rebater algum encontro inopinado, nem na minha canoa transportava os apozitos precisos de prevenção para os casos das mordeduras das cobras, as quais ali são infinitas, além de muitas onças, porcos do mato e toda a casta de feras, de que aquela serra é um covil. Contentei-me de seguir avante em demanda da boca do rio Maturacá, aonde cheguei pelas 3 1/2 da tarde de 12; deságua na margem ocidental. A sua largura é a de qualquer estreito igarapé e a água é preta. Na distância de dia e meio de viagem, por ele dentro, viu, em outro tempo, o soldado Ifigênio da Costa, a primeira feitoria de salsa que ali tinham os espanhóis. Por este rio e pelo Iá têm eles feito algumas sortidas ao Cauaburi. Da confluência do Maturacá para cima entra o Cauaburi a inclinar-se para o nascente.

<sup>155</sup> Subiu o rio para fazer o descimento dos índios.

Dentro em 6 dias concluí a viagem que ordinariamente se faz em 10 para das Caldas se chegar à foz do Maturacá. Pelo Maturacá acima subiu, no ano de 1786, o cabo de esquadra Raimundo Maurício e, na distância de dia e meio de viagem, encontrou uma cachoeira grande. Dali se entra o rio a repartir em vários igarapés, entre os quais há um deles para a parte esquerda, o qual, com 3 dias de viagem, contados desde a cachoeira grande do Mataraci, vai sair ao rio Bacimoni. E este, descendo-se por ele cousa de 3 dias, vai sair ao Caciquiari, ou braço do Orinoco, de modo que, para descer para a parte inferior do Rio Negro, necessitam os espanhóis de demandar as suas fortalezas de São José e São Gabriel. Gastei 2 em voltar à povoação. Saí dela na manhã de 17 e, pelas 11 horas da manhã de 20, entrei no rio Padauri.

### Rio Padauri

É rio de água branca. Também deságua na margem setentrional do rio Negro, defronte da vila de Thomar. Desce do norte para o sul, fazendo muitos torcicolos, corre com grande velocidade durante a enchente, mas pode-se navegar seguramente de dia e de noite até à sua cachoeira, porque não tem pedras ou baixo considerável. A sua maior largura não chega a um quarto de légua. Tem muitas ilhas, porém a maior parte delas, assim como a maior parte das suas margens, compõe-se de alagadiços, aonde se não pode aportar. Só perto da cachoeira é que se levantam algumas das suas beiradas e chegam a haver barreiras de 4 e mais braças de altura, de rio vazio.

Constavam de tabatinga que lhes servia de base e formava o estrato inferior sobre que assentava outro de argila encarnada misturada com are[i]a. As margens adjacentes à cachoeira são igualmente baixas e constam de tabatinga e are[i]a.

Já em outra parte escrevi que na sua margem ocidental estavam situadas algumas roças dos moradores brancos da vila de Thomar.

A primeira é a de Francisco das Chagas. Estava situada dentro do igarapé de Tunauí. E da boca ao lugar da sua situação é preciso navegar pelo tempo de 3 quartos de hora. Tinha seu cafezal, roça de maniba, algum tabaco e ainda então muito pouco anil. Seguiu-se na mesma margem a de Agostinho de Chaves, a qual dista da primeira 1 hora de caminho por terra. Tinha café, maniba e algum tabaco. Veja-se o que dele tenho informado a respeito dos seus roçados de anil, que 2 vezes visitei. O que vi de novo, pela segunda, foi que a maior parte do anil já tinha nascido e crescido, que já todo o trem de panelas em que o fabricava não dava a expedição do trabalho que requeria o roçado para se não perder o anil. Conservava as libras fabricadas de novo, que apresentou depois a V. Excia., e em nada havia diminuído o seu zelo e fervor.

Perguntado pelo sucesso que tivera a plantação do linho cânhamo de que eu o tinha encarregado, à ordem de V. Excia., respondeu que já a V. Excia. tinha dado parte em como não tinha nascido, sem embargo de haver disposto a semente na conformidade da instrução que lhe deixei. Acrescentou que V. Excia. o tinha animado e persuadido à sua cultura, de modo que de muito boa vontade esperava que do reino viesse nova semente para repetir a experiência.

Navegando-se mais 3 quartos de hora acima da dita roça e pela mesma margem, desemboca no Padauri o Ixiemirim. É rio de água preta. Conta 2 cachoeiras: a primeira é pequena, a segunda com dificuldade se vence e quase que se gastam 4 dias da foz a ela.

Seguindo viagem pelo Padauri, gasta-se um dia desde a segunda até a terceira roça do índio sargento-mor Joaquim de Oliveira. Vi alguns pés de café e de algodão, e não deixava de plantar o anil, mas a cultura principal era a da maniba. Seguiu-se, na distância de 3 quartos de hora, a de José do Rego, que é tão desmazelado como seu pai, o capitão

Paulino da Silva Rego. Ele é dono da quinta roça. E ambas são contíguas e constavam de alguns pés de café e raros de algodão. Já então tinha o capitão plantado parte de um não pequeno roçado de anil, informando-me que não havia acabado de o plantar por falta de semente. Disse-me (o que eu já sabia) que a V. Excía. tinha devido em outro tempo a graça de, a seu favor, intervir para com a companhia, fazendo que ela lhe fiasse, como realmente lhe fiou, os 2 pretos que até ao dia de hoje ainda não estão pagos. Escusou-se disto quanto pôde, pedindo-me que a V. Excía. informasse que ele então se resolvia a plantá-lo. Ao que tudo respondi que a verdadeira informação e a melhor que a V. Excía. se podia dar da sua nova resolução consistia no maior número de libras do bom anil que ele apresentasse.

Nem eu sei como ainda subsiste semelhante morador, suposta a distração que tem feito dos seus poucos braços. Empregou-os na factura das casas que tem na vila, que também já escrevi que são as melhores e as mais asseadas; empregou-os na factura de outras boas casas que possui na foz do riacho de Xibaru, pouco superior ao lugar de Lamalonga, aonde não reside, porque a formiga lhe destrói a maniba; empregou-os, finalmente, no estabelecimento da roça que dentro deste rio possui, internando-se tanto por ele dentro que da vila a ela gasta os seus 2 e 3 dias de viagem, segundo vai esquipado.

É rio este mais que abundante das palmeiras muriti, jauari e assaí. A piaçaba é mais rara. Dela recolhi alguns filhos que transplantei para essa vila. A caapiranga é muito vulgar. Em qualquer parte se encontra ubim. Só da cachoeira para cima há ubussu para as coberturas das casas e, nos rios colaterais, assim como nas suas cabeceiras, alguma salsa e cupaúba aparece. Pela vazante do rio tiram-se dele bastantes tartarugas das que por aqui se chamam jurarás e tracajás, bem como os peixes tocunaré, taraíra, aracu, piraíba, grandíssimas piranhas de 2, 3, 5 e 6 libras de peso, surubis etc.; e, de rio cheio, algum peixe-boi.

Nas terras das margens aparecem os jabotins, os taititus e veados etc. Nadam no rio infinitas lontras, antes e capivaras e, quanto às aves, nunca vi tantos mutuns e cujubis.

Pelas 11 horas da manhã de 25 cheguei à sua cachoeira. É bastantemente extensa e, nisto e em ser rasa, se parece muito com as 2 cachoeiras grandes que se seguem depois da primeira do Cauaburi. Atravessa o rio de uma a outra parte. Apresenta, na entrada, 2 canais, mas é preciso varar as canoas pela margem oriental. Tem um ilhote no meio e 2 aos lados, que são maiores. Todos os outros não passam de uns agregados de pedras. O mosquito era neste lugar, inaturável. Dous dias acima da cachoeira deságua na margem ocidental do Padauri o rio Marari. Por ele sobem os salsistas, até a boca do rio Ariapó, e, internando-se por este acima, pelo espaço de 3 a 4 dias, chegam ao lugar da salsa. O Marari, porém, ao que informam os índios práticos, na distância de 5 até 6 dias de viagem, apresenta as suas cabeceiras, que são na serra Tapirapecon, depois de vencidas as 3 cachoeiras que tem acima da foz do Ariapó. Dizem que o Atauí, o Marari, o Ixiemirim são os 3 confluente do Padauri; que o Atauí se compõe de 7 lagos bastantemente extensos e mais 3 rios; que o Padauri tem as suas fontes nas serranias dos Madoacazes, próximas ao rio Orinoco e que nele habitaram antigamente os onamaneus, anás e guaribas. Saí dele na tarde de 27 e, pelas 9 horas da manhã de 30 de dezembro, entrei no rio Uaracá.

### Rio Uaracá

Deságua na margem setentrional do Rio Negro, na distância de um dia de viagem, acima dessa vila de Barcelos. Entender-se-á, talvez, que, pela foz que se apresenta, deságua o único rio deste nome, mas não é assim, porque, na distância de um dia até dia e meio, pela foz acima, confluem equidistantes dela, pelo nascente, o Rio Branco, por outro nome Demeneuini, e pelo poente o rio Preto, que é o que propriamente se chama Uaracá.

Ao entrar na sua foz, algum tanto hesitei em qual deles devia eu entrar, porque, conforme escrevo, ambos se tomam pelo mesmo rio. Conformei-me ao sentido literal da ordem de V. Excía., que me mandava entrar no

Uaracá, e deixei o Demeneuini, suposto que o mais freqüentado dos moradores de Barcelos e de Moreira. A boca geral de ambos é muito mais larga do que a de qualquer dos outros rios do norte, em que entrei. Pouco mais para acima dela ainda mais se alarga o rio, adquirindo e perdendo as larguras de mais de 1 quarto e de menos que 1 quarto de légua.

O Demeneuini que eu deixei é rio de água branca e, por isso, mais vulgarmente se chama Rio Branco. A sua velocidade é grande. A sua foz não tem a largura que adquire a sua continuação até a cachoeira. Na vazante tem muitos baixos de are[i]a. Distinguem-se nele muitas ilhas e lagos.

Da boca ao lago chamado de El-Rei é meio dia de viagem. Ficou-lhe este nome por nele haverem pescado os algarvios empregados no serviço da pesca, para sustento dos entretidos pela fazenda real na diligência da demarcação passada. Do dito lago tiravam bastantes peixes-bois. Fica na margem oriental do rio e tem, à entrada, suas terras firmes. Antes do lago de El-Rei estão situadas 3 roças na sua margem ocidental. A primeira é do morador branco Antônio Francisco; consta de maniba, cacau, café e algum tabaco, algodão, milho e feijão. Também tinha a curiosidade de dispor alguma cana. O cacau, que tinha pegado bem, principiava a ressentir-se. É lavrador ativo.

Pouco distante fica a roça do outro morador, Joaquim Pedro. Consta de café e maniba e nada mais. Não tem a atividade do primeiro. A terceira, que é de um índio, já se sabe que em ter maniba simplesmente não tem pouco.

Na distância de 4 dias de viagem, rio acima, principiam as terras altas. São capazes de toda a plantação. Navegando-se mais 2 dias, chega-se à cachoeira, que não é grande, e tem canal de um rio cheio. O morador João Gomes de Andrade subiu acima dela pelo espaço de 3 dias com o projeto de descobrir alguma salsa. Obrigaram-no, porém, a retroceder os freqüentíssimos sinais de gentio que foi descobrindo, não tendo ele consigo mais do que os 5 índios da sua esquipação. Comunica-se com o rio Caratirimani, o qual deságua na margem ocidental do verdadeiro Rio Branco, 3 léguas acima da povoação do Carmo, situada na mesma margem. Quanto à sua fartura, abunda de caça e de toda a qualidade de peixe, e nisto difere do Uaracá, que é faminto. Tiram-se anualmente bastantes pirarucus e peixes-bois e, nele fazem os moradores de Barcelos as salgas precisas de peixe para as suas provisões domésticas.

É rio muito abundante de ubim, e dele o recolhem os índios para as coberturas das casas da vila e das roças. Outro tanto se não pode escrever do Uaracá; é rio de água preta, pouco freqüentado pelos moradores e, na vazante, mui cheio de baixos de are[i]a que dificultam a navegação das mais pequenas canoas. Na margem ocidental da sua foz está situada a roça do capitão Francisco Xavier de Andrade, que tem uma boa casa, com seu molinete de moer cana, e um cafezal, e várias árvores de fruto, mais para curiosidade do que para proveito. Creio que bem pouco tira da dita roça. Os coqueiros e as andirobeiras que ele havia disposto tinham pegado bem. Todavia, não deixava de cultivar a maniba e alguns pés de algodão, cacau e cana. Na distância de 2 horas, estava seu filho José Tomás roçando o mato da margem oriental para nela situar roça própria, independente da de seu pai.

As ilhas e lagos do Uaracá são tantos que muito pouco se navega pelas margens da terra firme. Saem fora delas dilatados alagadiços que são outros tantos baixos que importunam a navegação. Acrescem extensas praias na vazante, das quais, contudo, se não extrai o proveito que das dos outros rios. Ainda que raras, todavia, aparecem algumas terras firmes com pedraria continuada e interrompida. Toda a sua pedra é lioz;<sup>156</sup> ele guarnece as gargantas que, em algumas partes, estreitam o rio, depois que todo ele se entra a coangustar. No quarto dia de viagem por ele acima, dei fé de uma grande serra que, ao longe se atravessava, pela proa. O rumo geral em que eu subia era do sul para

<sup>156</sup> Lioz [subst. masc. e fem.] é uma pedra calcária, branca e dura, que serve para estátuas e para várias obras de arquitetura.

o norte, mas por todo o decurso desta navegação, deu a canoa mil voltas, ora para o nascente, ora para o poente. Dos braços que eu vi internarem-se pela margem oriental, não duvido que alguns declinem para o Rio Branco. Foi antigamente habitado dos gentios carajás.

Saí da sua foz pelas 2 horas da tarde e, pelas 6, entrei nessa vila de Barcelos.

Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco, 18 de junho de 1786.

*Alexandre Rodrigues Ferreira*

Recebi do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado na Expedição Filosófica do Estado do Grão-Pará, meio alqueire de semente de linho cânhamo, a qual me recomendou o sobredito doutor que eu plantasse e cultivasse, com a obrigação de dar parte da experiência ao tenente Marcelino José Cordeiro, comandante da fortaleza de São Gabriel da Cachoeira.

Povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi, 4 de dezembro de 1785.

*José Ferreira de Souza* (diretor)

Recebi do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado por Sua Majestade na Expedição Filosófica do Estado do Grão-Pará, meio alqueire de semente do linho cânhamo, para eu plantar e cultivar, na conformidade da instrução que me deixou, encarregando-me de responder pela experiência ao Sr. tenente Marcelino José Cordeiro, comandante da fortaleza de São Gabriel da Cachoeira.

Povoação de Nossa Senhora das Caldas do Rio Cauaburi, 5 de dezembro de 1785.

*Ifigênio da Costa* (diretor)

Recebi do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira alqueire e meio de semente de linho cânhamo, para deste dividir 2 meios alqueires, 1 ao tenente Joaquim Manoel da Maia, comandante de Marabitanas, e outro ao alferes Basílio José de Almeida, no mesmo distrito, para não só destas porções, como de outra igual, que a meu cargo fica, fazer semear e praticar as precisas e necessárias diligências, para reconhecer o seu fruto e, logo que estes se verifiquem, da sua ou não produção darei conta ao Exmo. Sr. general João Pereira Caldas.

Fortaleza de São Gabriel da Cachoeira, 18 de dezembro de 1785.

*Marcelino José Cordeiro.*

#### *Ofício do Governador*

Tendo, já na data de 15 de abril do ano que está a finalizar, feito certo a Vossa Mercê haver recebido as primeiras 5 participações das 7 em que Vossa Mercê dividiu a ordenada informação da sua viagem executada por este rio acima, e tendo, depois disso, semelhantemente recebido as duas das mesmas participações que restava a aprontar, agora faço também certo a Vossa Mercê que, copiadas todas as sobreditas 7 participações e a um volume reduzidas, ele foi já por mim dirigido à

presença real de Sua Majestade pela competente secretaria de estado dos negócios da marinha e domínios ultramarinos,<sup>157</sup> esperando eu juntamente que aquela obra sirva de tanto mais abonar na mesma real presença o zelo, préstimo e desvelo com que Vossa Mercê se emprega e muito se distingue no desempenho da sua importante comissão.

Aqui mesmo direi a vossa Mercê que, em efeito da sua representação compreendida nas referidas participações, tenho também já expedido as ordens das duas inclusas cópias, para que, pelo coronel Manoel da Gama Lobo<sup>158</sup> de Almada e pelo governo interino da capitania, se procure não só fazer conservar, como propagar as palmeiras da piaçaba, mas para igualmente prevenirem as desordens das pessoas que se dirigem à colheita das frutas das árvores chamadas da casca preciosa e do puxuri. À extração do óleo de umiri e ao corte da excelente e muito fina madeira do pau vermelho, tudo como das ditas cópias melhor a Vossa Mercê constará.

Deus guarde a Vossa Mercê.

Sítio de Nossa Senhora de Nazaré, em 31 de dezembro de 1786.

*João Pereira Caldas.*

Sr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

<sup>157</sup> Aqui está uma prova documental de que existe (e deve estar em Portugal) uma cópia desta primeira parte da Viagem Filosófica, que não existe na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro nem no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>158</sup> Na edição de 1983 está “Lisboa” por “Lobo”.

Mapa dos Índios  
Moradores do Novo Lugar das Caldas do Rio Canaburi,  
de 16 de Dezembro de 1785

Índios existentes:

Crianças do sexo masculino até 7 anos	9
Rapazes de 7 até 15	14
Homens de 15 até 60	29
Velhos de 60 até 90	8
Todos os índios	60

Crianças do sexo feminino até 7 anos	7
Raparigas de 7 até 11	6
Mulheres de 14 até 50	26
Velhas de 50 até 90 anos	10
Todas as índias	49

Total de todos os índios e índias	109
Total de todos os fogos	11

Diferença do Total a Respeito do Mapa Antecedente

Que acresceram:

Índios que nasceram	6
Índios que de novo acresceram	—
Todos os índios	6
Fogos	3

Que diminuíram:

Índios que morreram	47
Índios que se retiraram	43
Todos os índios	90